

GeoAtos

REVISTA GEOGRAFIA EM ATOS

DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA DA
FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA
DA UNESP DE PRESIDENTE PRUDENTE

VOL. 6 N° 13 / 2019

ISSN 1984-1647

PENSAMENTO GEOGRÁFICO, ECONOMIA E ESPAÇO: CONTRIBUIÇÕES DE UM INTELLECTUAL GEÓGRAFO

GeoAtos

REVISTA GEOGRAFIA EM ATOS



GeoAtos

REVISTA GEOGRAFIA EM ATOS

© 2019 Departamento de Geografia do Campus de Presidente Prudente-FCT/UNESP

PROJETO GRÁFICO & DIAGRAMAÇÃO
Guilherme dos Santos Claudino

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA

Rizia Mendes Mares
Fátima Aparecida Costa
Mateus Fachin Pedroso
Larissa Coutinho de Paula
Marcelo Tenório Crepaldi
Fredri dos Santos Bento
Luís Fernando Colombo

Revista Geografia em Atos / Universidade Estadual Paulista.
Campus de Presidente Prudente - Departamento de Geografia, 2019.
Quadrimestral v.06, n.13- PENSAMENTO GEOGRÁFICO, ECONOMIA E ESPAÇO:
CONTRIBUIÇÕES DE UM INTELLECTUAL GEÓGRAFO - mês 11/2019.

ISSN 1984-1647

1. Geografia. 2. Pensamento Geográfico. 3. Geografia Urbana. 4. Geografia Econômica 5. Homenagens.
Universidade Estadual Paulista.
Campus de Presidente Prudente. Curso de Geografia.

I

Os textos aqui publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores.
Permite-se a reprodução parcial, desde que mencionada a fonte.

GeoAtos

REVISTA GEOGRAFIA EM ATOS

EXPEDIENTE

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA – UNESP

Sandro Roberto Valentini

Reitor

Sergio Roberto Nobre

Vice-Reitor

ADMINISTRAÇÃO E CORRESPONDÊNCIA

Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia - Departamento de Geografia

Rua Roberto Simonsen, 305, CEP:19060-900, Presidente Prudente - SP, Caixa-postal: 467

Telefone: (18) 32295650

Home Page: <http://revista.fct.unesp.br/index.php/geografiaematos>

E-mail: geoatos.editorial@gmail.com

EDITOR RESPONSÁVEL

Guilherme dos Santos Claudino

guilhermeclaudinogeo@gmail.com

EQUIPE EDITORIAL

EDITOR-GERENTE

Guilherme dos Santos Claudino (FCT-UNESP)

José Mariano Caccia Gouveia (FCT-UNESP)

CONSELHO EXECUTIVO

Fátima Aparecida Costa (FCT/UNESP)

Rizia Mendes Mares (FCT/UNESP)

Fredi dos Santos Bento (FCT/UNESP)

Larissa Araújo Coutinho de Paula (FCT/UNESP)

Luís Fernando Colombo (FCT/UNESP)

Marcelo Tenório Crepaldi (FCT/UNESP)

Mateus Fachin Pedroso (FCT/UNESP)

CONSELHO CIENTÍFICO

Prof. Dr. Ricardo Pires de Paula, UNESP, Presidente Prudente, São Paulo, Brasil.

Prof. Dr. Eliseu Savério Sposito, UNESP, Presidente Prudente, São Paulo, Brasil.

Prof. Dr. João Oswaldo Rodrigues Nunes, UNESP, Presidente Prudente, São Paulo, Brasil.

Profa. Dra. Maria Encarnação Beltrão Sposito, UNESP, Presidente Prudente, São Paulo, Brasil.

Prof. Dr. João Lima Sant'Anna Neto, UNESP, Presidente Prudente, São Paulo, Brasil.

Prof. Dr. Raul Borges Guimarães, UNESP, Presidente Prudente, São Paulo, Brasil.

Prof. Dr. Antonio César Leal, UNESP, Presidente Prudente, São Paulo, Brasil.

Profa. Dra. Rosângela Aparecida de Medeiros Hespanhol, UNESP, Presidente Prudente, São Paulo, Brasil.

Prof. Dr. Antonio Thomaz Junior, UNESP, Presidente Prudente, São Paulo, Brasil.

GeoAtos

REVISTA GEOGRAFIA EM ATOS

© 2019 Departamento de Geografia do Campus de Presidente Prudente- FCT/UNESP

DOI: <https://doi.org/10.35416/geoatos.v6i13.6976>

SUMÁRIO

Editorial	I
Guilherme dos Santos Claudino	
Apresentação	2
Everaldo Santos Melazzo & Sérgio Braz Magaldi	

ARTIGOS

A RACIONALIDADE CONSTRUÍDA DA GEOGRAFIA OBSERVADA EM UM EXERCÍCIO EPISTEMOLÓGICO NO CAMPO DA GEOGRAFIA URBANA	4
Rosana Figueiredo Salvi, Cláudio Smalley Soares Pereira, Eliseu Savério Sposito	
A FORMAÇÃO DE EIXOS URBANOS EM CIDADES MÉDIAS: O CASO DE PRESIDENTE PRUDENTE (SP)	27
Cássio Antunes de Oliveira	
A OPERACIONALIZAÇÃO DO CONCEITO FORMAÇÃO ECONÔMICA-SOCIAL: O NEXO ENTRE O MARXISMO E A GEOGRAFIA DE MILTON SANTOS	47
Guilherme Magon Whitacker	
TERRITORIALIDADE E MOBILIDADE: O NIKKEI COMO PROFISSIONAL LIBERAL MÉDICO	76
Adriano Amaro de Sousa	
DESENVOLVIMENTO LOCAL E O ARRANJO PRODUTIVO LOCAL – APLs	95
Edson Roberto Manfré, Eduardo Nardez	

HOMENAGENS

CADA UM NO SEU CANTO E NO SEU TEMPO, SEGUIMOS UNIDOS: CARTA AO PROFESSOR ELISEU SPOSITO	112
Denise Cristina Bomtempo	
ELISEU SPOSITO: ENTRE CIÊNCIA E EMOÇÃO	128
Marcos Aurelio Saquet	
ELISEU SAVÉRIO SPOSITO: A CONSTRUÇÃO DO ARGUMENTO E A DEFESA DA UNIVERSIDADE PÚBLICA	133
Leandro Bruno Santos	
UMA TRAJETÓRIA DE LIBERDADE: TRIBUTO A ELISEU SAVÉRIO SPOSITO	143
Paulo Fernando Jurado da Silva	
HOMENAGEM A ELISEU SPOSITO	150
Antonio Elisio Garcia Sobreira	

NA POÉTICA HÁ A LIBERDADE	158
Antonio Henrique Bernardes	
CARTA-HOMENAGEM AO PROFESSOR ELISEU SAVÉRIO SPOSITO	162
Adilson Rodrigues Camacho	
PARA UM PROFESSOR: MOMENTOS, VIVÊNCIAS E CAMINHOS	166
José Maria do Rosário Chialaúle Langa	
SOBRE ENSINAR E ORIENTAR DE FORMA AUTÔNOMA	170
Dayana Aparecida Marques de Oliveira Cruz	
ELISEU SPOSITO: ENTRE A INTERDISCIPLINARIDADE, A LIBERDADE E A CONTRIBUIÇÃO ÀS GEOGRAFIAS	174
Maria Terezinha Serafim Gomes	
DO MENINO QUE FAZIA MAPAS A UM PROJETO COLETIVO DE PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO	189
Arthur Magon Whitacker	
Eda Maria Góes	
Everaldo Santos Melazzo	
Márcio José Veríssimo Catelan	
Maria Encarnação Beltrão Sposito	
Nécio Turra Neto	

EDITORIAL

A Revista Geografia em Atos (Online) é uma publicação do Departamento de Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP de Presidente Prudente, São Paulo, Brasil. Desde 1999 publica e divulga artigos de diferentes perspectivas teóricas. Neste ano completou 20 anos de existência, contando com mais de 30 números publicados.

Comunicar e levar adiante o que se pensa e se produz em Geografia é o objetivo primeiro da Geografia em Atos. Esta Revista é resultado do esforço conjunto da Comissão de Publicação e Divulgação do Departamento de Geografia da FCT/UNESP e dos diversos intelectuais com seus textos. O objetivo principal desta Revista é dialogar com a comunidade geográfica brasileira e com a sociedade organizada, estimulando a pesquisa e garantindo a divulgação de seus resultados.

A nova linha editorial nasce com o compromisso de contribuir para o debate teórico, para o fortalecimento do intercâmbio de ideias e para a construção de linhas de interlocução com setores ainda não sintonizados com a Geografia brasileira.

A Revista GeoAtos tem oferecido e disseminado trabalhos científicos desenvolvidos no âmbito acadêmico da graduação em sua instituição sede e em demais instituições acadêmicas nacionais e internacionais. Recebendo contribuições em fluxo contínuo de graduandos, pesquisadores e professores.

A Revista publica textos diversos (artigos, notas de pesquisa, resenhas, traduções) de origem nacional e internacional, priorizando a cobertura temática da Geografia e áreas afins, que possuam qualidade, relevância, originalidade e que sejam inéditos.

O presente número conta com textos oriundos de dois eventos: i) **I Colóquio Pensamento, Economia e Espaço**, realizado em outubro de 2018 na FCT-UNESP; ii) **Colóquio Caminhos e Descaminhos de um Intelectual Artista Eliseu Savério Sposito**, realizado em outubro de 2019, também na FCT-UNESP.

Boa leitura!

Guilherme dos Santos Claudino
Comissão Editorial

APRESENTAÇÃO

Este é um número especial da Revista GeoAtos. Para além dos cinco textos científicos, que divulgam os resultados de investigações em curso ou concluídas, publica uma série de depoimentos em homenagem ao Prof. Dr. Eliseu Savério Sposito.

São cinco os textos publicados. No artigo “A racionalidade construída da Geografia observada em um exercício epistemológico no campo da Geografia Urbana”, assinado por Rosana Figueiredo Salvi, Cláudio Smalley Soares Pereira e Eliseu Savério Sposito é possível encontrar um rigoroso exercício de investigação em torno dos fundamentos teóricos, epistemológicos e metodológicos mais ou menos explicitados do campo da Geografia Urbana, seja em si mesmo e nos seus diálogos internos, seja em relação à produção geográfica brasileira.

Em “A formação de eixos urbanos em cidades médias: o caso de Presidente Prudente (SP)”, Cássio Antunes de Oliveira observa, registra e analisa as necessárias articulações entre cidade e rede urbana como elemento crucial para a compreensão de formas e conteúdos da localização de atividades econômicas.

Adriano Amaro de Souza, com “Territorialidade e mobilidade: o nikkei como profissional liberal médico” oferece elementos para uma análise que vai além das trajetórias individuais de membros de famílias que se desterritorializam e (re)territorializam, articulando mobilidade espacial e posições socioeconômicas na construção e reprodução de representações sociais.

Guilherme Magon Whitacker, com “A operacionalização do conceito formação econômica-social: o nexos entre o marxismo e a geografia de Milton Santos” recupera e de certa forma atualiza o debate em torno das contribuições do grande geógrafo brasileiro que, formulando conceitos acurados para desvendar os processos socioespaciais brasileiros contribui na produção do pensamento geográfico.

Por fim, Edson Roberto Manfré e Eduardo Nardez identificam os Arranjos Produtivos Locais e aglomerações industriais de São Paulo em “Desenvolvimento local e o arranjo produtivo local – APLs” e daí problematizam suas relações com processos de desenvolvimento local, focando em suas potencialidades e limites transformadores frente às

profundas desigualdades locais e regionais de um país tão assimétrico e heterogêneo quanto o Brasil.

Os cinco textos são acompanhados de outros vários que, na forma de testemunhos emocionados e declarações de respeito e reverência reconhecem e homenageiam a trajetória intelectual de um geógrafo que conosco convive cotidianamente, o Prof. Dr. Eliseu Savério Sposito.

Escritos por alunos e orientandos de diferentes momentos de uma longa trajetória de múltiplas contribuições, os textos ultrapassam sua natureza autoral e constituem-se em registros necessários do rigor com liberdade, do compromisso com proximidade, da razão com emoções e da coerência com criatividade.

Os que assinam esta Apresentação, assim, não apenas compartilham com estes autores a homenagem justa e necessária ao colega Eliseu. Registram esta homenagem considerando o momento singular que atravessamos no país e no mundo. Quando grassam trevas que ameaçam a construção do conhecimento científico é justamente quando mais devemos reafirmar nossos compromissos com a Universidade pública, gratuita e de qualidade. É neste lugar especial, na nossa sociedade, que é possível ver se formar e que contribuem para nossa formação geral, pessoas como Eliseu. Ele, em especial, que mais que um decano é companheiro de aventuras intelectuais e amigo, não apenas horas vagas, mas integralmente inteiro. Como tudo o que já fez e continuará fazendo.

Boa leitura!

Everaldo Santos Melazzo

Professor do Departamento de Geografia da FCT-UNESP
E-mail: everaldo.melazzo@unesp.br

Sérgio Braz Magaldi

Professor do Departamento de Geografia da FCT-UNESP
E-mail: sergio.magaldi@unesp.br

A RACIONALIDADE CONSTRUÍDA DA GEOGRAFIA OBSERVADA EM UM EXERCÍCIO EPISTEMOLÓGICO NO CAMPO DA GEOGRAFIA URBANA

Rosana Figueiredo Salvi¹

ORCID 0000-0001-9475-9867

Universidade Estadual de Londrina/UEL

Professora Associada do Departamento de Geociências/CCE

E-mail: ro06salvi@gmail.com

Cláudio Smalley Soares Pereira

ORCID 0000-0002-4624-4057

Universidade de Pernambuco/UPE, Campus Petrolina

Professor Adjunto do Colegiado de Geografia

E-mail: clasmalley@hotmail.com

Eliseu Savério Sposito

ORCID 0000-0001-8887-8720

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente

Professor Titular do Departamento de Geografia

Pesquisador 1B do CNPq

E-mail: eliseu.sposito@unesp.br

Resumo

A investigação evidencia, por meio de reticulações entre teorias, metodologias e objetivos da Geografia Urbana, encontrados em publicações periódicas de extrato qualis A1, A2 e B1 da área de Geografia da CAPES, compromissos metafísicos, metodológicos, e ontológicos dessa tradição de pesquisa geográfica, e demonstra seus problemas conceituais e empíricos. Considerando que a ciência se faz com base em resolução de problemas, busca-se visualizar alterações no pensamento geográfico considerando em conjunto os objetivos da Geografia Urbana, suas teorias e metodologias, porém, apontando dentre esses elementos qual aparece como um pivô provisório desencadeador de mudanças.

Palavras-chave: Epistemologia da Geografia; Geografia Urbana; tradição de pesquisa; reticulação; problemas empíricos; problemas conceituais.

A BUILT UP RATIONALITY IN GEOGRAPHY NOTICED BY ANALYTICAL EPISTEMOLOGICAL PRACTICES IN THE FIELD OF URBAN GEOGRAPHY

Abstract

The research evidences, through cross - links between theories, methodologies and objectives of Urban Geography, found in periodical publications on webqualis A1, A2 and B1 extracts from the area of Geography of CAPES, metaphysical, methodological and ontological commitments of this

geographical research tradition, and demonstrates its conceptual and empirical problems. Considering that science is based on problem solving, we seek to visualize changes in geographic thought, considering together the objectives of Urban Geography, its theories and methodologies, but pointing out among these elements what appears as a provisional pivot triggering changes.

Key words: Epistemology of Geography; Urban Geography; research tradition; reticulated model; empirical problems; conceptual problems.

Introdução

As diferentes perspectivas dos estudos geográficos, representadas por variados grupos de estudiosos, exibem uma correlação estrita entre as categorias e conceitos da Geografia, seus padrões de inteligibilidade e suas crenças metafísicas. Significa dizer que se pode produzir uma caracterização da natureza da ciência geográfica e de suas transformações internas, mediante a análise das modificações sofridas pelas categorias/teorias/conceitos observados numa dada tradição de pesquisa.

Tradição de pesquisa é uma *entidade postulada*: teoricamente construída para produzir uma explicação abrangente. No caso da presente pesquisa utiliza-se a ideia de Tradição de Pesquisa para tratar, dentre outras coisas, do desenvolvimento de um conjunto de conteúdos da Geografia Urbana evidenciando “pressupostos gerais acerca das entidades e processos num domínio de estudo e acerca dos métodos apropriados e utilizados para a investigação dos problemas e para a construção de teorias neste domínio” (LAUDAN, 1977, p.81).

Pelas classes de universalidade com as quais são qualificados os objetos submetidos à experiência do saber geográfico, pelos padrões segundo os quais esses objetos são considerados inteligíveis e pelas crenças metafísicas sustentadas (valores cognitivos) na aplicação dessas categorias e padrões ao mundo da experiência, se traduz na Geografia, a realidade concreta dos seus objetos de análise. Entendendo a Geografia Urbana como uma importante tradição de pesquisa, procura-se explicitá-la a partir do seu aparecimento como campo de saber na Geografia.

A racionalidade construída da Geografia e o desenvolvimento da Geografia Urbana

A Geografia Universal, traduzida em muitos lugares por Geografia Geral, apareceu próxima aos anos de 1600, sendo a versão de Varenius a mais divulgada. A descrição permaneceu, mas o fator que favoreceu a Geografia Moderna, desde Ritter até os discípulos de La

Blache, foi a alteração no teor da descrição. Os geógrafos modernos atentavam para fatores integradores entre as sociedades e seus ambientes, enquanto que para os antigos (os geógrafos tradicionalistas usavam como exemplo o método de Estrabão) a descrição não tinha fundamentalmente esse compromisso. Essa afirmativa é encontrada nos prefácios de quase todos os manuais de Geografia do início e de meados do século XX, sejam eles de Geografia Geral, Regional ou Humana.

De herança fundamentalmente grega, alemã e francesa, a Geografia Geral era organizada nos manuais a partir de uma visão panorâmica da Terra e de sua representação gráfica e cartográfica. Dada como uma Geografia Descritiva, iniciava-se situando o planeta no Universo e trazendo como referência a Terra no sistema solar e os seus respectivos movimentos sobre si mesma e ao redor do Sol, sendo o globo terrestre apresentado com destaque para a forma, dimensões e estrutura da Terra. Eram auferidas a sucessão das estações do ano e as zonas terrestres, dando abertura para os conteúdos seguintes por meio da explicação das “zonas de contato” - regiões/áreas que promoviam o contato entre a Geografia Física e a Geografia Humana. Começava-se pelos mapas, com as coordenadas geográficas, os sistemas de projeção, o nivelamento, etc. até chegar-se à projeção do relevo. As bases: De Martonne, Elisée Reclus, R. Clozier, A. Cholley, Siegfried Passage.

Já o manual de Geografia Humana falava do método da Geografia Moderna em alusão à Geografia dos antigos, especialmente contrapondo o método descritivo de Estrabão com o método descritivo de Fèvre e Hauser, para mostrar que a alteração havia se dado “na atenção dos geógrafos para fatores integradores”. Assim, o Método Moderno de estudo geográfico buscava externalizar uma ordem geográfica.

Os manuais de Geografia Regional divulgavam uma ordem lógica para os estudos geográficos a partir de um sistema de referência categorial dado primeiro pela variação do tempo e segundo, pelas interações possíveis de serem observadas dentro dessa ordem.

Tendo a extensão, a causalidade, a conexão e a temporalidade como elementos do método difundido nos princípios limitadores do campo dos estudos geográficos, viu-se a Geografia Geral, física, lidando com fenômenos fixos, menos dinâmicos e introduzindo, pelo primeiro princípio, a perspectiva da integração entre fenômenos naturais e humanos. A Geografia Regional trazia, pelo princípio da unidade terrestre, a correlação entre as atividades do meio e as atividades humanas e a Geografia Humana, pelo princípio da atividade (dinamismo temporal) prendeu-se ao estudo das relações e influências das coletividades humanas no meio geográfico. Uma de suas derivações deu origem à tradição dos estudos urbanos na

Geografia, a qual tem sua origem na explicitação dos problemas da Geografia Humana, ao tratar do “habitat rural”. O conceito de habitat na Geografia é proveniente dos estudos de gênero de vida, introduzidos por Paul Vidal de La Blache, na década de 1930, tendo sobressaído inicialmente o habitat rural, tão estudado por Jean Brunhes. Da investigação das origens e causas desse habitat destacaram-se os tipos de aglomeração e os tipos de dispersão e, desses, derivou-se o conceito de cidade adotado pela ciência geográfica e pelos estudos urbanos.

A Geografia Urbana brasileira em princípio essencialmente foi considerada realizada por especialistas estrangeiros como Pierre Monbeig e Pierre Deffontaines. A maior parte dos estudos admite fases para a sua evolução, seguindo as tendências gerais do pensamento geográfico, sendo a primeira fase relativa aos estudos tradicionais, a segunda sob influência do neopositivismo ou da Geografia Quantitativa e a terceira e atual fase, dominada pela Geografia Crítica, fundada no materialismo histórico e dialético. Nessa perspectiva se colocam Müller (1968), Clark (1991), Abreu (1994), Corrêa (1978, 2000), Carlos (1994), dentre outros. O molde dos geógrafos estrangeiros é considerado como um ponto de partida dos estudos urbanos no Brasil, sendo avaliado a partir de Monografias Urbanas de cunho predominantemente descritivo (CORRÊA, 1978).

Da investigação das origens e causas do habitat rural destacaram-se os tipos de aglomeração e dispersão, emergindo de tal contexto o conceito de cidade na Geografia. Dessa origem também derivou a dicotomia que deu início e impulsionou os debates no domínio da Geografia Urbana: o campo e a cidade. Nessa perspectiva, o estudo da cidade foi visto em sua produção social e também como produto histórico, como resultado de ações acumuladas. Foi também visto como resultado da dinâmica social reproduzida por um determinado modo de produção. Também foi analisado como uma marca impressa na paisagem e, ainda, investigado como algo que pode ser observado, mormente a partir da análise dos discursos geográficos sobre a cidade desde a sua gênese. Todavia, é importante compreender que os termos urbano e cidade podem designar elementos diferentes. O termo urbano normalmente é usado para referir-se a práticas concentradas principalmente em atividades do setor secundário e terciário, diferenciando-se do rural, composto por áreas não ocupadas, tais como reservas florestais, por exemplo, e agrárias, especializadas em práticas do setor primário. Conforme aponta Lefebvre (2000), o urbano representa a justaposição e a afirmação das formas sociais.

A Tradição da Pesquisa Urbana na Geografia como uma entidade construída

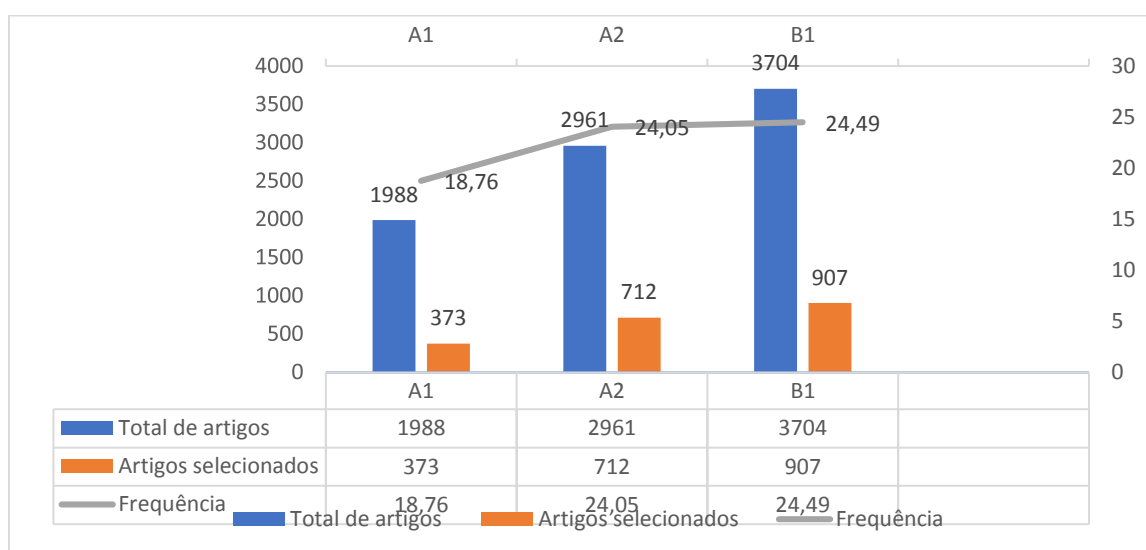
Como uma tradição de pesquisa fornece orientações gerais acerca da ontologia e da metodologia a serem utilizadas pelas teorias, estas, por sua vez, adotam ontologias e metodologias específicas orientadas pela tradição. Conquanto oriente teorias, a tradição de pesquisa a partir dos compromissos acima descrito não é, contudo, testada.

Os argumentos contidos no presente artigo foram construídos a partir da consulta a artigos da Geografia Urbana buscados no *webqualis* da CAPES, na classificação de periódicos do quadriênio 2013-2016, no período que corresponde em média aos últimos 10 anos.

O levantamento deu-se a partir das revistas qualis A1, A2 e B1 da CAPES, pela classificação de periódicos do quadriênio 2013-2016. Essa etapa foi iniciada pela classificação de periódicos do quadriênio 2010-2012, porém, como no decorrer do levantamento houve a divulgação do quadriênio 2012-2016, com novos extratos para as revistas, a classificação foi refeita. Contudo, dado o número de publicações levantadas em duas revistas que mudaram de extrato – de B1 para B2 no último quadriênio – resolveu-se manter os artigos para análise.

Ao todo foram consultadas 25 publicações periódicas da área de Geografia do *webqualis* CAPES (4 A1, 6 A2, 12 B1, 2 B2), sendo separados um total de 9.476 artigos correspondentes a 24 revistas (exceção para a revista Cidades). Desse total, 2.376 artigos foram selecionados para comporem o corpus da pesquisa. O Gráfico 1 mostra a proporcionalidade das publicações no domínio da Geografia Urbana.

Gráfico 1. Distribuição das publicações selecionadas no quadro geral por extratos



Org. Salvi, 2018.

Considera-se a ocorrência de variações na periodicidade e no número de artigos, havendo anos em que determinadas revistas não publicaram e anos em que publicaram um número de artigos acima da média. Tal disparidade impossibilita a análise feita ano a ano e também por número de artigo por ano. Entretanto, pode-se inferir que há uma frequência relativa de 24,13% de publicações na área de Geografia Urbana quando se considera o total de 9.476 artigos publicados nos três extratos, sendo que desse montante foram selecionados 2.287, além dos 89 artigos da revista *Cidades*.

Expõe-se os resultados da investigação discutindo os compromissos metafísicos e metodológicos dessa importante tradição de pesquisa geográfica, bem como seus problemas empíricos e conceituais.

Compromissos metafísicos e metodológicos da Geografia Urbana

Acompanhando o pensamento geográfico como um todo, boa parte dos compromissos metafísicos encontrados nos artigos incorporam elementos que representam movimento e mudança. A visão dialética permeia parte dessa produção.

A Geografia Urbana consolidou-se com o problema do tempo e seus correlatos, não combatendo ou se esquivando dele. A temporalidade, nesse caso, se constituiu como uma centralidade nos estudos urbanos, cuja experiência trouxe uma forma de proceder considerando a historicidade como um fator primordial no entendimento dos fenômenos urbanos. A Geografia Urbana que se concebe nos artigos analisados tem preocupação com a temporalidade e nutre-se dela para justificar seus procedimentos.

Nessa tradição, a realidade é dada como uma articulação entre singularidades, particularidades e universalidade, o que denota uma ontologia marxiana que logo de início apareceu.

Os artigos mostraram que a emergência do ser social tal como tratado pela Geografia Urbana implica na presença de um conhecimento *a priori*, uma vez que os objetos analisados por essa tradição não são absolutamente desconhecidos. Os fenômenos analisados são, ao mesmo tempo, singulares, particulares e universais. As cidades são típicos exemplos. Não há uma cidade, das dezenas analisadas, absolutamente idêntica a outra. Cada uma delas é única em si, porém, carrega na temporalidade recortada, na sua história, processos semelhantes, ou traz no seu cotidiano, problemas análogos a todas as outras. A própria denominação “cidade”

implica em propriedades comuns que as identifica. Ao agregarem formas e funções, ou ao serem inseridas em contextos locais, regionais ou mundiais, somado ao fato de serem de determinado tipo - uma metrópole ou uma cidade média ou pequena, por exemplo - encontra-se a particularidade que as une.

O movimento do método é balizado por elementos genéricos (abstratos e gerais) que vão se tornando menos genéricos na medida em que se aproximam de objetos e fenômenos específicos. Portanto, tal movimento não é desprovido de explicações dadas anteriormente ou de alguma intenção. Redes de cidades, por exemplo, se organizam e se articulam num nível de tratamento conceitual e técnico que permite buscar ou associar ou interagir elementos conectivos na rede urbana, de tal modo que na relação entre a realidade concreta, a realidade asseverada pelo método e a realidade possível (vislumbrada idealmente como resolução de problemas) tais elementos genéricos servem de orientação às explicações. Percebeu-se, assim, o caráter cumulativo do conhecimento geográfico desde os momentos primordiais do surgimento da Geografia Urbana. Ao longo de sua história, a transformação da natureza do urbano significou uma contínua, ainda que não linear, acumulação de conhecimentos, tanto sobre a sua realidade natural, quanto sobre a realidade social e seus problemas empíricos.

Os objetos do domínio da Geografia Urbana não se traduzem numa síntese específica de universalidade dos problemas da Geografia ou das particularidades e singularidades dela, mas exprimem o resultado de um determinado processo histórico e social. Totalidade, historicidade e práxis foram categorias observadas e presentes nessa tradição de pesquisa.

A base metafísica da Geografia Urbana

O saber geográfico contido nos campos disciplinares da Geografia funda-se numa perspectiva de mundo concreto dado à aparência. Suas categorias são construídas a partir de uma realidade observada, passível de apreensão pelo uso comum de princípios organizadores da Geografia Geral e Regional, física e humana, e pelo método científico.

Conceitos e expressões são modalidades eficazes de apreensão da realidade pelos geógrafos para indicar os atributos das coisas e são acompanhados de locuções que deixam transparecer a crença na existência de propriedades essenciais e contingenciais do espaço geográfico (valores cognitivos da Geografia). Ao considerar as alternativas para interpretar o

modo como os elementos se organizam no espaço, como os objetos são e se dão, os proponentes da noção dos limites possíveis ao estudo geográfico defenderam desde muito tempo a existência de uma pluralidade de termos e concepções arraigadas em diversas tradições de estudos. Destas, o mundo possível de ser apreendido pelo saber geográfico foi dado como mundo real, concreto, inicialmente situado na superfície terrestre. Ao geógrafo coube acreditar que esse mundo é admissível de compreensão porque o que há nele é lógica e ordenadamente explicável.

Porém, observando que a concepção não se esgota no mundo tal como ele é, as categorias de apropriação da realidade pelo saber geográfico são, sobretudo, metafísicas, dado abarcar em um horizonte limitado à sua análise a realidade dada na superfície e nas relações encontradas em seu componente espacial por elementos de unidade e multiplicidade. Nessa base metafísica encontra-se a origem dos preceitos dos campos especializados do saber geográfico, incluindo a Geografia Urbana. Essa edificou-se a partir de três posições bem visíveis nos artigos analisados:

1°. O mundo urbano tal como ele é – relativo às cidades, tamanho das cidades, crescimento das cidades, climas urbanos, poluição, transporte, lazer, etc., e relações entre os elementos componentes do urbano – relações de classe social, relações de poder, modos de vida, anseios e desejos, etc. Essa categoria se constrói a partir da realidade concreta e observável, tal como apresentada aos sentidos da razão geográfica e pela visibilidade dos problemas existentes, ambos, realidade e problema, mediados pelos limites do conhecimento geográfico.

2°. O mundo urbano aprisionado pelo método – relativo à função exercida pelas cidades numa rede de relações que envolve planejamento, redes organizacionais, modelos de crescimento das cidades ou região, relações entre fixos e fluxos, etc. e relações derivadas no âmbito de problemas econômicos, sociais, culturais e ambientais. Essa categoria é concebida por tratamento técnico relativo ao saber especializado do geógrafo e do método de apreensão geográfica. Deriva dela os conceitos e as representações oriundas desse tratamento.

3°. O mundo urbano como devir – relativo a apresentação de pressupostos ao desenvolvimento urbano, ao crescimento certo e justo das cidades, aos vários anteparos de resolução de problemas de ordem social, cultural ou ambiental, etc. Essa categoria carrega

em si o ideal de realidade urbana almejada por esse campo do saber geográfico que normalmente não se encontra na realidade concreta. Também sugere resoluções de problemas urbanos na ordem do ideário da comunidade de geógrafos especialistas nesse campo.

Basicamente a existência dos três mundos que cercam a produção da Geografia Urbana indica e leva à construção de um tipo de entidade diferenciada para cada um desses níveis. No contexto dessa pesquisa um problema é saber se a primeira entidade é, de fato, concreta ou se o seu tratamento ou apreensão lhe dá caráter abstrato. Outro problema está na relação entre a semântica e a metafísica: o uso das expressões “mundo urbano concreto”, “mundo urbano aprisionado pelo método” e “mundo urbano idealizado pelo saber geográfico” tem caráter metafórico, mas a partir de sua heurística seu uso na semântica sugere questões como saber se estão ou não comprometidos com a existência de entidades alternativas e quais seriam essas, por exemplo.

Assim, assume-se com base nos resultados da pesquisa que as três expressões possam ser tratadas como categorias de apreensão do saber geográfico captadas pela tradição de pesquisa da Geografia Urbana.

Vê-se nessa projeção ao menos três dificuldades: a primeira, refere-se à prioridade da realidade imediata sobre as demais. Dos mundos apresentados, apesar de o mundo apropriado pelo método ser o objeto principal dos geógrafos, transparece que a realidade concreta e atual e a realidade idealizada não são do mesmo tipo, embora sejam apresentadas como consequência ou resultado de ações esperadas ou desejadas. A segunda dificuldade está na contraposição da afirmação de que existem outras maneiras de como o mundo poderia ser, com a perspectiva de uma entidade dada pela maneira de como o mundo pode ser pelo olhar do geógrafo. E finalmente, uma terceira dificuldade é a de saber por postulado que há uma pluralidade de mundos possíveis, mas é assumido que somente um desses mundos é o imediato, os demais são uma construção tendo por base o primeiro. O terceiro sabe-se meramente possível, posto que é ideiação. De qualquer forma, ao que parece, as três dificuldades decorrem de duas perguntas: quão eficaz é a promessa de resolução dos problemas do mundo urbano concreto num mundo urbano alternativo, construído pelo olhar do geógrafo? Esse mundo alternativo é alcançável? O mundo urbano idealizado nos artigos é erguido em torno de situações contra fatuais e engendram o compromisso com a existência de entidades exemplificadoras dessas situações.

Essas considerações foram trazidas pensando acerca do realismo/materialismo assumido na maior parte dos estudos geográficos analisados na tradição de pesquisa em Geografia Urbana. Tal realismo/materialismo dos três mundos são objetos ou situações inferidas ou abstraídas da atividade racional dos geógrafos. Portanto, tais mundos não existem independentemente dessas pessoas que trazem as possibilidades como parte do conteúdo de suas considerações. O composto urbano é, portanto, um dado *a priori*.

É importante dizer que a realidade imediata não constitui a totalidade e também não coincide com a sua essência. A apreensão do processo por meio do qual os objetos urbanos se configuram é parte integrante da captura racional dessa realidade, mas insuficiente na apreensão das relações existentes.

A metafísica que sustenta essa categorização básica da Geografia Urbana pode ser considerada uma metafísica processual. A sua filiação contribui para um conhecimento que se completa na captura de complexas articulações entre a essência e a aparência dos objetos de análise dos estudos urbanos; contribui ainda para o conhecimento do modo específico como as articulações ocorrem.

Finalmente, pergunta-se se é possível conhecer a realidade por meio da mediação de conceitos, teorias, concepções e percepções, considerando que o conhecimento geográfico esteja imerso em uma unidade ou multiplicidade de práticas discursivas. Ao se observar o que valida o conhecimento geográfico, a noção de valor cognitivo é o guia comum na negociação acerca do saber produzido e difundido por essa tradição de pesquisa. Quer dizer que o que conta como válido para o conhecimento geográfico não é arbitrário, dando-se pela via do método.

O componente metodológico

Nesse quesito os dados retirados da realidade imediata pela tradição de pesquisa em Geografia Urbana, relativos por exemplo à globalização, demografia urbana, densidade urbana, planejamento urbano, sociedade, migração, papéis e significados de pequenas cidades, metropolização do espaço, espaço público urbano, espaços de vida, produção do espaço periférico, luta pelo espaço, entre tantos outros, capturam um conjunto de elementos isentos da concretude que lhes é própria, sendo o seu sentido apreendido na medida em que conexões os articulam com a totalidade à qual pertencem. É neste contexto que a produção da Geografia Urbana se torna possível como conhecimento da realidade imediata a partir de

processos de abstração. Neste sentido há um certo desajuste na consideração da ferramenta instrumental mais apropriada, pois a realidade social não é e nem pode ser submetida aos mesmos processos experimentais utilizados no estudo da realidade natural, mas a tradição dos estudos urbanos em Geografia ocorre nesses dois âmbitos. Assim, seus instrumentos de captura vão desde a elaboração de mapas, uso e tratamento de imagens de satélites, fotos, gráficos e tabelas, construção de esquemas explicativos, entre tantos outros. Técnicas e procedimentos são, entretanto, meios auxiliares da abstração que se traduz na busca por demonstrar no plano ideal o que acontece na realidade imediata, sendo a partir dessa estabelecidas diferenças e similitudes, articulações e conexões entre os diversos elementos que fazem parte da análise urbana. A seguir, alguns exemplos.

Nestas considerações gerais, não é sem dúvida supérfluo lembrar que todo trabalho geográfico supõe o estabelecimento de mapas; a representação cartográfica continua a ser o melhor meio de esquematizar e dar da realidade uma representação a um tempo exata e eloqüente. Vulgarizado pelas diversas escolas geográficas modernas, o emprego do mapa foi adotado pela sociologia e pela etnografia, sobretudo americanas, e os estudos clássicos da Escola de Chicago mostram tudo o que era possível conseguir desse emprego, exatamente em matéria de inquéritos urbanos (CIDA-DES. v. 1, n. 2, 2004, p. 277-314).

As etapas da pesquisa compreenderam:

- I) mapeamento do arroio: coletou-se informações por GPS, as quais permitiram um mapeamento detalhado de todo o canal;
 - II) levantamento de informações, através da aplicação de cento e seis questionários, abrangendo 100% da população existente nas margens do arroio Santo Antônio. Foram coletadas informações acerca das características socioeconômicas da população ribeirinha e sua percepção quanto ao meio ambiente;
 - III) levantamento ambiental com visitas ao local de estudo e verificação da situação quanto à vegetação já existente, e análise microbiológica da água no trecho do perímetro urbano e na nascente do arroio;
 - IV) levantamentos bibliográficos das leis e de autores que elucidam as tendências de uso de áreas urbanas, tomando por referência a questão da degradação ambiental. Coletou-se informações para obtenção de futuras propostas para o melhoramento da área, visando proporcionar uma melhor qualidade de vida a população ribeirinha. Na área em estudo, acompanhou-se as ações da comunidade, num período de dois anos (2007 e 2008)
- (Ateliê Geográfico Goiânia-GO v. 4, n. 3, agosto/2010, p.127-147).

A urbanização de Rondônia, assim como a que ocorreu em outras regiões da Amazônia Ocidental, aconteceu, sobretudo, em função dos desdobramentos dos processos de integração da Amazônia. Tal processo, ao induzir o surgimento de núcleos urbanos, como centros de comando político/administrativo/econômico, produziu um espaço de expansão da recente modernização brasileira que se contrapõe e subverte o antigo modo tradicional/extrativista dominante na região. (Revista Geografia Curitiba, v.7, n.1, p. 20-52, junho/2012).

Sobre o novo modelo suburbano registrado na RMG, compreendemos que os condomínios de chácaras guardam forte vinculação com o modo urbano de viver. De acordo com Gottdiener (1993, p. 14) essas ocupações fazem vislumbrar o próximo estágio de um processo de “desconcentração do centro metropolitano que vem ocorrendo desde a década de 1880”, nos EUA. A novidade registrada na RMG é que tal ação é implantada involuntariamente face à demanda por espaços de lazer e segunda residência. Os condomínios de chácaras na RMG é a manifestação do poder de articulação do mercado imobiliário face à desregulamentação instalada no âmbito dos governos municipais. (Boletim Goiano de Geografia. (Online). Goiânia, v. 35, n. 2, p. 359-377, maio/ago. 2015).

A pesquisa qualitativa realizada neste artigo examina, em profundidade, um fenômeno, histórica, cultural e economicamente, significativo, assim como dá atenção aos detalhes do processo de desenvolvimento da economia noturna LGBT carioca. Ainda que esse estudo de caso tenha como obstáculo a dificuldade de produzir generalizações mais amplas, ele permite alto nível de validação do argumento defendido, uma vez que explica de maneira precisa processos e resultados de aspectos bem definidos dos casos particulares selecionados para investigação (BENNETT, 2004), justificando assim sua adequação a esta pesquisa. Para a análise interna do desenvolvimento da economia noturna LGBT no Rio de Janeiro, é feito o rastreamento do processo (*process tracing*), movimento que permite verificar se o caminho entre uma causa hipotética e o efeito observado comportou-se conforme previsto pela base teórica e conceitual mobilizada na pesquisa (BENNETT, 2004). Os dados foram coletados por meio de uma pesquisa bibliográfica sobre economia noturna mundial, brasileira e carioca e sobre economia LGBT, bem como de observação direta nos locais em que se desenvolve a economia noturna LGBT no Rio de Janeiro e de entrevistas semiestruturadas com os frequentadores de tais lugares. (Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, Recife, v.19, n.2, p.288-309, maio-agosto. 2017).

É preciso lembrar que o conhecimento geográfico tem em seus fundamentos desde sempre, embora em níveis diferentes, o momento da universalidade, da particularidade e da singularidade. Assim, foi perceptível nos artigos que ao abstrair um elemento particular ou singular mantém-se, ainda que de forma tênue, vínculos com a universalidade. Esse caráter articulador é fortemente percebido nos artigos analisados e acompanha o processo de produção do conhecimento geográfico. É preciso lembrar ainda que abstrair significa isolar o objeto do conjunto no qual está inserido; por isso, por processos de abstração são capturadas tantas qualidades, diferenças e similitudes entre as coisas e o modo como se articulam na Geografia Urbana. Usando ainda o exemplo das cidades observadas no seu conjunto por processos abstratos chegou-se a qualificá-las em grandes, médias e pequenas; estabeleceu-se diferenças entre elas no conjunto e fora dele (redes regionais, redes nacionais ou mundiais, etc.); mas, ao mesmo tempo, indicaram-se pontos comuns que autorizam a denominá-las cidades. O procedimento de separação dos elementos que permitem compreender a natureza

do urbano, reforça a sua importância e a sua articulação com os demais componentes da Geografia.

Os critérios dessa construção são suficientemente estabelecidos pelo método científico da Geografia, o qual possui uma autenticidade/identidade - determinações essenciais e estruturas fundamentais que o diferenciam. O processo de construção do método (aqui para, particularmente, trabalhar com o fato geográfico) permitiu a captura de um número cada vez maior de apreensões segundo a importância, as mediações e as articulações com o seu objeto, de tal forma que o conhecimento dele derivado parece escapar ao próprio geógrafo. Assim, *a construção de conceitos ganhou uma identidade na Geografia Urbana, cujo corpo teórico auferiu, por uma natureza específica, a sua diferenciação em relação a todos os outros objetos do conhecimento geográfico*. Os componentes do urbano são teoricamente traduzidos por essa tradição de pesquisa, a qual é possível identificar também como medida da identidade, a práxis - concebida a partir da compreensão do processo histórico que nela culminou. Deste modo, tem-se no componente metodológico, além da confrontação entre a teoria e os fatos, a compreensão de um processo histórico e social que articula os elementos do urbano.

Problemas empíricos e conceituais da Geografia Urbana

Os problemas empíricos da Geografia urbana, como já mencionado, não estão na ordem de problemas absolutamente desconhecidos porque há elementos sincrônicos e diacrônicos que os integram a uma totalidade na medida em são estabelecidas determinações mais gerais da realidade abarcada por essa tradição. Entretanto, observou-se uma orientação em direção àqueles aspectos ainda desconhecidos. As pesquisas no campo da Geografia Urbana, ao se aproximarem de seus conteúdos em pormenores, analisam a diversidade das formas de desenvolvimento e a conexão íntima entre elas, descrevendo o movimento das realidades urbanas. A realidade com a qual lida adquire esse caráter de totalidade pela visão ontológica processual que a permeia, embora exista a forma gnosiológica do conhecimento. É dessa maneira que a Geografia Urbana lida com seus problemas empíricos e os eleva ao plano conceitual. Quer dizer que, na medida em que os processos vão se constituindo e sendo demonstrados nos esquemas explicativos, ao mesmo tempo, a totalidade de determinado objeto e as partes que o compõem, a hierarquia e a ordem entre diversos momentos, o modo como se relacionam entre si, as relações diversas e a referência (mudança/passagem) a vários momentos, o plano conceitual vai se desenvolvendo, sendo elaborado e reelaborado.

Essa dinâmica acompanha uma trajetória identificada nos artigos analisados por viés marxiano que historicamente se estabeleceu na tradição dos estudos urbanos na Geografia. Um grupo de problemas (problemática) acompanha análises relativas à propriedade privada, com a sua característica divisão social do trabalho e confere à realidade dos centros urbanos um caráter alienado e que adquire características específicas nos estudos de urbana, tendo sua raiz no fetichismo da mercadoria e nos agentes que a promovem.

Há, portanto, nos problemas empíricos e conceituais da Geografia Urbana um caráter de busca do imediato, do aparente, do fenomênico, do fragmento e tais características se apresentam como se constituíssem a totalidade da realidade dos problemas urbanos e dos problemas conceituais e empíricos do método científico que utiliza para lidar com os primeiros.

Entretanto, vale lembrar, a entrada das teorias pós-modernas, desde o final do século XX, que deslocam o sujeito da pesquisa auferindo importância as qualidades tais como o diferente, o imediato, o efêmero, o fragmento. Para essa vertente, o urbano teoricamente constitui-se sem essência e, assim, a realidade urbana é questionável, pode não existir e tão pouco ser considerada em sua unidade e permanência.

Na perspectiva gnosiológica da tradição de estudos urbanos, o rigor lógico, a vigilância epistemológica e a aplicação correta do método garantem em parte a resolução de problemas empíricos e conceituais, bem como asseguram a reprodução de um conhecimento específico.

Na perspectiva marxiana dessa tradição, observou-se duas condições complementares admitidas de modo claro e explícito na resolução de tais problemas: o rigor manifesto igualmente pela perspectiva gnosiológica dos procedimentos intersubjetivos e, somado a esse, o ponto de vista de classe social. Nos trabalhos analisados é comum a leitura de argumentos acerca do poder político com origem na existência do antagonismo inconciliável de classes sociais, cuja função é a defesa dos interesses de classes dominantes. Este tipo de argumento revela em si uma opção também de classe social, na qual os interesses que sobressaem estão conjuminados com a classe trabalhadora. Considera-se natural e racional a observação de tal ocorrência visto que as duas classes fundamentais da civilização moderna – burguesia e proletariado – têm demandas diferentes e originam e reproduzem arquétipos de conhecimento também distintos. O perfil científico que se destaca na resolução de problemas postos pela Geografia Urbana mostra a sua vinculação com interesses fundamentais da classe

trabalhadora, evidenciando um tipo de cientificidade ligado a necessidade que a classe proletária tem de considerar o conhecimento como agente que sustenta a possibilidade para a transformação do mundo (realidade imediata) e indica os caminhos dessa transformação.

Os obstáculos ao conhecimento dado na ordem dos problemas conceituais e empíricos da Geografia Urbana se dão, portanto, em consequência da existência da propriedade privada, da divisão social do trabalho e da alienação.

A Geografia Urbana: três aspectos que merecem destaque

O material que foi exposto anteriormente aponta para a necessidade de se fazer uma reflexão sobre os estudos urbanos, em particular o que cabe à Geografia Urbana. Não se tem a pretensão, aqui, de fazer nada mais do que breves apontamentos sobre o estado atual dos estudos urbanos, posto que uma pesquisa aprofundada seria um trabalho de fôlego e de grande envergadura. São, apenas, constatações que expressam a particularidade da Geografia Urbana.

O enfoque recai sobre três características que permitem observar a análise trabalhada anteriormente: primeiramente, as perspectivas teóricas, metodológicas e epistemológicas que permeiam os debates na geografia urbana atualmente; num segundo plano, os problemas de pesquisa e método da Geografia Urbana dizem respeito à Geografia em geral, traduzindo-se em uma particularização de problematizações que perfazem a construção e o *savoir-faire* da Geografia como ciência; nesse sentido, a discussão epistemológica se faz presente, sendo a Geografia Urbana um campo disciplinar destacado na ciência geográfica quando o assunto é a epistemologia geográfica e os conceitos geográficos. Por fim, num quarto e último ponto, a ênfase recairá sobre a relação entre presença-ausência em termos teóricos-epistemológicos. Nesse sentido, a ideia é mostrar como a predominância de determinados temas e perspectivas teóricas na Geografia Urbana é, sob um outro ponto de vista, a pouca presença (ou mesmo ausência) de outras perspectivas teóricas, e mesmo de temas sobre perspectivas teóricas já consolidadas. Assim, mais uma vez, ressalta-se que as ideias aqui expostas podem servir como pontos de partidas para pesquisas mais amplas e detalhadas sobre a Geografia Urbana, seu papel, sua gênese e constituição, e de outras problemáticas que aqui não foram tratadas.

Desde que o livro *A produção social do espaço urbano* de Mark Gottdiener veio a público, em meados dos anos 1980 (GOTTDIENER, 1993), várias perspectivas teóricas foram lançadas visando ampliar o enfoque e o escopo dos estudos urbanos em escala global. O trabalho de pesquisa e análise empreendido por Gottdiener é digno de nota, pois se configura, de forma ampla, como um dos trabalhos mais relevantes sobre os estudos urbanos em sua gênese e desenvolvimento, além das perspectivas teóricas. Cobre, deste modo, em termos temporais, várias décadas, pois analisa minuciosamente desde o surgimento da Escola de Chicago nos anos 1910-1920, até mesmo a teorização da matriz marxista-lefebvriana, nos anos 1970. É, assim, um referencial obrigatório para se compreender os estudos urbanos em uma perspectiva mais ampla, sua evolução, seus debates, continuidades e discontinuidades.

Nesse estudo, Gottdiener (1993) identifica sete perspectivas teóricas distintas: a ecologia, a economia e geografia urbanas compartilhavam entre si as matrizes de entendimento, e pelo autor foram resumidas na expressão “teoria urbana convencional”. A distribuição e a diferenciação funcional da cidade e do espaço eram suas problemáticas básicas. Por outro lado, a partir dos anos 1970, ganha corpo o que ele chamará de “nova sociologia urbana” (GOTTDIENER; FEAGIN, 1989), em que faziam parte as abordagens do estruturalismo marxista, a economia política urbana, o neweberianismo e a perspectiva de produção do espaço (GOTTDIENER, 1993).

Mais recentemente, alguns trabalhos vieram à tona, numa tentativa de fazer um balanço sobre os últimos trinta anos de estudos urbanos. Esses trabalhos, portanto, cobrem um período de tempo em que a ciência social, em sua amplitude, passou por muitas transformações. Nos estudos urbanos não foi diferente. Assim, novas teorias ganham força nos programas de pesquisa sobre a cidade, o urbano e a urbanização, que décadas atrás – até a publicação do livro de Gottdiener – não apareciam nesse campo de estudos particular ou eram pouco influentes.

Scott e Storper (2013), Storper e Scott (2018) e Peck (2018) escreveram artigos que são, hoje, essenciais para se compreender o que é a teoria urbana atualmente. Seus textos tentam sintetizar, avaliar e problematizar as perspectivas teóricas que hoje predominam nos estudos urbanos. Ainda que seja possível identificar pontos que não são tão concordantes entre os autores, pode-se dizer que as correntes teóricas e epistemológicas que hoje predo-

minam nos estudos urbanos e, por conseguinte, na Geografia Urbana, são o pós-estruturalismo, o pós-colonialismo e uma espécie de pós-marxismo. Nota-se, assim, que atualmente a diversidade de tendências teórico-metodológicas foi reconfigurada, sobretudo após a virada espacial, cultural e linguística, que marcou a teoria social desde o final do século passado.

No caso da Geografia Urbana brasileira, as diversas tradições de pensamento e perspectivas teórico-metodológicas foram já objeto de um número considerável de autores. A referência de maior impacto, nesse sentido, é Abreu (1994), que no início da década de 1990 escreveu um artigo no qual analisou detalhadamente a evolução e o desenvolvimento dos estudos de Geografia Urbana no Brasil, apontando que fazer uma história da Geografia Urbana é, sob outro plano, fazer/contribuir para a História do Pensamento Geográfico, conforme subtítulo de seu famoso artigo. O texto de Abreu é, portanto, contemporâneo ao estudo de Gottdiener.

Geografia urbana e contribuição epistemológica

Pode-se argumentar que há uma significativa contribuição por parte dos geógrafos e geógrafas urbanos para a Geografia, em geral, por meio de investidas conceituais. É claro que uma análise dessa envergadura merece uma exposição mais acurada e baseada em ampla revisão de literatura. Mas, aqui, limitar-se-á a focar algumas dessas contribuições que foram muito importantes, em particular para o conceito de espaço.

É do campo dos estudos urbanos que surgem as primeiras problematizações do conceito de espaço. Ainda que Michel Foucault tenha escrito na década de 1960 um instigante ensaio sobre o espaço, no qual defendia que “a época atual seria talvez sobretudo a época do espaço” (FOUCAULT, 2013, p. 113), seu texto só foi publicado na década de 1980, e maior impacto tiveram os debates empreendidos por Henri Lefebvre e Manuel Castells. Mesmo assim, Foucault influenciou teorizações consistentes, como a de Edward Soja (1993). Lembremos que os anos 1970 são de profundas transformações sociais, econômicas, políticas e culturais, o que se reverbera na teoria social. “Virada espacial” é o nome que se dá à maior incorporação e sensibilidade a respeito do espaço desse contexto em diante.

O debate entre Castells e Lefebvre é bem analisado por Gottdiener (1993). Esse autor contrapõe as concepções de espaço, movimentos sociais e Estado de ambos autores, para depois tomar partido da “teoria da produção do espaço” de Lefebvre. A crítica mais endereçada a Castells foi a sua incorporação do marxismo de Louis Althusser na análise urbana, por

meio de uma abordagem estruturalista que argumentou ser o espaço uma parte da estrutura social, uma “estrutura subordinada” e “determinada, em última instância, pela lei do modo de produção” (CASTELLS, 2000, p. 195). Por sua vez, Lefebvre (2000) buscou a compreensão da produção do espaço e do tempo como aspectos eminentemente históricos e dialéticos, envolvendo sujeitos, grupos, classes, representações, e indo além da dimensão econômica que Castells propunha. Incorporou no debate, em mesmo pé de igualdade, a política e a cultura. Lefebvre, assim, procurou compreender o espaço a partir de uma compreensão marxista não dogmática da totalidade, tanto como produto como produtor, numa dialética que resulta na ideia de *produção enquanto um processo*.

Essas formulações causaram impactos formidáveis na pesquisa urbana e nas ciências sociais, em particular na Geografia, posto que essa disciplina vivia um momento de crise e renovação em escala mundial, questionando o paradigma quantitativo herdado do após Segunda Guerra Mundial. Milton Santos, por exemplo, endossou parcialmente as formulações de Castells e outros estruturalistas em seu famoso ensaio sobre formação socioespacial (SANTOS, 1977), e um ano depois, em seu livro que marcou o movimento de renovação crítica e radical na Geografia brasileira, “Por uma Geografia nova” (SANTOS, 1978) ele se aproximou da teorização de Lefebvre, que nem sequer tinha sido mencionado no texto de 1977 (talvez não conhecido pelo geógrafo brasileiro, na época).

Outros que foram bastante influenciados por Lefebvre e deram contribuições fundamentais para a renovação e consolidação do conceito de espaço são David Harvey (2012), Neil Smith (1984), Mark Gottdiener (1993), Edward Soja (1993), sobretudo este último. Cada vez mais vê-se incorporar na Geografia a ideia de que o espaço é um produto social e histórico, e por ser resultado do trabalho social, interfere e condiciona as relações sociais que o produziram. Ana Fani Carlos (2011), nesse sentido, afirmou que a passagem de uma perspectiva de “organização do espaço”, que predominava nos estudos geográficos clássicos e quantitativos, para uma perspectiva de “produção do espaço”, é reveladora do movimento do pensamento geográfico que passou a incorporar a realidade social, dinâmica e contraditória, no contexto teórico e epistemológico da Geografia.

Geografia Urbana e temas de pesquisa: presenças-ausências

Essa tradição de pesquisa encerra campos do saber geográfico concentrados nos eixos da Geografia Humana, Geografia Física, Gestão e Planejamento, Saúde, Memória e Tu-

rismo, Meio ambiente e Climatologia, destacando-se temas tais como os de Economia Urbana, o rural e o urbano, desenvolvimento, planejamento e cidade/metrópole, dispersão urbana, urbanismo, espaço urbano, cidades, cultura das cidades, urbanização, estudos urbanos, espaço urbano e inclusão social. Nesses, a totalidade, historicidade e práxis foram elementos fundamentais na configuração dos caminhos observados para a manifestação do método e apreensão do conhecimento.

As determinações gerais da realidade apreendida por tal tradição orientam a descoberta dos aspectos ainda ignorados, ou seja, a parte desconhecida da Geografia Urbana, sendo os elementos acumulados ao longo da sua história os que guiam e contribuem para a construção permanente de um objeto específico. Na raiz do método encontra-se majoritariamente a categoria da totalidade, ou seja, o domínio universal e determinante do todo sobre as partes. Essa constitui a essência do método que a Geografia Urbana transformou de maneira original como instrumento presente na maior parte das pesquisas analisadas. A totalidade, como princípio metodológico, foi identificada a partir de seu significado na Geografia Urbana de que nenhum fenômeno nela analisado foi compreendido de modo isolado. O sentido de cada parte, de cada fato ou dado encontrado nos artigos, emergiu, nesse caso, na medida em que foram sendo identificados como momento de um conjunto ou como resultado de um processo por meio do qual chegou-se à sua natureza e especificidade.

Não se assiste, nessa tradição, ao abandono da categoria da essência, a pretexto de que teria um caráter metafísico, como em outras tradições de pesquisa geográfica. Ao contrário, é um dos elementos que mais contribuem para a análise da realidade urbana. Mesmo no caso de teorias pós-modernas presentes em vários trabalhos como postura inteiramente ou parcialmente assumida, mesmo havendo o peso sido colocado no componente da diferença, do imediato, do efêmero, do fugidio ou do fragmentário, noções de unidade e permanência ainda são presentes. O mesmo se pode dizer do compromisso admitido com a historicidade de seus processos.

A Geografia Urbana, a seguir pelas tendências mais atuais, pode encobrir uma ontologia baseada na categoria da experiência. Essa ontologia pode estar encoberta por perspectivas que assumiram o giro linguístico, o que remonta ao realismo empírico, base tanto do empirismo clássico, como do idealismo transcendental e do positivismo lógico.

Considerações finais

A Geografia Urbana carrega uma essência processual na qual vão se constituindo, ao mesmo tempo, a totalidade de seus objetos e as partes que o compõem, a hierarquia e a ordem entre os diversos momentos ou modos de se relacionar. Todo e partes carregam relações distintas e também é possível ver a passagem de um momento a outro.

A tradição de pesquisa em Geografia Urbana herdou do conhecimento geográfico o componente temporal que lhe dá caráter específico e autentica seus procedimentos metodológicos. A maior parte dos artigos promove um resgate histórico num movimento que faz ver o todo e a parte, numa perspectiva já incorporada do materialismo histórico, sendo as relações sociais as que sobressaem nas modalidades desse campo de estudo.

Do mesmo modo essa tradição submete o aspecto imediato do mundo das representações e do pensamento comum a um exame em que formas reificadas do mundo objetivo e ideal se diluem, perdem a sua fixidez, naturalidade e pretensa originalidade para se mostrarem como fenômenos derivados e mediados por uma *práxis* também identificada. Ao tomar os fatos como eles se apresentam na realidade imediata (a sua forma de objetividade), esta tradição se coloca sobre o terreno da sociedade capitalista, aceitando uma crítica a sua essência, a sua estrutura de objetividade e às suas leis. Tal procedimento conduz a uma cientificidade que se dá no processo de generalização.

Há uma enorme diversidade e heterogeneidade de trabalhos publicados e um constante fluir dos dados imediatos e isso foi também observado nas posturas com vínculo ao positivismo, neokantismo, neopositivismo, fenomenologismo e mesmo pós-modernismo. Essa última, com forte tendência a rejeitar a noção de essência e eliminar a possibilidade de existência de um conhecimento universalmente aceito. O que foi consenso é que na tradição de pesquisa da Geografia Urbana todas as perspectivas resultam na afirmação e no anseio de transformar integralmente o mundo, dado que leva à inferência de que geógrafos introjetam um comportamento de classe identificado com a classe social proletária.

Finalmente, também não por acaso, pesquisas feitas em todas as perspectivas identificadas na tradição dos estudos urbanos pela Geografia, incluindo a pós-moderna, não rejeitam a existência de uma lógica própria da realidade urbana fundada em categorias do conhecimento geográfico, especialmente as categorias do trabalho e da cultura. Em termos conceituais os elementos do urbano são tratados no nível espacial considerando aspectos teóricos principalmente do território, do lugar e da paisagem.

REFERÊNCIAS

- ABREU, M. A. Estudo geográfico da cidade no Brasil: evolução e avaliação. **Revista Brasileira de Geografia**. Rio de Janeiro, IBGE, v.56, n.4, p.21-122, jan./dez. 1994.
- ALLIX, A. **Manual de Geografia General Física, humana y Económica**. Ediciones Rial, S.A.: Madrid, 1950.
- ANDRADE, M. C. **Geografia - ciência da sociedade: uma introdução à análise do pensamento geográfico**. São Paulo: Atlas, 1992.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 3. ed. Lisboa: Ed. 70, 2004.
- BRITO, A. J. O estudo de um manual de ensino de matemática: o livro Geografia Geral. **Seminário Internacional de Pesquisa em Educação Matemática**, 2006, Águas de Lindóia. **Anais...** Águas de Lindóia: SBEM, 2006.
- BRUNHES, J. **Geografía Humana**. Barcelona: Editorial Juventud, 3ª edición, 1964.
- CAPEL, H. La Geografía como ciencia matemática mixta: la aportación del círculo jesuítico madrileño en el siglo XVII. **Geocrítica**, Barcelona, v. 5, n. 30, 1980.
- CARLOS, A. F. A. (org.). **Os caminhos da Reflexão sobre a Cidade e o Urbano**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.
- CARLOS, A. F. A. Da "organização" à "produção" do espaço no movimento do pensamento geográfico. In: CARLOS, A.F.A;Souza, M.L;SPOSITO, M.E.B. (Org.). **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. São Paulo: Contexto, 2011.
- CARTER, H. **El estudio de la Geografía Urbana**. Traducción española: Adri y P. B. Van Breda. Madrid: Instituto de Estudios de Administracion Local. 1974.
- CARVALHO, D. **Geografia Humana (política e econômica)**. Conselho Nacional de Geografia: Rio de Janeiro, 1967.
- CASTELLS, M. **A questão urbana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- CLARK, D. **Introdução à Geografia Urbana**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand, 1991.
- CORRÊA, R. L. A Geografia Urbana no Brasil: Uma Avaliação. In: **Anais do 3º Encontro Nacional de Geógrafos** (Sessões Dirigidas). Fortaleza: AGB, 1978, pp. 9-12.
- CORRÊA, R. L. **O espaço urbano**. São Paulo: Editora Ática, 2000.
- DICKINSON, R. E. **Ciudad, region y regionalism: contribución geográfica a la ecología humana**. Barcelona: Ediciones Omega, S.A., 1961.
- FREEMAN, T. W. **A hundred years of geography**. Londres: Gerald Duckworth, 1961.
- GOMES, P. C. C. **Geografia e modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
- GOTTDIENER, M. **A produção social do espaço urbano**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.
- GOTTDIENER, M; FEAGIN, J. Uma mudança de paradigma em sociologia urbana. **Espaço e Debates**, São Paulo, n. 28, p. 44-58, 1989.
- GOWIN, D. B. **The structure of knowledge**. *Educational Theory*, Urbana, 20(4): 319-28, 1970.
- KRAGH, H. **An introduction to the historiography of science**. Cambridge, Cambridge University Press, 1987.
- LA BLACHE, P. V. de. **Le principe de la géographie générale**. Annales de Géographie, vol V. Paris: Armand Colin Editores, 1896.
- LACEY, H. **Valores e atividade científica** São Paulo: Discurso Editorial, 1998.
- LAUDAN, L. **Progress and its problems: toward a theory of scientific growth**. Berkeley/Los Angelis/London:University of California press, 1977.
- LEFEBVRE, H. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000.

- LIVINGSTONE, D. (Org.). **The geographical tradition**. Blackwell Publishing, Malden, USA, 1992.
- MENDONÇA, J. F. Da natureza metafísica dos mundos possíveis. **Dissertatio**. Revista de Filosofia. Universidade Federal de Pelotas. No. 42. P. 261 – 278. 2015.
- MORAES, A. C. R. **Geografia: pequena história crítica**. São Paulo: Hucitec, 1986.
- MOREIRA, R. **O pensamento geográfico brasileiro: as matrizes clássicas originárias**. São Paulo: Contexto, 2008.
- MOREIRA, R. **O pensamento geográfico brasileiro: as matrizes de renovação**. São Paulo: Contexto, 2009.
- MOREIRA, R. **O pensamento geográfico brasileiro: as matrizes brasileiras**. São Paulo: Contexto, 2010.
- MÜLLER, N. L. Evolução e estado atual dos estudos de Geografia Urbana no Brasil. **Anais do Simpósio de Geografia Urbana**. Buenos Aires, junho de 1966. Rio de Janeiro: Instituto Panamericano de Geografia e História, 1968.
- NOVAK, J. D.; GOWIN, D. B. **Learning how to learn**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.
- PECK, J. Novas direções na teoria urbana: para além da comparação?. In. BRANDÃO, Carlos Antônio Brandão; FERNÁNDEZ, Victor Ramiro; RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz (Org). **Escala espacial, reescalamentos e estatalidades: lições e desafios para América Latina**. Rio de Janeiro: Letra Capital: Observatório das Metrópoles, 2018.
- PEREIRA, O. **O que é teoria**. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- SANTOS, B. S. **Um discurso sobre as ciências**. Porto: Edições Afrontamento. 1987.
- SANTOS, M. **Por uma geografia nova**. São Paulo: Hucitec, 1978.
- SCOTT, A. J.; STORPER, M. La naturaleza de las ciudades: el alcance y los límites de la teoría urbana. **Espacialidades. Revista de temas contemporáneos sobre lugares, política y cultura**, vol. 3, núm. 2, julio-diciembre, 2013, pp. 6-33 Universidad Autónoma Metropolitana Unidad Cuajimalpa Distrito Federal, México
- SILVA, V. B. O método baconiano e o “Princípio da Geografia Geral” de Vidal de La Blache. **Revista Territorium Terram**, v. 3, n. 5, jan/jun, p. 88-94. 2015.
- SMITH, N. **Desenvolvimento desigual**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1988.
- SOJA, E. W. **Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1993 [1989].
- SPOSITO, E. S. **Geografia e Filosofia: contribuição para o ensino do pensamento geográfico**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- SPOSITO, M. E. B. **Capitalismo e Urbanização**. São Paulo: Contexto, 1994.
- STORPER, M; SCOTT, A. J. Debates atuais sobre a teoria urbana: uma avaliação crítica. **Geografafares**, Vitória, n. 27, p. 30-62, nov. 2018.
- TAYLOR, G. **Geografia Urbana**. Um estudio del emplazamiento, evolución, forma y clasificación de pueblos, villas y ciudades. Barcelona: Ediciones Omega, S.A., 1954.
- TONET, I. **Método científico: uma abordagem ontológica**. São Paulo: Instituto Lukács, 2013.
- VARENIO. B. **Geografia General**, en la que se explican las propiedades generales de la tierra. Tradução del latin por José Maria Requejo Pietro. Colecion “Pensamiento y Metodo Geografico”, no. 2, Departamento de Geografia de la Universidad de Barcelona, 1974.
- VITTE, A. C. A terceira crítica kantiana e sua influência no moderno conceito de Geografia Física. **GEOUSP - Espaço e Tempo**, São Paulo, nº 19, pp. 33 - 52, 2006.

Sobre os autores

Rosana Figueiredo Salvi

Graduada em Bacharelado e Licenciatura em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho/UNESP/Campus de Rio Claro (1987). Mestre em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (1992). Doutora em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (2000). Realizou estágio de pós-doutorado na Faculdade de Ciência e Tecnologia/UNESP/Presidente Prudente (2017-2018). É professora associada da Universidade Estadual de Londrina/UEL, locada no Departamento de Geociências/CCE, onde desenvolve pesquisa sobre (i) Epistemologia da Geografia, (ii) Formação docente, (iii) História e Filosofia da Ciência. Lidera o Grupo de Estudo Multidisciplinar dos Processos de Ensino e Aprendizagem - GEMPEA (Diretório de Grupos de Pesquisa CNPq). Na graduação tem experiência na área de Geografia e na pós-graduação atua nas áreas de Geografia e Educação Científica, com ênfase na Epistemologia da Geografia, no Movimento CSTA e História e Filosofia da Ciência, nos níveis de mestrado e doutorado.

Cláudio Smalley Soares Pereira

Atualmente é professor adjunto do curso de Geografia da Universidade de Pernambuco (UPE), campus de Petrolina. Concluiu doutorado (2018) e mestrado (2014) em Geografia pela Universidade Estadual Paulista (FCT/UNESP), Campus Presidente Prudente/SP. Na mesma instituição realizou pós-doutorado em Geografia (2018) com bolsa do Programa Nacional de Pós-doutorado (PNPD/Capes). Durante o doutorado realizou estágio sanduíche na Universitat de Lleida/Catalunã/Espanha. Graduado em Geografia (Licenciatura Plena) pela Universidade Regional do Cariri (URCA), Crato, Ceará (2011). É membro do Grupo de Pesquisa Produção do Espaço e Redefinições Regionais (GAsPERR) e da Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias (ReCiMe). Atualmente é Presidente do Núcleo Docente Estruturante (NDE) do Geografia da Universidade de Pernambuco (UPE), campus de Petrolina. Têm experiência na área de Geografia, especificamente Geografia Urbana, atuando nas seguintes linhas de pesquisa: produção do espaço urbano, cidades médias, centro e centralidade urbana, urbanização brasileira, teoria urbana. Desenvolve pesquisas na área de Geografia Urbana, com ênfase em reestruturação e produção do espaço urbano, cidades médias, centro e centralidade, urbanização planetária, mundialização do urbano, fragmentação socioespacial, práticas espaciais e financeirização do urbano; e em Geografia do Comércio e do Consumo, pesquisado temas como novas formas comerciais e de consumo, estratégias econômicas e espaciais do capital comercial varejista, financeirização e creditização da vida urbana, hipermercados, shopping centers e mercados públicos. Tem interesse em Epistemologia da Geografia, com ênfase em teoria do espaço e conceitos da ciência geográfica.

Eliseu Savério Sposito

Possui graduação em Geografia pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Presidente Prudente (1974), mestrado em Geografia (Geografia Humana) pela Universidade de São Paulo (1983) e doutorado em Geografia (Geografia Humana) pela Universidade de São Paulo (1990). Atualmente é credenciado no curso de pós-graduação da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, professor titular da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, outro (colaborador em grupo de pesquisa) da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, professor titular da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, professor visitante - Universidad Nacional de San Juan, professor visitante da Universidade Estadual do Ceará e professor titular da Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente. Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Geografia Urbana, atuando principalmente nos seguintes temas: território, industrialização, pensamento geográfico, dinâmica econômica e produção do espaço.

Como citar esse artigo

SALVI, R. F.; PEREIRA, C. S.; SPOSITO, E. S. A racionalidade construída da Geografia observada em um exercício epistemológico no campo da Geografia Urbana. **Revista Geografia em Atos** (Geoatos online), n. 13, v. 06, p. 04-26, 2019.

Recebido em: 2019-24-08

Accito em: 2019 -30 -09

Revista Geografia em Atos, Departamento de Geografia, Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP, Presidente Prudente, n. 13, v. 06, mês Nov. Ano 2019.

ISSN: 1984-1647

A FORMAÇÃO DE EIXOS URBANOS EM CIDADES MÉDIAS: O CASO DE PRESIDENTE PRUDENTE (SP)

Cássio Antunes de Oliveira

ORCID: 0000-0003-0796-4382

Doutor em Geografia pela Universidade Estadual Paulista -UNESP

E-mail: cassio.antunes@gmail.com

Resumo

Esse texto apresenta uma análise sobre as aglomerações em eixo no espaço urbano das cidades médias a partir do caso de Presidente Prudente (SP). Para a realização desta pesquisa foi efetuado levantamento de imagens de satélites por meio do programa Google Earth para se estabelecer comparações com o intuito de verificar as expansões em eixo que ocorreram no espaço urbano. Somado a isso também foram realizados trabalhos de campo para a identificação dos ramos e perfis das empresas que formam e/ou induzem as aglomerações, com ênfase especial naquelas diretamente associadas ao consumo de bens e serviços. A análise concluiu que há características que são específicas das cidades médias em relação à localização de estabelecimentos comerciais e de serviços, pois a localização ocorre também em função do fluxo de consumidores das cidades influenciadas pela cidade média na rede urbana. O texto apresenta reflexão sobre as características do espaço urbano no século XXI, mais especificamente sobre a formação de eixos urbanos concentradores de atividades econômicas em cidades médias.

Palavras-chave: Cidades Médias; Eixos Urbanos; Presidente Prudente.

THE FORMATION OF URBAN AXIS IN MEDIUM-SIZED CITIES: THE CASE OF PRESIDENTE PRUDENTE (SP)

Abstract

This text presents an analysis on the axis crowding in the urban spaces of medium-sized cities based on the case of Presidente Prudente (SP). To fulfill this research, we have done a survey of satellite images with the software Google Earth to establish comparisons that aim to verify the expansions in axis that occur in the urban space. Besides that, field works have been carried on in order to identify the branches and profiles of companies that form and/or induce the crowding, with special emphasis on those directly linked to the consumption of goods and services. The analysis has concluded that there are characteristics that are specific to medium-sized cities regarding the localization of commercial and service establishments, because the localization occurs also in function of the flow of consumers from the cities influenced by the medium-sized cities in the urban network. The text presents a reflection on the characteristics of urban space in the 21st century, more specifically on the formation of urban axis that concentrate economic activities in medium-sized cities.

Keywords: Medium-sized cities, Urban Axis, Presidente Prudente.

LA FORMACIÓN DE EJES URBANOS EN CIUDADES INTERMEDIAS: EL CASO DE PRESIDENTE PRUDENTE (SP)

Este texto presenta un análisis sobre las aglomeraciones en eje en el espacio urbano de las ciudades intermedias desde el caso de Presidente Prudente (SP). Para la realización de esta investigación fue efectuado levantamiento de imágenes de satélites por medio del programa *Google Earth* para establecer comparaciones con el objetivo de verificar las expansiones en eje que ocurrieran en el espacio urbano. Sumado a eso, también fueran realizados trabajos de campo para la identificación de los ramos y

perfiles de las empresas que forman y/o inducen las aglomeraciones, con énfasis especial en aquellas directamente asociadas a consumo de bienes y servicios. El análisis concluye que hay características que son específicas de las ciudades intermedias en relación a la localización de establecimientos comerciales y de servicios, pues la localización ocurre también en función del flujo de consumidores de las ciudades influenciadas por la ciudad intermedia en la red urbana. El texto presenta una reflexión sobre las características del espacio urbano en el siglo XXI, más específicamente sobre la formación de ejes urbanos concentradores de actividades económicas en ciudades intermedias.

Palabras-clave: Ciudades Intermedias; Ejes Urbanos; Presidente Prudente.

Introdução

Neil Brenner (2016) chama a atenção em um artigo para as transformações espaciais sob o capitalismo e questiona as concepções sobre a noção de urbano. Brenner (2016) mostra que na primeira década do século XXI mais da metade da população mundial passou a residir em áreas consideradas urbanas, porém adverte que a noção de urbano pode ter diferenciações acentuadas entre os países. É necessário deixar claro que para Brenner o urbano não é circunscrito apenas às áreas residenciais ou aglomerações chamadas cidades. O Urbano, na concepção dele, tem significado mais amplo, incluindo até a atmosfera e os mares.

As transformações que ocorrem nas regiões metropolitanas têm relações com dois elementos que são centrais: a dispersão e as finanças (LENCIONI, 2015). Para as cidades médias não é diferente, uma vez que a dispersão é, também, identificada quanto mais se difunde o uso do automóvel. A urbanização dispersa ocorre conforme o mesmo processo que produz a cidade difusa. Tem como característica a dispersão integrada, assim, o que mostra que há esta integração são os fluxos, os movimentos e as ligações (*linkages*).

O que compreendemos como eixos urbanos de aglomeração ainda carece de aprofundamento teórico e empírico, que deverá ocorrer ao longo das pesquisas. Assim, eixos urbanos de aglomeração de atividades econômicas se caracterizam pelas aglomerações “espontâneas” destas atividades, ou seja, não estão dentro dos muros dos condomínios empresariais e nem dos distritos industriais, nem nos centros tradicionais. Estes eixos são resultados da majoritária utilização dos meios de transporte no Brasil sobre pneus. Com as reestruturações (econômica, urbana) intensificam-se as interações entre unidades produtoras e as de vendas, também entre as várias unidades comerciais de uma mesma empresa. Intensificam-se, desta forma, as interações espaciais (CORRÊA, 2010). A localização de unidades comerciais e de serviços em locais de fácil acesso aos consumidores residentes nas cidades onde

estão instaladas e os de cidades pequenas da área de influência da cidade média. Também é mais apropriado para as empresas se localizar em pontos no espaço de acesso mais rápido às unidades (filiais) localizadas em outras cidades da rede urbana¹.

Em uma pesquisa cujo foco foi identificar as mudanças nos padrões locacionais e na configuração da centralidade em cidades médias Whitacker (2007, p. 9 - grifo nosso) destacou que

Embora essa conexão pudesse, em tese, dar-se a partir de qualquer ponto da cidade, as empresas com os maiores índices [informativos] apresentam uma distribuição própria, a partir de *eixos viários municipais de relevância*, ou na confluência desses com rodovias que cruzam as cidades. O que pode ser um elemento a confirmar nossa impressão de que a mudança no conteúdo dos centros tradicionais não se dá apenas porque esse centro se encontra saturado, mas também porque se procuram espaços exclusivos.

A busca por espaços exclusivos tem duas características principais: i) facilitar o acesso aos clientes oriundos de outras cidades da rede urbana, ii) e facilitar as operações com mercadorias (reposição de estoque e entrega aos clientes) comercializadas, além de nestes eixos viários a possibilidade de conseguir terrenos mais amplos ser maior.

O espaço urbano não é, ou talvez nunca tenha de fato sido caracterizado por círculos concêntricos, no qual a periferia ou o subúrbio (conforme a visão norte-americana da Escola de Chicago da “teoria urbana convencional”)², é onde se concentram as moradias da classe trabalhadora de baixa renda. As cidades médias e as cidades cuja economia está assentada nas atividades agropecuárias são, neste início de século XXI caracterizadas pela localização de diversos estabelecimentos comerciais, de serviços e industriais ao longo de vias na periferia destas cidades. São diversos motivos, entre os quais a facilitação das relações com outras cidades da rede urbana e, no caso das cidades que possuem dinâmica agropecuária forte, das facilidades de acesso ao espaço rural e às cidades da rede urbana que oferecem uma gama de funções não existentes nas cidades pequenas.

Com o objetivo de contribuir com essa discussão organizamos o texto da seguinte forma, essa introdução sucedida por uma reflexão sobre as novas configurações do espaço

¹ “Sejam também cambiantes, à medida que sua concentração não se dá apenas nos usos, mas nos fluxos (concernentes às relações das empresas com outras escalas e ao seu conteúdo informacional)” (WHITACKER, 2007, p. 10).

² Para mais esclarecimentos sobre esse tema consultar Pereira (2017).

urbano no século XXI. Em seguida apresentamos a configuração de três eixos urbanos concentradores de atividades econômicas na cidade de Presidente Prudente. Por fim, as considerações finais e a bibliografia consultada.

As cidades médias e as novas configurações do espaço urbano

O espaço urbano tinha um caráter concentrado, principalmente antes da difusão do uso do automóvel³. Isto é bastante perceptível na configuração do espaço urbano das cidades espanholas, como Madrid, Barcelona, Lleida, Tarragona; cidades menores também seguiram essa configuração até meados da segunda metade do século XX⁴. Porém, conforme afirmação de Gottdiener (2010) a atual forma dispersa de cidade predomina. Assim, compreendemos que além da difusão do uso do automóvel também contribuíram para que a cidade fosse menos compacta, os avanços científicos e tecnológicos, conforme esmiuçado por Milton Santos por meio do seu conjunto explicativo do meio técnico-científico-informacional (SANTOS, 2008).

No Brasil entendemos que o espaço urbano sempre foi mais desconcentrado que em cidades espanholas, principalmente as cidades que surgiram no século XX, uma vez que o padrão de edificação no Brasil foi mais de residências unifamiliares e em casas individualizadas, ao contrário da Espanha que possui uma predominância de prédios de apartamentos e com os espaços térreos utilizados para atividades comerciais. Desta forma em todos os bairros é possível encontrar diversos estabelecimentos comerciais diferentemente do Brasil que em bairros residenciais às vezes não se encontra nem produtos básicos.

³ Para Ojima (2008, p. 49) a transição entre a cidade mais compacta para a cidade dispersa “[...] pode ser percebida pelos estilos de vida que se disseminam através dos principais centros urbanos que, impulsionados por um processo de mundialização dos padrões de consumo, tendem a modelos cada vez mais homogêneos em diferentes regiões do mundo. A relativa dependência pelo transporte de uso individual passa a ser uma característica marcante e, de certa forma, joga um importante papel na compressão do espaço e do tempo nas cidades pós-modernas”.

⁴ Estamos apresentando estas informações assentados em experiências obtidas durante realização de estágio sanduíche realizado entre os anos de 2013 e 2014 na cidade de Lleida, Espanha. Este estágio foi realizado no período em que cursamos o doutorado na FCT/UNESP. Nesta oportunidade, além de vivenciarmos o cotidiano de uma cidade cujo espaço urbano é configurado conforme descrevemos, também participamos de uma disciplina ministrada pela professora Carmen Bellet Sanfeliu na Universitat de Lleida (UdL) intitulada Geografia Urbana, em que participamos de trabalhos de campo na cidade de Lleida e pudemos ter uma melhor compreensão da organização do espaço intra-urbano espanhol e catalão.

Nas cidades médias do Estado de São Paulo e do Paraná essa configuração dispersa que caracteriza o espaço urbano aparece em muitos exemplos, na multiplicação de condomínios fechados, na abertura de novas avenidas que atraem atividades comerciais, como os *shopping centers*, e lojas de grandes redes nacionais e internacionais (Havan, Decathlon⁵).

Neste início do século XXI a tendência de cidades concentradas parece não mais existir. Há uma tendência entre os geógrafos de considerar que o espaço urbano está se organizando de forma dispersa, desconcentrada, com polimulticentralidades. De acordo com Whitacker (2007, p. 4)

Mudanças profundas na morfologia urbana denunciam um modelo de cidade que não é mais contíguo e concentrado e que, no nível da aparência, poderia fazer pensar num processo de urbanização homogêneo, com a diminuição de diferenças formais entre as cidades. [...].

Desta forma, um outro fenômeno pode ser observado em cidades médias que possuem proximidade com outras cidades que é a formação de vias públicas que são alvo para localizações de atividades comerciais, industriais e de serviços. Isto contribui para a dispersão nessas cidades, uma vez que ao longo destas vias o poder público ou os incorporadores implantam novos loteamentos populares ou de condomínios fechados.

Essa dispersão urbana que caracteriza as cidades médias do Estado de São Paulo também pode ser compreendida por meio da relação entre centralidade e dispersão segundo Whitacker (2007) ou conforme Sposito (2001) sobre centro e periferia. Três dinâmicas caracterizam este processo. A primeira se refere a “dinâmica imposta pelas novas lógicas de comportamento espacial das empresas industriais”. A segunda sobre a articulação dispersa da produção e da produção em que há maior articulação entre as unidades de gestão de uma empresa ou grupo e outras empresas e instituições Whitacker (2007). De acordo com Whitacker (2007, p. 5. grifo nosso)

A nosso ver, suas estratégias de localização se dão primordialmente pela incorporação de novas áreas ao tecido urbano ou *pela localização nas franjas e periferias, notadamente em nós de circulação*, muitas vezes atendendo a vários municípios.

⁵ A Decathlon é uma rede de lojas de origem francesa cujo foco é a comercialização de material esportivo. No Brasil possui 21 unidades, sendo 12 no Estado de São Paulo.

A terceira dinâmica refere-se a grandes áreas que tiveram outros usos (equipamentos industriais, portos) que se tornaram inadequadas a novos usos rentáveis e, assim, são disponibilizadas a relativo baixo custo para o capital imobiliário (WHITACKER, 2007).

Os estudos que focam na escala intraurbana consideram o(s) centro(s) como influenciadores e influenciados pelo plano viário urbano⁶. A hipótese levantada por esta pesquisa é a de que a localização em eixos de aglomeração de atividades econômicas facilita as operações das empresas neste contexto de economia flexível.

De acordo com Whitaker (2007, p. 6) para a análise da reestruturação é necessário privilegiar a dimensão econômica. Assim, “[...] importante indicador se constitui a dinâmica de localização e as relações econômicas estabelecidas pelas e entre as diferentes firmas”.

Ainda sobre centro e centralidade, Sposito (1998) identificou as principais características no final do século XX. O nosso T0⁷ é poucos anos após data da publicação do artigo de Sposito, ou seja, podemos perceber a influência nas escalas intra e interurbana dos fatores apontados pela autora:

1) as novas localizações dos equipamentos comerciais e de serviços concentrados e de grande porte determinam mudanças de impacto no papel e na estrutura do centro principal ou tradicional o que provoca uma redefinição de centro, de periferia e de relação centro-periferia. 2) a rapidez das transformações econômicas que se expressam, inclusive através das formas flexíveis de produção impõe mudanças na estruturação interna das cidades e na relação entre as cidades de uma rede. 3) a redefinição da centralidade urbana não é um processo novo, mas ganha novas dimensões, considerando-se o impacto das transformações atuais e a sua ocorrência não apenas nas metrópoles e nas cidades grandes, mas também em cidades de porte médio. 4) a difusão do uso do automóvel e o aumento da importância do lazer e do tempo destinado ao consumo redefinem o cotidiano das pessoas e a lógica da localização e do uso dos equipamentos comerciais e de serviços (SPOSITO, 1998, p. 28).

Estas constatações feitas no final do século passado interessam para que possamos estabelecer um paralelo em relação ao cenário que se projetava naquele momento e o cenário

⁶ “Essa identificação é reforçada pelo desenho do plano viário, que tanto pode determinar a localização do centro, quanto ser por ele influenciado, numa relação dialética” (WHITACKER, 2007, p. 6).

⁷ O T0 para Presidente Prudente é o ano de 2006, uma vez que no ano de 2003, não é possível visualizar toda a área urbana da cidade por meio do *Google Earth*.

do espaço urbano atual. Devemos considerar que ocorreu o aprofundamento de algumas características como é o caso de um aumento significativo do uso do automóvel nas cidades médias, chamadas naquele momento de cidade de porte médio⁸.

As mudanças econômicas e locacionais que influenciaram e que engendram a reestruturação urbana interferem na morfologia urbana. Neste sentido, para Sposito (1998, p. 30) “no que se refere às novas formas de expansão territorial da cidade, podemos dizer que a evolução da política locacional do aparelho comercial e dos serviços reproduz a tendência locacional da função residencial no interior da cidade, qual seja, a de um crescimento urbano centrífugo”. Outro fator que influenciou e influencia a expansão territorial das cidades são os interesses imobiliários e comerciais, uma vez que “[...] viabilizaram novas escalas de distribuição de bens e serviços, por meio da instalação de grandes equipamentos na periferia das grandes cidades, em alguns nós rodoviários e, às vezes, até mesmo nas áreas mais densamente ocupadas das cidades, redefinindo seus usos e conteúdos” (SPOSITO, 1998, 30).

No que se refere especificamente às motivações para o aumento dos espaços residenciais, por exemplo, os condomínios fechados, Ojima (2008) afirma que o meio ambiente e a natureza passaram a ser valores presentes nas escolhas de localização residencial por parte da população que pode arcar com os custos mais elevados destas áreas. Isto é bastante perceptível tanto nas propagandas de condomínios que destacam a proximidade com áreas verdes, vistas para paisagens “naturais”, quanto nos próprios nomes destes condomínios, muitos possuem o radical “eco”⁹. Assim, estas novas demandas por localizações residenciais contribuíram para o crescimento disperso das cidades médias.

Ojima (2008) destaca também que não é só uma mudança locacional, mas inclusive estrutural, ao demandar espaços de consumo e vias de acesso rápido a esses espaços. Como segue,

Tal padrão de ocupação traz consigo ainda a necessidade de novos locais de comércio e serviços que atendam aos novos padrões de consumo. Assim, como consequência, surgem os shopping centers para dar vazão às demandas de consumo da sociedade moderna de modo a satisfazer a lógica de deslocamento orientado para automóveis, demandando, cada vez mais, a utilização de vias de acesso “rápidas”. Não se trata apenas de uma nova forma de habitação com inspiração em antigas formas de viver, trata-se de todo um conjunto de novas significações e representações sociais que permeiam não apenas aquela parcela da população de poder aquisitivo mais elevado, mas também um novo estilo de vida que é disseminado para todas as sociedades e camadas sociais; ou seja, o status

⁸ Sobre o aumento do uso do automóvel em cidades médias do Estado de São Paulo ver Oliveira (2014).

⁹ Como por exemplo, o Eco Village Residence, localizado na cidade de São José do Rio Preto (SP).

não é mais apenas uma condição locacional, mas também uma condição estrutural da forma de habitação e modo de vida que ela inspira.

As relações/funções das cidades médias também influenciam na estruturação destas vias que permitem fluidez, uma vez que, conforme dissemos, as atividades comerciais valorizam localizações próximo a estas vias.

A partir do entendimento do papel das cidades médias na rede urbana, e mais precisamente considerando Presidente Prudente uma cidade média que exerce influência no Oeste Paulista, noroeste do estado do Paraná e sudeste do estado de Mato Grosso do Sul. Por essa razão a cidade possui estabelecimentos comerciais que buscam localizações que favoreçam também consumidores das cidades da área de influência da cidade. Fizemos uma investigação que buscou compreender a configuração da cidade de Presidente Prudente a partir da análise de três eixos urbanos de atividades econômicas.

Presidente Prudente (SP): cidade média e formação de eixos urbanos de atividades econômicas

Nesse item analisaremos imagens obtidas por meio do programa *Google Earth*. O objetivo é analisar os eixos concentradores de atividades econômicas que estão se formando na cidade de Presidente Prudente (SP). O *Google Earth*, como é de conhecimento, é uma ferramenta gratuita disponível na internet; para seu uso basta o interessado ter acesso à internet. Assim, buscamos explorar ao máximo todas as funções do programa que podem auxiliar na análise do espaço urbano.

Uma das ferramentas para se analisar a evolução do espaço ao longo de em torno de 30 anos é o *Time Lapse*, que permite, no caso do município de Presidente Prudente visualizar imagens no período de 1984 a 2012. A figura 1 mostra a mancha urbana de Presidente Prudente em 1984 e a figura 2 mostra a mancha urbana em 2012. As áreas que mais cresceram foram a Sul, com a criação de vários condomínios fechados de alto padrão e a Oeste com bairros populares de padrão médio. Na última década tem surgido loteamentos populares no setor nordeste e noroeste da cidade.

A análise das duas imagens, que tem um intervalo de 32 anos, mostra que a cidade de Presidente Prudente teve uma expressiva evolução da sua mancha urbana. A população do município no ano de 1984 era de 146.648 (taxa de urbanização 95,50%) e em 2012 era de 210.361. Já a população urbana respectivamente era 140.057 e 206.070 (taxa de urbanização 97,96%).

Figura 1 - Mancha urbana de Presidente Prudente (SP) – 1984.

Mancha urbana de Presidente Prudente - 1984.



Fonte: Google Earth, 2016.

Figura 2 - Mancha urbana de Presidente Prudente (SP) – 2012.

Mancha urbana de Presidente Prudente - 2012.



Fonte: Google Earth, 2016.

Tabela 1 - Presidente Prudente: população total, urbana e rural no período 1982-2012.

Período	População	População Urbana	População Rural	Taxa de urbanização em %
1982	141505	134605	6900	95,12
1983	144069	137319	6750	95,31
1984	146648	140057	6591	95,50
1985	149240	142817	6423	95,69
1986	151843	145599	6244	95,88
1987	154457	148399	6058	96,07
1988	157079	151217	5862	96,26
1989	159709	154050	5659	96,45
1990	162343	156896	5447	96,62
1991	164980	159701	5279	96,80
1992	167869	162704	5165	96,92
1993	170623	165584	5039	97,04
1994	173394	168486	4908	97,16
1995	176135	171367	4768	97,29
1996	178767	174147	4620	97,41
1997	181294	176832	4462	97,53
1998	183906	179607	4299	97,66
1999	186511	182380	4131	97,79
2000	188949	184997	3952	97,91
2001	191176	186654	4522	97,63
2002	193235	188426	4809	97,51
2003	195132	190214	4918	97,48
2004	196965	192019	4946	97,49
2005	198813	193841	4972	97,50
2006	200688	195681	5007	97,51
2007	202480	197538	4942	97,56
2008	204165	199413	4752	97,67
2009	205783	201306	4477	97,82
2010	207449	203217	4232	97,96
2011	208900	204639	4261	97,96
2012	210361	206070	4291	97,96

2013	211832	207511	4321	97,96
2014	213313	208962	4351	97,96
2015	214805	210423	4382	97,96
2016	216044	211637	4407	97,96

Fonte: Fundação SEADE, 2016.

Assim, houve um aumento de 32% da população urbana do município. De acordo com a produção científica da Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias (RECIME) a cidade de Presidente Prudente é uma cidade média do Oeste do Estado de São Paulo, uma vez que concentra uma gama de serviços em diversos setores que atendem populações de vários municípios próximos e de outros não tão próximos, por exemplo, municípios localizados nos Estados de Mato Grosso do Sul e do Paraná. As principais áreas que Presidente Prudente oferece mais diversificação são: educação superior e serviços de saúde, em razão de possuir um curso de medicina e sediar o Hospital Regional (HR). Também oferece diversificação no setor de hipermercados, pela existência de unidades das seguintes empresas: Atacadão, Carrefour, Walmart, Makro, Assaí (atacado e varejo), Muffato, Muffato Max (atacado e varejo) e Maxxi. Possui também uma unidade da rede de lojas Havan.

Uma cidade do porte de Presidente Prudente que exerce uma centralidade na rede urbana brasileira possui dois *shoppings centers*, Prudenshopping e Parque Shopping Prudente, embora, este último seja de pequeno porte e não possui uma localização que favoreça o acesso de pessoas dos municípios influenciados por Presidente Prudente. O município de Presidente Prudente não possui nenhum shopping center localizado às margens de rodovias, diferentemente do que é observado em outras cidades médias, como são os casos de Ribeirão Preto e São José do Rio Preto, ambas localizadas no Estado de São Paulo.

A formação dos eixos de atividades econômicas é compreendida considerando que há um conjunto de condicionantes. Conforme Sposito e Sposito (2012) já delinearão, baseados em Soja (1993) e Boyer (1993) respectivamente, as reestruturações urbana e econômica influenciaram as mudanças no espaço urbano no Brasil. Ainda acrescentamos o papel da cidade de Presidente Prudente exercido na rede urbana, cuja oferta de comércio e serviços diversificada atrai consumidores de cidades pequenas da rede urbana. Por esta razão a localização dos estabelecimentos voltados ao atendimento tanto de Presidente Prudente quanto das cidades influenciadas é em eixos com acesso fácil às rodovias que cortam o município de

Presidente Prudente. A principal rodovia que corta o município é a Raposo Tavares (SP 270), pois liga a capital do estado ao Pontal e ao Estado do Mato Grosso do Sul. Na região, a rodovia SP 270 tem uma função coletora, uma vez que pelo fato de ser duplicada e concedida atrai usuários que buscam rapidez na circulação. Essa função coletora ocorre quando um usuário, seja individual, ou de transporte de cargas prefere trafegar pela rodovia ao invés de utilizar as rodovias vicinais ou as menores (que ligam pequenas cidades, como por exemplo, a rodovia que liga a cidade de Regente Feijó a de Indiana¹⁰), cujos trajetos não facilitam rapidez. Um habitante de Indiana, certamente, preferirá ir para Presidente Prudente utilizando as rodovias Assis Chateaubriand (SP 425) e Raposo Tavares (SP 270).

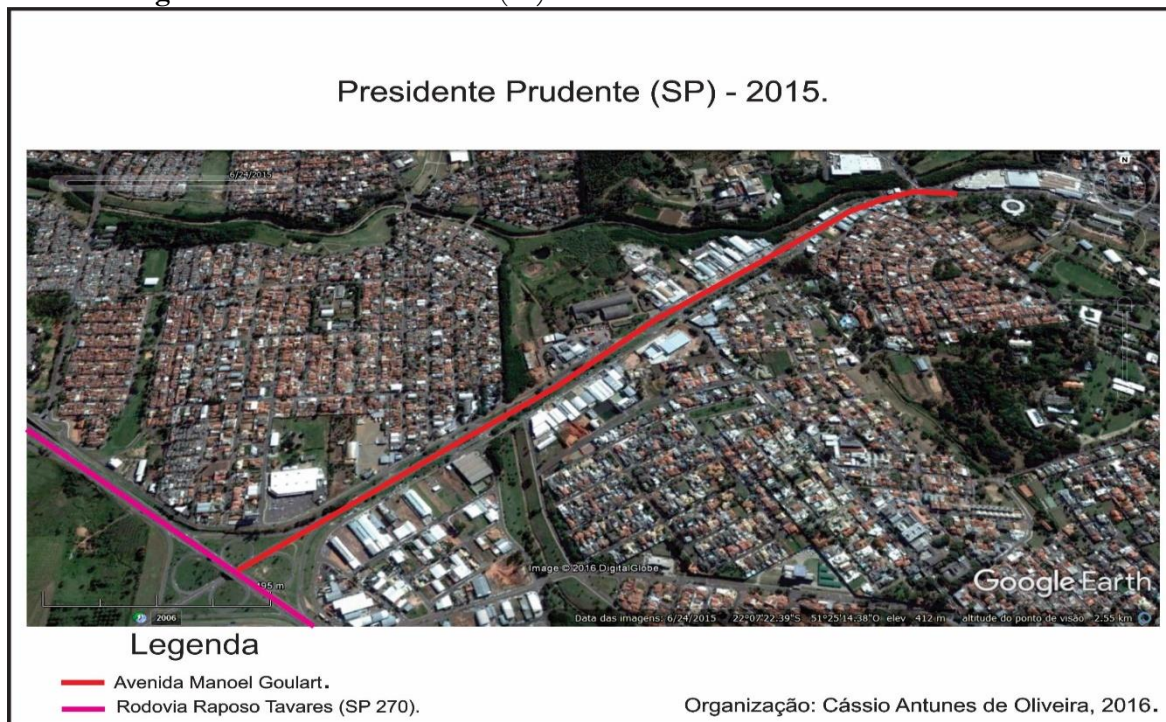
Na cidade de Presidente Prudente a rodovia que mais atrai atividades econômicas para suas proximidades é a SP 270. Identificamos três eixos de aglomeração destas atividades, que são formados pelas avenidas Manoel Goulart e José Soares Marcondes e o formado pela Rodovia Comendador Alberto Bonfiglioli¹¹. Não se trata de toda a extensão das duas avenidas. No caso da Manoel Goulart, identificamos por meio da análise das imagens que o trecho entre o Prudenshopping até a rodovia Raposo Tavares ocorreu um aumento no número de edificações voltadas às atividades econômicas, predominando às relacionadas ao comércio e manutenção de veículos (Ver *figura 3*). O trecho da avenida José Soares Marcondes que identificamos por meio da análise de imagens do Google Earth é o posterior ao cruzamento com a rodovia Raposo Tavares. Na figura 3 é importante observar que onde se inicia o trecho em destaque é ao lado do Prudenshopping.

O trabalho de campo realizado na avenida Manoel Goulart e nas suas marginais, avenida Antônio Canhetti e rua J. Pereira da Paixão revelou que há diversificação dos tipos dos estabelecimentos de comércio e serviços, porém predomina os voltados aos veículos automotores, como carro e motocicletas. Existem várias concessionárias localizadas às margens das referidas vias, como por exemplo das montadoras, Hyundai, Citroen, Peugeot, Honda (motocicletas) e Fiat.

¹⁰ A rodovia que liga as cidades de Regente Feijó e Indiana possui três nomes, os quais são, José Gomes, Clemente Pereira e Prefeito Elias Salomão, essa sequência é no sentido Regente Feijó - Indiana.

¹¹ A análise se refere a comparação de imagens do *Google Earth* no período entre os anos de 2003 a 2016. Ou seja, procuramos realizar o aprofundamento apenas para as vias que identificamos como novos eixos de atividades econômicas e às que revelam potencial de aumento destas atividades, como é o caso da rodovia Alberto Bonfiglioli.

Figura 3 – Presidente Prudente (SP): Eixo da avenida Manoel Goulart – 2015.

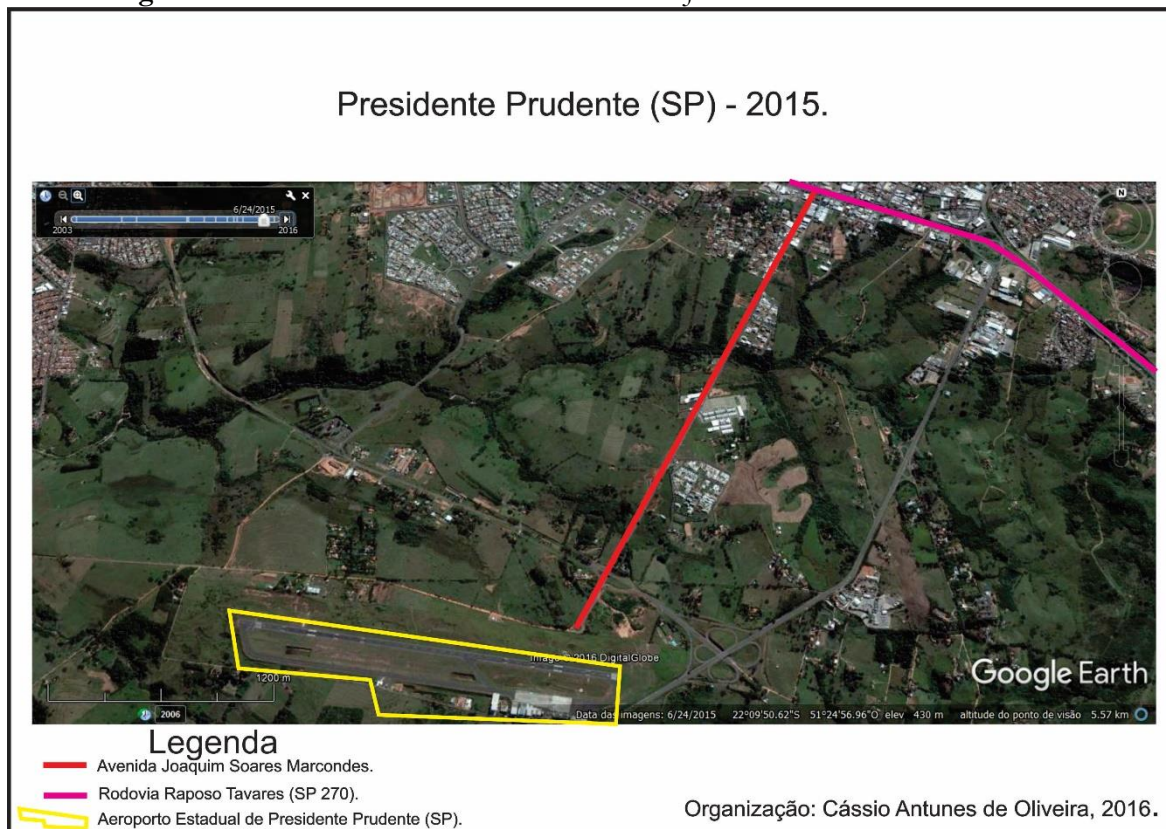


Fonte: Google Earth, 2016.

Um fator que influencia na formação de eixos de aglomeração são as relações entre o setor imobiliário e os proprietários dos terrenos próximos às vias. É evidente que existem princípios gerais para compreender as relações imobiliárias no espaço urbano, no entanto, cada recorte espacial pode apresentar peculiaridades, o que torna a formação de eixos de aglomeração mais ou menos rápida. Depende em grande medida das estratégias dos agentes envolvidos.

O trecho da avenida José Soares Marcondes que identificamos como um novo eixo de aglomeração tem uma maior diversificação de atividades e também serve como via de conexão para dois condomínios fechados de alto padrão. É, também, uma via de acesso ao aeroporto de Presidente Prudente, Adhemar de Barros. Localiza-se ao lado da avenida uma unidade da Faculdade Presidente Prudente FAPEPE/UNIESP. Este eixo ainda está em formação, uma vez que possui terrenos às suas margens sem uso para atividades econômicas. (Ver figura 4).

Figura 4 – Presidente Prudente: Eixo da Avenida José Soares Marcondes – 2015.



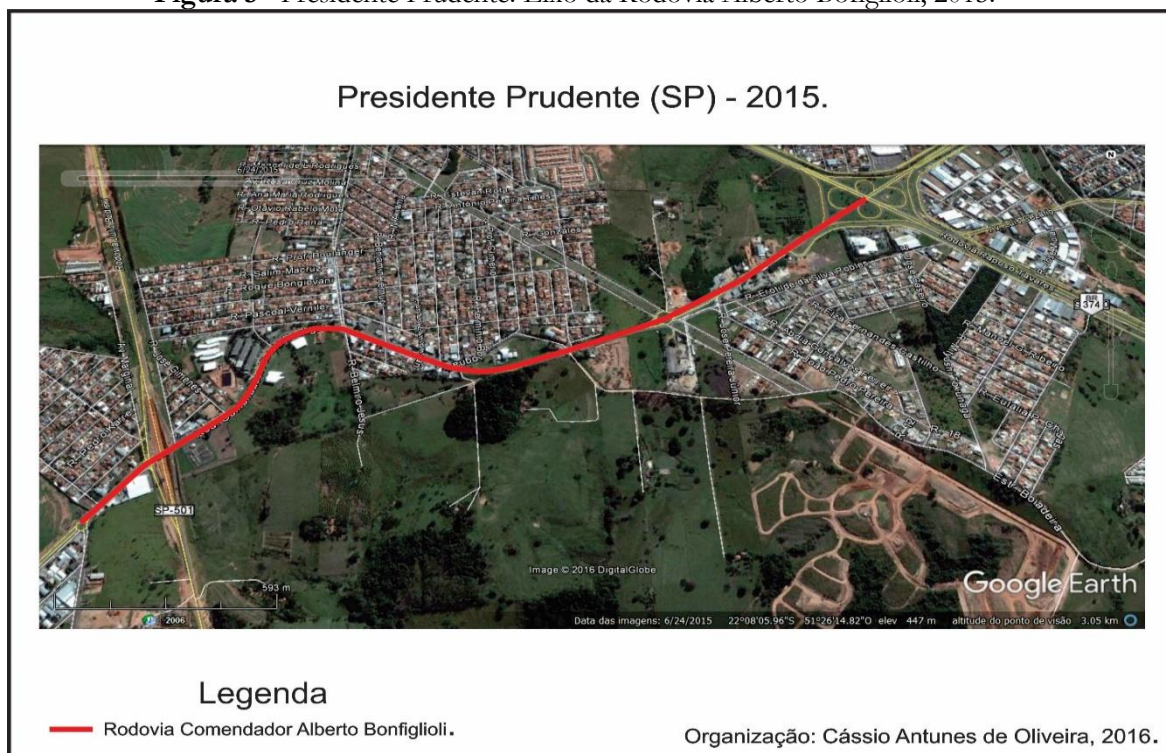
Fonte: Google Earth, 2016.

O trabalho de campo na avenida José Soares Marcondes permitiu analisar os tipos de atividades econômicas praticadas pelos estabelecimentos localizados nesta avenida. Há uma diversificação maior do que os praticados na avenida Manoel Goulart, Antônio Canhetti e na rua J. Pereira da Paixão e na rodovia Alberto Bonfiglioli. Há estabelecimentos ligados à construção civil, como comércio de materiais elétricos (Electra, Força & Luz), pedras decorativas (Decoral Pedras), jardinagem (Flora Marily), comércio de material de construção (Cimpercal), imobiliária (Casadei), comércio de pneus, autocentro (automotivo), transportadora (Expresso Jundiá), comércio de madeiras, outlet de eletrodomésticos (Outlet Casabonita), construção de edificações com contêineres (Up construtora containers), clínica médica (Integrale), bares (Toca da Raposa), condomínio de alto padrão (Quinta das flores), Buffet (Bob Loo), autopeças (Via Original).

Outro eixo que está em processo de formação é o da Rodovia Comendador Alberto Bonfiglioli (ver **figura 5**), na verdade, essa rodovia é o prolongamento da Avenida Manoel Goulart após o cruzamento por meio de viaduto com a Rodovia Raposo Tavares. Trata-se da ligação do centro da cidade aos bairros posteriores à rodovia Raposo Tavares, é a principal

via de acesso aos bairros e conjuntos habitacionais Ana Jacinta, Residencial Anita Tiezzi, Condomínio Residencial Esmeralda, Rotta do Sol, Jardim Santa Fé, Residencial Universitário, Residencial Parque dos Girassóis, Conjunto Habitacional Antonio Pioch Fontolan, Mario Amato e Residencial Florenza. Após a criação do conjunto habitacional Ana Jacinta ocorreu a construção de outros conjuntos habitacionais nas proximidades. Assim, além de esse eixo ter ligação com a SP 270 e à Rodovia Julio Budiski, também liga a região central da cidade a uma área que possui muitos terrenos em processo de “pousio”, ou seja, aguardando valorizações para que sejam comercializados para uso residencial ou comercial.

Figura 5 - Presidente Prudente: Eixo da Rodovia Alberto Bofiglioli, 2015.



Fonte: Google Earth, 2016.

Na *figura 5* é possível visualizar que há terrenos em processo de preparação para edificação, ou seja, é uma área de expansão da mancha urbana.

Considerações finais

Em relação às formas de expansão urbana em cidades médias, um primeiro ponto que deve ser destacado é que, mesmo com as transformações que passa a cidade e consequentemente o espaço, os eixos de aglomeração continuam se formando no espaço intraurbano.

Outro ponto que consideramos relevante na configuração dos eixos de aglomeração de atividades econômicas nas cidades é relativo à rede urbana. O papel desempenhado pelas cidades médias na rede urbana influencia na configuração espacial dessas cidades. Isto decorre pelo fato de estas cidades servirem como ponto no espaço concentrador de uma gama de serviços de diversas naturezas não oferecidos por outras cidades próximas ou oferecidos com pouca diversificação de modelos (no caso de mercadorias) ou com preços mais elevados. Assim, há um fluxo de consumidores destes serviços para as cidades médias, razão pela qual muitos empresários optam por localizarem seus estabelecimentos de atividades econômicas em pontos do espaço urbano cujo acesso seja facilitado tanto para os moradores da cidade onde estão instalados como para moradores de outras cidades da rede urbana influenciada pela cidade média.

Outra motivação para a formação destes novos eixos de aglomeração de atividades econômicas é a questão imobiliária. Os valores dos terrenos ao lado destas avenidas em áreas ainda pouco edificadas é menor do que nas áreas comerciais tradicionais. Desta forma, alguns estabelecimentos são deslocados destas áreas comerciais tradicionais para estas novas localizações, o que atende a dois objetivos, ampliar a clientela (facilita o acesso de clientes de outras localidades) e se localizar em edificações com maior espaço, possibilitando maior comodidade para funcionários e clientes, além de questões logísticas de produtos (entrada e saída de mercadorias). Pelo fato de serem avenidas abertas mais recentemente são mais largas e com canteiro central, o que favorece e muito a circulação de veículos de cargas de grande porte (carretas e caminhões) sem restrição de horário, diferentemente dos centros tradicionais, localizados nas áreas centrais das cidades.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer à Pró-Reitoria de Pesquisa (PROPe) da Universidade Estadual Paulista (UNESP) pela bolsa Recém-Doutor concedida no período de junho a novembro de 2016.

Também gostaria de agradecer ao professor Eliseu Savério Sposito pela supervisão da pesquisa que teve como resultado o presente texto. A minha relação com o professor

Eliseu Savério Sposito que foi iniciada nos idos de 2005, quando já no primeiro ano de graduação começamos uma pesquisa de Iniciação Científica, e se estendeu, na condição de orientador e supervisor até o ano de 2016. O aprendizado durante esses anos foi de extrema importância na vida acadêmica. Foi assim que aprofundei o interesse pela Geografia Humana, nas suas vertentes Regional, da Circulação, Econômica, Urbana e também da História do Pensamento Geográfico. Isso ocorreu pela ampla convivência com o professor, uma vez que além das disciplinas que ministrou na graduação, também participamos de mais de uma disciplina na pós-graduação. Durante todos esses anos participamos e frequentamos o Grupo de Pesquisa Produção do Espaço e Redefinições Regionais (GAsPERR). Assim, nos encontramos quase todos os dias.

Foram muitas ocasiões em que o professor Eliseu chamava os seus orientandos que estavam no GAsPERR para irmos ao Jopanna's tomar café e ele sua Coca, que mais tarde mudou para a Coca Zero. Foram muitas oportunidades que ofereceu uma confraternização em sua casa, onde reuníamos todos os seus orientandos e, assim, soubemos de diversas histórias “geográficas”, como por exemplo, sobre as idas do orientador dele, Armando Correa da Silva para Presidente Prudente ou dos contextos em que o professor Eliseu compunha algumas de suas músicas. Diversas vezes em rodas de conversa sobre a Geografia, a Política brasileira ou mesmo sobre artistas (cantores e músicos) ouvíamos as análises do professor e percebíamos a perspicácia e a experiência dele. Experiência não no sentido apenas da idade, mas de realmente ser um estudioso e observador dessas temáticas.

Foi com a disposição do professor Eliseu em auxiliar com sugestões e com seus contatos com a professora Carmem Bellet Sanfeliu que consegui ir morar na Espanha e desenvolver o estágio sanduíche durante o doutorado. Essa experiência que tem um grande valor na minha formação somente ocorreu pela intermediação dele.

Desta forma, deixamos aqui nossa homenagem ao professor Eliseu Savério Sposito pela ampla contribuição dele para a Geografia brasileira e de Presidente Prudente (SP), hoje muito presente na minha formação, aprendemos a compreender os métodos geográficos e, assim, a ter um olhar mais crítico para o nosso lugar e para o mundo. Obrigado professor Eliseu!

REFERÊNCIAS

- BOYER, Robert. Comment émerge un nouveau système productif? In: DURAND, Jean-Pierre (dir.) **Vers un nouveau modele productif**. Paris: Syros, 1993. p. 31-92.
- BRENNER, Neil. A hinterlândia, urbanizada? **E-metropolis**. N. 25. Ano 7. Junho, 2016.
- CAIADO, Maria Célia Silva; PIRES, Maria Conceição Silvério. Expansão recente na região metropolitana de Campinas: dispersão e novas formas urbanas. In: REIS, Nestor Goulart; TANAKA, Marta Soban (org). **Brasil: Estudos sobre dispersão urbana**. São Paulo: FAU – USP, 2007.
- CORRÊA, Roberto Lobato. Interações espaciais. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. **Explorações Geográficas: percursos no fim do século**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- DEMATTEIS, Giuseppe. Suburbanización y periurbanización. Ciudades anglosajonas y ciudades latinas. In: MONCLÚS, Francisco J. (Ed.). **La ciudad dispersa**. Barcelona: Centro de Cultura Contemporánea de Barcelona, 1998.
- GONÇALVES, A. R.; ANDRÉ, I. R. N.; AZEVEDO, T. S.; GAMA, V. Z. Analisando o uso de imagens do “Google Earth” e de mapas no ensino de Geografia. *Ar@cne*. **Revista eletrônica de recursos em Internet sobre Geografia y Ciencias Sociales**. Barcelona: Universidad de Barcelona, nº 97, 1 de junho de 2007. Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/aracne/aracne-100.htm>>. Acesso em: 18 mai. 2016.
- GOTTDIENER, Mark. **A produção social do espaço urbano**. São Paulo: Edusp, 2010.
- HARADA, Kiyoshi. Área urbana e área de expansão urbana. In: **Âmbito Jurídico**, Rio Grande, XIV, n. 84, jan 2010. Disponível em: <http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=8812>. Acesso em: 10 Out. 2016.
- INDOVINA, Francesco. La ciudad difusa. In: RAMOS, A. R. (Ed). **Lo urbano en 20 autores contemporáneos**. Barcelona: Ediciones UPC, 2004.
- LENCIONI, Sandra. Urbanização difusa e a constituição de megarregiões. O caso de São Paulo-Rio de Janeiro. **E-metropolis: Revista eletrônica de Estudos Urbanos e Regionais**, v. Ano 6, p. 6-15, 2015.
- MATTOS, Carlos A. de. Globalización, negocios inmobiliarios y transformación urbana. **Nueva Sociedad**. n. 212. Noviembre-diciembre, 2007. p. 82-96.
- OJIMA, Ricardo. Novos contornos do crescimento urbano brasileiro? O conceito de urban sprawl e os desafios para o planejamento regional e ambiental. In: **GEOgraphia**, Vol. 10, N. 19. Rio de Janeiro: UFF, 2008. Disponível em: <<http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/view/234/221>>. Acesso em: 10 Out. 2016.
- OLIVEIRA, C. A. revisitando os conceitos de cidade difusa e acessibilidade: relações com a circulação e o aumento da frota de veículos em cidades médias do Estado de São Paulo. **Geouerj**. Ano 16. n. 25. v. 2. 2º semestre de 2014. pp. 324-365.
- PEREIRA, Cláudio Smalley Soares. O centro da cidade no contexto da estrutura(ção) urbana: considerações acerca da “teoria urbana convencional” e da “teoria crítica urbana”. **Geo UERJ**, Rio de Janeiro, n. 31, p. 669-697, 2017.

- RODRIGUES, A. M. O espaço Urbano e as Estratégias de Planejamento da Cidade. In: Elson Manoel Pereira. (Org.). **Planejamento Urbano no Brasil** - Conceitos, Diálogos e Práticas. Chapecó: Argos - Unochapecó, 2008, p. 111-126.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Edusp, 2008.
- SÁVIO, Marco A. **A cidade e as máquinas: bondes e automóveis nos primórdios da metrópole 1900-1930**. São Paulo: Annablume, 2010.
- SCHOR, Tatiana. O Automóvel e o desgaste social. **São Paulo em Perspectiva** (Impresso), São Paulo, v. 13, p. 107-116, 1999.
- SOJA, Edward. **Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.
- SPOSITO, M. E. B. A gestão do território e as diferentes escalas da centralidade urbana. **Revista Território**. Ano III, n. 4. Jan./jun. 1998.
- SPOSITO, M. E. B. Novas formas comerciais e redefinição da centralidade intraurbana. In.: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. (org.) **Textos e contextos para a leitura geográfica de uma cidade média**. Presidente Prudente: PPGG/FCT/UNESP/GAsPERR, 2001b.
- SPOSITO, M. E. B. **O centro e as formas de expressão da centralidade**. Presidente Prudente: FCT/UNESP, 1990. (mimeo).
- SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Cidades médias: reestruturação da cidade e reestruturação urbana. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (org.). **Cidades médias: espaços em transição**. São Paulo: Expressão Popular, 2007. p. 233-253.
- SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; SPOSITO, Eliseu Savério. Reestruturação econômica, reestruturação urbana e cidades médias. In. **Anais do RII**. Belo Horizonte, 2012.
- VILLAÇA, Flávio. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP: Lincoln Institute, 1998.
- WHITACKER, A. M. Centralidade intraurbana e morfologia em cidades médias: transformações e permanências. In: XI **Seminário Internacional RII y IV Taller de Editores RIER**, junto ao Grupo temático 5: Ciudades intermedias: transformaciones y perspectivas, 2010, Mendoza, Argentina. Anales del XI Seminario Internacional RII y IV Taller de Editores RIER. Mendoza: Universidad Nacional del Cuyo, 2010. v. 1. p. 1-20.
- WHITACKER, A. M.; SOUSA, M. T. R. Mobilidade e acessibilidade às áreas de concentração de atividades de comércio e serviços: apontamentos metodológicos a partir de Presidente Prudente – SP. **Anais do Seminário Internacional RII y VI Taller de Editores RIER**. Salvador. 2014.
- WHITACKER, Arthur Magon. Inovações tecnológicas, mudanças nos padrões locacionais e na configuração da centralidade em cidades médias. **Scripta Nova**. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1 de agosto de 2007, vol. XI, núm. 245 (24). <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-24524.htm>> [ISSN: 1138-9788].

Sobre o autor**Cássio Antunes de Oliveira**

Graduado no curso de licenciatura em Geografia na Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT), UNESP de Presidente Prudente - SP (2008). Possui bacharelado em Geografia pela FCT/UNESP de Presidente Prudente - SP (2010). É mestre em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGG) da FCT/UNESP de Presidente Prudente - SP (2011). Possui doutorado em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGG) da FCT/UNESP de Presidente Prudente - SP (2016). Realizou pós-doutorado em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da FCT/UNESP de Presidente Prudente - SP (2016), com bolsa da Pró-Reitoria de Pesquisa da UNESP. Realizou estágio sanduíche na Espanha com Bolsa Estágio de Pesquisa no Exterior (BEPE) da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) no período de 08/2013 a 02/2014 na Universitat de Lleida (UdL). Foi membro do corpo diretivo da AGB, seção local de Presidente Prudente (2009-2010). Foi Bolsista CNPq no período 08/2009 a 02/2010 e bolsista FAPESP no período 03/2010 a 07/2011. Tem como principal área de conhecimento a Geografia Econômica e dos Transportes. Atualmente é participante do Grupo de Pesquisa Produção do Espaço e Redefinições Regionais (GAS-PERR) da Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP de Presidente Prudente - SP.

Como citar esse artigo

OLIVEIRA, C. A. A Formação de eixos Urbanos em Cidades Médias: o caso de Presidente Prudente (SP). **Revista Geografia em Atos** (Geoatos online), n. 13, v. 06, p. 27-46, 2019.

Recebido em: 28/05/2019

Aceito em: 24/08/2019

A OPERACIONALIZAÇÃO DO CONCEITO FORMAÇÃO ECONÔMICA-SOCIAL: O NEXO ENTRE O MARXISMO E A GEOGRAFIA DE MILTON SANTOS

Guilherme Magon Whitacker¹

ORCID: 0000-0002-4001-7419

Pós-Doutorando / Bolsista FAPESP – Processo nº 2017/08847-3

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Instituto de Políticas Públicas e Relações Internacionais

Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial na América Latina e Caribe

E-mail: gwhitacker@gmail.com

Resumo

A categoria analítica formação socioespacial foi formulada por Milton Santos na década de 1970 e assimila o debate em torno da matriz teórica marxiana formação econômica-social integrando a dimensão espacial com ênfase nas características de concreticidade e totalidade. O propósito desse ensaio é proceder uma revisão bibliográfica da categoria formação socioespacial abordando sua gênese em Karl Marx, os conceitos associados, os precursores na Geografia brasileira e as controvérsias em torno da mesma. A categoria proposta por Milton Santos pode ser considerada como uma das mais representativas para o enriquecimento epistemológico geográfico na década de 1970. Nesse sentido, entender a categoria apresentada possui um significado maior, pois permite analisar como um conceito oriundo da economia política foi operacionalizado criando um nexo entre o marxismo e a Geografia miltoniana.

Palavras-chave: Karl Marx; formação econômica-social; Milton Santos; formação socioespacial.

THE OPERATIONALIZATION OF THE CONCEPT SOCIO-ECONOMIC FORMATION: THE NEXUS BETWEEN MARXISM AND THE GEOGRAPHY OF MILTON SANTOS

Abstract

The analytical category socio-spatial formation was formulated by Milton Santos in the 1970s and assimilates the debate around the Marxian theoretical matrix economic-social formation integrating the spatial dimension with emphasis on the characteristics of concreteness and wholeness. The purpose of this essay is to carry out a bibliographical review of the socio-spatial formation category addressing its genesis in Karl Marx, the associated concepts, the precursors in Brazilian Geography and the controversies surrounding it. The category can be considered as one of the most representative proposals of Milton Santos for the epistemological reformulation dedicated to the new directions that sought to impute to Geography in the 1970s. In this sense, understanding the proposed category takes on greater significance in the context of geography, as it allows understanding how a concept derived from political economy was operationalized by a geographer.

Keywords: Karl Marx; sócio-economic formation; Milton Santos; sociospatial formation.

LA OPERACIONALIZACIÓN DEL CONCEPTO DE FORMACIÓN ECONÓMICA Y SOCIAL: EL NEXO ENTRE EL MARXISMO Y LA GEOGRAFÍA DE MILTON SANTOS

Resumen

La categoría analítica formación socioespacial fue formulada por Milton Santos en la década de 1970 y asimila el debate en torno de la matriz teórica marxista formación económica y social integrando la dimensión espacial con énfasis en las características de materialidad y totalidad. El propósito de este ensayo es llevar a cabo una revisión bibliográfica de la categoría de formación socioespacial que aborde su génesis en Karl Marx, los conceptos asociados, los precursores en la geografía brasileña y las controversias que la

rodean. La categoría puede considerarse como una de las propuestas más representativas de Milton Santos para la reformulación epistemológica dedicada a las nuevas direcciones que buscaban imputar a la Geografía en la década de 1970. En este sentido, comprender la categoría propuesta adquiere una mayor importancia en el campo de la geografía, ya que permite comprender cómo un geógrafo operacionalizó un concepto derivado de la economía política.

Palabras Clave: Karl Marx; formación económica y social; Milton Santos; Formación socioespacial.

Introdução

A reflexão sobre a operacionalização de conceitos oriundos de ciências diversas e aplicados à Geografia ampliam a produção do conhecimento geográfico. É na busca de contemplar esse importante exercício reflexivo que apresento algumas considerações sobre o empenho de Milton Santos ao estabelecer a categoria analítica formação socioespacial e sua contribuição com o que pode ser considerado como nexo entre o marxismo e o enriquecimento teórico e epistemológico no pensamento geográfico de Milton Santos. Com isso não tenho a intenção de posicionar o geógrafo como marxista ou não, apenas, demonstrar a maneira que considero apropriada para entender como Milton Santos operacionalizou geograficamente um conceito central do materialismo histórico e dialético – com bases na Filosofia e amadurecimento na Economia Política – e com isso enriqueceu epistemologicamente a Geografia brasileira. Apresento, especificamente, o conceito formação econômica-social e interpreto os momentos em que o Milton Santos propôs a formação socioespacial como categoria analítica adequada para auxiliar a teorização sobre espaço. Tais argumentações surgem após o debate “Marxismo e Geografia” promovido pelo Grupo de Pesquisas Produção do Espaço e Redefinições Regionais (GAsPERR) no colóquio “Pensamento, Economia e Espaço”¹².

Nesse momento, limito minha análise ao estudo da categoria formação socioespacial a partir do artigo *Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método*¹³, publicado em

¹² Sou grato ao convite para participação no evento por parte de Eliseu Sposito, Guilherme Claudino e Victor Cordeiro.

¹³ Publicado originalmente em 1977. ***Society And Space: Social Formation As Theory And Method***. Antipode, Vol. 9, Nº 1. *Société et espace: la formation économique et social comme théorie et comme méthode*. Cahiers Internationaux de Sociologie, v. LX. Sobre o mesmo tema: *Introduction*. (com Richard Peet). Antipode, v. 9, n. 1. 1977. ***Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método***. Boletim Paulista de Geografia, n. 54, 1977. Traduzido do francês por Maria Encarnação Vasquez Beltrão e revisado por Max Henri Boudin.

1977, e a retomada em *Por uma Geografia Nova. Da crítica a Geografia a Geografia crítica*, publicação de 1978, porém não omito outras passagens que considero relevantes. Esse ensaio objetiva, também, por meio de revisão bibliográfica, identificar os precursores que inseriram o conceito formação econômica-social na Geografia brasileira e autores posteriores que fazem uso da categoria proposta por Milton Santos.

A utilização da categoria formação socioespacial na Geografia é recorrente na atualidade. Ainda que as matrizes teóricas sejam diversas ou mesmo que pesquisadores não explicitem a origem do conceito seguindo, ou não, a formulação original de formação econômica-social de Karl Marx, fato que revela certa ambiguidade na Geografia crítica brasileira. Milton Santos foi pioneiro na operacionalização do conceito marxiano esclarecendo a derivação que o conduz da matriz original à formação socioespacial, deixando manifesto o diálogo com o pensamento geográfico crítico sobre a produção do espaço da década de 1970 firmando, assim, uma Geografia de base marxista reconhecida por seu potencial crítico em relação a análises sobre produção do espaço e processos territoriais.

É nesse contexto que o presente ensaio é apresentado. Na tentativa de demonstrar o que considero como nexos entre Milton Santos e o marxismo organizei o texto em três partes, em um primeiro momento aproximo o leitor do conceito originalmente exposto por Karl Marx, em seguida busco demonstrar, de maneira sucinta, os primeiros esforços de aproximação feita por geógrafos e o vigor notório de Milton Santos para operacionalizar geograficamente o conceito formação econômica-social por meio da categoria formação socioespacial, por fim, a atualidade da categoria proposta posicionando a formação socioespacial como central na atualidade do debate sobre a produção do espaço.

Sobre a categoria formação econômica-social em Karl Marx¹⁴

Difícilmente se apreenderá a gênese e finalidades associadas a categoria formação socioespacial proposta por Milton Santos sem dedicar atenção central ao conceito marxiano formação econômica-social, isso porque, conforme escreveu Mamigonian (1996), Corrêa

¹⁴ Me limito aos escritos de Karl Marx, mas reconheço a importância dos estudos desenvolvidos ainda no Século XIX, como o antropólogo Lewis Morgan, citado por Karl Marx em sua carta a Vera Zasulich e também por Friedrich Engels em seu trabalho de 1844 que, de certa forma, apesar de variações, contribuiu com a análise da formação econômica-social. Já no Século XX, destaco, além dos estudos aqui apresentados, a introdução escrita por Eric Hobsbawm em *Formas que Precederam a Produção Capitalista*, escrito por Karl Marx em 1857. No Brasil, os trabalhos de Caio Prado Júnior publicados na revista Geografia, da Associação dos Geógrafos Brasileiros, e a publicação de 1968 de Darcy Ribeiro também são referências.

(1996) e outros, é reconhecido que a proposição de Milton Santos é derivada daquela. Contudo, a continuidade de estudos sobre o conceito original, na Geografia, pode ser considerada como um tanto nebulosa no decorrer do Século XX, o que justifica uma aproximação, ainda que singela, a forma como esse importante conceito foi elaborado.

É em Karl Marx que identifico os primeiros esforços sobre a elaboração do conceito formação econômica-social como processo histórico. Seus primeiros escritos indicam que a mesma se refere a materialização de relações de determinadas sociedades ao passo que, outro importante conceito que auxilia a interpretação dessa materialidade – modo de produção – se refere a algo mais abstrato. Assim, o modo de produção capitalista, por exemplo, estaria, em cada formação econômica-social específica, combinado com outros modos de produção subordinados, e essa combinação conformaria a distinção peculiar a cada sociedade.

A diferenciação entre formação econômica-social e o conceito de modo de produção é fundamental para se apreender a significação da categoria marxiana que remonta às obras clássicas de Karl Marx e Friedrich Engels (Sereni, 2013). Para Samir Amin o conceito de modo de produção é “[...] um conceito abstrato. Não implica nenhuma ordem de sucessão histórica em todo o período da história das civilizações, que se estende desde as primeiras formações diferenciadas até ao capitalismo (AMIN, 1973, p. 9)”. De acordo com Reis (2000), Samir Amin:

[...] frisa que nenhum destes modos de produção (comunitário primitivo; escravista; produção mercantil simples; capitalista) existiu nesta forma ideal: as sociedades históricas são *formações*. As formações sociais são estruturas concretas, organizadas, caracterizadas por um modo de produção dominante e pela articulação à volta deste de um conjunto complexo de modos de produção que a ele estão submetidos (REIS, 2000, p. 66, *italico no original*).

O conceito formação econômica-social alude a observação da concreticidade de determinada sociedade, compreende sua evolução – formação e mudança histórica – como realidade histórico-concreta, geograficamente localizada. O que fundamenta seu esclarecimento é o estudo sobre a relação entre a sociedade e a natureza, tendo o ser humano como atuante na produção do espaço. Sendo assim, seu estudo possibilita:

[...] o conhecimento de uma sociedade na sua totalidade e nas suas frações, mas sempre como um conhecimento específico, percebido num dado momento de sua evolução. O estudo genérico permite reconhecer, a partir de sua

filiação, as similaridades entre FES; mas isso não é suficiente. É preciso definir a especificidade de cada formação, o que a distingue das outras, e, no interior da FES, a apreensão do particular como uma cisão do todo, um momento do todo, assim como o todo reproduzido numa de suas frações. (SANTOS, 2014, p.25).

Portanto, unidade e totalidade da materialidade do processo histórico permeia todo o debate sobre formação econômica-social e, esse entendimento consolida a mesma como categoria central na maturidade do marxismo, principalmente a partir das contribuições de Vladimir Lenin¹⁵ (SERENI, 2013).

O conceito formação econômica-social foi ordenadamente apresentado. Verifica-se sua utilização a partir da primeira elaboração realizada de forma sistemática da concepção materialista e dialética da história em *A Ideologia Alemã*, redigida por Karl Marx e Friedrich Engels entre 1845 e 1846. Nessa obra, especificamente o Volume I, dedicado a crítica sobre Ludwig Feuerbach, Bruno Bauer e Max Stirner é pautado na materialidade da história mundial, cuja periodização está justamente fundamentada sobre os diferentes graus de desenvolvimento das forças produtivas e das relações de propriedade, isto é, do modo de produção que caracteriza diferentes épocas. Falta, contudo, a enunciação de formação econômica da sociedade, em seu lugar, é utilizada a expressão conceitual forma de sociedade. Ainda que a formulação exata de formação econômica-social não esteja presente, entendo que o sentido processual, histórico, portanto, se dá na relação entre um conjunto de outros conceitos utilizados, tais como forma de sociedade, forma de intercâmbio e forma de propriedade, que aparecem vinculados ao conceito modo de produção.

É também em *A Ideologia Alemã* (MARX; ENGELS, 2012) que os autores oferecem outro conceito que irá auxiliar na elaboração de formação econômica-social, trata-se de forças produtivas. Na obra citada os autores utilizam esse conceito relacionando o mesmo com a periodização historiográfica, o que pode ser entendido, com base em Harris (2011), que o conceito de forças produtivas abrange os meios de produção e a força de trabalho. Nessa concepção, o desenvolvimento das forças produtivas envolve, portanto, processos. Fatos históricos concretizados no tempo e espaço como, por exemplo, o desenvolvimento da maquinaria, a descoberta e exploração de novas fontes energéticas, a educação do proletariado

¹⁵ Sobre esse ponto, ver: “O desenvolvimento do capitalismo na Rússia” e “Quem são os amigos do povo e como lutam contra os social-democratas”.

e a emancipação feminina. Fatos esses que revelam o caráter histórico de determinadas formações sociais.

Contudo, em *A Ideologia Alemã* a expressão relações de produção também não é enunciada em associação e relação dialética com o de forças produtivas, sobre isso, Emílio Sereni escreveu: “[...] em *A Ideologia Alemã* o termo formação aparece, se bem que sem um nexos direto e explícito com uma qualificação como a de social, ou de sociedade” (SERENI, 2013, p. 301). Mas, além da falta de clareza do contexto em que o termo foi utilizado em *A Ideologia Alemã*, passa-se o fato que naquela obra o uso do termo formação é absolutamente isolado. Fato esse que vai ser superado somente entre os anos 1846 e 1847 quando a noção de relações de produção é elaborada em *Miséria da Filosofia* (MARX, 2016) e no *Manifesto Comunista* (MARX; ENGELS, 2017).

Já em 1852, quando da publicação de *O 18 de Brumário de Luís Bonaparte*, Karl Marx faz uso do materialismo histórico e dialético para análise da realidade da França pós-revolucionária e evidencia a formação social como um conceito estreitamente atrelado à sua teoria revolucionária. Ainda que não citando explicitamente o termo formação social, a perspectiva processual – intrínseca a concepção de formação – e a importância dada as instâncias sociais está presente no escopo de sua análise e é bem retratada no conhecido trecho:

Os homens fazem a sua própria história; contudo, não a fazem de livre e espontânea vontade, pois não são eles quem escolhem as circunstâncias sob as quais ela é feita, mas estas lhe foram transmitidas assim como se encontram. A tradição de todas as gerações passadas é como um pesadelo que comprime o cérebro dos vivos. E justamente quando parecem estar empenhados em transformar a si mesmos e as coisas, em criar algo nunca antes visto, exatamente nessas épocas de crise revolucionária, eles conjuram temerosamente a ajuda dos espíritos do passado, tomam emprestados os seus nomes, as suas palavras de ordem, o seu figurino, a fim de representar, com essa venerável roupagem tradicional e essa linguagem tomada de empréstimo, as novas cenas da história mundial. (MARX, 2011a, p. 26).

E assim tem início seu amadurecimento intelectual para a interpretação da formação econômica-social. Passados mais de dez anos dessas primeiras publicações é, no *Grundrisse*, redigido em 1858, que Karl Marx vai fazer uso, ao invés de forma de sociedade, o termo formação da sociedade ao exemplificar as sociedades que precederam a formação capitalista¹⁶, passa então de um termo estático – forma – para outro, dinâmico – formação.

¹⁶ Segunda seção: o processo de circulação do capital.

Mas é em 1859, quando da publicação de *Introdução a Crítica da Economia Política*, que a relação entre forças produtivas e relações de produção aparece já definida e esclarecida. Aí está manifesta a teoria de que a contradição entre as forças produtivas e as relações de produção subjaz à dinâmica do modo de produção capitalista. A contradição é precisamente a existência da história como processo dinâmico – sucessão – de modos de produção que conduz ao colapso necessário de um modo de produção antecedente e à sua substituição (HARRIS, 2011). Essa relação entre forças produtivas e relações de produção foi assim escrita na já célebre passagem:

[...] na produção social da própria existência, os homens entram em relações determinadas, necessárias, independentes de sua vontade; essas relações de produção correspondem a um grau determinado de desenvolvimento de suas forças produtivas materiais. A totalidade dessas relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se eleva uma superestrutura jurídica e política e à qual correspondem formas sociais determinadas de consciência. O modo de reprodução da vida material condiciona o processo de vida social, política e intelectual. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser; ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência. Em uma certa etapa de seu desenvolvimento, as forças produtivas materiais da sociedade entram em contradição com as relações de produção existentes, ou, o que não é mais que sua expressão jurídica, com as relações de propriedade no seio das quais elas se haviam desenvolvido até então (MARX, 2008, p. 47).

Ainda na *Introdução à Contribuição à Crítica da Economia Política* é utilizada a noção mais completa de formação econômica da sociedade.

Uma sociedade jamais desaparece antes que estejam desenvolvidas todas as forças produtivas que possa conter, e as relações de produção novas e superiores não tomam jamais seu lugar antes que as condições materiais de existência dessas relações tenham sido incubadas no próprio seio da velha sociedade. Eis porque a humanidade não se propõe nunca senão os problemas que ela pode resolver, pois, aprofundando a análise, ver-se-á sempre que o próprio problema só se apresenta quando as condições materiais para resolvê-lo existem ou estão em vias de existir. Em grandes traços, podem ser os modos de produção asiático, antigo, feudal e burguês moderno designados como outras tantas épocas progressivas da *formação econômica da sociedade*. As relações de produção burguesas são a última forma antagônica do processo de produção social, antagônica não no sentido de um antagonismo individual, mas de um antagonismo que nasce das condições de existências sociais dos indivíduos; as forças produtivas que se desenvolvem no seio da sociedade burguesa criam, ao mesmo tempo, as condições materiais para resolver esse antagonismo. Com essa formação social termina, pois, a pré-história da sociedade humana (MARX, 2008, p. 48, itálico do autor).

A utilização de novos termos até a concepção de formação econômica-social ao longo do amadurecimento intelectual de Karl Marx, por várias razões, desperta atenção. Trata-se, em primeiro lugar, como exposto anteriormente, da passagem do uso de um termo de caráter estático a outro de caráter dinâmico. A evolução teórica sobre o conceito da formação social em Karl Marx centra-se, destarte, numa abordagem histórica de maior clareza desde *O 18 Brumário de Luis Bonaparte*, em que as características espaciais de uma sociedade concreta, territorialmente delimitada, são, ainda que não explicitamente apresentadas, majoritariamente subentendidas.

O fato de que a passagem de uso entre um termo que indica estado a outro que indica ação expressa um aprofundamento do conceito formação de sociedade e não somente uma nova formulação de escrita como muito bem observou Emílio Sereni. Essa transição de forma a formação surge no mesmo contexto do excerto anteriormente citado da *Introdução à Contribuição à Crítica da Economia Política*, onde, pela primeira vez, é utilizado o termo formação econômica da sociedade para indicar épocas progressivas significando, em meu entendimento, que uma formação econômico-social expressa justamente, um processo, uma realidade dinâmica e não estática. Além disso, este conceito aparece mais tarde, explicitamente, em outra passagem de Karl Marx no *Prefácio* de 1867 do primeiro tomo de *O Capital*.

Meu ponto de vista, que apreende o *desenvolvimento da formação econômica da sociedade como um processo histórico-natural*, pode menos do que qualquer outro responsabilizar o indivíduo por relações das quais ele continua a ser socialmente uma criatura, por mais que, subjetivamente, ele possa se colocar acima delas (MARX, 2013, p. 80, itálicos do autor).

Nessa passagem, a conjuntura em que ocorre a formação econômica de determinada sociedade é explicitamente concebida como um processo histórico-natural. Considero evidente que isso não significa que um termo como o de formação social não seja usado geralmente para designar o processo de formação da sociedade em geral, senão o de uma determinada sociedade ou uma sucessão de sociedades, ou, o resultado, o fato final que compreende tal processo.

No fragmento destacado – em itálico – da passagem acima concordo com a interpretação de Emílio Sereni que entende que o progresso de determinada sociedade não deve ser entendido no sentido de uma linha de sucessão única e obrigatória das diversas formações econômica-sociais. Ele – *o desenvolvimento da formação econômica da sociedade* – indica que uma

sucessão é ascendente e progressiva – *processo histórico-natural* – cujas fases levam desde a antiguidade até a atualidade na qual, portanto, a sucessão real das diferentes formações sociais ou épocas históricas pode e deve, em cada caso, ser sempre verificada só e exclusivamente pela materialidade dos fatos (SERENI, 2013).

Karl Marx volta a escrever sobre esse tema em 1881 – passada a publicação de *O Capital* – em uma carta a Vera Zaslitch¹⁷, na qual se pode ler:

É por isso que a “comuna agrícola” se apresenta por toda a parte, portanto, como o tipo mais recente da formação arcaica das sociedades, e que, no movimento histórico da Europa ocidental, antigo e moderno, o período da comuna agrícola aparece como período de transição da propriedade comum para a propriedade privada, como o período de transição da formação primária para a formação secundária. Mas quer isto dizer que em todas as circunstâncias o desenvolvimento da “comuna agrícola” deverá seguir esta via? De modo nenhum. Sua forma constitutiva admite esta alternativa: ou o elemento da propriedade privada, que ela implica, triunfará sobre o elemento coletivo, ou este triunfará sobre aquele. Tudo depende de seu contexto histórico, no qual ela se encontra localizada.... Estas duas soluções são a priori possíveis, mas para que ocorra uma ou outra se requerem evidentemente meios históricos completamente diferentes (MARX, 2005, p. 113, aspas no original).

É saliente como neste escrito Karl Marx rebate, com todo seu rigor, a errônea interpretação¹⁸ de suas ideias, interpretação essa que assinala ao entendimento de uma linha de sucessão única e obrigatória das diversas formações econômica-sociais e épocas históricas, da qual se pretendesse deduzir algum tipo de fatalidade histórica. Assim, por exemplo, observa-se nas anotações finais do *Grundrisse* que Karl Marx, ao fazer apontamentos para serem retomados posteriormente – lembrando o caráter introdutório, ou de rascunho desse trabalho – indica que: “[...] há toda uma série de sistemas econômicos entre o mundo moderno, em que o valor de troca domina a produção em toda a sua profundidade e extensão, e as formações sociais cujo fundamento é constituído pela propriedade comunal já dissolvida [...]” (MARX, 2011b, p. 757, itálico do autor).

¹⁷ Trabalhou ao lado de Gueorgi Plekhanov e Pavel Akselrod na tradução de trabalhos de Karl Marx para o russo e na criação do Partido Operário Social-Democrata Russo (POSDR) em 1898. Atuou na fundação do jornal revolucionário Iskra. Durante o II Congresso do POSDR, houve uma ruptura na interpretação do marxismo e Zaslitch optou pela aliança a Julius Martov, tornando-se uma líder Menchevique.

¹⁸ Interpretação feita pela própria Vera Zaslitch. Ver, por exemplo: *Marx e os outros*, escrito por Jean Tible.

Assim sendo, considero importante compreender que o processo histórico, e geográfico, de formação de determinada sociedade no tempo e no espaço permite recompor algumas especificidades tendo como essência a superestrutura de determinado modo de produção e a dinâmica dialeticamente produzida a partir deste. Dos escritos até o momento é possível entender que originalmente a formação econômica-social foi apresentada como um elemento que compõe o materialismo histórico e dialético expondo que a ciência deveria atrelar-se a materialidade, ou à síntese das múltiplas determinações, devendo apreender a totalidade de determinada sociedade possibilitando a compreensão da concreticidade da mesma.

Desse modo, pondero que, formação econômica-social é composta pelas características social e econômica, ao ponto que formação econômica é uma abstração teórica que se relaciona a modo de produção e, por sua vez, a formação social diz respeito à evolução diferencial das sociedades, relacionado à produção realizada pelo homem e também às forças externas. Logo, a formação econômica-social deve ser apreendida mediante o conhecimento da totalidade do desenvolvimento histórico pelo qual passou a sociedade, pois dessa maneira pode-se entender como a mesma se constitui geograficamente.

Formação sócio-econômica e sua operacionalização geográfica por Milton Santos: a formação socioespacial

Na Geografia, os estudos pioneiros sobre o conceito são os realizados por Gueorgui Plekhanov¹⁹ e Karl August Wittfogel²⁰, na Década de 1930. No Brasil, a expansão do marxismo ocorre no mesmo período dando origem a uma geração de intelectuais e geógrafos brilhantes. Uma das primeiras aproximações frutíferas entre a Geografia e o marxismo no Brasil, em relação a formação econômica-social, pode ser identificada nos trabalhos de Caio

¹⁹ Gueorgui Plekhanov foi pioneiro na introdução do marxismo na Rússia pela tradução do Manifesto Comunista. Dedicado aos estudos de mineralogia, logo destacou a importância dos estudos geográficos aliados a práticas econômicas para a compreensão das formações econômicas-sociais. Tornou-se um dos líderes Menchevique e, mesmo assim, após o rompimento filosófico com Lênin, esse ainda indicava a leitura das obras de Plekhanov. A esse respeito ver, por exemplo: *Juntando os pedaços de Lênin*, de Adrian Johnston.

²⁰ Karl August Wittfogel foi um geógrafo inserido no campo da sinologia, sua atuação como pesquisador teve início no âmbito do chamado Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt, na Alemanha, instituição que abrigava o grupo de intelectuais que ficaram famosos por criar a assim chamada escola de Frankfurt. Ver: *Teoria e método: Wittfogel*. Associação dos Geógrafos Brasileiros. Seleção de textos nº 20. *Karl August Wittfogel: um geógrafo comunista na escola de Frankfurt*, de Breno Viotto Pedrosa e *Geopolítica, materialismo geográfico e marxismo: a crítica de Karl August Wittfogel*, de Heinz Dieter Heidemann, e outros.

Prado Júnior – além das obras célebres de 1951 e 1970 – em suas publicações na revista *Geografia da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB)* de 1935 que se esforçava para uma primeira aproximação as novas ideias que o marxismo propõe. Para Antunes (2008):

Desde a fundação da AGB, a ideia de uma publicação regular foi objeto de consideração. Em 1935, a Associação dos Geógrafos Brasileiros, através de reconhecido empenho do então secretário da Associação, o Dr. Caio Prado Júnior, conseguiu publicar a “*Revista Geografia*”, que foi a primeira revista da moderna ciência geográfica no Brasil (ANTUNES, 2008, p. 102, aspas no original).

E, nas palavras de um dos mais ilustres geógrafos brasileiros – Aziz Ab´Saber – essa revista foi uma das mais importantes formas de divulgação dessa nova geração de geógrafos (AB´SABER, 1960). Essa primeira aproximação estimulou a relação entre o marxismo e a Geografia brasileira ainda na década de 1930, mesmo que de maneira não explícita (ANTUNES, 2008).

Posteriormente, com a expansão do marxismo a partir principalmente da década de 1960 e a influência de Caio Prado Junior e outros geógrafos como Manoel Correia de Andrade, Milton Santos inicia sua elaboração teórica sobre a formação socioespacial participando ativamente da aproximação entre Geografia e marxismo no período que corresponde as décadas de 1960 e 1970 durante parte do seu exílio na França. Nesse momento Milton Santos pode dialogar com geógrafos de base marxista atuantes, por exemplo, no Partido Comunista Francês, como Raymond Guglielmo, Jean Suret-Canale, Pierre George e outros como Michel Rochefort e Bernard Kayser, além da relação com Neil Smith, David Harvey e Richard Peet que estimularam o movimento internacional de aproximação da Geografia ao marxismo e, nesse momento, ele se introduziu nessa experiência por intermédio, principalmente, de Jean Tricart, de quem herdou a ideia de espaço como conjunto de forma, função, estrutura e processo (PEDROSA, 2018).

Em seus estudos sobre o conceito de formação econômica-social, Milton Santos colabora com a renovação da Geografia empreendida nesse período – décadas de 1960 e 1970 – como um membro ativo, mesmo exilado, dentre os geógrafos brasileiros. Para Machado (2016), a aproximação com o marxismo e a proposição da categoria formação socioespacial estão vinculadas à preocupação em entender o espaço geográfico como parte do processo de totalização histórica como decorrência de determinados modos de produção e

de suas respectivas formações econômicas e sociais, Milton Santos, portanto, concebe o espaço geográfico enquanto produto das relações sociais de produção e, essa compreensão do espaço geográfico é contemporânea à nova apreciação que esse conceito passa a ter na teoria social a partir do último quarto do Século XX. Parte-se, para tanto, de uma crítica à modernidade ao se denunciar que toda ordem de progresso, de revolução e de desenvolvimento estava atrelada à categoria do tempo, ao passo que o espaço seria visto como uma categoria conservadora e estática.

Advém, desse modo, a compreensão oposta a de espaço estático para outra, dialética, produto do trabalho social. Com isso, a Geografia é suscitada a superar a predileção que teve pelas formas. “Pode-se dizer que a Geografia se interessou mais pela forma das coisas do que pela sua formação” (SANTOS, 2014, p. 21). Assim, Milton Santos traz a Geografia o conceito formação econômica-social de Karl Marx e propõe a formação socioespacial em 1977, quando é publicado o artigo “*Sociedade e espaço: a formação social como teoria e método*”. É nesse artigo que Milton Santos escreve, claramente, que formação econômica-social e espaço geográfico são praticamente coincidentes.

Se a Geografia deseja interpretar o espaço humano como fato histórico que ele é, somente a história da sociedade mundial aliada à sociedade local pode servir como fundamento da compreensão da realidade espacial e permitir a sua transformação a serviço do homem. Pois a História não se escreve fora do espaço e não há sociedade a-espacial. O espaço, ele mesmo, é social. Daí a categoria de Formação Econômica e Social parece-nos a mais adequada para auxiliar a formação de uma teoria válida do espaço. Esta categoria diz respeito à evolução diferencial das sociedades, no seu quadro próprio e em relação com as forças externas de onde mais frequentemente lhes provém o impulso. A própria base da explicação é a produção, isto é, o trabalho do homem para transformar, segundo leis historicamente determinadas, o espaço com o qual o grupo se confronta (SANTOS, 2014, p. 22).

Essa citação permite compreender não somente o potencial que Milton Santos apresenta a Geografia naquele momento sugerindo a formação sócio-econômica como categoria adequada para a formulação de uma teoria espacial, cabe destacar também, a nítida influência do marxismo em seu pensamento. “Aqui podemos afirmar, sem dúvida, que se tratou de um momento central em seus diálogos com a economia política, efetivado a partir da internalização da categoria marxista de formação econômico social” (GRIMM, 2011, p. 159). Como também escreveu Reis (2000):

É essencialmente dialética a forma como Milton Santos encaminha sua proposição, na medida em que, ao indagar-se “se é possível falar de FES sem incluir a categoria espaço” (Santos, 1977, p. 10), parte da constatação (tese) da ausência do espaço nas análises orientadas pela categoria FES. Ao explicitar, no desenvolvimento de sua proposta, que a categoria FES, por seus traços constitutivos, não pode prescindir da dimensão espacial (antítese), esse autor nega a ausência do espaço nas análises orientadas pela categoria FES e propõe, assim, uma síntese: a *formação socioespacial* (REIS, 2000, p. 42, aspas e itálicos no original).

A formação socioespacial pode ser compreendida a partir do entendimento geral das relações entre as sociedades e a natureza como estruturadas, justamente, sobre a formação econômica-social. Sendo assim, uma primeira aproximação sobre a operacionalização geográfica de formação econômica-social para a constituição de formação socioespacial pode ser entendida a partir da afirmação de que “[...] não há sociedade a-espacial. O espaço, ele mesmo, é social” (SANTOS, 2014, p. 22).

Para estabelecer tal afirmação, além da influência dos estudos espaciais de Henry Lefebvre, David Harvey, Edward Soja e outros, Milton Santos se aproxima da literatura marxista sobre o tema – em especial os italianos da *Crítica Marxista*²¹ – e, ao que indica, se dedica a entender o conceito formação econômica-social por suas características que permitem o conhecimento de uma sociedade em sua totalidade e concreticidade.

Aqui, a distinção entre modo de produção e formação social aparece como necessidade metodológica. O modo de produção seria o “gênero” cujas formações sociais seriam as “espécies”; o modo de produção seria apenas uma possibilidade de realização e somente a FES seria a *possibilidade realizada*. (SANTOS, 2014, p. 26).

Milton Santos, ao tornar evidente a indissociabilidade entre a categoria marxiana e a dimensão espacial na conjuntura de elaboração da categoria formação socioespacial, não se preocupa em fazer uso de uma definição específica de formação econômica-social – evitando o debate semântico já muito bem esclarecido por Emílio Sereni e citado pelo geógrafo. Mais apropriado é reconhecer que Milton Santos recorre a várias propriedades que permitem sua operacionalização na Geografia, mais especificamente, a dinâmica inclusa no conceito de formação, pois Milton Santos considera a dinâmica das sociedades em movimento no tempo e no espaço sob o ímpeto do desenvolvimento de suas contradições internas e, no estudo

²¹ Revista italiana fundada em 1963, ainda disponível on-line no link: <https://criticamarxista.net/>

dessa dinâmica, pode estar incluída a teoria da totalidade da formação sócio-econômica desenvolvida por Karl Marx enquanto forma de expressão concreta das relações entre a sociedade e a natureza que contornam o espaço geográfico. Pois, em tempos distintos, as diferentes formações sociais têm relações diferenciadas e a essência de tais nexos é o caráter dinâmico da formação, especialmente das relações sociais resultantes de determinado modo de produção. E, as relações sociais representam, na verdade, a concreticidade das relações entre componentes da formação econômico-social embutidas em localidades geográficas ou relações entre formações sociais totais.

Destacar a importância dada pelo geógrafo ao trabalho desenvolvido por Karl Marx significa que, pensar a evolução epistemológica da Geografia – a partir de, ou em Milton Santos – permite reconhecer alguns conceitos que são centrais na compreensão daquilo que se almeja como objeto de estudo geográfico: o espaço. Entretanto existem dicotomias conceituais que são aplicadas a Geografia e que se tornam metáforas e, como o próprio Milton Santos escreveu: “Conceitos em uma disciplina são frequentemente apenas metáforas nas outras, por mais vizinhas que se encontrem. Metáforas são *flashes* isolados, não se dão em sistemas e não permitem teorizações” (SANTOS, 2009, p. 32, *itálico no original*). Daí a necessidade da operacionalização para que determinado conceito ou categoria se torne aplicável à Geografia tendo em vistas a necessidade de delimitação de um *corpus* teórico próprio.

Milton Santos, no exercício constante de aprimorar sua teoria espacial publica em 1978 *Por um Geografia Nova. Da crítica da Geografia a uma Geografia crítica*. Nesse trabalho podemos ler que: “O ato de produzir é igualmente o ato de produzir espaço” (SANTOS, 2008, p. 202). Com essa afirmação Milton Santos aproxima ainda mais sua Geografia ao materialismo histórico e dialético pensando o espaço como um produto das relações sociais de produção e partindo para uma análise que irá superar reducionismos positivistas, idealistas e descricionistas sem renunciar ao ecletismo literário que lhe é característico (CONTEL, 2014).

É justamente esse enriquecimento literário que permite Milton Santos se aproximar do marxismo sem o enrijecimento comum a época de suas publicações sobre a categoria formação econômica-social. Porém, entendo que o peso do marxismo nesse momento é nítido em sua trajetória, ele se aproxima do embate sobre sobre os conceitos modo de produção e formação econômica-social dedicando fundamental importância para a concreticidade e a totalidade e, a partir daí, desenvolve sua teoria inserindo o espaço geográfico como

instância fundamental da materialidade geográfica para pensar a totalidade da formação socioespacial.

A concreticidade da formação econômica-social é enfatizada por Milton Santos²². Para ele, a formação econômica-social é indissociável do concreto e este é representado por uma sociedade histórica e geograficamente determinada, formulação essa baseada nos escritos de Karl Marx e Vladimir Lenin²³. Porém, a concreticidade da formação econômica-social não deve ser limitada ao empirismo. Uma interpretação nessa acepção acarretaria um enfoque espacialista, enquanto o concreto a que Milton Santos se refere em 1977 e 1978, constitui, de acordo com o que escreveu Richard Peet [...] “a base epistemológica da dialética socioespacial” (PEET, 1996).

A formação socioespacial aludi a apreciação da concreticidade de uma sociedade abarcando sua evolução, situação atual, mudança histórica e suas relações, em síntese, os processos que a envolvem como totalidade sendo esta uma realidade histórico-concreta, geograficamente localizada. Sendo, portanto, a base da explicação o ato de produção, onde o homem transforma o espaço. Nesse sentido está a importância da associação da noção de totalidade na elaboração do conceito de formação socioespacial que se relaciona ao espaço como uma instância social, na formação econômica-social.

[...] nenhum enfoque que deixe de lado a noção de totalidade permitirá uma correta noção da realidade. Por isso sugerimos uma melhor utilização do conceito de FES nos estudos geográficos e, mesmo, propusemos a introdução [...] da categoria de formação sócio-espacial (SANTOS, 2014, p. 25).

Em relação a totalidade, Milton Santos escreveu sobre a analogia dessa com o espaço geográfico e assevera que as formações sociais influenciam os períodos posteriores dos modos de produção.

O espaço reproduz a totalidade social na medida em que essas transformações são determinadas por necessidades sociais, econômicas e políticas. Assim, o espaço reproduz-se, ele mesmo, no interior da totalidade, quando evolui em função do modo de produção e de seus momentos sucessivos. Mas o espaço influencia também a evolução de outras estruturas e, por isto, torna-se um

²² Essa propriedade relaciona-se ao critério objetivo estabelecido por Karl Marx na *Introdução de 1857* para a construção de todo o modelo de análise fundamentado na categoria formação econômico-social.

²³ Milton Santos cita ambos os autores em sua publicação de 1977.

componente fundamental da totalidade social e de seus movimentos (SANTOS, 2014, p. 33).

A esse respeito, ainda escreve, com base em Emílio Sereni, que:

[...] a unidade da continuidade e da descontinuidade do processo histórico não pode ser realizada senão *no* espaço e *pelo* espaço. [...] A evolução da formação social está condicionada pela organização do espaço, isto é, pelos dados que dependem diretamente da formação social atual, mas também das formações econômico-sociais permanentes (SANTOS, 2014, p. 32, *itálicos no original*).

Essa propriedade da categoria formação econômica-social – totalidade – possui um papel central na operacionalização do conceito marxista no período de renovação da Geografia e é desenvolvida com maior riqueza de detalhes em 1978 ao escrever sobre formação social e renovação da Geografia identificando o poder dos agentes atuantes no controle do modo de produção capitalista na produção do espaço.

A noção de totalidade ganha agora uma nova importância e aparece mesmo como uma imposição do momento atualmente vivido pela história do sistema capitalista. Isso tem uma certa ironia, pois a noção assim revalorizada vai permitir uma tomada de consciência que não estava nos planos do sistema suscitar. Como, sem a noção de totalidade, explicar, por exemplo, que certos Estados sejam cada dia mais ricos e outros cada dia mais pobres? Como explicar, igualmente que, a despeito dos índices de crescimento econômico positivos e em certos casos reconfortantes, o volume de pessoas pobres esteja sempre aumentando? Como, ainda, explicar que nos países ricos, onde a mais-valia proveniente da superexploração desemboca de toda parte, o número de indivíduos sem emprego e de pobres cresça sem parar? (SANTOS, 2008, p. 236).

Considero, a partir desse ponto, que é aí que Milton Santos apresenta todo seu rigor científico e consegue operacionalizar geograficamente o conceito de formação econômica-social. Nos parágrafos que seguem a citação anteriormente exposta, o geógrafo demonstra seu potencial teórico, ao meu ver, com nitidez espantosa. Fazendo uso das duas propriedades centrais – concreticidade e totalidade – o geógrafo harmoniosamente detalha seu pensamento.

Esclarecendo sobre a materialidade das desigualdades escreve que essa realidade deve ser considerada como totalidade na qual há interdependência de todas as partes geradas pela desigualdade resultante da expansão do modo de produção capitalista, ou seja, a totalidade expressa sua materialidade, mas não se confunde, com o desenvolvimento desigual que cria, a cada momento, novas totalidades.

Tudo isso explica porque o estudo das Formações Econômicas e Sociais constitui o melhor ponto de partida para um tal enfoque, pois sendo, como são, uma categoria teórica, as F. E. S. Somente existem, no entanto, por causa dos seus aspectos concretos que permitem levar em conta a especificidade de cada sociedade (sua evolução particular, sua situação atual, suas relações internas e externas) tomada como uma realidade historicamente determinada, fundada sobre uma base territorial (SANTOS, 2008, p. 237).

Desses escritos, entendo, com base em uma importante contribuição de um artigo de Richard Peet publicado, também em 1978 – *Materialism, Social Formation and Socio-Spatial Relations: an Essay in Marxist Geography* – que estas especificidades – a concreticidade e totalidade – são produto e contexto de processos sociais particulares que permitiram a operacionalização do conceito marxista. As mesmas – concreticidade e totalidade – são ordenadas no espaço geográfico pelas relações de toda forma de formação econômica-social. E mais, elas têm certas semelhanças básicas, produzidas pela natureza fundamental do modo de produção capitalista que vai se materializar, exatamente, em determinada formação socioespacial.

A categoria de formação socioespacial é ainda trabalhada por Milton Santos em outros estudos, principalmente relacionados ao Brasil. Cabe recordar que Milton Santos e Maria Laura Silveira entendem a formação socioespacial como uma teoria das mediações entre a teoria social do espaço e o estudo teórico-empírico sobre o Brasil e suas diferenciações espaciais. Entendo que essa é a formulação que vai permitir a aproximação da Geografia com a tradição mais ampla do pensamento social brasileiro, pois essa forma de entender a formação socioespacial eleva a mesma à categoria de análise geográfica.

A atualidade do conceito de formação socioespacial

A aproximação da Geografia brasileira ao marxismo pode ser entendida a partir da proposta de Milton Santos de sua categoria analítica formação socioespacial. Porém, não sem considerar os embates teóricos que ocorrem no Século XX por movimentos ora mais enfáticos, ora mais tímidos, como por exemplo a Geografia Ativa da década de 1950, que orbitava em torno, sobretudo, de Pierre George. Outros geógrafos, aqui já citados, como Karl August Wittfogel, na Alemanha, e Massimo Quaini, na Itália, contribuíram de maneira geral para ampliar as ramificações marxistas na Geografia.

Mas, no Brasil das décadas de 1960 e 1970, quando da formação da Geografia crítica, foi o nome de Milton Santos que cintilou como referência a partir de seus artigos sobre países subdesenvolvidos, a formulação da categoria formação socioespacial e de sua publicação de 1978. Nesse sentido, a influência de Milton Santos pode ser notada no início da década de 1980 como no clássico publicado por Ruy Moreira – *A Geografia serve para desvendar máscaras sociais* – no qual o autor ressaltou a importância da reprodução das relações de classe para uma reprodução da própria formação espacial.

Coloca-se, aqui, a questão das articulações das instâncias de uma formação econômico-social e desta com a formação espacial em termos de totalidade. Dependendo da posição em que os homens se coloquem face aos meios de produção, as relações de produção serão relações sociais entre iguais ou entre proprietários e não proprietários, surgindo, neste segundo caso, uma estrutura social de classes sociais que comandará o processo global da formação econômico-social. Assim, numa formação econômico-social desse tipo, toda vez que no processo de reprodução se reproduzirem as relações de produção, estará na verdade com a reprodução destas se reproduzindo a estrutura de classes. (MOREIRA, 1982, p. 47).

Desde que foi publicado o artigo de 1977 muito se escreveu sobre a utilização da categoria formação socioespacial de Milton Santos. Ao que conheço, foi Ruy Moreira quem primeiro fez uso da categoria formação socioespacial. No artigo citado anteriormente Ruy Moreira, ao propor reflexões sobre uma teoria do espaço faz referência a formação socioespacial, partindo das referências de Karl Marx sobre a formação econômica-social, da seguinte maneira:

Vimos que o processo formador do espaço geográfico é o mesmo da formação econômico social. Por isso, tem por estrutura e leis de movimentos a própria estrutura e leis de movimentos da formação econômico-social. Podemos, com isso, doravante designar o que até agora chamamos de organização do espaço por formação espacial, ou formação sócio-espacial, como propôs Milton Santos. Confundindo-se com a formação econômico-social, a formação espacial contém sua estrutura e nela está contida, numa relação dialética que nos permite, através do conhecimento da estrutura e movimentos da formação espacial, conhecer a estrutura e movimentos da formação econômico-social, e vice-versa. Fato de fundamental importância ao estudo da formação espacial e da destinação desse estudo ao conhecimento da formação econômica-social. (MOREIRA, 1982, p. 3).

Entendo que Ruy Moreira segue as proposições de Milton Santos com algumas particularidades que não chegam a desvirtuar a proposição inicial. O que o autor aludido na

citação anterior propõe é que a formação socioespacial é um espaço produzido. Sendo que a produção do espaço pode ser confundida com a produção dos bens materiais necessários à sobrevivência dos homens e isso decorre do fato de que estes suprem suas necessidades convertendo a terra – na terminologia proposta por Karl Marx em *Os despossuídos* – em uma despesa privada. E esse fato permite com que Ruy Moreira também operacionalize a formação socioespacial ao indicar que o conhecimento desse processo é: “Chave da inserção da geografia e dos geógrafos no campo da teoria e prática da transformação social no sentido da resolução dos problemas mais candentes de nossa época, ao lado dos demais estudiosos sociais”. (MOREIRA, 1982, p. 3).

O autor segue seu texto e, assim como Milton Santos, apresenta a concreticidade e a totalidade como características principais que permitem a operacionalização do conceito formação econômico-social, para tanto, fundamenta seus argumentos em autores como – além de Karl Marx e Friedrich Engels – Pierre George, Henry Lefebvre e Marta Harneker²⁴.

Posteriormente, em uma conferência proferida na Universidade de São Paulo (USP), em 1982 – publicada na revista da AGB Borrador nº1 –, Ana Fani Alessandri Carlos e Sandra Lencione apresentam divergências sobre a maneira como Milton Santos interpreta a formação econômica-social.

[...] gostaríamos de frisar que a “FES” não pode nunca ser nacional como escreveu Althusser, Polantzas, Harneker, e no caso da Geografia, Santos, Klein e Lipietz. Ao contrário, a “FES” é supra-nacional, é uma Lei Geral que permite constatar a repetição e a regularidade, e de generalizar os sistemas para se chegar a uma concepção geral, ao mesmo tempo que generaliza e descobre relações e Leis Gerais, pode colocar em evidência especificidades e locais. Assim a “FES” define o concreto como uma totalidade que se refere à história da sociedade, mas define um momento apenas da história da humanidade e nesse sentido, constitui uma totalidade em um momento dinâmico, um processo. (CARLOS; LENCIONE, 1982, p. 16, *sic*).

Nesse artigo as autoras aparentemente desconsideram alguns postulados do próprio Karl Marx sobre a formação econômica-social. Não identifiquei nos escritos marxianos algo que possa ser considerado, como as autoras sugerem, uma lei geral. Conforme demonstrei na primeira parte desse ensaio, o conceito sempre foi pensado e aplicado para determinada

²⁴ Psicóloga, cientista política, escritora e ativista chilena conhecida como educadora popular seguidora de Louis Althusser e fez parte do governo socialista de Salvador Allende. Ver, por exemplo, *Os conceitos fundamentais do materialismo histórico dialético*.

forma de sociedade e é sabido, histórica e geograficamente, que foram, e ainda são, diversas as formas de organização social, ao menos no modo de produção capitalista e as desigualdades geradas por esse modelo de desenvolvimento, e isso dificulta compreender a formação econômica-social como generalizadora.

Desde os escritos de Karl Marx fica evidente a percepção de que a formação econômica-social, assim como a formação socioespacial, possui como unidade geográfica determinado Estado nacional, assim como escreveu Milton Santos em 1978. Sendo assim, fazer uso do poderio epistemológico da formação socioespacial pressupõe uma determinada proposta de análise de alguma realidade concreta nacional.

Armen Mamigonian escreveu em 1996 que o texto em que Milton Santos desenvolve a categoria formação socioespacial é: “[...] o mais importante texto teórico de Milton Santos [...] constitui o marco fundamental da renovação marxista da geografia humana atual” (MAMIGONIAN, 1996, p. 1). Em seu texto, Armen Mamigonian apresenta a possibilidade de estudar a formação econômica-social como modo de entender uma sociedade em sua totalidade, permitindo compreendê-la em suas especificidades de formação ou diferenciação com outras sociedades, portanto, reforçando a concepção de Milton Santos, e outros, de que espaço e sociedade se relacionam como produto e produtor. Os recortes históricos e geográficos, articulados entre si e a um contexto mais amplo possibilitam a revisão epistemológica, em especial na Geografia, para que as sociedades atuais sejam repensadas em suas novas formas de produção de capital bem como em suas crises e contradições.

No decorrer do desenvolvimento epistemológico da Geografia brasileira é novamente em Ruy Moreira que encontramos um exemplo mais atual da operacionalização da formação econômica-social conforme propôs Milton Santos. Em 2016 o geógrafo publica, *A Geografia do espaço-mundo: conflitos e superações no espaço do capital*. Nesse, o geógrafo retorna ao conceito de formação econômica-social e reitera o corte territorial do Estado como marco da formação socioespacial e a sua relação com as instâncias econômicas, políticas e culturais. Além disso, ressalta o papel das tensões na formação socioespacial a partir da centralização do Estado e das contradições da estrutura econômica da sociedade burguesa, sem esquecer, todavia, as tensões oriundas do avanço sobre formações socioespaciais extracapitalistas – mantendo o seu referencial em Rosa Luxemburgo, expresso nos confrontos de espaço e contraespaço em face das tentativas de dissolução da vida comunitária (MOREIRA, 2016).

Outros autores trabalharam com a categoria formação socioespacial ou utilizaram a formulação miltoniana como base teórica para as suas pesquisas empíricas, contudo, considero o esforço que Milton Santos empreendeu em cooperação com Maria Laura Silveira para produzir uma obra de fôlego sobre o Brasil a referência mais sólida da operacionalização do conceito marxiano (SANTOS, SILVEIRA, 2005). De acordo com Machado (2016), Milton Santos e Maria Laura Silveira estabeleceram:

[...] um sistema teórico coerente e que dialoga com a constelação de conceitos marxistas dos modos de produção, das instâncias sociais e da oposição entre o nível das forças produtivas e as relações de produção, por meio da relação entre formação socioespacial e meio geográfico. Definido a partir da intensidade do fenômeno técnico, o meio geográfico permite uma periodização das continuidades e descontinuidades da formação socioespacial: meio natural, sucessivos meios técnicos e meio técnico-científico-informacional estabelecendo-se como “épocas progressivas” da formação socioespacial. A divisão do trabalho, expressa territorialmente, conduz à diferenciação espacial dos subsistemas do espaço nacional (SANTOS, 1982b) e conforma o arranjo espacial de forma concreta segundo a realidade urbano-regional. Por fim, a formação socioespacial não pode ignorar os circuitos espaciais de produção e os círculos de cooperação, como bem lembra Maria Laura Silveira (2014). (MACHADO, 2016, p. 93).

Os estudos sobre a categoria formação socioespacial – em conjunto com aqueles que a utilizam – fornecem bases sólidas à introdução, cada vez mais necessária, de estudos geográficos para além da construção de modelos interpretativos do País, ou seja, estudos analíticos e críticos que se apropriem do sentido da dinâmica da formação socioespacial brasileira, como são os casos de Antônio Carlos Robert de Moraes, *Bases da formação territorial do Brasil. O território colonial brasileiro no “longo” Século XVI e Território e História no Brasil*, respectivamente de 1999 e 2000 e, novamente, Ruy Moreira, *Formação espacial brasileira: contribuição crítica aos fundamentos espaciais da Geografia do Brasil*, de 2014.

Para demonstrar a atualidade da utilização da categoria proposta por Milton Santos, além dos autores aqui citados, organizei a tabela 1 abaixo representada. Utilizei como instrumento metodológico o banco de teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) em dois períodos distintos, anteriormente e posteriormente a cria-

ção da Plataforma Sucupira, esse recurso metodológico permitiu identificar 15 teses que fazem uso da categoria proposta por Milton Santos em um período de dez anos (2008 – 2018) em todo território nacional²⁵.

Tabela 1: Teses que abordam a categoria formação socioespacial entre 2008 e 2018

Autor	Ano	Título	Universidade	Departamento
Jones Muradás	2008	A geopolítica e a formação territorial do Sul do Brasil	UFRGS	Geografia
Charles Antunes França	2008	A Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) - origens, idéias e transformações: notas de uma história.	UFF	Geografia
Jorge Chiapetti	2009	O uso corporativo do território brasileiro e o processo de formação de um espaço derivado: transformações e permanências na região cacauzeira da Bahia.	UNESP Rio Claro	Geografia
Madianita Nunes da Silva	2010	A dinâmica da produção dos espaços informais de moradia e o processo de metropolização em Curitiba.	UFPR	Geografia
Flávia Crishitna Andrade Grimm	2011	Trajectoria epistemológica de Milton Santos: uma leitura a partir da centralidade da técnica, dos diálogos com a economia política e da cidadania como práxis.	USP	Geografia
Zeno Soares Crocetti	2012	Formação socioespacial do Paraná.	UFSC	Geografia
Breno Viotto Pedrosa	2013	Entre as ruínas do muro: a história da geografia crítica sob a ótica da ideia de estrutura.	USP	Geografia
Danton Leonel de Camargo Bini	2014	Da formação socioespacial a diferenciação dos circuitos espaciais agropecuários da região de Araçatuba-SP.	USP	Geografia
Jailson de Macedo Souza	2015	Enredos da dinâmica urbano – regional sulmaranhense: reflexões a partir da centralidade econômica de Açailândia, Balsas e Imperatriz.	UFU	Geografia

²⁵ Fazendo uso das ferramentas de refinamento de resultados encontrei 250 teses que fazem uso da categoria formação socioespacial, seja no título, resumo ou palavras chave. As que constam na tabela são aquelas que considerei mais próximas do escopo desse ensaio. Não foi intenção desse autor desmerecer nenhum outro trabalho, apenas, pelas limitações de número de páginas, tive que selecionar algumas.

Zaqueu Luiz Bobato	2017	A fumicultura como parte integrante da formação socioespacial sul-brasileira: (des) caminhos e perspectivas futuras para os produtores e a região.	UFPR	Geografia
André Lima Souza	2018	Fortaleza metrópole distópica: formação socioespacial, conflitos territoriais e a produção do espaço transitório no Século XXI.	UFG	Geografia
Pablo Martin Bender	2018	A formação sócio-espacial da província de Santa-Fé (Argentina). Da época colonial às atuais dinâmicas produtivas.	UFSC	Geografia
Alexandre Rezende Tofeti	2018	As transformações nos usos do território pelas Unidades de Conservação no Brasil	UNB	Geografia
Claudio Smalley Soares Pereira	2018	A nova condição urbana: espaços comerciais e de consumo na reestruturação da cidade – Juazeiro do Norte/CE e Ribeirão Preto.	UNESP Presidente Prudente	Geografia
Ildo Rodrigues de Oliveira	2018	Formações socioespaciais e a indústria de calçados: a espacialidade das empresas de calçados esportivos no Brasil e na Argentina.	UFBA	Geografia

Organização: Guilherme Magon Whitacker, 2019

Fonte: CAPES. Banco de teses, 2019

Cabe ressaltar que, das teses aqui apresentadas, algumas não chegam a contextualizar a categoria formulada por Milton Santos, fazendo apenas uso da mesma como forma de atingir seus objetivos, ou seja, como recurso metodológico. Minha opinião é que isso ocasiona o reducionismo do debate geográfico sobre a mesma, pois, como procurei demonstrar, sua utilização como categoria analítica não é um debate encerrado na Geografia.

Considerações

Foi vivenciando o debate sobre geografia e marxismo na década de 1970, durante seu período de exílio, que Milton Santos apresentou à comunidade de geográfica internacional sua interpretação sobre a dialética espacial por meio da categoria formação socioespacial

e, considero, que foi dessa maneira que o geógrafo se aproximou ao marxismo. Ao operacionalizar o conceito formação econômica-social como teoria e método geográfico suas idéias permitiram a integração sofisticada do marxismo com teorias geográficas. Assim, foi estabelecida uma base epistêmica que possibilitou avanços na Geografia crítica a partir da década de 1970 tendo como nexos entre a Geografia miltoniana e o marxismo a capacidade de operacionalização por ele proposta.

Nesse ensaio, apesar de lacunas e de um certo sentido didático – de aproximar o leitor dessa importante categoria analítica – pude identificar avanços significativos a partir da construção teórica centrada na formação socioespacial. A operacionalização dessa categoria promove a integração do tempo e do espaço pela dinâmica, assim, aproximando a mesma da teorização sobre o espaço geográfico Milton Santos conseguiu, com sucesso, inserir na Geografia o debate marxista a partir da narrativa explícita que conferiu ao conceito formação econômica-social uma base espacial de maneira dialética. A formação socioespacial permite pensar o materialismo histórico e dialético também como geográfico.

Decorre daí a importância da conexão entre a categoria formação socioespacial e os conceitos modo de produção e espaço. O modo de produção percebido na empiricização do tempo por meio das formas espaciais – as rugosidades – permite identificar a condição desigual na produção do espaço. Portanto, os modos de produção passam a ter materialidade geográfica a partir do, e no, espaço definido a partir dos arranjos técnicos que individualizam distintas épocas não por o que se produz, mas sim como se produz. As sucessivas formações socioespaciais, derivadas dos modos de produção, indicam distintas formações socioespaciais, portanto, são as transições de um período a outro, atreladas a descontinuidades, que modificam o conteúdo da formação socioespacial.

Outro enfoque que pode ser observado na formação socioespacial é de cunho metodológico, já que – como propôs Milton Santos – como teoria das mediações a mesma permite a produção de periodizações da formação de determinados territórios e, ao ser entendida como totalidade, permite também a compreensão do território como condição e produto da atividade social como demonstraram, por exemplo, Prado Júnior (1970, 2011), Moares (1999, 2000) e outros. Além do mais, o estudo das partes e do todo da totalidade é fundamento imprescindível à compreensão da modernização seletiva.

Por fim, considero ainda que a operacionalização geográfica de Milton Santos pode ser situada na tradição marxista de interpretação de determinada materialidade. Nesse aspecto, a categoria formação socioespacial é fundamental e, se sua operacionalização não foi esgotada na obra de Milton Santos e outros geógrafos, ostenta ainda múltiplas possibilidades analíticas a serem exploradas. Abre-se, assim, uma agenda de pesquisa para que futuras investigações relativas a formação socioespacial afirmem, ou não, a mesma como teoria, método ou, ainda, uma técnica metodológica, dado seu entendimento como categoria analítica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AB´ SABER, Aziz. **Vinte e cinco anos de Geografia em São Paulo (1934-59)**. Boletim Paulista de Geografia n° 34. Associação dos Geógrafos Brasileiros: São Paulo, 1960.

AMIN, Samir. **O desenvolvimento desigual: ensaio sobre as formações sociais do capitalismo periférico**. Rio de Janeiro: Forense, 1976.

ANTUNES, Charles da França. **A Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) - origens, idéias e transformações: notas de uma história**. Tese de doutorado em Geografia, departamento de Geografia, UFF. Rio de Janeiro, 2008

ASSOCIAÇÃO DOS GEÓGRAFOS BRASILEIROS. **Teoria e método: Wittfogel**. Seleção de textos n° 20. São Paulo, 1992.

CARLOS, Ana Fani Alessandri; LENCIONE, Sandra. **A categoria “formação econômica da sociedade” na análise geográfica**. Revista Borrador, n°1. Associação dos Geógrafos Brasileiros. São Paulo. 1982.

CONTEL, Fábio Betioli. **Milton Santos**. In: Secco, Lincoln; Pericás, Luiz Bernardo. *Intérpretes do Brasil*. São Paulo: Boitempo. 2014.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Espaço: um conceito chave da Geografia**. In: CASTRO, Iná E. et al. (Org.). *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. São Paulo: Boitempo, 2015.

GRIMM, Flávia. **Trajetórias epistemológicas: uma leitura a partir da centralidade da técnica, dos diálogos com a economia política e da cidadania como práxis**. Tese de doutorado em Geografia, Departamento de Geografia. FFLCH-USP. São Paulo, 2011.

HARRIS, Laurence. Verbete. **Forças produtivas e relações de produção**. In: BOTTO-MORE, Tom. Dicionário do pensamento marxista. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

HEIDEMANN, Heinz Dieter. **Geopolítica, materialismo geográfico e marxismo: a crítica de Karl August Wittfogel**. Anais do XIII Encontro Nacional de Geógrafos. Associação dos Geógrafos Brasileiros. São Paulo, 1990.

HOBBSAWM, Eric. **Introdução**. In: MARX, Karl. Formações econômicas pré-capitalistas. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1985.

JOHNSTON, Adrian. **Juntando os pedaços de Lênin. Hegelianismo e materialismo dialético - uma digressão histórica**. Crise e crítica. Outubro de 2017. Disponível em: http://criseecritica.org/wp-content/uploads/2017/12/Revista-Crise-e-Cr%C3%ADtica-Completa-v1_n1-REV-A.pdf. Acesso em 18/05/2019.

LENIN, Vladimir. **O desenvolvimento do capitalismo na Rússia**. São Paulo, Abril Cultural, 1982.

LENIN, Vladimir. **Quem são os amigos do povo e como lutam contra os social-democratas**. In: LENIN, Vladimir. Obras completas t. 1. Moscou: Progreso, 1981.

MACHADO, Thiago Adriano. **Da formação social em Marx à formação socioespacial em Milton Santos: uma categoria para interpretar o Brasil?** Revista *GEOgraphia* - Ano. 18, Nº 38. 2016

MAMIGONIAN, Armen. **A Geografia e “a formação social” como teoria e método**. In: SOUZA, Maria Adélia. O mundo do cidadão, um cidadão do mundo. São Paulo: Hucitec, 1996.

MARX, Karl. **Os despossuídos**. São Paulo: Boitempo, 2017.

MARX, Karl. **Miséria da filosofia**. São Paulo: Boitempo, 2016.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política. Livro 1. O processo de produção do capital**. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, Karl. **18 brumário de Luis Bonaparte**. São Paulo: Boitempo, 2011a.

MARX, Karl. **Grundrisse. Manuscritos econômicos de 1857 – 1858: esboços da crítica da economia política**. São Paulo: Boitempo, 2011b.

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MARX, Karl. **A Vera Zasulitchi: primeiro rascunho fevereiro-março de 1881**. Disponível em: <https://lahaine.org/amauta/b2-img/marxzasulichcartas.pdf>. Acesso em 12/05/2019.

- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto comunista**. São Paulo: Boitempo, 2017.
- MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã. Crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes, Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas**. São Paulo: Boitempo, 2012.
- MORAES, Antônio Carlos Robert de. **Bases da formação territorial do Brasil. O território colonial brasileiro no “longo” Século XVI**. São Paulo: Hucitec, 1999.
- MORAES, Antônio Carlos Robert de. **Território e História no Brasil**. São Paulo: Anna-blume, 2000.
- MOREIRA, Ruy. **A Geografia do espaço-mundo: conflitos e superações no espaço do capital**. Rio de Janeiro: Consequência, 2016.
- MOREIRA, Ruy. **A formação espacial brasileira: contribuição crítica aos fundamentos espaciais da Geografia do Brasil**. Rio de Janeiro: Consequência, 2014.
- MOREIRA, Ruy. **A Geografia serve para desvendar mascaras sociais**. In: MOREIRA, Ruy (Org.). *Geografia: teoria e crítica. O saber posto em questão*. Petrópolis: Vozes, 1982.
- MORGAN, Lewis. **A Sociedade Primitiva**. Lisboa: Presença, 1973.
- PEDROSA, Breno Viotto. **O périplo do exílio de Milton Santos e a formação de sua rede de cooperação**. *História, ciência, saúde-Manguinhos*. 2018, vol.25, nº 2, 429 – 448. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010459702018000200429&script=sci_arttext. Acesso em 23/04/2019.
- PEDROSA, Breno Viotto. **Karl August Wittfogel: um geógrafo comunista na escola de Frankfurt**. *Terra Brasilis. Revista brasileira de história da geografia e geografia histórica*. Nº 5, 2015. Disponível em: <https://journals.openedition.org/terrabrasilis/1441>. Acesso em 08/06/2019.
- PEDROSA, Breno Viotto. **Entre as ruínas do muro: a história da geografia crítica sob a ótica da ideia de estrutura**. Tese de doutorado em Geografia, FFLCH-USP. São Paulo, 2013.
- PEET, Richard. *Materialism, social formation and socio-spatial relations: an essay in Marxist Geography*. *Cahiers de géographie du Québec*. 1978. 22 (56). 147 – 157. Disponível em: <https://www.erudit.org/en/journals/cgq/1978-v22-n56-cgq2629/021390ar.pdf>. Acesso em 14/05/2019.
- PRADO JUNIOR, Caio. **Formação do Brasil contemporâneo. Colônia**. São Paulo: Companhia das letras, 2011.
- PRADO JUNIOR, Caio. **História Econômica do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1970.

REIS, Luis Carlos Tosta dos. **Por uma concepção dialética do espaço: o conceito de formação espacial em Milton Santos**. GEOGRAFARES, Vitória, v. 1, no 1, jun. 2000. Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/geografares/article/viewFile/1164/876>. Acesso em 21/04/2019.

RIBEIRO, Darcy. **Etapas da evolução sociocultural**. São Paulo: Companhia das Letras, 1968.

SANTOS, Milton. **Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método**. In: Santos, Milton. Da totalidade ao lugar. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço. Técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia nova. Da crítica da Geografia a uma Geografia crítica**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SANTOS, Milton. **Alguns problemas atuais da contribuição marxista à geografia brasileira**. In: SANTOS, Milton (Org.). Novos rumos da Geografia brasileira. São Paulo: Hucitec, 1981.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil. Território e sociedade no início do Século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SERENI, Emílio. **De Marx a Lênin: a categoria de “formação econômica-social”**. Tradução de Nathan Belcavello de Oliveira. Revista Meridiano. Nº 2. 2013. Disponível em: <http://www.revistameridiano.org/n2/17>. Acesso em 28/05/2019.

TIBBLE, Jean. **Marx e os outros**. Revista Lua Nova. São Paulo, nº 91, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ln/n91/n91a08.pdf>. Acesso em 19/06/2019.

Sobre o autor

Guilherme Magon Whitacker

Possui curso técnico em meio ambiente (SENAC), graduação em Direito pela Universidade do Oeste Paulista UNOESTE (2001), especialização em Direito Ambiental pela Universidade Federal de Pelotas - RS - UFPel (2003), mestrado (2012) e doutorado (2017) em Geografia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) - Presidente Prudente-SP. Atualmente realiza Pós-Doutorado no Instituto de Políticas Públicas e Relações Internacionais (IPPRI) da UNESP-SP, desenvolvendo pesquisa sobre a mineradora Vale S.A. em Moçambique. Possui experiência na área de docência em Direito Ambiental, Direito Agrário e Filosofia do Direito; Pensamento Geográfico, Geopolítica e Geografia Agrária. Atua principalmente nos seguintes temas: capitalismo, mineração questão agrária, desenvolvimento sustentável. Linha de pesquisa - Desenvolvimento Territorial; área de concentração, Geografia Agrária. Pesquisador vinculado aos seguintes grupos: NERA - Núcleo de estudos, pesquisas e projetos em reforma agrária (UNESP / FCT); Grupo de pesquisa Cátedra UNESCO de Educação do Campo e Desenvolvimento Territorial (UNESP / IPPRI); GIECRYAL - Grupo Interdisciplinário

de Estudios Críticos y de América Latina (Universidad de Alicante - Departamento de Geografía Humana - Espanha).

Como citar esse artigo

WHITACKER, G. M. A Operacionalização do conceito formação econômica-social: O Nexo entre o Marxismo e a Geografia de Milton Santos. **Revista Geografia em Atos** (Geoatos online), v. 13, n. 06, p. 47-75, 2019.

Recebido em: 04/08/2019

Aceito em: 13/19/2019

TERRITORIALIDADE E MOBILIDADE: O NIKKEI COMO PROFISSIONAL LIBERAL MÉDICO²⁶.

Adriano Amaro de Sousa
Escola Técnica Estadual (ETEC)
adramaro@yahoo.com.br

Resumo

O presente artigo procurou compreender a territorialidade e a mobilidade dos profissionais liberais *nikkeis* médicos no município de Presidente Prudente/SP. Para tanto, os aspectos metodológicos estão balizados pelos depoimentos orais dos *nikkeis* descritos na literatura especializada da ciência geográfica. Todavia, na primeira parte do artigo, iremos tratar do conceito de territorialidade articulado com as relações de sociabilidade dos japoneses e seus descendentes no Brasil, visando compreender a mobilidade das famílias nipônicas. Já na segunda parte, buscaremos traçar o percurso da mobilidade espacial e social dos *nikkeis* profissionais liberais médicos, tendo como estudo de caso a trajetória (vida, estudos e profissão) de três médicos: o dr. Sizuvo Yamada, o dr. Tadashi Uchida e o dr. Neiw Yamada. Assim, o dr. Sizuvo Yamada não era originário de Presidente Prudente/SP, mas escolheu essa cidade para empreender, trabalhar e morar. Porém, no caso dos doutores Tadashi Uchida e Neiw Yamada ambos têm Presidente Prudente/SP como lugar de origem e são filhos da classe média/alta local, terminaram a faculdade/residência e, paulatinamente, retornaram ao município natal como médicos para assumir os negócios da família.

Palavras-chave: territorialidade, mobilidade, família, *nikkei* e Presidente Prudente/SP.

TERRITORIALITY AND MOBILITY: NIKKEI AS A MEDICAL LIBERAL PROFESSIONAL

Abstract

This article sought to understand the territoriality and mobility of nikkei medical professionals in the municipality of Presidente Prudente/SP. To that end, the methodological aspects are marked by the oral statements of the nikkei described in the specialized literature of geographic science. However, in the first part of the article, we will deal with the concept of territoriality articulated with the social relations of the Japanese and their descendants in Brazil, in order to understand the mobility of Japanese families. In the second part, we will try to trace the spatial and social mobility path of medical professional nikkei, having as a case study the trajectory (life, studies and profession) of three physicians: dr. Neiw Yamada, dr. Sizuvo Yamada and dr. Tadashi Uchida. Thus, dr. Sizuvo Yamada did not originate from Presidente Prudente/SP, but chose this city to undertake, work and live. However, in the case of the doctors Tadashi Uchida and Neiw Yamada both have Presidente Prudente/SP, as their

²⁶ Doutor em Geografia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP/FCT), sob a orientação do Prof. Dr. Eliseu Savério Sposito. Este artigo é o resultado parcial da tese intitulada “Território e mobilidade social: o *nikkei* como profissional liberal no município de Presidente Prudente/SP”. Professor da ETEC Albert Einstein e professor da FATEC de Itaquaquecetuba. Email: adramaro@yahoo.com.br.

place of origin and are children of the local middle/upper class, have finished college/residency and have gradually returned to their hometown as doctors to assume the family business.

Keywords: territoriality, mobility, family, nikkei and Presidente Prudente/SP.

TERRITORIALIDAD Y MOVILIDAD: NIKKEI COMO PROFESIONAL MÉDICO LIBERAL

Resumen

Este artículo buscado para entender la territorialidad y movilidad de los médicos de nikkei médicos en la sede de Presidente Prudente/SP. Para que el end, los criterios metodológicos se señalan por las instrucciones verbales del nikkei descrito en los estudios especializados de la ciencia geographic. Sin embargo, en el primer párrafo del artículo, nos referimos al concepto de territorialidad articulado con las relaciones sociales de los japoneses y sus descendientes en el Brasil, para comprender la movilidad de las familias japonesas. En la segunda parte, trataremos de trazar el espacio y la movilidad social de la movilidad de los profesionales de la medicina nikkei, teniendo en cuenta la situación de la trayectoria (de la vida, los estudios y los profesionales) de los tres físicos: dr. Neiw Iamada, dr. Sizuvo Iamada y dr. Tadashi Uchida. Entonces, dr. Sizuvo Iamada did not originate de Presidente Prudente/SP, pero elegida esta ciudad para que, en vivo y en directo. Sin embargo, en el caso de los Tadashi Uchida y Neiw Iamada ambos tienen Presidente Prudente/SP, sus lugares de origen y son niños de la media/clase media, han terminado de la escuela/residencia y han vuelto a regresar a su ciudad natal las médicas a cargo de la familia de negocios.

Palabras-clave: territorialidad, movilidad, familia, nikkei y Presidente Prudente/SP.

Introdução

Não, ele passou a ser exclusivo para o estudo,
assim “esse vai ser doutor”.
(Neiw Iamada, sansei e médico)

A mobilidade espacial dos profissionais liberais *nikkeis*²⁷ pela territorialidade tem na educação à motivação para os múltiplos deslocamentos, que perpassam por alguns municípios estratégicos (família, colônia, escola e pensão), no intuito de oferecer o ensino ao *nissei* e *sansei*, já que o município de origem não possuía o curso ginásial²⁸ e o colegial²⁹. E muito menos o cursinho preparatório para o vestibular que geralmente era localizado nos grandes

²⁷ De modo geral, as gerações de nipo-brasileiros constituídas no país deram-se pelas seguintes características: *issei* (1º geração), *nissei* (2º geração), *sansei* (3º geração) e *ionsei* (4º geração). Os *nikkeis* são todas as gerações nascidas no Brasil: *nissei*, *sansei* e *ionsei*. Já o *issei* é o imigrante japonês no Brasil e toda a raiz geracional deriva dele.

²⁸ Os entrevistados *nikkeis* chamam de ginásio a antiga 5º, 6º, 7º e 8º série de antigamente. O que se refere hoje ao ciclo II do Ensino Fundamental I.

²⁹ O colegial se equivale ao Ensino Médio atual.

centros urbanos (São Paulo/SP, Rio de Janeiro/RJ e Curitiba/PR). Coube aos *isseis* depois da II Guerra Mundial estimular as famílias que se reterritorializaram no Oeste Paulista para o estudo dos filhos, sobretudo, após a compra de um lote de terra rural ou de um pequeno comércio na cidade. De modo geral, os *isseis* procuravam investir na educação vislumbrando a possibilidade dos filhos galgarem o título de doutor conquistando prestígio econômico e social na sociedade receptora.

Normalmente, os estudantes *nikeis* partiam das regiões de origens (Alta Noroeste, Alta Paulista e Alta Sorocabana³⁰) para se prepararem para as carreiras liberais especializadas nos segmentos de advocacia, de arquitetura, de engenharia, de medicina e de odontologia. Dirigindo-se para as cidades médias e grande(s) em busca de concluir os estudos e entrarem em uma universidade renomada e pública. Enquanto isso a família nipo-brasileira permanecia no trabalho da lavoura ou do comércio, após a estabilidade com a posse da propriedade rural/urbana, possibilitando aos *isseis* criarem vínculos nesse novo território. E a partir desse contexto de estabilidade/permanência³¹ que quem passou a ter mais mobilidade na família nipo-brasileira foi o filho *nikei* escolhido para o estudo.

Assim, o presente artigo procurou compreender a territorialidade e a mobilidade dos profissionais liberais *nikeis* médicos no município de Presidente Prudente/SP. Na primeira parte do artigo, iremos tratar do conceito de territorialidade articulado as relações de sociabilidade dos japoneses e seus descendentes no Brasil, visando compreender a mobilidade das famílias nipônicas. Já na segunda parte, buscamos traçar o percurso da mobilidade espacial e social dos *nikeis* profissionais liberais médicos, tendo como estudo de caso a trajetória (vida, estudos e profissão) de três médicos: o dr. Neiw Yamada, o dr. Sizuo Yamada e o dr. Tadashi Uchida. Ademais, apresentamos neste artigo uma nota introdutória e de conclusão.

Territorialidade e Mobilidade.

³⁰ Esta regionalização do Estado de São Paulo se caracterizou pelo traçado da linha férrea no período de migração intensa dos japoneses no Oeste Paulista.

³¹ A análise geográfica desse fenômeno como, nos propõe(m) Sorre (1984), procura compreender o conceito de permanência quando ocorre o equilíbrio/estabilidade entre habitat e recurso. Assim, “o estudo dos vínculos entre homem e meio – as ações, relações, interações – explica o fenômeno do arraigamento” (SORRE, (1984 p. 127). Sendo o ecúmeno a expressão de apropriação e de solo habitável, transformada pela ação do homem se configurando em espaço geográfico, dando possibilidades de territorialização aos migrantes no território.

A mobilidade populacional tem nas relações sociais efetivadas no território a dinâmica dos acontecimentos motivada pelos movimentos da vida que afluem e animam o território. Esses movimentos são exercidos pelos sujeitos (indivíduos ou grupos) nas experiências cotidianas de deslocamentos e de permanências atrelados às interações existenciais e de produção. Para Raffestin (1993, p.13), *“a existência é tecida por relações, é um vasto complexo relacional”*. Tal complexo relacional tem sustentação no poder e na coexistência a partir da abordagem multidimensional da produção territorial deixando híbridas as formas de mobilidades (espacial/social).

Nessa perspectiva, os homens e as mulheres são seres sociais em movimentos que articulam em coletividade pelas relações familiares multilaterais no espaço-tempo, em consonância, com a relação sociedade-natureza. É pela territorialidade que vislumbramos a possibilidade da construção da mobilidade nos arrolamentos diários. Pois a mobilidade pela territorialidade tem centralidade no nosso ser gerando interlocução com outros indivíduos, logo ocasionando interações socioespaciais³², conforme Raffestin nos assevera:

[...] A vida é constituída por relações, e daí a territorialidade pode ser definida como um conjunto de relações que se originam num sistema sociedade-espaço-tempo em vias de atingir a maior autonomia, possível, compatível com os recursos do sistema. [...] tudo reside na relação concebida com o processo de troca e/ou comunicação. Processo que precisa de energia e da informação. [...] Se ganhos e custos se equilibram, as relações são simétricas, do contrário são dissimétricas (RAFFESTIN, 1993, p. 161).

A territorialidade em Raffestin (1993) tem no espaço político e na autonomia dos sujeitos os elementos que efetivam as redes de circulação e as redes de poder, que são expressas no território pelas relações sociais habituais, dadas por meio das práticas familiares socioespaciais. Desse modo, cada território produz uma territorialidade ímpar, determinado pelas condições de apropriação e de dominação do lugar, cujas particularidades se manifestam nas forças predominantes que mediam às formas de produção-circulação-consumo. Logo as forças econômicas e sociais (internas/externas) se apresentam de forma diferente em cada espaço geográfico, dando ênfase às particularidades do território, pelas territorialidades tecidas historicamente no lugar por um grupo social.

³² *“As interações espaciais constituem um amplo e complexo conjunto de deslocamento de pessoas, mercadorias, capital e informação sobre o espaço geográfico. Podem apresentar maior ou menor intensidade, variar segundo a frequência de ocorrência e, conforme a distância e direção, caracterizar-se por diversos propósitos e se realizar através de diversos meios e velocidades”*. (CORRÊA, 1997. p. 279)

Nesse sentido, Saquet (2007) considera que as relações sociais banais (vivido/cotidianas) e complexas (produção e classes sociais) do território compõem o quadro híbrido da territorialidade no movimento do acontecer pelas famílias, sendo que corroboramos com a reflexão síntese de que,

A territorialidade é o acontecer de todas as atividades cotidianas, seja no espaço do trabalho, do lazer, da igreja, da família, da escola etc., resultado e determinante do processo de produção de cada território, de lugar; é múltipla, e por isso, os territórios também o são, revelando a complexidade social e, ao mesmo tempo, as relações de dominação de indivíduos ou grupos sociais com uma parcela do espaço geográfico, outros indivíduos, objetos e relações. (SAQUET, 2007, p. 125).

Portanto, a espacialização dos homens e das mulheres nos afazeres das práticas corriqueiras do dia-a-dia em qualquer espaço banal se aproxima, ora de uma territorialidade e mobilidade que visa à sobrevivência, ora de uma territorialidade e mobilidade que aponta à afetividade. Sendo que está última tem centralidade no campo das relações de proximidade-intimidade-vizinha e permaneceu formatada dentro de um território simbólico-cultural na escala do lugar (pertencimento-identidade). Por sua vez, as relações familiares via territorialidade coadunam os aspectos da sobrevivência e da afetividade que pode ser apreendida aqui pela da mobilidade dos *nikkeis*.

Doravante, a territorialidade das relações sociais engendradas no ambiente de trabalho e na dinâmica dos negócios tem relevo no jogo de apropriação e de estratégia formulada na seara da dominação política assentada na contradição capital e trabalho típico do capitalismo contemporâneo. Conforme Saquet (2007), a dimensão política na territorialidade está presente no território, tanto no espaço banal dos homens quanto nos territórios produtivos do capital, pois é pela territorialidade que o acontecer da organização social e da luta de classes, se faz emergir a conquista da cidadania e da gestão participativa. Enquanto o sujeito não encontrar um território de possibilidades (abrigo, moradia, reprodução social, educação e cidadania) esta condicionada a mobilidade do capital. De modo geral, é pela territorialidade que promovemos um desenvolvimento territorial familiar. Tal desenvolvimento ocorre a partir da abordagem territorial,

Há uma combinação de territorialidades e temporalidades, de mudanças de descontinuidades, no tempo e no espaço, através do trato da processualidade histórica e transescalar que denomino de articulação territorial, em consonância com os autores Arnaldo Bagnasco e Giuseppe Dematteis:

Nesse sentido, a abordagem territorial combustancia-se numa das formas para se compreender a miríade de processos, redes, rearranjos, a heterogeneidade, contradições, os tempos e os territórios de maneira a contemplar a (i)materialidade do mundo da vida. (SAQUET, 2007, p. 131).

Dialeticamente o conceito de territorialidade esta atrelado ao conceito de temporalidade, porque as relações sociais são demarcadas no espaço e no tempo, pela interação social cotidiana e complexa da temporalidade. Já a temporalidade pode ser considerada histórica cujas periodizações dos elementos têm caráter de produção territorial, sendo que visualizamos nela as mudanças e as permanências dos lugares, com os tempos lentos e rápidos apreendidos em Santos (2009). Nesse sentido, a territorialidade familiar *“está presente em nossa vida diária e faz parte do processo de apropriação e produção do território considerando-se os processos econômicos, políticos e culturais”* (SAQUET, 2007, p. 131).

Sucintamente, Haesbaert (2004) define que a territorialidade humana pode ser lida a partir de Raffestin (1993) como uma abstração teórica que se faz inteligível do território, pois tem tanto um significado material (domínio físico) como um significado imaterial (domínio simbólico, ideológico), ambas as abstrações sempre estão pautadas na dimensão do espaço vivido. Talvez a territorialidade também possa ser compreendida como uma concepção “mais ampla” do que território, pelo fato de ser atributo do território e condição para sua efetivação, sendo a territorialidade uma aproximação do sinônimo de “produção territorial” simbólica e concretamente (HAESBAERT, 2004). Tomaremos aqui como sentido da noção de territorialidade as relações no domínio do espaço vivido e suas articulações banais e complexas na efetivação do território pela dinâmica da territorialidade familiar japonesa e dos seus descendentes.

Nessa perspectiva, a territorialidade familiar da imigração japonesa para o Brasil pode ser dividida em três temporalidades, conforme Saito (1961). A primeira fase está relacionada aos primeiros anos de vida (1908-1923) foi caracterizada por uma estratégia de trabalho temporário de uma imigração de curta duração. Já a segunda fase (1924-1941) correspondeu a uma fase posterior marcada pelas mudanças quanto ao tempo de permanência no Brasil e pode ser denominada como estratégia de trabalho temporário de uma imigração de longa duração. A última fase (1952-1963) descreveu à fixação definitiva dos imigrantes japoneses e seus descendentes no Brasil, porque no pós-guerra (1939-1945) alguns dos nipônicos se tornaram sitiantes/comerciantes, porém seus filhos já estavam integrados à vida no Brasil. Para Ennes (2001), o total de imigrantes japoneses que entraram no país foram 234.636, sendo

que a primeira fase representou 13% desse total, já a segunda foi mais significativa em contingente populacional corresponde 67% e, por último, a terceira fase significou 19% dessa amostra. Ademais, visualizamos o entendimento da territorialidade e da mobilidade dos *nikkeis* neste artigo pela estrutura familiar cooperativa, pelo papel do filho primogênito, pela possibilidade de mobilidade (espacial/social) e pelas gerações dos nipônicos no país.

Portanto, na estruturar familiar nipônica era o filho primogênito que tinha obrigação de proteger os bens da família, ou seja, o que ficava com a herança econômica e cultural da família, resquícios de uma territorialidade trazida do Japão e que permaneceu aqui no Brasil (CARDOSO, 1998). Já os outros filhos eram obrigados a saírem para as cidades, migrando para o exterior ou indo para guerra lutar como soldados no Sudeste Asiático. O primogênito tinha privilégio e obrigação com a família e com os antepassados. Entretanto, foi a partir da Constituição japonesa de 1890, que foram resolvidos os problemas de afastamento dos membros da família, destinado para a mobilidade da força do trabalho. Para Sakurai (2007), essa ruptura mexeria com as obrigações e valores do grupo doméstico nipônico, em que a mobilidade, de certo modo, não era mais um desacato a autoridade do “pai” e os indivíduos estavam livres para trabalharem na cidade e no exterior.

Desse modo, o governo brasileiro visualizava a imigração familiar japonesa como uma unidade de parentesco e de trabalho. Aliás, a lógica capitalista na época era de que a vinda de mais de um indivíduo era fundamental para o trabalho na lavoura, por isso o grupo familiar era indispensável. Foi percebendo-se como um grupo cooperativo que os imigrantes puderam manter vivo certos padrões tradicionais japoneses que facilitaram, posteriormente, o processo de integração e ascensão social (CARDOSO, 1998).

Assim, a territorialidade da família japonesa no Brasil apresentava costumes de sociabilidade tipicamente nipônica: obediência, dedicação e submissão. Nela os padrões familiares continuariam a ser regido pelo chefe da família visando à coletividade. Os japoneses deixaram o Japão na fase do Estado-militar-família e trouxeram consigo costumes residuais das relações sociais feudais aqui para o país. Alguns desses traços podem ser visualizados na mobilidade espacial e social dos profissionais liberais *nikkeis* médicos.

A mobilidade espacial e social dos *nikkeis* profissionais liberais médicos.

No Brasil, a dinâmica de mobilidade espacial e social dos nipônicos aconteceu inicialmente quando eles se tornaram sitiante e se organizaram em associações nipo-brasileiras, configurando territórios e redes técnicas/sociais³³ no Oeste Paulista, procurando se territorializar de vez no país receptor. Essa territorialização foi assentada dentro da lógica do modo de produção capitalista, quando adquiriu sua pequena propriedade rural ou montou seu pequeno comércio, posteriormente estabilizado passou a investir na educação dos filhos. Tal educação dos filhos é o estopim para a mobilidade dos *nikkeis* na busca por se tornar um doutor (profissional liberal urbano).

Foi a partir desse contexto de estabilidade/permanência³⁴ que quem passou a ter mais mobilidade na família nipo-brasileira foi o filho *nikkei* escolhido para o estudo, como no caso do médico nissei o Sr. Sizuvo Yamada que nos narrou esse fato com bastante clareza e consciência:

Meu pai, por exemplo, veio para se instalar no Brasil. Procurou educação e tudo isso. E prometia assim para gente “olha, quando eu puder vou fazer vocês estudarem, porque eu quero que tenha muitos doutores na família. Viu”. E nesse intuito, sabe, acabou chegando a minha vez. Porque meus irmãos tinham também a vontade de estudar, mas não conseguiam essas facilidades para poder sustentar. Quando chegou à minha vez. Minha família já tinha o suficiente para arcar com isso. E me mandar estudar. (ENTREVISTA, DR. SIZUVO IAMADA, 14/09/18)

Portanto, o filho escolhido para se dedicar a educação da família Yamada competiu ao quarto filho dentre os outros cinco irmãos (Yassu, Fumio, Katsui e Mitsuko) tendo o

³³ Para Santos (2009), existem duas matrizes de redes: a) as redes técnicas são todas as infraestruturas que permite o transporte de matéria por pontos terminais; b) já a rede social compreende as pessoas, mensagens e valores. Nesse sentido, a rede é uma mera abstração criada pelo homem estimulando a produção e circulação, não sendo uniforme em todos os espaços. “E onde as redes existem, elas não são uniformes. Num mesmo subespaço há uma superposição de redes, que inclui redes principais e redes afluentes ou tributárias, constelações de pontos e traçados de linhas. Levando em conta o seu aproveitamento social, registram-se desigualdades no uso e é diverso o papel dos agentes no processo de controle e de regulação do seu funcionamento” (SANTOS, p. 2009, 268).

³⁴ Para tanto, compreendemos a mobilidade na geografia pelo território e pelas redes/objetos técnicos articulado com o trabalho (a informação/comunicação e energia) em Raffestin e o meio técnico-científico-informacional de Santos. Já a ascensão social/vertical na mobilidade territorial está assentada no uso do conceito de Pastore de que a mobilidade social ocorre por melhores oportunidades de rendimentos. Desse modo, a TDR de Raffestin (1994) se faz necessária para o assentamento/arraigamento do migrante no território, sendo que o conceito de permanência tem relevo na territorialização (político e econômico em Raffestin, Saquet) e a sua efetivação espaço-temporal advém da estabilidade/equilíbrio do homem ao meio (via permanência no ecúmeno de Sorre e abrigo/segurança em Gottman) dado pelo modo de produção vigente no lugar, ocasionando melhores condições de reprodução/sobrevivência social e biológica dos *outsiders*. Contudo, as TDR's (territorialização, desterritorialização e reterritorialização) não estão explícitas no artigo de forma direta, mas é contemplado indiretamente pelo conceito de territorialidade, trabalhado nas suas relações sociais cotidianas oriundas pelas TDR's pelos aspectos político, econômico, social, cultural e natureza na produção do espaço geográfico.

privilégio de estudar. Nesse sentido, o sr. Sizuvo foi o primeiro filho nascido no Brasil em 1932, pois seus pais vieram do Japão com três filhos, desembarcando em 1929 no porto de Santos, logo em seguida se dirigindo para o povoado denominado de Nicolândia/SP. Tal povoado se configurou no atual município de Bilac/SP situado na região Noroeste do Estado de São Paulo. Local em que a família arrendou terras e, posteriormente, comprou uma pequena propriedade no bairro rural Barreiros, para continuar trabalhando com a lavoura de café e de algodão.

As famílias nipônicas no país, em especial a família Yamada, se deparam com uma situação nova que era a escolha do filho que teria a oportunidade estudar, enquanto o restante da família trabalhava para garantir o sucesso desse projeto familiar, sendo que o filho escolhido migrava para outros municípios onde o estudo era ofertado e mais consolidado, almejando ser doutor. Migrar para o estudante *nikei* significava se distanciar espacial e afetivamente da família, sendo que desde criança tinha a responsabilidade de se destacar no ensino, para obtenção do título de letrado. Não sendo uma missão fácil para o estudante nipo-brasileiro pelas expectativas depositadas nele. Logo, a família sonhava com o título de doutor do filho escolhido, na perspectiva de atrair o dinheiro e a visibilidade social, dando notoriedade para o sobrenome da família no lugar de origem do *nikei*.

No início raramente as filhas eram escolhidas, mas com o passar do tempo e da melhoria nas condições financeiras da prole, lá pelos idos das décadas de 1970/80, as filhas e os outros membros da família também tiveram a oportunidade de finalizar o ensino básico. Todavia, apenas alguns deles/delas cursariam o ensino superior na cidade natal ou em outros lugares, se colocando prontamente em mobilidade espacial para o estudo e para a carreira profissional, exceto o filho mais velho que continuou no seio da família.

Conforme Cardoso (1998), o que permaneceu razoavelmente por um tempo na tradição japonesa de algumas famílias era obrigação do filho mais velho de cuidar da herança econômica/cultural da prole e de ficar junto aos pais na lida do campo ou do comércio. Por tal obrigação, o irmão mais velho do dr. Sizuvo (2018), o sr. “*Yassu se formou depois, ele não pode usufruir assim dos estudos em nível superior, porque ele teve que tomar conta da propriedade*”. Tanto o sr. Yassu quanto as suas irmãs fizeram somente o primário básico rural, bem mais tarde já no espaço urbano cursaria o ginásio e o colegial no pequeno município de Bilac/SP, dando a oportunidade dos *nikeis* finalizarem os estudos básicos. Já o ensino superior necessitava

buscar centros urbanos maiores. Porém, antes da chegada do ensino público ginásial e colegial a família Iamada já havia encaminhado o filho escolhido para realizar os estudos fora do município.

Nesse sentido, a mobilidade espacial do médico Sizuvo Iamada tem haver com o desejo da família em educar o filho mais novo, como as condições eram adversas e as escolas para avançar nos estudos se localizavam fora do lugar de origem, coube ao pequeno estudante migrar. Pois a educação oferecida aos *nikees* era o ensino primário rural municipal. No entanto, o entrevistado nos descreveu os seus percursos espaciais para o acesso ao ensino básico até a sua entrada na universidade, deixando evidente que a família investiu exclusivamente nele, sendo que com o passar do espaço-tempo os seus irmãos/irmãs foram terminando os estudos. Doravante,

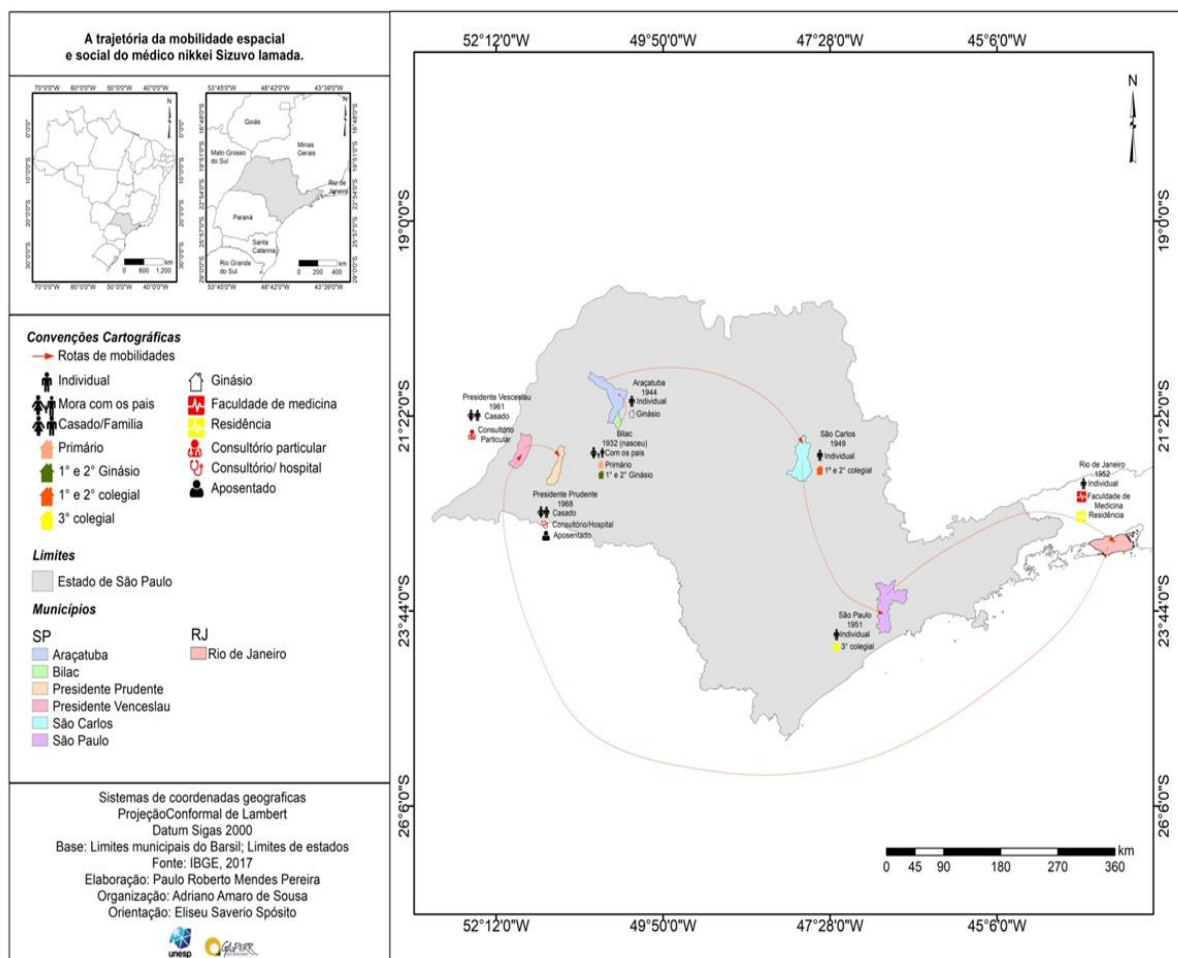
[...] todos os meus irmãos/irmãs tiveram o primário completo, entendeu. Todo mundo estava pensando em estudar, fazer curso superior e etc., mas chegou esse momento justamente na minha vez, só que eles conseguiam me manter nos estudos. [...] Já a escola japonesa não tinha assim oficialmente era algo mais familiar que se aprendia de criança paralelo ao curso do primário rural. [...] Aí para dar continuidade aos estudos eu fui para Araçatuba/SP em 1944 fazer o ginásio, depois estudei em São Carlos/SP o primeiro e o segundo do colegial em 1949, sendo que o terceiro ano do colegial resolveu fazer em São Paulo/SP. [...] Fiz um ano de cursinho em São Paulo/SP quase que passei lá na USP. Resolvi fazer cursinho no Rio de Janeiro/SP e nessa segunda vez prestei somente a Faculdade Nacional de Medicina a antiga Universidade do Brasil que hoje é a UFRJ. E passei no curso que eu queria em 1953³⁵ e me formando em 1959 (ENTREVISTA, DR. SIZUVO IAMADA, 14/07/18).

Compreendemos os múltiplos deslocamentos espaciais para o estudo do médico Sizuvo como um projeto da família Iamada de territorialização no Brasil, em que parte da família trabalhava para sustentar o “embrionário” doutor *nikeei*. Tal apoio fizera progredir nos estudos devido aos sacrifícios da prole para poder sustenta-lo. Percebemos pelo depoimento que o doutor era grato ao pai e a família por ser o filho escolhido e, também, por terem arcados com os custos dos estudos (moradia, deslocamentos, alimentação, etc). Por sua vez, ele fizera a mobilidade desde criança para ter acesso aos estudos, passando por várias cidades dentro de uma rede de solidariedade que incluía casa de amigos, alojamento das associações nipo-brasileira e pensão para estudante *nikeei*. Essa experiência espacial foi de

³⁵ Morou em uma república com amigos da faculdade no bairro Catete e, também, em Botafogo que ficava uns três ou quatro quilômetros da universidade.

suma importância para a formação do doutor que passou a conhecer as formas híbridas da realidade dos municípios do interior paulista e dos grandes centros urbanos (São Paulo e Rio de Janeiro) até se territorializar na região da Alta Sorocabana (Presidente Venceslau/SP e Presidente Prudente/SP – vide o Mapa 1).

Mapa 1: A trajetória de mobilidade espacial e social do médico nikkei Sizuvo Yamada.



Desse modo, já formado médico obstetra³⁶ em 1961 o sr. Sizuvo resolveu vir para o Oeste Paulista, escolhendo como lugar de trabalho a promissora cidade de Presidente Venceslau/SP, nela tinha vínculos afetivos familiares que daria início a sua rede social e de negócios no lugar. Eu “*vim para Venceslau porque minha irmã residia na cidade e, também, a princípio era*

³⁶ “Naquela época todo mundo, por exemplo, um hospital particular chamava para trabalhar. Funcionava dessa maneira, porque precisava de mão de obra. Isso, estudante. Era tão fácil nessa época para aprender. Muito fácil. Não tinha profissional, na verdade, nessa época. Numa cidade superpopulosa como o Rio de Janeiro/RJ com uma quantidade de médico muito pequena. Escolhi a especialidade da obstetrícia porque a maternidade era algo assim, que dava mais serviço” (IAMADA, 2018).

uma região próspera. Apontava-se. Venceslau na época tinha voo direto para o Rio de Janeiro/RJ” (ENTREVISTA, DR. SIZUVO IAMADA, 14/07/18). Posteriormente, por volta de 1969, mudou-se para Presidente Prudente/SP com a família (esposa³⁷ e duas filhas e um filho), montando seu consultório particular e iniciando a construção do Hospital Maternidade Iamada, concretizando o sonho do jovem e empreendedor médico. Ademais, o médico Sizuvo sempre foi ligado às novas tecnologias e equipamentos em medicina, sendo pioneiro em ultrasonografia no Estado de São Paulo, buscou a máquina de ultrassom no Japão no período da substituição de importações³⁸.

Seguindo os passos do pai o *sansei* Neiw Oliveira Iamada também se tornou médico obstetra em 1991, ambos pela mesma Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), fazendo residência pela Universidade Federal Fluminense (1992) e mestrado pela UFRJ (1999). Foi médico do exército, depois preceptor da empresa Johnson & Johnson, enquanto residia no município do Rio de Janeiro/RJ. Como executivo desenvolvia, lançava e dava treinamentos sobre os produtos médicos para a empresa multinacional supracitada.

Portanto, o sr. Neiw era o filho caçula do médico Sizuvo, nascido em 1965, no município de Presidente Venceslau/SP na região da Alta Sorocabana, migrou criança com a família para Presidente Prudente/SP, em 1969. Iniciou seu estudo aqui, como nos relata Neiw (2018), *“eu fiz o primário lá na escola do bairro do Bosque em 1972, depois até a oitava série na escola E. E. Hugo Mielle no bairro Jardim Paulista, posteriormente o colegial particular no Colégio Joaquim Murtinho³⁹ no centro (antigo prédio da ACAE) em 1982”*. Logo, chegou a fase do pré-vestibular e o mesmo se sentiu motivado a fazer medicina. Contudo, eu não fiz escolinha japonesa, pois o ensino da língua e cultura era mais familiar e com os avós *isseis*, pois como os meus avós paternos moravam em outro município tive pouco contato, mas foram marcantes pelo idioma, cultura e valores.

Eu lembro que quando eu era pequeno meu avô sentava todo mundo com uma cartilha japonesa. Fazia isso quando agente ia passear lá. E ele dava

³⁷ A esposa do médico Sizuvo era brasileira, carioca. Segundo ele *“nós nos conhecemos no pronto socorro, naquele dia eu estava substituindo o plantão de um colega e ela apareceu lá, com problema de alérgica”*. Ela era professora formada em Pedagogia, tinha estudado em Paris na Universidade da Sorbonne na França e também estudou na Argentina. Segundo o filho Neiw (2018), *“minha mãe era uma mulher muito diferenciada na época, veio para Venceslau/SP por causa do meu pai, ela estava em Paris e largou tudo e veio se casar com ele”*. E outra o meu pai *“acho que ele foi o primeiro a se casar com brasileira, na época foi um buchicho, tinha muito pouco nissei casado com brasileira”*.

³⁸ *“Como era aquele depósito compulsório, minha esposa foi lá no Japão comprar e trazer para cá. Ela veio junto, esse aparelho veio junto com o avião. Naquela época ultrassom não tinha em Prudente, quando o doutor Iamada trouxe, esse daqui chegou antes do da USP. E o Instituto de Cardiologia de Prudente não tinha ultrassom, foi ter ultrassom muitos anos depois”* (IAMADA, 2018).

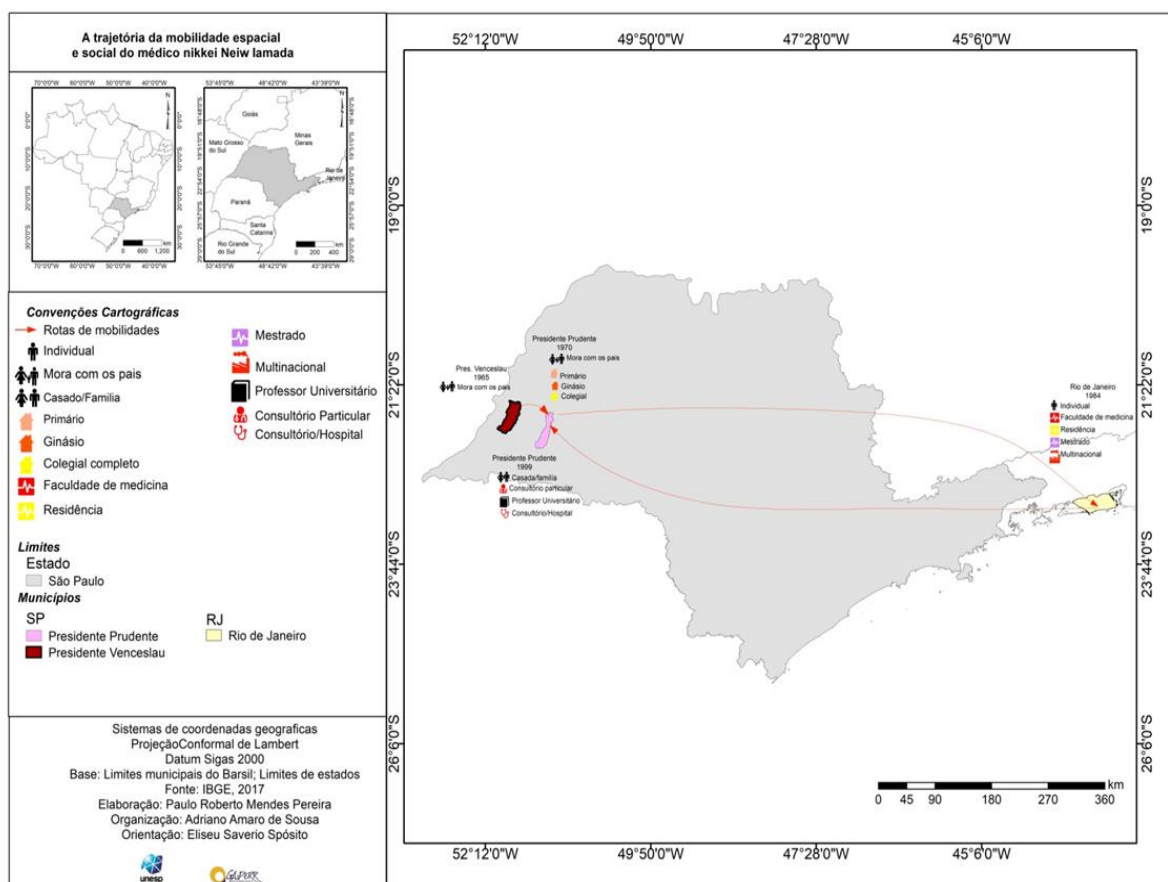
³⁹ Ficava localizado no antigo prédio da ACAE.

aula para quase todo mundo. Era o professor. Lembro que quando eu voltava, estava falando igual japonês, aí meu pai proibiu (ENTREVISTA, DR. NEIW IAMADA, 14/07/18).

Ao nosso ver, tal proibição com o *nikkei* era para que o filho falasse bem o português. E se territorializasse de vez na sociedade brasileira para poder se dar bem nos estudos. Pois para alguns japoneses, em especial da ala dos “vitoriosos”, abandonar o idioma era abandonar o Japão e se dedicar de vez ao lugar de destino. Então, não fazia questão dos filhos terem acesso ao idioma japonês.

Sendo assim, a mobilidade espacial para o estudo do médico Neiw aconteceu quando ele resolveu fazer o último ano do ensino médio e o cursinho pré-vestibular no Rio Janeiro/RJ. Lá inicialmente ficaria hospedado na casa dos avós maternos. Esse deslocamento aparentemente “simplório” Prudente-Rio e Rio-Prudente não representava a totalidade da mobilidade e das redes complexas traçadas pelo doutor. Entretanto, o Rio de Janeiro/RJ era o local de permanência para os estudos e para a vida profissional, sendo que ao mesmo tempo tivera eminentemente múltiplas mobilidades como profissional da medicina, como pesquisador-estudante-congressista, como funcionário do exército e como preceptor de uma multinacional, se deslocando no Brasil inteiro e no exterior. Nessas idas e vindas do Rio de Janeiro/RJ o médico Neiw destacou que o seu lugar de formação e de pesquisa na área de obstetrícia teve centralidade junto a Escola de Saúde de Manguinhos (vide mapa 2).

Mapa 2: A trajetória de mobilidade espacial e social do médico nikkei Neiw Yamada.



Em 1999, depois de um longo período de formação e de experiência profissional no Rio de Janeiro/RJ, o sr. Neiw territorializou novamente em Presidente Prudente/SP, como mestre em medicina pela UFRJ. Retornou para trabalhar na empresa da família o Hospital Yamada, veio como profissional liberal⁴⁰ assumir a área da obstetrícia e ginecologia junto com o pai o médico Sizuvo, inovando em métodos e utilização de novas tecnologias. Aos poucos,

⁴⁰ “Eu acho que, não sei se é o mesmo conceito que o meu pai tem de ser profissional liberal. Não sei se a gente expressa esse ser liberal. E eu não entendo mais isso como autonomia, como acho que era”. O médico Sizuvo acrescenta que, o profissional liberal “acaba não sendo um empregado do convênio. A sensação que eu tenho é que a liberdade não acontece de jeito nenhum” (2018). Contudo, o que percebemos pela narrativa é que o médico particular mesmo que liberal trabalha dentro de um contrato “amarrado” e a tomada de decisão depende da liberação do convênio. Isso de certa forma limita a autonomia conceitual do profissional liberal na configuração do capitalismo contemporâneo atual.

juntamente com os outros sócios, passou a acompanhar a administração do hospital ao lado da irmã mais velha. Em 2003, passou a ser professor universitário assumindo as disciplinas de ensino de ginecologia (cirurgia, ambulatório e vídeo laparoscopia) na Universidade do Oeste Paulista (UNOESTE). Hoje com a aposentadoria do seu pai, o médico Neiw Yamada mantém a tradição do hospital atrelado à maternidade, mesmo o hospital tendo diversas especialidades (cardiologista, dermatologista, neurologista, entre outros) em clínicas, internações e cirúrgicas.

Já o sr. Tadashi Uchida também era filho de médico, seu pai o dr. Ritoji Uchida se formou na Universidade de Nipon Daigaku em Tóquio no Japão, veio sozinho para o Brasil em 1924, através do Ministério das Relações Exteriores do Japão como médico bolsista do *Gaimusho* para cuidar dos imigrantes japoneses. Ficou cerca de três anos no Rio de Janeiro/RJ estudando o curso de português e de doenças tropicais para revalidar seu diploma e poder clinicar no país. Em seguida foi mandado para o Estado de São Paulo, por volta de 1927, para trabalhar como médico no município de Bastos/SP, atendendo as famílias dos nipônicos na região e, sobretudo, ajudando no combate das doenças locais (bicho-de-pé, verminoses, malária, tracoma, tuberculose, etc.) para diminuir o número de enfermos e de mortes entre os nipo-brasileiros. A dura vida dos colonos nas fazendas de café e dos pequenos sítios na “Boca do Sertão” se apresentava para o nipônico como um traço efetivamente marcante da sua des-territorialização, sendo o Brasil um território bem diferente do lugar de origem o Japão, logo tendo dificuldades com a adaptação em terras tropicais e muitos adoeciam. Diante desse contexto, o governo do Japão enviou médicos para atuarem nas regiões que tivessem a colônia japonesa, em especial para Presidente Prudente/SP, auxiliando os enfermos nipônicos para que não houvesse a migração de retorno para o Japão.

A família do dr. Tadashi Uchida aterrizou no município de Presidente Prudente/SP em 1932, vindo de Bastos/SP recém-casados, o médico. Ritoji Uchida com sua esposa a enfermeira Yoshiko Suehiro, ambos funcionários do governo japonês. Antes, porém, em 1931 o sr. Ritoji foi enviado para assumir a assistência à saúde dos imigrantes japoneses na região da Sorocabana que se estendia de Avaré/SP até Presidente Epitácio/SP. No mesmo ano, o médico Tadashi nos relatou que, *“minha mãe ficou em Bastos/SP, lá ela ajudava o meu avô que era do serviço de saúde do exército japonês, veio para cá como colono, mas como tinha prática de enfermagem passou a auxiliar os médicos do Gaimusho”* (2017).

De modo geral, somente em 1932, que o sr. Ritoji retornou em Bastos/SP, para se casar com a sra. Yoshiko e fixar residência em Presidente Prudente/SP, dando continuidade

ao trabalho de assistência médica aos imigrantes nipônicos. Esse programa de atendimento junto às famílias dos imigrantes pelo governo do Japão permaneceu no país até o início da Segunda Guerra Mundial, conforme nos conta Shicasho (S/D), que “*quando iniciou a guerra, foi obrigado a deixar as consultas fora do perímetro da cidade de Presidente Prudente/SP*” (p. 334).

Chegando em Presidente Prudente/SP, o médico Ritoji em sua residência montou um consultório no centro da cidade que, posteriormente, viraria uma clínica com salas de cirurgias e de internações. Nesse ambiente nasceria o filho primogênito o sr. Tadashi Uchida em 1936. Tal filho é o nosso entrevistado que ficou em Presidente Prudente /SP, na fase da infância e da adolescência convivendo numa atmosfera de ambulatório, com o pai médico e a mãe enfermeira. Seu percurso educacional (privado/público) na cidade e fora dela, levou mais para um deslocamento espacial bilateral entre Presidente Prudente/SP e São Paulo/SP, como demonstra o sr. Tadashi em depoimento oral,

Fiz o jardim de infância no colégio Cristo Rei quando tinha de 4 a 5 anos, eu ia lá para brincar, o Cristo Rei era mais ou menos onde está o atual Correio central agora, ia todo dia levava lanchinho e ia brincar. [...] Depois fiz o primário na escola Arruda Melo, já o ginásio no Colégio São Paulo que era particular, ali onde era a ACAE, posteriormente fiz um ano do científico no IE Fernando Costa. Vi que o estudo era muito fraco aqui. E eu fui para São Paulo fazer o colegial na escola estadual Presidente Roosevelt no bairro da Liberdade. Ele era o mais famoso naquele tempo. [...] Quando fiz o colegial morava na vila Mariana na casa de um conhecido. E fiquei o colegial todo lá. Depois fui prestar o vestibular, aí sai de lá, e fui morar perto do cursinho numa pensão de brasileiros ali no Aclimação. [...] Em 1955, acabei entrando na Faculdade de Medicina de São Paulo - USP indo morar em Pinheiros (ENTREVISTA: DR. TADASHI UCHIDA, 14/08/17).

Portanto, o sr. Tadashi se formou no curso de medicina em 1961⁴¹, no mesmo ano que a sua irmã concluiu a graduação em Nutrição na USP, logo em seguida iniciou a especialização em cirurgia e gastroenterologia no Hospital das Clínicas - USP. Posteriormente, estagiou cerca de três meses no Instituto de Gastroenterologia Tokio-Japão⁴². Em 1964, retor-

⁴¹ No livro “*Médicos descendentes de japoneses sua passagem pela Casa de Arnaldo*” os organizadores apresentam uma lista de descendentes japoneses graduados pela Faculdade de Medicina da USP, nela tem o nome do médico Tadaschi Uchida formado na Turma 44° de 1961 (PINOTTI, 2008, p. 238).

⁴² O sr. Tadashi foi para o Japão fazer um estágio em cirurgia sobre endoscopia em 1968. E, posteriormente acabou importando o equipamento de gastrocâmera da marca Olympus que tirava fotografia de dentro do estômago. E em 1972, o doutor foi de novo e trouxe outros equipamentos de endoscopia. O período da ditadura para o doutor foi importante para a importação porque tinha isenções de impostos para produto médicos (UCHIDA, 2017).

nou para Presidente Prudente/SP visando administrar e consultar na clínica da família. Contudo, seu pai o médico Ritoji faleceu⁴³ em 1942, sendo que a clínica foi arrendada e, depois, administrada pelo médico Takaoka em nome da família. Ademais, o médico Tadashi comandou a clínica de 1964 a 1984, porém resolveu fechar a clínica pelos altos custos e dispêndio de tempo, ficando apenas com o consultório particular e prestando serviços em hospitais como profissional liberal⁴⁴, atendeu seus pacientes até 2018 quando ocorrera o seu falecimento.

Considerações finais

Podemos sintetizar que, os três entrevistados médicos acima supracitados, tiveram múltiplos deslocamentos espaciais no território brasileiro, em especial no Estado de São Paulo, como estudante e como profissional liberal. Esses deslocamentos fizeram com que os entrevistados *nikkeis* alcançassem ascensão social no território prudentino. Nesse sentido, o médico Sizuvo Yamada de 87 anos era filho de agricultor e fez o ensino rural local, mas para continuar os estudos entrou em processo de mobilidade espacial realizando diversos movimentos do ginásio até a universidade, sendo o filho escolhido para se tornar doutor. Já o médico Tadashi Uchida de 82 anos falecido era filho de médico ligado ao Ministério de Relações Exteriores do governo japonês, quando jovem urbano realizou a mobilidade após terminar o ginásio no lugar de origem, indo fazer o colegial/cursinho e a graduação em São Paulo, por fim fez cursos de especialização no Japão. O médico Neiw Yamada de 54 anos também era filho de médico, criado no ambiente urbano terminou o ensino básico (primário, ginásio e colegial) junto aos pais, migrando somente para fazer cursinho e graduação em medicina no Rio de Janeiro/RJ. Todavia, o médico Sizuvo juntamente com o pai do médico Tadashi o sr. Ritoji, foram os pioneiros e empreendedores na medicina prudentina, pois ambos instalaram no município os objetos técnicos como hospital e como clínicas particulares nos idos da década de 1970. Já o médico Neiw Yamada e o médico Tadashi Uchida vêm

⁴³ Meu pai montou a clínica trabalhou nela cerca de 10 anos. Ele faleceu em 1942 devido às complicações da diabetes com 49 anos de idade.

⁴⁴ Prestou serviços em diversos lugares no município, como: no Hospital Nossa Senhora das Graças, na Santa Casa, no São Luiz, entre outros como médico particular. O sr. Uchida descreve o processo de prestação de serviços da seguinte forma, “vou como profissional liberal mesmo, eu vou lá e presto o meu serviço, não sou chamados por eles, ai eu vou lá e levo o meu cliente para atender lá, de certa forma os hospitais são como se fossem os instrumentos de trabalho da gente” (ENTREVISTA: DR. TADASHI UCHIDA, 14/08/17). Ademais, na Santa Casa o doutor também prestou serviço voluntário quando jovem.

dando prosseguindo as atividades médicas das respectivas famílias, sendo que o sr. Tadaschi atuava como cirurgião e gastroenterologia na clínica herdada do pai, enquanto o sr. Neiw era obstetra e ginecologista no hospital da família e dava aula professor universitário na UNOESTE. Contudo, o médico Sizuvo não era originário de Presidente Prudente/SP, mas escolheu essa cidade para trabalhar, empreender e morar. Por sua vez, no caso dos médicos o sr. Tadashi e o sr. Neiw ambos têm Presidente Prudente/SP, como lugar de origem e são filhos da classe média/alta local, terminaram a faculdade/residência e, paulatinamente, retornaram ao município natal como médicos para assumir os negócios da família.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARDOSO, R. C. **Estrutura familiar e mobilidade social: estudos dos japoneses no Estado de São Paulo.** São Paulo. Kaleidos-Primus, 1998.
- CORRÊA, R. L. Interações espaciais. In: CASTRO, Iná; GOMES, Paulo César; CORREA, Roberto Lobato (Orgs.). **Explorações geográficas: percurso no fim do século.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- ENNES, M. A. **A construção de uma identidade inacabada: nipo-brasileiros no interior de São Paulo.** São Paulo: Unesp, 2001.
- HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- HARADA, Kiyoshi (Orgs.). **O nikkei no Brasil.** São Paulo: Editora Atlas, 2007.
- GOTTMAN, Jean. Evolução do conceito de território: In: **Boletim Campineiro de Geografia**, v.2, n.3, 2012.
- MIYAO, S. Posicionamento social da população de origem japonesa. In: **A presença japonesa no Brasil.** São Paulo: T. A. Queiróz: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1980.
- MONBEIG, P. **Pioneiros e fazendeiros de São Paulo.** São Paulo: Hucitec, 1984.
- PASTORE, J. **Desigualdade e mobilidade social no Brasil.** São Paulo: T. A. Queiróz Editor, 1979.
- PINOTTI, Henrique Walter (Orgs.). **Médicos descendentes de japoneses e a sua passagem pela Casa de Arnaldo.** São Paulo, Editora: Edições O. L. M., 2008.
- RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder.** São Paulo: Ática, 1993.
- SAITO, Hiroshi. **A presença japonesa no Brasil: estudo de mobilidade e fixação.** São Paulo: USP, 1961.

- SAKURAI, Célia. **Os japoneses**. São Paulo: Contexto, 2007.
- _____. Primeiros pólos da imigração japonesa no Brasil. São Paulo: **Revista USP**, n. 27, set/out/nov, p. 32-45, 1995.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Edusp, 2009.
- SAQUET, Marcos Aurélio. **Abordagens e concepções de território**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.
- SHICASHO, Emika T. **A saga dos imigrantes japoneses em Presidente Prudente**. Presidente Prudente: Gráfica Impress, S/D.
- SORRE, Marx. **Migrações e mobilidade do ecúmeno**. In: MEGALE, J. F.; FERNANDES, F. (Orgs): Max Sorre. São Paulo: Ática, 1984.
- SOUSA, A. A. **O voo do tsuru**. O empresariado nipo-brasileiro: de colono a industrial. Presidente Prudente: FCT/Unesp, 2010 (Dissertação de Mestrado).
- _____. **A territorialização dos imigrantes japoneses na Alta Sorocabana**. Presidente Prudente: Revista Formação, n. 14, vol. 2. P. 119-129, 2008.
- SUZUKI, Teiiti. Mobilidade geográfica de imigrantes japoneses. In: **Assimilação e integração dos japoneses no Brasil**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1973.
- RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.
- SANTOS, Valdery. **Pioneiros da imigração japonesa da Alta Sorocabana**. 2007.
- VIEIRA, Francisca Isabel Shurig, **O japonês na frente de expansão paulista**. São Paulo.

Sobre o autor

Adriano Amaro de Sousa

Possui graduação em Ciências Econômicas pela Faculdades Int. Antônio Eufrásio de Toledo (2002), graduação em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2007) e mestrado em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2010). Atualmente é doutorando da Faculdade de Ciências e Tecnologias (FCT/UNESP). É professor do ensino superior da FATEC Barueri 'Padre Danilo José de Oliveira Ohl nos cursos de Comércio Exterior e de Transportes Terrestres. Também é professor do ensino médio técnico na Etec Albert Einstein (Casa Verde/SP). E professor colaborador da Faculdade de Conchas nos cursos de pós-graduação na área de educação. Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Geografia Econômica Regional, atuando principalmente nos seguintes temas: população, mobilidade, industrialização, geopolítica e cultura.

Como citar esse artigo

SOUSA, A. A. Territorialidade e Mobilidade: o nikkei como profissional liberal médico. **Revista Geografia em Atos** (Geoatos online), v. 13, n. 06, p. 76-94, 2019.

Revista Geografia em Atos, Departamento de Geografia, Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP, Presidente Prudente, n. 13, v. 06, mês Nov. Ano 2019.

ISSN: 1984-1647

Recebido em: 04/08/2019

Aceito em: 13/19/2019

DESENVOLVIMENTO LOCAL E O ARRANJO PRODUTIVO LOCAL - APLs

Edson Roberto Manfré¹

ORCID 0000-0001-8092-3953

Faculdade de Ciências e Tecnologia – FCT/UNESP, Presidente Prudente – SP
E-mail: edson.manfre@fatec.sp.gov.br

Eduardo Nardez²

ORCID 0000-0002-1886-9439

Faculdade de Ciências e Tecnologia – FCT/UNESP, Presidente Prudente – SP
E-mail: edu_nardez@hotmail.com

Resumo

A busca de melhores condições de vida, da vontade coletiva, da identificação das potencialidades em suas localidades, das características, da capacidade de cada região e mantendo os recursos naturais, culturais e históricos, contribuindo para o desenvolvimento local. Objetivo de promover uma abordagem do desenvolvimento local segundo diferentes perspectivas e sobre os arranjos produtivos locais APLs. De caráter descritivo, realizado por meio de pesquisa bibliográfica de artigos, livros, revistas e teses, abordam as teorias de desenvolvimento local, numa abordagem qualitativa. O Estado Nacional não consegue cumprir com suas funções básicas, onde identificamos como paradigma de desenvolvimento exógeno e *top-down*. No paradigma do desenvolvimento endógeno e *bottom-up*, o desenvolvimento local se liberta das políticas nacionais, buscando na sua potencialidade sua capacidade de desenvolvimento. Suas principais abordagens são, a nova teoria do crescimento, o distrito industrial, o *milieu innovateur* (ambiente Inovador), o *cluster* (agrupamento econômico), a abordagem do capital social e os termos indústria criativa e economia criativa. Gerando experiências com o arranjo produtivo local (APL), a indicação geográfica, o planejamento estratégico de cidades, ou o planejamento estratégico urbano e *city marketing*. São Paulo apresenta APLs espalhado pelo território, com distintas atividades econômicas como calçados (Franca, Birigui e Jaú) e software (Presidente Prudente).

Palavras-chave: Arranjos Produtivos Locais APLs. Desenvolvimento Endógeno. Desenvolvimento Exógeno. Desenvolvimento Local.

LOCAL DEVELOPMENT AND THE LOCAL PRODUCTIVE ARRANGEMENT - APLs

Abstract

The search for better living conditions, collective will, identification of potentialities in their localities, characteristics, capacity of each region and maintaining natural, cultural and historical resources, con-

tributing to local development. Aim to promote a local development approach from different perspectives and on the local productive arrangements APLs. With a descriptive character, carried out through a bibliographical research of articles, books, magazines and theses, they approach theories of local development, in a qualitative approach. The National State can not fulfill its basic functions, where we identify as a paradigm of exogenous and top-down development. In the paradigm of endogenous and bottom-up development, local development is liberated from national policies, seeking in its potentiality its capacity for development. Its main approaches are, the new growth theory, the industrial district, the milieu innovateur (innovative environment), the cluster (economic grouping), the social capital approach and the terms creative industry and creative economy. Generating experiences with local productive arrangement (APL), geographical indication, strategic city planning, or urban strategic planning and city marketing. São Paulo presents APLs spread throughout the territory, with different economic activities such as footwear (Franca, Birigui and Jaú) and software (Presidente Prudente).

Key words: Local Productive Arrangements APLs; Endogenous Development; Exogenous Development; Local Development.

DÉVELOPPEMENT LOCAL ET AGENCEMENT DE PRODUCTION LOCAL - APLs

Résumé

La recherche de meilleures conditions de vie, la volonté collective, l'identification des potentialités dans leurs localités, les caractéristiques, la capacité de chaque région et la préservation des ressources naturelles, culturelles et historiques, contribuant au développement local. L'objectif de promouvoir une approche de développement local sur les différents angles et sur les APLs des arrangements productifs locaux. De caractère descriptif, mené à travers une recherche bibliographique d'articles, de livres, de revues et de thèses, aborde les théories du développement local de manière qualitative. L'État National ne peut pas remplir ses fonctions de base, que nous identifions comme un paradigme de développement exogène et descendant. Dans le paradigme du développement endogène et de la base au sommet, le développement local se libère des politiques nationales, cherchant dans sa potentialité, sa capacité de développement. Ses principales approches sont la nouvelle théorie de la croissance, le district industriel, le milieu innovateur, le cluster (regroupement économique), l'approche du capital social et les termes industrie créative et économie créative. Générer des expériences avec l'arrangement productif local (APL), l'indication géographique, la planification stratégique des villes ou la planification stratégique urbaine et de marketing urbain. São Paulo a des APLs répartis sur tout le territoire, avec de différentes activités économiques telles que la chaussure (Franca, Birigui et Jaú) et le logiciel (Presidente Prudente).

Mots-clés: Arrangements Productifs Locaux APLs. Développement endogène. Développement exogène. Développement local.

Introdução

A busca pelo desenvolvimento local se faz num primeiro momento da necessidade em mudanças, seja ela qual for, independentemente do seu território, região ou localidade, e necessita de vários esforços da comunidade para se alcançar os objetivos propostos.

Com as transformações ocorridas nos níveis nacionais e globais, se faz necessário uma reestruturação da economia, dando liberdade aos municípios e conseqüentemente cobrando responsabilidades como agente do desenvolvimento. A competitividade entre os municípios passa a ser mais constante com oferecimentos de serviços básicos sociais à população, procurando realizar serviços que sejam diferenciais na hora de captação de capital privado.

Prioridade, planejamento e gestão do governo municipal, valorizando-se através da infraestrutura urbana, na busca de novos investimentos e atraindo instalações de empreendimentos com novas atividades econômicas. Estudos mostram condições de mudança no desenvolvimento local pelos municípios, as mudanças de suas realidades com iniciativas diversas e com resultados comprovados.

A partir do paradigma do desenvolvimento endógeno e *bottom-up* (baixo para cima), o desenvolvimento local se liberta das políticas nacionais, os municípios dentro das suas especificidades buscando na sua potencialidade sua capacidade de desenvolvimento.

A partir do desenvolvimento dos arranjos produtivos locais no fim dos anos 1990, começou a considerar formas de atuação do Estado e de atores para um desenvolvimento local, com objetivo de articular o direcionamento de recursos e programas oriundos de diferentes ministérios para os territórios com o intuito de transplantar e incentivar a capacidade especializada dos arranjos.

Este artigo é descritivo, realizado por meio de pesquisa bibliográfica de artigos, livros, revistas e teses, que abordam as teorias de desenvolvimento, sob enfoque local, numa abordagem qualitativa.

O artigo tem por objetivo promover uma abordagem do desenvolvimento local segundo diferentes perspectivas e sobre os arranjos produtivos locais APLs.

O artigo divide-se em quatro seções, incluindo está. A seção 2 trata sobre o desenvolvimento Local, seus conceitos, as principais abordagens do desenvolvimento endógeno e as experiências práticas voltadas à promoção do desenvolvimento. A seção 3 traz os Arranjos Produtivos Locais APLs, seus conceitos, quais são e suas aglomerações no estado de São Paulo. Finalmente, na seção 4, as considerações finais.

Desenvolvimento Local

A busca pelo desenvolvimento local se faz num primeiro momento da necessidade em mudanças, seja ela qual for, independentemente do seu território, região ou localidade, e

necessita de vários esforços da comunidade para se alcançar os objetivos propostos. Segundo Oliveira; Silva; Lovato (2014, p. 113)

Pode-se definir o desenvolvimento local como sendo o conjunto de diversas dinâmicas que se relacionam (social, econômica, política e cultural), atuantes em um território demarcado por características próprias que induzem mudanças qualitativas naquela estrutura.

A necessidade de mudança em sua estrutura, suas especificidades e um conjunto de dinâmica entre os relacionamentos sociais, econômicos, políticos e culturais, almejando o desenvolvimento local. Para Oliveira; Silva; Lovato (2014, p. 113)

O que se observa é que para se iniciar o desenvolvimento local é necessária uma vontade coletiva de melhorar a qualidade de vida das pessoas que vivem tanto na área rural quanto na urbana, buscar identificar as potencialidades existentes nessas localidades e em muitos casos, idealizar a busca pela sinergia entre as localidades e regiões, intensificando o aproveitamento da capacidade econômica de cada região, sem com isso mudar ou perder as suas características próprias, conservando os recursos naturais, culturais e históricos, o que pode ser, ainda, mais um fator que contribui indiretamente para o crescimento e desenvolvimento local.

A procura de melhores condições de vida através da vontade coletiva, da identificação das potencialidades em suas localidades, das características, da capacidade de cada região e mantendo os recursos naturais, culturais e históricos, contribuindo para o desenvolvimento local. São necessárias nas cidades e regiões novas atividades urbanas e novas forças de trabalho, cada uma com suas especificidades, dá se início ao processo de transformações necessárias à sobrevivência, pertencendo nesse período ao processo de desenvolvimento exógeno, ou seja, de cima para baixo.

Para Ultramarí e Duarte (2011, p. 24) a partir das “mudanças macroeconômicas internacionais e a constituição de mercado em escala global têm impactado, nas últimas décadas, as economias locais e regionais, enfraquecendo o papel dos estados e estimulando processos de descentralização”. O Estado Nacional não consegue cumprir com suas funções básicas, onde identificamos como paradigma de desenvolvimento exógeno e *top-down* (cima para baixo). Com está mudança de cenário Ultramarí e Duarte (2011, p. 24-25) nos afirma:

O poder local (no caso do Brasil, o município), viu suas atribuições e responsabilidades alteradas, exigindo que este passasse a atuar como agente do desenvolvimento. Em outras palavras: podemos afirmar que, agora o município – por questões internacionais, como a globalização e devido ao fato de a Constituição Federal de 1988 tê-lo dotado de maior autonomia

para questões internas -, é considerado capaz de transformar positivamente as suas sociedades.

Com as transformações ocorridas nos níveis nacionais e globais, se faz necessário uma reestruturação da economia, dando liberdade aos municípios e conseqüentemente cobrando responsabilidades como agente do desenvolvimento. Segundo Ultramari e Duarte (2011, p. 26) “paralelamente a esse repasse entre instâncias de governo – do mais central para o mais local -, de forma ainda ostensiva, há um repasse de novas responsabilidades à sociedade civil, a qual deve se organizar e resolver seus próprios problemas”. Além do aumento das responsabilidades dos municípios, exige-se uma união dos cidadãos civis, mesmo com objetivos diferentes, através de organizações de associações e outras organizações profissionais. Nos complementam Ultramari e Duarte (2011, p. 26), “a competitividade passa a ser proeminente, mais do que nunca cabe ao município a responsabilidade de atrair investimento para o interior de seu território”.

A competitividade entre os municípios passa a ser mais constante com oferecimentos de serviços básicos sociais à população, procurando realizar serviços que sejam diferenciais na hora de captação de capital privado. Os autores complementam que:

Atrair investimentos para o interior do território municipal torna-se, pois, prioridade. Com isso, é importante que você perceba que o governo municipal passa a ser visto como viabilizador local de instalação e do sucesso de novos empreendimentos, por meio de fornecimento de infraestrutura urbana e de subsídios para a instalação de novas atividades econômicas. (ULTRAMARI; DUARTE, 2011, p. 26)

Prioridade, planejamento e gestão do governo municipal, valorizando-se através da infraestrutura urbana, na busca de novos investimentos e atraindo instalações de empreendimentos com novas atividades econômicas. Segundo Ultramari e Duarte (2011, p. 28)

A discussão teórica a respeito das reais capacidades de o nível local mudar realidades, na prática temos assistido a iniciativas diversas, concretas, singulares e com resultados comprovados. Esse é o caso de diversas prefeituras em todo o Brasil, as quais têm buscado nos recursos locais uma solução para aquilo que parecia poder ser alterado apenas com mudanças estruturais da sociedade e de seus governos estaduais e federal.

Estudos mostram condições de mudança no desenvolvimento local pelos municípios, as mudanças de suas realidades com iniciativas diversas e com resultados comprovados. Uma iniciativa que trouxe soluções para melhoras estruturais que não recebiam dos governos. Com esta mudança de realidade surge para Bellingieri (2017, p. 15) o

Paradigma do desenvolvimento endógeno, segundo o qual o desenvolvimento não seria determinado pelo funcionamento das livres forças do mercado ou pelas políticas de planejamento territorial oriundas do poder central, mas, sim, por aspectos intrínsecos ao local, ao território, e pela sua capacidade de usar suas potencialidades de forma a conectar-se ao sistema econômico global.

A partir do paradigma do desenvolvimento endógeno e *bottom-up* (baixo para cima), o desenvolvimento local se liberta das políticas nacionais, os municípios dentro das suas especificidades buscando na sua potencialidade sua capacidade de desenvolvimento.

As principais abordagens do desenvolvimento endógeno se desdobram, segundo Bellingieri (2017), em a nova teoria do crescimento, o distrito industrial, o *milieu innovateur* (ambiente Inovador), o *cluster* (agrupamento econômico), a abordagem do capital social e os termos indústria criativa e economia criativa. Na nova teoria do crescimento de acordo com Bellingieri (2017, p. 18, apud KRUGMAN, 1992), “uma concentração geográfica surge da interação entre os rendimentos crescentes, os custos com transportes e a demanda, necessitam de uma concentração geográfica”. A preocupação com a demanda e os custos são fundamentais, necessitando de uma concentração geográfica. Para Bellingieri (2017, p. 18, apud KRUGMAN, 1992, p. 20)

Se as economias de escala são suficientemente grandes, cada fabricante prefere abastecer o mercado nacional a partir de um único local. Para minimizar os custos de transporte, elege uma posição espacial que permita contar com uma demanda local grande. Mas a demanda local será grande, precisamente na área onde a maioria dos fabricantes elegem situar-se. Deste modo existe um argumento circular que tende a manter a existência do Cinturão Industrial uma vez que este tenha sido criado.

As aglomerações econômicas, sempre ocorrerão, principalmente com os altos custos de transporte e conseqüentemente o aumento da demanda. O que está ocorrendo uma descentralização dos armazéns das grandes indústrias dos grandes centros para áreas regionais dependendo das suas especificidades. No distrito industrial segundo Bellingieri (2017, p. 18, apud PIORE; SABEL, 1984)

Representa uma “evolução” em relação ao modelo de produção tradicional fordista, pois supõe um aglomerado de pequenas e médias empresas, funcionando de maneira flexível e estreitamente integradas entre si e o ambiente social e cultural, alimentando-se de intensas economias externas formais e informais.

Formados para receber plantas industriais, os espaços são previamente preparados para receber pequenas e médias empresas em seus espaços preparados previamente, cada uma com um ramo de atividade diferente, interagindo ou não entre elas. Para Bellingieri (2017, p. 19), o *milieu innovateur* (ambiente inovador) confere

Papel determinante e certa autonomia às inovações tecnológicas. Uma região pode estar orientada tanto para as vantagens adquiridas quanto para a renovação ou para a criação de recursos, e as que optam pelas vantagens adquiridas, ou dadas, estarão candidatando-se ao declínio econômico, enquanto as que optam pelas conquistas de novas vantagens estarão mais próximas do sucesso ou da sobrevivência.

A capacidade de se envolverem com o que está acontecendo no mercado e no ambiente tecnológico sairão em vantagem conseguindo evoluir e conseqüentemente transformar o seu ambiente. O *cluster* (agrupamento econômico), segundo Bellingieri (2017, p. 19, apud AMARAL FILHO, 2001), “é uma espécie de síntese das duas abordagens anteriores, mais abrangente não apenas porque incorpora aspectos destas abordagens, mas porque não fica restrito às pequenas e às médias empresas”. Através de agrupamentos econômicos existe a possibilidade de redução de custos e conseqüentemente aumenta no poder de compra e da melhora na competitividade com os concorrentes. Ainda segundo Bellingieri (2017, p. 19, apud AMARAL FILHO, 2001, p. 276), “a ideia central é formar uma indústria-chave, ou indústrias-chaves, numa determinada região, transformá-las em líderes de seu mercado, se possível internacionalmente, e fazer dessas indústrias a ponta de lança do desenvolvimento dessa região”. A transformação de indústrias-chaves inclusive internacionalmente são ajudas determinantes no desenvolvimento desta região, conseqüentemente com o local.

A abordagem do capital social preconiza segundo Bellingieri (2017, p. 20, apud DURSTON, 2000), como

Fatores de desenvolvimento os valores éticos, a capacidade de associação, o grau de confiança e a consciência cívica dos indivíduos de uma sociedade, constituindo-se num recurso (ou via de acesso a recursos) que, em combinação com outros fatores, permite lograr benefícios para os que o possuem, sendo que esta forma específica de capital se fundamenta nas relações sociais.

Geram grandes benefícios quando os indivíduos através de seus valores se unem em prol das suas relações sociais, se associando em busca de recursos para o desenvolvimento de sua região ou do seu local. E, segundo Bellingieri (2017, p. 21, apud PUTNAM, 2002, p. 192), “para a estabilidade política, para a boa governança e mesmo para o desenvolvimento

econômico, o capital social pode ser mais importante até do que o capital físico ou humano [...]”. Não se consegue desenvolvimento econômico sem capital social, passando a ser primordial em algumas circunstâncias na relação entre capital físico ou humano. Os termos indústria criativa e economia criativa definida Bellingieri (2017, p. 21, apud REIS, 2017, p. 3), “o paradigma da cidade criativa, como uma cidade capaz de transformar continuamente sua estrutura socioeconômica, com base na criatividade de seus habitantes e em uma aliança entre suas singularidades culturais e suas vocações econômicas”. Quanto de potencial econômico se consegue com a criatividade humana e quais setores podem ser impactados, trazendo desenvolvimento no espaço urbano, conquistando novos talentos nas vocações econômicas.

Para Bellingieri (2017, p. 22) “no Brasil, o prestígio do desenvolvimento endógeno abriu caminho para uma série de políticas, estratégias e experiências práticas voltadas à promoção do desenvolvimento, em regiões e cidades”. Algumas dessas experiências alcançadas podemos analisar algumas delas, que são o arranjo produtivo local (APL), a indicação geográfica, o planejamento estratégico de cidades, ou o planejamento estratégico urbano e *city marketing*. O arranjo produtivo local (APL), que segundo Bellingieri (2017, p. 22, apud CASSIOLATO; LASTRES, 2003), pode ser definido como “[...] aglomerações territoriais de agentes econômicos, políticos e sociais – com foco em um conjunto específico de atividades econômicas – que apresentam vínculos mesmo que incipientes”. Uma das experiências dentro do desenvolvimento local, com vínculos simples dentro de um conjunto de atividades de bens, serviços finais e fornecedoras de equipamentos e outras. A indicação geográfica, segundo Bellingieri (2017, p. 22) que “implica a obtenção de um selo de Denominação de Origem para os produtos agrícolas ou alimentos fabricados localmente, objetivando agregar valor à produção local, tornando a região competitiva e articulada com os circuitos do comércio”. Tornando a região competitiva e agregando valores a produção local, trazendo mais competitividade, através das produções agrícolas ou alimentícias.

O planejamento estratégico de cidades, ou planejamento estratégico urbano, definido por Bellingieri (2017, p. 22, apud LOPES, 1998) “como um plano de ação, formulado a partir do consenso e do compromisso de atores públicos e privados, definindo projetos tangíveis e intangíveis”. Com planejamento e estratégias a partir do comprometimento dos setores públicos e privados os projetos definidos podem ser executáveis. E segundo Bellingieri (2017, p. 22-23, apud DURIGUETTO, 2007, p. 5) como “similar aos ensinamentos das

ações estratégicas nas empresas, as cidades são concebidas como atores econômicos que encontram na lógica do mercado o modelo de planejamento e execução de suas ações”. As ações com base nas empresas possibilitam estratégias de planejamentos tornando possíveis pelas cidades encontrar sua lógica nos atores econômicos. *O city marketing* que, segundo Belingieri (2017, p. 23, apud DUARTE; ULTRAMARI; CZAJKOWKI, 2008) “por meio de conceitos e estratégias de *marketing* semelhantes aos da iniciativa privada, visa a posicionar a cidade frente à ‘concorrência’ com as demais cidades, valorizando sua imagem aos olhos de seus moradores e, especialmente, dos investidores externos”. Com o desenvolvimento local cabe a cada cidade se colocar a frente das demais buscando valorização e se posicionando na frente das demais, por meio da conquista de novos investidores, principalmente os externos.

Segundo Ultramari e Duarte (2011, p. 31) “você precisa atentar, também, para o fato de que a defesa contemporânea do desenvolvimento local não deve ignorar a dimensão global, reconhecendo interesses externos ao espaço menor trabalhado”. Quaisquer que sejam as oportunidades tanto no mercado nacional, como no global devem ser aproveitadas em busca de se potencializar recursos e melhores condições do desenvolvimento local.

Arranjos Produtivos Locais (APLs)

Nos anos de 1950 a 1960 a indústria mundial e o sistema dominante foram por um longo período, apoiado nas atividades pesadas, ligadas ao petróleo, à siderurgia, à química de base. Localizadas nas zonas industrial-portuária em grande, estabelecimentos. No decorrer dos anos 1970 a 1980, as indústrias eletrônicas se destacaram com suas localizações nos níveis superiores da hierarquia urbana. Mas por volta de 1973 os modelos fordistas e keynesiano foram substituídos pelo modelo de acumulação flexível, devido a sua rigidez com os investimentos de capital fixo e por apresentarem uma capacidade de excedente inutilizável com as mercadorias. Isso fez que ocorresse o surgimento do sistema flexível, que priorizará empresas com capacidade de produzir em séries curtas com mudanças rápidas de produto e modelos. Isso propiciou para o desenvolvimento das PME (pequenas e médias empresa).

No Brasil as aglomerações produtivas das PME, das décadas de 1980-1990. O surgimento das PME deu por fatores de esgotamento do crescimento econômico sobre orientação do Estado e de grandes empresas como multinacionais; a crise no mercado de trabalho com demissões das indústrias; e o crescimento da cultura empreendedora. Dentro deste contexto das PME, trabalha o conceito das APLs (Arranjos Produtivos Locais). Segundo Cardoso

O Arranjo Produtivo Local é uma aglomeração de empresas, localizadas em um território, que apresentam especialização produtiva e mantêm vínculos de articulação, interação, cooperação e aprendizagem entre si e com outros locais, tais como: governo, associações empresariais, instituições de crédito, ensino e pesquisa. (CARDOSO, 2014, p. 7)

Apresenta-se a formação de economias de aglomeração, por possuírem benefícios como, proximidade dos agentes, sendo elas matéria prima, equipamentos, mão de obra etc. Essas aglomerações de empresas ampliam suas oportunidades de sobrevivência e ampliação da instituição, constituindo-se uma essencial fonte indutora de vantagens competitivas. Dessa maneira, Conforme Costa (2010, p. 127) “um APL pode ser entendida como um grupo de agentes “orquestrados” por um grau de institucionalização explícito ou implícito ao aglomerado que buscam como finalidade, harmonia, interação e cooperação”. Vale ressaltar o termo APL refere à aglomeração de quaisquer atividades podendo pertencer ao setor primário, secundário e terciário no espaço, não importando o tamanho das empresas, variando desde estruturas artesanais com pequeno dinamismo, até arranjos que comportem grande divisão do trabalho entre as empresas e produtos com elevado conteúdo tecnológico.

A partir do desenvolvimento dos arranjos produtivos locais no fim dos anos 1990, começou a considerar formas de atuação do Estado e de atores (empreendedores, agentes e instituições) para um desenvolvimento territorial, com objetivo de articular o direcionamento de recursos e programas oriundos de diferentes ministérios para os territórios com o intuito de transplantar e incentivar a capacidade especializada dos arranjos. Devido ao seu potencial e geração de competitividade de fazerem do espaço em que atuam um ambiente inovador.

Nos anos 2000 o governo federal, com o Plano Nacional de Ciência Tecnologia e Invenção 2007-2010 e na Política de Desenvolvimento Produtivo 2008-2013, junto a isso cria a coordenação de apoio a APLs, sobre responsabilidade do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, com propósito de estimular a criação de núcleos estaduais gestores das ações de APLs em cada um dos estados da federação, com iniciativas privadas e organismos nacionais de representação empresarial. Criaram-se diversas ações voltadas para o desenvolvimento territorial passassem a ser organizadas com base do crescimento das APLs. Em todo o país, viu surgir iniciativas públicas do governo federal, dos estados e municípios, além de órgãos privados como atuação de bancos, nos quais reconheceram as vantagens dos arranjos produtivos locais, possibilitando, créditos para essas empresas.

A partir de 2007, o Banco Nacional do Desenvolvimento (BNDES), apresentou um papel importante para o crescimento das APLs, formando convênios com parceiros estratégicos – Sebrae, Banco do Brasil, e governos de estados. Essas políticas voltadas para a escala local dão pela importância da quantidade de pequenos negócios e seu papel para contratação de trabalhadores, segundo o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas Sebrae, (2012, apud CARDOSO, 2014) “os mais de 8,7 milhões de pequenos negócios brasileiros representam 98,1% de todas as empresas e respondem por 57,1 dos postos de trabalhos formais”. A dimensão geográfica do país faz mostra um desenvolvimento econômico e social desigual, devido ao sistema capitalista que apresenta uma natureza polimórfica, seguindo diversas vias e estilo de desenvolvimento. Essas políticas públicas procuram reunir atores de diferentes portes, setores e funções, com estruturas, dinâmicas, abrangência, intensidade tecnológica e trajetórias produtivas e inovativas distintas. Essas características de cada região têm como intermediário o BNDES para captar as diferentes dimensões territoriais e as condições próprias a cada contexto e contemplar as APLs, atividades e regiões geralmente invisíveis das agendas políticas. Segundo Lastres, et. al. (2016, p. 11)

O apoio ao entorno de empreendimentos estruturantes, além de diminuir os impactos negativos comumente gerados por vultosos investimentos, visa fundamentalmente ampliar e enraizar o impulso dado ao desenvolvimento, mediante estímulo ao adensamento de APLs, agregação de valor aos bens e serviços produzidos localmente e comprometimento das grandes e médias empresas com o desenvolvimento integrado local”. (LASTRES, et. al. 2016, p. 11)

Essa ampla interlocução, busca formular uma agenda pautada para o desenvolvimento territorial que originará segundo Lastres, et. al. (2016, p. 11) “investimentos necessários em: planejamento territorial e ambiental; infraestrutura urbana, social, ambiental e cultural; modernização da gestão pública, educação e capacitação, com envolvimento dos sistemas de conhecimento local e regionais”. Todos os fatores apresentados na escala local são essenciais, pois atraem e incentivam novas empresas e empreendedores a investirem em competitividade, como circunstância para sua permanência. Essa atração de novas empresas, junto com o incentivo de empreendedores locais, faz com que tenha uma participação na geração de novos movimentos empresariais, além de novas atividades econômicas relacionadas com o arranjo produtivo. Os arranjos passam a interessar aos bancos, que querem conhecer melhor o setor e o seus empresários, acarretando o aumento das operações financeiras. Além

do surgimento de núcleos de educação profissional e aprimoramento técnico pelas empresas, que irão ter o intuito de investir em novos produtos.

As APLs levam a um desenvolvimento territorial que será importante, pois traz arrecadação para o município, um aumento nos números de empregos gerados e acaba tornando-se uma mola propulsora para a cidade, atraindo cada vez mais, novas empresas. Essas empresas econômicas que surgem acabam sendo relacionadas com a especialização da APL. Os arranjos mais desenvolvidos vão ter uma presença de inovação e tecnologia que fortalecem a competitividade frente à ocorrência em um mundo cada vez mais globalizado, esses territórios que possuem APLs desenvolvidas possuirão ensinamentos voltados para a especialidade do local, conforme Cardoso

Verifica-se a presença de centros de pesquisa e instituições de ensino superior com propostas específicas para o arranjo, contribuindo de forma mais eficaz para o desenvolvimento de novas tecnologias, processos e produtos. As empresas apresentam-se mais competitivas e atuam em outros níveis de mercado (regional, nacional e internacional). Há, também, implementação de iniciativas de *marketing* territorial. (CARDOSO, 2014, p. 17)

O mercado competitivo vai ter um produto já identificado como uma característica sociocultural do local como são as cidades de Holambra (flores), Birigui (calçados infantis), Franca (calçados masculinos) etc. As empresas irão apresentar mais competitividade e atuar em outras escalas (regional, nacional e internacional).

No estado de São Paulo, as APLs são coordenadas pela Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência e Tecnologia do Estado com a participação do Sebrae-SP, Fiesp e Secretaria de Economia e Planejamento. O estado apresenta uma diversidade produtiva, espalhado pelo território, com distintas atividades econômicas como a de calçados (Franca, Birigui e Jaú), Têxtil/Confecção (Americana), software (Presidente Prudente) e flores (Holambra) entre outros. Segundo a Secretária de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação, “o programa de APLs do estado de São Paulo reconhece 38 APLs e 25 aglomerados produtivos distribuídos em mais de 120 municípios, sendo que 14 fazem parte de um projeto executado com recursos financiados pelo Banco Interamericano do Desenvolvimento (BID)”. Os aglomerados são diferenciados pelo governo de São Paulo a partir do estabelecimento de governança local, ou seja, APLs são aglomerações com governança estabelecida e o aglomerado produtivo não apresenta organização na forma de governança.

Quadro 1 – Relação dos APLs do estado de São Paulo

Lista de APLs	
APL	SETOR
Alta Mogiana (Franca)	Cafés Espaciais
Americana	Têxtil e Confecções
Baixada Santista	Serviços Logísticos
Birigui	Calçados Infantis
Bragança Paulista	Ferramentaria
Cafelândia	Produtos Pet
Cerquilo/ Tietê	Confecções Infantis
Cunha	Cerâmica Artísticas
Diadema	Cosméticos
Franca	Calçados Masculinos
Gde ABC	Defesa
Gde ABC	Ferramentaria
Gde ABC	Metal-mecânico
Gde ABC	Transformados Plásticos
Gde ABC	Têxtil e Confecções
Holambra	Flores
Ibitinga	Bordados de cama, mesa e banho
Itapeva	Agroindústria
Itapeva	Madeira
Itú	Cerâmica Vermelha
Jaú	Calçados Femininos
Jundiaí	Vinicultura
Marília	Tecnologia da Informação
Limeira	Semi-joia
Mariporã	Eventos
Mirassol	Móveis
Panorama	Cerâmica Vermelha
Pedreira	Cerâmica Branca
Piracicaba	Cadeia do Etanol
Porto Ferreira	Cerâmica Artísticas
R M de São Paulo	Móveis
Ribeirão Preto	Cervejas
Ribeirão Preto	Equip. médicos-odontológicos
Ribeirão Preto	Software
Santa Cruz do Rio Pardo	Couro e Calçados
Santa Getrudes	Cerâmica
São José do Rio Preto	Jóias
São José do Rio Preto	Tecnologia da Informação e Comunicação
São Jose dos Campos	Aeroespacial
São Jose dos Campos	Tecnologia da Informação e Comunicação
São Paulo	Games
Sertãozinho	Metal-mecânico
Tabatinga	Artefato têxteis/ Bichos de Pelúcia
Tambáú	Cerâmica Vermelha
Tatuí	Cerâmica Vermelha
Urupês	Jeans
Vale do Paraíba	Leite
Vale do Paraíba	Mel
Vargem Gde do Sul	Cerâmica Vermelha

Fonte: Secretária de Desenvolvimento Econômico, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo.

Quadro 2 – Relação das aglomerações do estado de São Paulo

Lista de Aglomerados	
AGLOMERADOS	SETOR
Amparo	Confecções de Bebê
Auriflama	Confecções moda íntima
Bastos	Mel
Batatais	Transformadores de Aço-Inox
Campinas	Tecnologia da Informação
Descalvado	Mel
Garça	Eleto-eletrônico de segurança
Itatiba	Móveis
Jales	Frutas
Laranjal Paulista	Brinquedos
Marília	Alimentos
Mira Estrela	Pisicultura
Novo Horizonte	Confecções Infantis
RM de São Paulo	Calçados e Artefatos de couro
RM de São Paulo	Equip. Médico-odontológico
RM de São Paulo	Jóias
RM de São Paulo Brás Bom Retiro/Guarulhos	Confecções
Santos/S. Vicente/Guarujá/Bertioga	Moda Praia/Íntima
Santos/S. Vicente/Guarujá/Bertioga	Limão Tahiti
São Paulo - Zona Leste	Metais-sanitários
São Roque	Vinho
São Sebastião da Grama	Café Fino
Socorro/Lindóia/Águas de Lindóia	Malhas
Tres Fronteiras	Pisicultura

Fonte: Secretária de Desenvolvimento Econômico, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo

Os programas do estado de São Paulo estão previstos, benefícios para aproximadamente 14,5 mil micros, pequenas e médias empresas, capaz de gerar mais de 350 mil postos de trabalhos vindos de APLs. O governo estadual busca junto com as instituições de apoio como Sebrae-SP e Fiesp a levar formação de mão de obra, centros de treinamento e núcleos de desenvolvimento de novos produtos. A Secretaria de Desenvolvimento e instituições parceiras, no ano de 2009 investiram mais de R\$ 6 milhões em programas vinculados aos APLs, para que sejam aplicadas em instalação de centrais de prestação de serviços, que oferecerá cursos de capacitação, consultorias estratégicas e suporte tecnológico aos empreendedores instalados nos APLs. No ano de 2010 a previsão foi de R\$ 4,5 milhões para aquisição de equipamentos e maquinários, treinamento e transferência de tecnologia, pequenos ajustes de infraestrutura e adaptação.

Portanto, os APL têm grande importância para o desenvolvimento local com objetivos de desenvolver as cadeias produtivas paulistas; aumentar competitividade das micros, pequenas e médias empresas; estimular o empreendimento, baseado na interação e cooperação; descentralizar o desenvolvimento produtivo para fortalecer a economia regional e fomentar projetos de desenvolvimento produtivos nos APLs paulistas. Os arranjos tornaram-se num forte fator de desenvolvimento local no Brasil, com capacidade de trazer arrecadação para os municípios e um aumento no número de empregos. Possuem uma capacidade de levar inovação e uma lógica da cooperação para estes sistemas produtivos, e possibilita uma atração de empresas que levará um incentivo de empreendedores locais a participarem da geração de renda.

Já o papel dos centros de pesquisa e instituições de ensino superior vão sendo voltadas para os arranjos, contribuindo para o desenvolvimento de novas tecnologias, além de um surgimento de atividades econômicas relacionadas com os arranjos produtivos que começam a surgir. Isso faz que as empresas se tornem mais competitivas e tenham a possibilidade de atuar em outras escalas de mercado.

Considerações Finais

Unindo a vontade coletiva de melhorar a qualidade de vida das pessoas que vivem tanto na área rural quanto na urbana, identificando suas potencialidades existentes e idealizando a busca pela sinergia entre as localidades e regiões, intensificando e aproveitando da capacidade econômica de cada região, não mudando ou perdendo suas características próprias, conservando os recursos naturais, culturais e históricos, mais um fator que contribuirá indiretamente para o crescimento e desenvolvimento local.

O Estado Nacional não consegue cumprir com suas funções básicas, onde tem impactado no enfraquecimento do mesmo, estimulando processos de descentralização.

São necessárias transformações ocorridas nos níveis nacionais e globais, com uma reestruturação da economia, dando liberdade aos municípios e consequentemente cobrando responsabilidades como agente do desenvolvimento.

Dentro do paradigma do desenvolvimento endógeno, o desenvolvimento será determinado pelos aspectos intrínsecos do local, do território, e pela sua capacidade de usar suas potencialidades de forma a conectar-se ao sistema econômico global. Suas principais

abordagens são fatores primordiais no desenvolvimento endógeno, melhorando sua concentração geográfica, funcionamento das pequenas e médias empresas em aglomerados flexíveis, com inovações tecnológicas.

Desenvolvendo os valores éticos, sua capacidade de associação, o grau de confiança e a consciência cívica dos indivíduos de uma sociedade, constituindo-se num recurso em combinação com outros fatores, permite lograr benefícios para os que o possuem, sendo que esta forma específica de capital se fundamenta nas relações sociais.

Uma das experiências do desenvolvimento endógeno o arranjo produtivo local (APL), definindo as aglomerações de empresas do mesmo segmento industrial ou atividades econômicas, tornando forte expressão local e regional, com um amplo espaço a ser preenchido nesse imenso território brasileiro. Já existem uma ampla lista de APLs e seus aglomerados no estado de São Paulo, mesmo existindo alguns convênios e parceiros estratégicos por parte do governo federal são pouco divulgados.

Por ser uma experiência de desenvolvimento num país de desigualdades sociais e regionais, as mesmas são agravadas com a falta de regulamentação dos setores governamentais responsáveis, contribuindo assim com a falta de apoio para as iniciativas voltadas para o desenvolvimento econômico local.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELLINGIERI, Júlio Cesar. **Teorias do Desenvolvimento Regional e Local**: uma revisão bibliográfica. Salvador, v. 2, n. 37, ago. 2017. / disponível em: < <https://revistas.unifacs.br/index.php/rde/article/viewFile/4678/3228> > Acesso em: 01 dez. 2018.

BRASIL. Política de Desenvolvimento Produtivo. **Relatório Macrometas MDCI ABDI**. Disponível em: < <http://www.ipdmaq.org.br/Portal/Principal/Arquivos/Downloads/Documentos/DETI/PDP%20-%20Relat%C3%B3rio%20Macrometas%20MDCI%20ABDI.pdf> > Acesso em: 12 nov. 2018.

_____. Ministério da Ciência e Tecnologia. **Relatório de Gestão SEPIN 2010**. Disponível em: < <http://www.mctic.gov.br/mctic/export/sites/institucional/transparencia/arquivos/Relatorio-de-Gestao-SEPIN-2010.pdf> > Acesso em: 11 dez. 2018

_____. Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). **Relatório Anual BNDES, 2007**. Disponível em: < https://web.bndes.gov.br/bib/jspui/bitstream/1408/932/4/RA2007_final_BD.pdf > Acesso em: 11 dez. 2018

CARDOSO, Univaldo Coelho. **APL: arranjo produtivo local**. / Univaldo Coelho Cardoso, Vânia Lúcia Nogueira Carneiro, Édna Rabêlo Quirino Rodrigues. – Brasília: Sebrae, 2014.

Revista Geografia em Atos, Departamento de Geografia, Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP, Presidente Prudente, n. 13, v. 06, mês Nov. Ano 2019.

ISSN: 1984-1647

COSTA, Eduardo José Monteiro. **Arranjos Produtivos Locais, Políticas Públicas e Desenvolvimento Regional**. Disponível em: <http://www.integracao.gov.br/c/document_library/get_file?uuid=58908ef0-c6ff-45f3-ac3f-91b2baf3e755&groupId=10157>. Acesso em: 11 dez. de 2018.

LASTRES, Helena M. M.; LEMOS, Cristina; KAPLAN, Eduardo; GARCEZ, Cristiane; MAGALHÃES. **O apoio ao desenvolvimento regional e aos arranjos produtivos locais (APLs)**. Disponível em: <http://www.redesist.ie.ufrj.br/images/Textos_Discussao_DIT/2016/2016_01.pdf> Acesso em: 12 nov. 2018.

SÃO PAULO. Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação. **Com apoio da SDECTI, Cajati é pioneira em projeto de Piscicultura**. Disponível em: <<http://www.desenvolvimento.sp.gov.br/noticias/com-apoio-da-sdecticajati-e-pioneira-em-projeto-de-piscicultura>> Acesso em: 12 nov. 2018.

_____. Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação. **Lista de APLS e Aglomerados**. Disponível em: <<http://www.desenvolvimento.sp.gov.br/lista-de-apls>> Acesso em: 12 nov. 2018.

SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – Série Empreendimentos Coletivos. **APL Arranjo Produtivo Local**. Brasília: Disponível em: <[https://bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/b8126fa768f69929a146f38122da570b/\\$File/5197.pdf](https://bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/b8126fa768f69929a146f38122da570b/$File/5197.pdf)>

ULTRAMARI, Clovis. DUARTE, Fábio. **Desenvolvimento local e regional**. 2. ed. Curitiba: Ibpex. 2011.

Sobre os autores

Edson Manfré

Possui Pós-Graduação em Docência no Ensino Superior, graduação em Gestão Financeira pelo Centro de Ensino Superior de Maringá (2009). Atualmente é professor ensino superior da FACULDADE DE TECNOLOGIA DE PRESIDENTE PRUDENTE, nas disciplinas de Contabilidade Gerencial, Captação de Eventos e Recursos e Trabalho de Graduação I no Curso de Tecnologia em Eventos e nas disciplinas Negócios Internacionais e Projeto Interdisciplinar - Planejamento de Marketing no Curso de Tecnologia em Gestão Empresarial e gerente contábil e financeiro - L H M MANFRE, gerente administrativo e contábil - S. M. MANFRE ME e Tem experiência na área de Administração e Contábeis, com ênfase em Administração de Empresas, atuando principalmente nos seguintes temas: excell, educação financeira, básico, avançado e objetivos estratégicos.

Eduardo Nardez

. Graduando em Geografia sob orientação do professor Eliseu Savério Sposito. Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Geografia Urbana.

Como citar esse artigo

MANFRÉ, E; NARDEZ, E. Desenvolvimento local e o arranjo produtivo local – APLs. **Revista Geografia em Atos** (Geoatos online), v. 13, n. 06, p. 95-111, 2019.

Recebido em: 01/02/2019

Aceito em: 24/08/2019

Revista Geografia em Atos, Departamento de Geografia, Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP, Presidente Prudente, n. 13, v. 06, mês Nov. Ano 2019.

ISSN: 1984-1647

CADA UM NO SEU CANTO E NO SEU TEMPO, SEGUIMOS UNIDOS:
CAR-TA AO PROFESSOR ELISEU SPOSITO

Denise Cristina Bomtempo
Universidade Estadual do Ceará, (UEC)
E-mail: denibomtempo@hotmail.com

Introdução

Nas últimas semanas, tenho sentido um misto de sentimentos que perpassa por uma alegria imensa e ao mesmo tempo por uma preocupação incalculável. Mas, essa “*melange*” de sensações e sentimentos tem seu lado positivo, sobretudo por conta deste momento de reflexão via produção escrita. Antes de apresentar a estrutura e o conteúdo deste texto, gostaria de exprimir um pouco a respeito da sua trajetória de construção.

Desde 2013 comecei a traçar as primeiras memórias acerca do papel do Professor Eliseu na construção da ciência geográfica; da Geografia da FCT/UNESP; bem como suas sensibilidades para além da Geografia, a partir da música, por exemplo. Neste caminho, sempre articulo o papel dele à minha trajetória de “vida geográfica” (definição que ele mesmo me ensinou a utilizar desde 1999).

Desse modo, sem a perspectiva de esgotar a discussão, gostaria de pontuar que este texto possui memórias de três momentos particulares, a saber: primeiro: seminário de comemoração dos 20 anos do Grupo Acadêmico de Produção do Espaço e Redefinições Regionais - GAsPERR, realizado em 3 Dezembro de 2013 no Auditório Central da FCT/UNESP. Na ocasião participei de uma mesa redonda com demais colegas do GAsPERR na qual foi relatada a experiência construída e compartilhada no Grupo; segundo: entrevista concedida à Jornalista Alice Girardi da Revista UNESP CIÊNCIA, por ocasião da publicação da entrevista “Eliseu Sposito – o poeta da Geografia⁴⁵”; terceiro:

⁴⁵ Revista UNESP CIÊNCIA, julho de 2014, ano 5, número 54. P. 6 – 11.

Seminário de comemoração dos 25 anos do GAsPERR, realizado em 6 de Dezembro de 2018 no Anfiteatro I da FCT/UNESP, quando foi feita uma homenagem ao Professor Eliseu enquanto fundador do Grupo de Pesquisa.

Diante do apresentado, com cada palavra no seu CANTO e no seu TEMPO, desde que fui notificada pela Revista GEOATOS a escrever um texto sobre o Professor Eliseu, o nascer do sol em Fortaleza é acompanhado pelas memórias vivenciadas e experienciadas no Oeste Paulista, mais precisamente na FCT/UNESP/Departamento de Geografia/GAsPERR. Para tanto, o texto regado de impressões pessoais, foi subdividido em duas partes mais esta introdução. Vale ressaltar que a subdivisão foi adotada para que eu pudesse organizar as ideias, mas na construção geral deixei que a memória e a vivência conduzissem meu raciocínio para falar de uma pessoa muito especial, que entre outros, ensinou-me o significado real da palavra transformação da vida para a construção da vida geográfica, via Universidade Pública.

I. O PROFESSOR ELISEU: a Geografia, a Orientação da Pesquisa Acadêmica e da “Vida Geográfica”

São inúmeras as contribuições do Professor Eliseu para a ciência Geográfica. Se fizermos uma periodização de suas obras, desde a dissertação, a tese, os livros e seus inúmeros artigos, conseguimos verificar que existe uma diversidade do ponto de vista temáticos, na qual sobressaem temas por ele trabalhados como: migração, uso e ocupação do solo urbano, atividade industrial, globalização e mundialização, reestruturação produtiva, pensamento geográfico, papel e atividades econômicas desenvolvidas nas cidades não metropolitanas, entre outros. Essa diversidade de temas geográficos, na qual sustenta a produção bibliográfica do Professor Eliseu, é construída a partir de um fio condutor, ou seja, a dimensão na qual ele prioriza para ler e interpretar o espaço que é a econômica. No entanto, ele não desconsidera as demais (políticas, sociais, ambientais e culturais). Além disso, o espaço é lido de maneira

processual e contraditória e dessa forma, ele já demonstra o método adotado na construção de sua Geografia.

Uma outra dimensão da importância do Professor Eliseu para a produção da Geografia brasileira, está na sua orientação. E enquanto Orientador – aquele que tem o papel de conduzir o Orientando (a) no entendimento do que é? Por que se faz? Como se faz? Para que e para quem se faz a pesquisa acadêmica, ele tem uma das virtudes mais interessantes de um Professor - Pesquisador, ou seja, sempre é fiel ao método de investigação. Sempre busca construir um caminho de interpretação da realidade coerente com o método filosófico. Assim, uma das marcas da sua Orientação é a liberdade de pensamento (definição do objeto) e preocupação com a coerência teórico metodológica a ser desenvolvida para a geração da “informação geográfica”.

A partir das palavras chave que compõem o seu temário de pesquisa, ele orienta trabalhos cujo objeto empírico dos pesquisadores envolve diversos estados do Brasil e de outros países. São monografias, dissertações e teses que contribuem para compreendermos os mais recentes processos e dinâmicas econômicas que atravessam o território brasileiro e latino americano e se materializam nos lugares, alterando assim a forma, a função e o papel, sobretudo de cidades e regiões na divisão territorial do trabalho. Vale ressaltar que nesses últimos anos, Professor Eliseu foi coordenador de um Projeto Temático⁴⁶ financiado pela FAPESP⁴⁷, que tinha como objetivo principal, fazer uma leitura da indústria de transformação instalada no estado de São Paulo. Articulado a este projeto, além dos livros e artigos produzidos pela equipe, formada pelos pesquisadores principais, oriundos da Unesp de Presidente Prudente, Rio Claro e Ourinhos, Universidade de São Paulo (USP), Universidade Federal do Paraná (UFPR) e Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIO-

⁴⁶ Coordenou o Projeto Temático "O mapa da indústria no início do século XXI. Diferentes paradigmas para a leitura territorial das dinâmicas econômicas no Estado de São Paulo", financiado pela FAPESP (2006-2011).

⁴⁷ Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

ESTE) – Francisco Beltrão, foram produzidas teses, dissertações e monografias que permitem compreender a completa diversidade da configuração industrial paulista e, por consequência, brasileira.

Do ponto de vista da industrialização paulista, ao finalizar a pesquisa coletiva, foi possível compreender que a industrialização em São Paulo assume configurações que são próprias do período atual. No que concerne à localização industrial, a tese defendida pelo Professor Eliseu foi comprovada a partir de inúmeros trabalhos, revelando, tendencialmente, que no período atual “a indústria procura uma localização próxima aos eixos rodoviários e também infoviários”, que permitem fluidez e circulação de matéria prima, mercadoria, informações, dinheiro, normas e pessoas. Outra tese defendida pelo professor Eliseu, que foi comprovada a partir da produção das pesquisas vinculadas ao Projeto Temático⁴⁸, é que a reestruturação produtiva permite a reestruturação urbana, já que a indústria não está instalada apenas em espaços metropolitanos, mas também em espaços urbanos não metropolitanos (como exemplo, as cidades médias, de porte médio e pequenas). Para chegar a essa afirmação, o estudo da indústria foi feito de maneira qualitativa, ou seja, foi considerado cada setor da indústria de transformação e para a busca da compreensão da totalidade, o trabalho do campo foi parte importante da metodologia.

Desse modo, foi possível reconhecer, e esse é um dos apontamentos de nossa tese⁴⁹, que a industrialização paulista é diversa temporal e espacialmente, e que por isso, não podemos compreendê-la somente a partir do processo de reestruturação produtiva (1970/1980), que culminou em desconcentração industrial, mas devemos considerar a análise de maneira processual, levando em conta, por um lado, as dinâmicas do capitalismo e, concomitante, a ação dos agentes e das políticas que são elaboradas no âmbito federal, estadual e municipal, bem como, por outro lado, a situação geográfica das cidades

⁴⁸ "O mapa da indústria no início do século XXI"

⁴⁹ BOMTEMPO, Denise Cristina. *Dinâmica territorial, atividade industrial e cidade média: as interações espaciais e os circuitos espaciais da produção das indústrias alimentícias de consumo final instaladas na cidade de Marília – SP*. Presidente Prudente: [s.n], 2011. 455 f. (Financiamento: FAPESP).

que têm na indústria uma variável preponderante para ampliação de seus papéis na rede urbana e na divisão territorial do trabalho, na medida em que entrelaçam e estão entrelaçadas por complexos circuitos espaciais da produção e círculos de cooperação.

Em síntese, podemos afirmar que o Projeto Temático coordenado pelo Professor Eliseu produziu uma das mais novas leituras sobre as dinâmicas territoriais alavancadas pela indústria no território brasileiro, já que a indústria paulista extrapola as fronteiras físicas do estado e se coloca de maneira dispersa e contígua, e desse modo articula diversos estados brasileiros, entre eles o Ceará. No que concerne à indústria moderna instalada neste estado (na qual a indústria paulista dispersa teve papel importante, sobretudo do setor calçadista), vale ressaltar que o Professor Eliseu foi orientador da tese que ganhou o Prêmio CAPES⁵⁰ de melhor tese de Geografia, defendida no ano de 2011, elaborada pelo Professor Edilson Pereira Júnior⁵¹.

Depois de quase dez anos de doutorado defendido, mesmo que ele diga para eu não o chamar, porque já sou “Professora”, ainda me refiro ao Eliseu como Professor. De maneira objetiva o chamamento ainda continua, porque o Professor significa referência e o Eliseu é uma grande referência para minha conduta acadêmica e geográfica. Fui apresentada ao Professor Eliseu no ano de 1997 quando ingressei no curso de licenciatura em Geografia da UNESP/Presidente Prudente. Na ocasião, ele proferiu uma palestra na “Semana de recepção aos calouros do curso”, na qual explanou sobre as experiências advindas do estágio pós-doutoral na França realizado no L’Institut de *Géographie*, da Universidade de Paris I Panthéon-Sorbonne, em Paris (1994-1996). Depois da ocasião, o contato com o Professor Eliseu só foi estreitado praticamente um ano depois, quando ele era responsável pela cadeira de Cartografia Geográfica, da qual eu era aluna (curso de licenciatura em Geografia). Naquele momento, estava à procura de um Professor que pudesse me

⁵⁰ Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

⁵¹ PEREIRA JÚNIOR, Edilson Alves. *Território e economia política – uma abordagem a partir do novo processo de industrialização no Ceará*. Presidente Prudente: [s.n], 2011 450 f. (Financiamento: CAPES; FUNCAP).

auxiliar na construção de um projeto de pesquisa cuja temática estivesse vinculada à migração e cidades pequenas.

Apesar de ser aluna do professor Eliseu, e, portanto, encontrar com ele pelo menos uma vez por semana, uma possível orientação foi intermediada pela Professora Alice Asari (docente da Universidade Estadual de Londrina-UEL) que, na ocasião, era minha interlocutora, já que gostaria de compreender a migração que envolvia o município de Álvares Machado (pequeno município, localizado na região administrativa de Presidente Prudente), onde eu residia. Naquele momento, o movimento migratório que gostaria de ler era o de descendentes de japoneses para o Japão, a fim de trabalhar no setor industrial e de serviços em território japonês. A Professora Alice, pesquisadora desta temática, indicou-me o Professor Eliseu, já que a mesma não poderia ser minha orientadora de monografia, nem mesmo de Iniciação Científica (IC), pois era vinculada a outra Universidade. O Professor Eliseu, segundo ela, tinha trabalhado as migrações em cidades pequenas, entre elas, Álvares Machado e, portanto, poderia ser meu orientador por completo. Durante uma das aulas, falei com Professor Eliseu, mas já lhe apresentei um problema... até o terceiro ano da graduação, antes de ser bolsista de iniciação científica do PIBIC/CNPq⁵², trabalhava no escritório de uma indústria de alimentos de Presidente Prudente e, portanto, não tinha tempo de ir para Universidade fora do horário de aulas. Desse modo, eu só teria tempo para conversar no sábado à tarde, depois das aulas de Etnologia e Etnografia, que eu assistia na turma da manhã.

O Professor Eliseu concordou com as minhas demandas e marcou para conversar comigo num sábado de março do ano de 1999, do qual não me lembro o dia, mas o horário e o local: as 13:30 na sala do GAsPERR (Departamento de Geografia). Naquela ocasião, entreguei-lhe o rascunho de um pseudoprojeto que foi lido, questionado e, em partes, reformulado. Estava ali configurada a minha primeira proposta de pesquisa, mas também a primeira

⁵² Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica.

aula do que seria a vida acadêmica – geográfica: uma construção contínua, feita com respeito pelo outro, com rigor, seriedade e acima de tudo, com a certeza que por meio do meu trabalho posso contribuir para ampliação do conhecimento geográfico, e acima de tudo, posso contribuir para melhorar a vida das pessoas, do mundo.

Do sábado a tarde de 1999 se passaram 20 anos. Da iniciação científica, dei continuidade à pesquisa de mestrado sobre a migração – retorno dos brasileiros descendentes de japoneses, e os reflexos dos investimentos econômicos no município de Álvares Machado, sobretudo na economia urbana⁵³. Posteriormente à defesa da dissertação, trabalhei como Professora substituta da UNESP de Ourinhos, da rede estadual de ensino do Estado de São Paulo e também de faculdades particulares, mas nunca deixei de ter contato com o Professor Eliseu e com o GAsPERR, até que eu voltasse no ano de 2007 até 2011 para fazer o doutorado, que tinha como foco compreender as dinâmicas territoriais, entre elas a configuração dos circuitos espaciais da produção e dos círculos de cooperação, bem como as migrações, vinculadas à atividade industrial do setor de alimentos, instalado no estado de São Paulo, sobretudo na cidade de Marília.

Bem, desse período de convívio mais intenso com o Professor Eliseu, posso afirmar que entre as suas virtudes, destaca-se sem sombra de dúvidas a liberdade do pensamento. Ele nunca impôs um referencial bibliográfico, uma temática, nem mesmo uma metodologia de trabalho. Pelo contrário, o Professor Eliseu proporciona a liberdade da descoberta, mas como já foi mencionado, não abre mão da coerência teórico-metodológica, nem mesmo do compromisso para com o fazer científico - geográfico. As reuniões de orientação, sempre foram regadas de muito aprendizado. Vale ressaltar que as orientações extrapolaram a sala do GAsPERR, já que a casa do Eliseu e da querida Carminha, sempre foi um espaço de extensão da Universidade. Além disso, o

⁵³ BOMTEMPO, Denise Cristina. *Os sonhos da migração: um estudo dos japoneses e seus descendentes no município de Álvares Machado* – SP. Dissertação de Mestrado. FCT/UNESP: Presidente Prudente, junho de 2003, 179 f. Financiamento: CAPES/FAPESP.

que foi essencial durante os anos de orientação foi a realização de vários trabalhos de campo com o Eliseu, sejam vinculados às disciplinas, como também aqueles diretamente atrelados à pesquisa.

Quando do Estágio Sanduiche na França⁵⁴, lá também estavam (Eliseu e Carminha), auxiliando na montagem do nosso equipamento de trabalho, apresentando os lugares e as pessoas que teríamos contato durante o período ... dando orientações sobre a vida geográfica em terras francesas... Enfim, o Eliseu é um acadêmico, que se mistura com intelectual, geógrafo, artista = Professor. Um Orientador que abre portas - diversas, que caminha e constrói junto, sustenta quando é preciso, faz-se presente em momentos de fragilidades, considera o tempo da construção, considera o Outro e diz sempre... “não se preocupe! Tenha a paciência histórica e siga em frente, faça a sua Geografia”!

II. O GAsPERR⁵⁵ enquanto *locus* de construção da trajetória Geográfica a partir da orientação do Professor Eliseu

Hoje consigo entender que no cotidiano acadêmico, os momentos vividos são muito mais intensos do que podemos escrever ou falar. Desse modo, o que existe nessas linhas escritas são partes de vivências e impressões de uma pessoa que se tornou singular na minha trajetória acadêmica. Hoje, cada um no seu CANTO, seguimos a vida, mas a referência permanece. Assim, gostaria de pensar um pouco sobre uma palavra que uso desde o início deste texto – o CANTO. O que é o CANTO? Já pensaram sobre isso?

O CANTO tem alguns significados. Vejamos:

1. É uma palavra originária do latim – “*canthus*” – que significa “arco de ferro em volta de uma roda”. Fiquei pensando como seria a representação gráfica do “*canthus*”.

⁵⁴ Doutorado Sanduiche realizado na Université Paris IX Dauphine/IRISSO/Paris/França (2009-2010).

⁵⁵ Gostaria de registrar que a Professora Maria Encarnação Beltrão Sposito (Carminha) teve contribuição direta no que concerne às informações, sobretudo as mais históricas, do GAsPERR.

2. Na Anatomia, o CANTO pode ser lido como linha de junção das partes de uma abertura no corpo. Exemplo: (o canto da boca).

3. Na Arquitetura: o CANTO é compreendido enquanto pedra aparelhada para servir no ângulo de um edifício ... de uma construção em geral.

4. Pode também ser interpretado como ATO:

a) de finalização: “a jogada terminou com a bola no canto esquerdo do gol”!

b) de retirada: é muito conhecida a expressão “quero ficar quieto no meu canto”.

c) O Canto também é um VERBO que revela o ATO de cantar, produzir sons musicais utilizando a voz, variando a altura de acordo com a melodia e o ritmo.

Então, referenciando o Eliseu – Professor – “Poeta da Geografia” gostaria de escrever sobre o GAsPERR enquanto CANTO COLETIVO de debate, orientação e produção do conhecimento e o papel do Professor Eliseu como indutor de todas as construções do Grupo. Desse modo, chego, a partir da canção⁵⁶ no “Nosso Canto” - GERAL.

Assim, o GAsPERR enquanto CANTO possui múltiplas interpretações:

- a) CANTO enquanto forma: pelas paredes que são mutantes, mas que possuem alicerces profundos;
- b) CANTO enquanto espaço – lugar: que possui conteúdo e que dá segurança, já que conseguimos, ao participar do GAsPERR, construir nossas identidades, memórias e experiências enquanto sujeitos coletivos.
- c) CANTO enquanto voz: pela produção da ciência e da arte, pelas atuações dos seus membros nos múltiplos cotidianos em que somos inseridos.
- d) CANTO enquanto segurança de existir, pertencer, resistir, reinventar ...caminhar!

⁵⁶ Música Canto Geral (Todos por Todos) de Eliseu Savério Sposito – do Álbum Nosso Canto Geral – disponível em: <https://open.spotify.com/album/2vZP677URMXLQVglueAfr4>.

Assim, o GAsPERR enquanto CANTO possui uma trajetória. De acordo com o Dicionário Aurélio, trajetória significa “linha descrita por um ponto material em movimento, por um projétil, de seu ponto de partida ao de chegada”. Apesar de o movimento ser inerente à trajetória, neste contexto, o sentido retilíneo, partida e chegada, é que explica o real significado da palavra.

Quando utilizamos este termo para entender o caminho percorrido por um sujeito ao longo da vida, uma instituição e mesmo um GRUPO de PESSOAS unidas por proposições comuns, percebemos que essa ação não se faz de maneira reta, pelo contrário, apesar de ser constante, é também variada.

Assim, de acordo com Born (2001, p. 243), a “[...] trajetória pode ser descrita como um conjunto de eventos que fundamentam a vida de uma pessoa”. Normalmente é determinada pela frequência dos acontecimentos, pela duração e localização dessas existências ao longo de uma vida. O curso de uma vida adquire sua estrutura pela localização desses acontecimentos e pelos estágios do tempo biográfico.

Ao pensar a trajetória do GAsPERR, podemos dizer que se trata de um Grupo que possui um caminho próprio, que se entrelaça a outros Grupos e sujeitos, tecendo assim uma REDE capaz de MUDAR ele Próprio e o OUTRO.

O GAsPERR enquanto grupo de pesquisa fez 25 anos. Então, várias gerações passaram ou estão no GAsPERR. É por isso que vale a pena falar de nós a partir das memórias. E falar resgatando as memórias construídas é uma característica marcante do Eliseu – já que foi ele quem primeiro pensou sobre este nosso Canto Geral! Vamos a elas:

Coordenado pelo Professor Eliseu, em 1993 o GAsPERR deu início às suas atividades. Mas, somente no final deste ano - em Dezembro, foi feito o registro no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq. Então, foi a partir desta data que foi demarcada a "certidão de nascimento" do Grupo de Pesquisa Produção do Espaço e Redefinições Regionais – GAsPERR. No início, o grupo era

composto pelos Professores Eliseu (Coordenador), Jayro Gonçalves, Raul Guimarães, Sérgio Magaldi, Everaldo Melazzo e Encarnação Sposito (“Carminha”). Havia, portanto, três doutores, três mestres e três linhas de pesquisa (a maioria, apoiada por editais Universal do CNPq). As linhas eram:

- a) Produção do espaço urbano;
- b) Dinâmica econômica e circuitos produtivos; e
- c) Atores políticos e suas representações sociais.

Essas três linhas de pesquisa apresentavam como temáticas transversais - as cidades médias e as políticas públicas.

Depois de um primeiro período de construção, pautado no fortalecimento de cada um dos pesquisadores do grupo, o GASPERR, em meados da primeira década do século XXI, sem perder a essência, mas com uma inovação constante, tem na pesquisa temática um caminho para construir a interpretação da realidade geográfica. Em 2011, a partir das especificidades e das escolhas que são inerentes ao cotidiano acadêmico, tivemos uma nova configuração em relação aos docentes, Jayro Gonçalves, já num momento particular da vida, dedicou-se a escritos de conotações mais amplas que a acadêmica, Raul Guimarães e Sergio Magaldi investiram na consolidação de uma temática de pesquisa que hoje é referência na Geografia Brasileira. E assim, ao considerar que, com a partida existe a possibilidade de chegada, novos membros docentes passaram fazer parte do GASPERR – Professores Arthur Whittaker, Eda Góes, Nécio Turra e Márcio Catelan hoje são eles que têm a oportunidade de seguir junto com os demais na construção, reconstrução e inovação (no estilo de trabalhar, no conteúdo do trabalho e na condução da vida cotidiana) do Grupo.

O Eliseu, mesmo não estando na Coordenação do Grupo, continua as atividades enquanto pesquisador e também exercendo a importante missão de ser, digamos o embaixador do GASPERR. Como exemplo, podemos citar as participações do Professor nos eventos nacionais e internacionais, na qual expõe a trajetória do Grupo, bem como os resultados das recentes pesquisas desenvolvidas. A experiência mais recente foi a participação no evento *FAPESP*

Week New York, realizado nos dias 26 a 28 de novembro no *Graduate Center da City University of New York* (CUNY).

Na ocasião, o Professor apresentou o Grupo, as pesquisas temáticas desenvolvidas, algumas com processos finalizados como é o caso do Mapa da Indústria e outras com trabalhos em andamento, são elas: “Lógicas econômicas e práticas espaciais contemporâneas: cidades médias e consumo” e Fragmentação socioespacial e urbanização brasileira: escalas, vetores, ritmos e formas – FragUrb”, coordenadas por Carminha.

Nas palavras do Eliseu – direcionadas à Agência FAPESP “As pesquisas que conduzimos em nosso grupo seguem uma metodologia qualitativa e quantitativa, dando voz aos cidadãos para entender como as mudanças vigentes modificam suas práticas espaciais, tomando como referência os pontos de vista dos agentes que têm poderes econômicos e políticos, elementos que revelam a substância dos indicadores socioeconômicos”.

Assim segue o GAsPERR – coerente quanto aos objetivos (delineados nos últimos 25 anos) enquanto Grupo de Pesquisa:

- Trabalha com afincamento na reunião de pesquisadores acadêmicos de vários níveis para desenvolver trabalhos de diferentes escopos na interface entre Geografia, Economia e História, com preocupações empíricas e teóricas;
- Trabalha de maneira séria e cuidadosa na publicação dos resultados das pesquisas e, desse modo, participa do debate acadêmico como também revela para a sociedade os investimentos públicos que são destinados para a realização de pesquisas acadêmicas.
- Realiza de maneira leve e tranquila a interlocução no Brasil e no exterior por intermédio da participação e organização de eventos científicos e formação de Redes de Pesquisas a partir das temáticas ligadas às pesquisas do grupo. Vale ressaltar que a relação com outros Grupos, sobretudo do exterior se faz, primeiro: por uma necessidade de interlocução dos próprios pesquisadores – que pela formação e interpretação

geográfica são abertos a novos referenciais teóricos e experiência empírica e nunca por uma imposição institucional, ligada por exemplo, às exigências de internacionalização e, segundo, de igual para igual e não como subordinação, mostrando sempre, a excelência do trabalho realizado pela Geografia Brasileira, em especial a produzida pela Unesp/Presidente Prudente/GAsPERR.

É importante destacar que além do GAsPERR aqui da FCT/UNESP, existem outros que estão espalhados pelo Brasil e que possuem uma filosofia muito próxima, já que os coordenadores passaram ou ainda estão articulados ao “Nosso Canto” Geral.

Enfim, desde as primeiras reuniões até o ano de 2016, o Eliseu coordenou o Grupo, ou seja, foram 23 anos. De acordo com Carminha, “não é fácil encontrar alguém que permaneça de maneira democrática e tranquila por tanto tempo à frente de um projeto. Mas, essa atitude faz parte de uma das características mais marcantes do Professor Eliseu. Isso é dito por mim, mas é consenso entre aqueles que compartilham com Ele a possibilidade da construção. Entre os atributos: a calma, o respeito, a criatividade, o diálogo e a aceitação”.

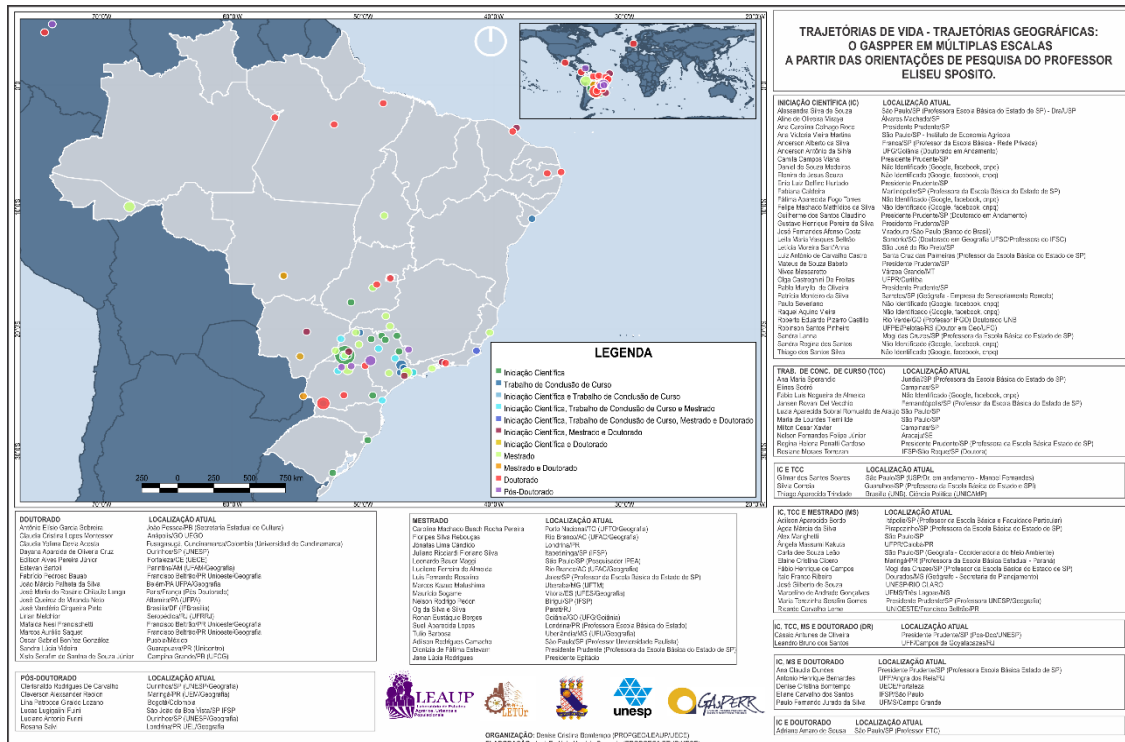
Esse “jeito Eliseu de ser” se faz presente também na construção do conhecimento, já que ele não é rígido quanto às posições teórico-metodológicas (não há uma formatação - uma homogeneidade das ideias), como também nos posicionamentos políticos e isso permite a formação de um ambiente de mais descontração e liberdade.

Ficaria aqui muito tempo para descrever os atributos do Eliseu enquanto Coordenador do GAsPERR, Professor, Pesquisador e Orientador, tudo isso para mim se resume na palavra PROFESSOR... no seu sentido pleno. Todavia, se tem um aspecto que hoje gostaria de ressaltar é que o Eliseu tem um papel importante não somente no GAsPERR que está aqui em Presidente Prudente, mas pelos múltiplos Grupos de Pesquisa e Laboratórios que estão espalhados por todo o Brasil já que uma das características do Grupo, como mencionei é articular de maneira horizontalizada docentes e discentes. Então,

são múltiplos os exemplos de pessoas que passaram pelo Grupo e hoje constroem a Geografia Brasileira a partir dos seus lugares de vivência. O GASPERR assim se multiplica, não enquanto uma forma rígida de trabalho, mas na sua filosofia de construção inovadora, dialogada, responsável, respeitosa e questionadora.

Então, hoje são muitos os “Nossos Cantos” e muitas vezes, o que eu mais queria era registrar tudo aquilo que fazemos e compartilhar. Falo isso não apenas pelas pesquisas realizadas, pelos eventos organizados, mas pelo cotidiano muitas vezes. Claro que com o nosso jeito, reproduzimos o que aprendemos de maneira especial com Você Professor Eliseu, que conduziu grande parte das gerações dos geógrafos e geógrafas que hoje estão presentes no Cartograma⁵⁷. Trata-se de geógrafos e geógrafas que foram orientados no GASPERR e anteriormente no “Proto GASPERR” pelo Professor Eliseu.

⁵⁷ O cartograma foi produzido com as informações do Currículo Lattes do Professor Eliseu atualizado no mês de novembro de 2018. Ao analisar o currículo, percebemos uma diversidade de orientações realizadas. Desse modo, na tentativa de apresentar a informação de maneira detalhada no que concerne ao tipo de Orientação, como também ao local de trabalho atual do Orientando (A), classificamos as orientações em: a) Orientandos (as) de Iniciação Científica (IC); b) Orientação de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC); c) Orientação de Iniciação Científica e Trabalho de Conclusão de Curso; d) Orientação de Trabalho de Conclusão de Curso e Mestrado; e) Orientação de Trabalho de Conclusão de Curso, Mestrado e Doutorado; f) Iniciação Científica, Trabalho de Conclusão de Curso, Mestrado e Doutorado; g) Iniciação Científica, Mestrado e Doutorado; h) Mestrado; i) Doutorado; j) Pós-Doutorado. A partir da identificação dos Orientandos e Orientandas com trabalho defendido sob orientação do Professor Eliseu, acessamos o currículo lattes de cada um dos Orientandos (As) para identificar onde estão atuando enquanto profissionais (geógrafos – bacharéis e licenciados). Quando da ausência do currículo lattes, utilizamos o sistema de busca do *Google*, como também da rede social *facebook*. Verificamos que dos Orientandos e Orientandas de Iniciação Científica, TCC e Mestrado, grande parte tem atuação enquanto professores e professoras efetivas das escolas públicas e particulares do Estado de São Paulo, como também desempenham atividades em faculdades particulares. Das orientações realizadas em nível de Pós-Graduação: mestrado, doutorado e pós-doutorado, percebemos que os Orientandos (As) possuem uma inserção nos Institutos Federais e nas Universidades Públicas – Estaduais e Federal na escala nacional. Mesmo que a territorialização ocorra num volume maior nos Estados de São Paulo, Paraná, Minas Gerais e Goiás, é nítida a presença de Orientandos (As) nas Universidades das regiões Norte e Nordeste do Brasil; na América Latina e também na Europa. São Professores, Coordenadores de Curso de Graduação e Pós-Graduação, Pesquisadores que constroem a Geografia Brasileira do século XXI com os olhares e as concepções geográficas construídas a partir da trajetória acadêmica desenvolvida na UNESP de Presidente Prudente, no GASPERR e sob a Orientação acadêmica e de vida geográfica do Professor Eliseu Sposito.



Ao construir essa representação cartográfica, por um lado, diminuímos um pouco a angústia do ser Professor (de ter um contato intenso com os alunos e depois... como num “passe de mágica” não termos mais notícias...) e por outro, mostrar a grandiosidade – em múltiplas dimensões - do trabalho realizado pelo Professor Eliseu.

Somos muitos CANTOS... com a liberdade de pensamento que Você nos ensinou a ter, com a dedicação, seriedade, compromisso e serenidade que também você nos ensinou... seguimos “step by step” e com a paciência histórica necessária ... na difícil e prazerosa missão de revelar aquilo que não é revelado pela velocidade do tempo presente.

Parabéns Eliseu pela trajetória de Vida Geográfica e por acreditar que a construção coletiva é a essência do Trabalho que Liberta!

Obrigado Professor Eliseu por pensar, construir, consolidar e deixar com que o “Nosso Canto” GERAL continue a ser NOSSO em múltiplas escalas!

Denise Cristina Bomtempo

15 de Maio de 2019. Um dia, mais que os outros, de múltiplas lutas!

REFERÊNCIAS

A VIDA GEOGRÁFICA.

BOMTEMPO, Denise Cristina. **Os sonhos da migração**: um estudo dos japoneses e seus descendentes no município de Álvares Machado – SP. Dissertação de Mestrado. FCT/UNESP: Presidente Prudente, junho de 2003, 179 f. Financiamento: CAPES/FAPESP.

BOMTEMPO, Denise Cristina. **Dinâmica territorial, atividade industrial e cidade média**: as interações espaciais e os circuitos espaciais da produção das indústrias alimentícias de consumo final instaladas na cidade de Marília – SP. Presidente Prudente: [s.n], 2011. 455 f.

BORN, Claudia. Gênero, trajetórias de vida e biografia: desafios metodológicos e resultados empíricos. In: **Sociologias**. Porto Alegre, 2001, 3(5): 240-265.

PEREIRA JÚNIOR, Edilson Alves. **Território e economia política** – uma abordagem a partir do novo processo de industrialização no Ceará. Presidente Prudente: [s.n], 2011 450 f. (Financiamento: CAPES; FUNCAP).

SPOSITO, Eliseu Savério. **A revelia do seu autor**. Presidente Prudente (SP). Junho, 2010.

SPOSITO, Eliseu Savério. **Álbum Nosso Canto Geral**. Disponível em: <https://open.spotify.com/album/2vZP677URMXLQVglueAfr4>.

Revista **UNESP CIÊNCIA**, julho de 2014, ano 5, número 54. P. 6 – 11.

Sobre o autor

Denise Cristina Bomtempo

Graduada e licenciada em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP, campus de Presidente Prudente (2000). Mestre (2003) e Doutora em Geografia (2011) pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da UNESP, campus de Presidente Prudente. Doutorado Sanduiche realizado na Université Paris IX Dauphine/IRISSO/Paris/França (2009-2010). Foi professora do curso de Graduação em Geografia da UNESP - Unidade de Ourinhos e da Rede Estadual de Ensino do Estado de São Paulo. Atualmente é Docente Adjunta dos Cursos de Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Ceará (UECE); Pesquisadora e Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Geografia da mesma universidade; Coordenadora e Pesquisadora do Laboratório de Estudos Agrários, Urbanos e Populacionais (LEAUP) e vinculada ao Grupo de Pesquisas "Globalização, Agricultura e Urbanização (GLOBAU); Coordenadora Editorial da Revista GEOUECE; Coordenadora do Curso de Graduação em Geografia da Universidade Aberta do Brasil UAB/UECE e Vice Coordenadora dos cursos de Graduação em Geografia da UECE, campus de Itaperi. Foi membro do Comitê de Ética e Pesquisa da UECE (2014 - 2016). Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Geografia Humana. Atua principalmente nos seguintes temas: Mobilidade, Migração, Economia Urbana, Territorialidades, Redes Migratórias, Dinâmicas territoriais.

Como citar essa homenagem

BOMTEMPO, D, C. Cada um no seu canto e no seu tempo, seguimos unidos: carta ao professor Eliseu Sposito. **Revista Geografia em Atos** (Geoatos online), v. 13, n. 06, p. 112-127, 2019.

Revista Geografia em Atos, Departamento de Geografia, Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP, Presidente Prudente, n. 13, v. 06, mês Nov. Ano 2019.

ISSN: 1984-1647

ELISEU SAVÉRIO SPOSITO: entre ciência e emoção

Marcos Aurélio Saquet
Universidade Estadual do Oeste do Paraná
saquetmarcos@hotmail.com

Eliseu Savério Sposito, nosso mestre e amigo, ao longo de mais de 20 anos, muito nos ensinou sobre Universidade, educação, Geografia, formação acadêmico-científica, construção de redes de colaboração, dedicação aos estudos, com a serenidade que poucos têm no espaço acadêmico integrando sabedoria e humildade, (in)formalidade, ciência e emoção. Professor, orientador, colega e amigo, com o qual sempre foi muito fácil se relacionar, convivendo dentro e fora da Universidade, em projetos de pesquisa, cursos, viagens, eventos, bancas, mesas de debate, comissões de avaliação, enfim, num movimento contínuo de crescimento e qualificação. Esta última sempre esteve na pauta das atividades (in)formativas, exigente, a seu modo, sereno e muito bem ponderado, respeitador de outras opções que não fossem as suas.

Embora não seja possível descrever sua trajetória acadêmica em poucas páginas – fato facilmente verificável quando observamos seu currículo na plataforma lattes -, é importante evidenciar que Eliseu possui graduação em Geografia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Presidente Prudente (1974), mestrado em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (1983), doutorado também em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (1990) e livre-docência, pela UNESP – Presidente Prudente (2000). É professor titular da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – *Campus* de Presidente Prudente e professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Geografia desta mesma IES que, de acordo com

as últimas avaliações feitas pela CAPES, é um dos dois melhores programas de pós-graduação em Geografia do Brasil.

Entre seus principais projetos de pesquisa – sempre de acordo com seu currículo lattes (acessado em 18/4/2019) -, estão *Produção do Espaço e Redefinições Regionais* (1993-atual), *Metodologia de ensino do pensamento geográfico* (1996-atual), *A logística industrial, os fluxos e os eixos de desenvolvimento. Um enfoque considerando as cidades de porte médio* (2002 – 2014), *O mapa da indústria no início do século XXI. Diferentes paradigmas para a leitura territorial da dinâmica econômica no Estado de São Paulo* (2006 – 2011), *Lógicas econômicas e práticas espaciais contemporâneas: cidades médias e consumo* (2011-2013), *Lógicas econômicas e dinâmicas urbanas: cidades médias e localização de atividades* (2015-atual) e *FragUrb - Fragmentação socioespacial e a urbanização brasileira: escalas, vetores, formas, ritmos e conteúdos* (2018 – Atual), coordenado pela Profa. Dra. Maria E. B. Sposito.

São 47 artigos publicados, 6 livros, 50 capítulos de livros, acrescidos por 15 livros organizados, sempre possibilitando a inserção de outros pesquisadores e estudantes para, juntos, socializarem suas produções científicas, muitas vezes, construídas a “várias mãos”, a partir das pesquisas realizadas no âmbito acadêmico. São 37 dissertações de mestrado concluídas sob sua orientação, 28 teses de doutorado e 72 trabalhos de iniciação científica. Além disto e de outras diversas atividades, Eliseu participou até este momento de 50 bancas de defesa de dissertação de mestrado e de 73 bancas de defesa de tese de doutorado. Entre suas orientações de doutorado, está a nossa, por meio da qual produzimos a tese intitulada *Os tempos e os territórios da colonização italiana*, defendida em 2001 – sua primeira orientação concluída no doutorado -, publicada na forma de livro pela Editora EST Edições, de Porto Alegre, em 2003.

Para a construção da tese, a abordagem foi debatida e qualificada, sempre com autonomia decisória por parte do autor da mesma, integrando rigidez metodológica e versatilidade em relação à problemática, aos objetivos da pesquisa, à concepção de abordagem e às análises feitas. Aí, concordamos

com Sposito (1997), quando afirma que a opção pelo método requer, necessariamente, uma reflexão sobre suas categorias e conceitos. Então, trabalhamos, no decorrer do doutoramento, sistematicamente, com alguns aspectos da epistemologia da Geografia, especialmente a partir dos conceitos de espaço, tempo e território, sem negligenciar o lugar e a região, reconhecendo também a centralidade das redes, da vida cotidiana e da pluridimensionalidade do desenvolvimento. Assim, acreditamos que, juntos, conseguimos contribuir um pouco ao debate da migração, da heterogeneidade do MCP, das redes e do território, este entendido como interface fundamental entre a sociedade e a natureza, também presente nas principais obras de Eliseu Sposito.

Entre suas principais obras, destacam-se *Geografia e filosofia: contribuição para o ensino do pensamento geográfico* (2004), *A vida nas cidades: por que a cidade existe?* (1994), *Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos* (2009) – organizado com Marcos Saquet - e *Redes e cidades* (2006). Território e espaço assumem centralidade, ao longo das suas pesquisas e reflexões, para a compreensão, representação e explicação dos fenômenos e processos geográficos, sobretudo urbano-industriais, sem negligenciar as problemáticas epistemológica e do ensino de geografia.

Consoante destacamos em Saquet (2007), Eliseu Sposito (1995, 1996, 1997, 1999, 2004) tem, num estreito diálogo com pesquisadores franceses, ao longo da sua produção científica, uma compreensão relacional e materialista de Geografia, eminentemente econômica, relacionando adequadamente conceitos como espaço, território e região. O território é entendido como recortes (local, regional e nacional), circulação de informações e localização, isto é, como espacialidade em constante transformação, principalmente, em virtude do processo de mundialização do capital, das redes e dos fluxos econômicos. Esse movimento se acentua e se acirra historicamente, com as chamadas revoluções industriais e científicas, que determinam redefinições sociais e espaciais. Há diferentes tempos e espaços, singularidades, como ocorre no processo de industrialização no Estado de São Paulo, que assume arranjos particulares de acordo com as situações de cada relação espaço-tempo sem descolamento

da divisão internacional do trabalho. Há destaque, na concepção construída por Eliseu Savério Sposito, para as redefinições espaciais, inovações, redes e os fluxos, numa perspectiva de abordagem histórico-crítica, relacional e reticular, destacando as redes, os fluxos e a territorialização na rotação e reprodução do capital

E é a partir dessa concepção descrita, apesar da superficialidade destas páginas, que esperamos que Eliseu continue estudando e refletindo. Nosso amigo, mestre e colega, sereno e bem ponderado, sempre contribuindo, dentro e fora da Universidade, na compreensão da heterogeneidade brasileira e no ensino-aprendizagem-formativo, com ciência e emoção!

REFERÊNCIAS

- SAQUET, Marcos. **Os tempos e os territórios da colonização italiana**. Porto Alegre/RS: EST Edições, 2003 [2001].
- SAQUET, Marcos. **Abordagens e concepções de território**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.
- SAQUET, Marcos e SPOSITO, Eliseu (Org.). **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.
- SPOSITO, Eliseu. **A vida nas cidades: por que a cidade existe?** São Paulo: Contexto, 1994.
- SPOSITO, Eliseu. A expansão e a monopolização do território em Presidente Prudente, **Recortes**, Presidente Prudente, v. 4, 1995, p.41-70.
- SPOSITO, Eliseu. Fluxos e localização industrial. In: MELO, J. (Org.). **Região, cidade e poder**. Presidente Prudente/SP: Gasperr, 1996. p.69-96.
- SPOSITO, Eliseu. As transformações no território do Oeste da Bahia (notas de viagens), **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, v.19/20, 1997, p.139-156.
- SPOSITO, Eliseu. Território, logística e mundialização do capital. In: SPOSITO, E. (Org.). **Dinâmica econômica, poder e novas territorialidades**. Presidente Prudente: Unesp/FCT:Gasperr, 1999, p.99-113.
- SPOSITO, Eliseu. **Geografia e filosofia**. São Paulo: Editora da Unesp, 2004.
- SPOSITO, Eliseu. **Redes e cidades**. São Paulo: Editora da Unesp, 2006.

Sobre o autor

Marcos Aurelio Saquet

Possui graduação em Geografia pela UNIJUÍ, RS (1990), Mestrado em Geografia pela Universidade Federal de Santa Catarina (1996) e Doutorado em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2001). Fez doutorado sanduíche na Università Ca Foscari de Veneza e Pós-Doutorado no Politecnico e Università de Turim- Itália. Foi professor visitante no Politécnico e Università di Torino (2006), na Universidad Nacional de Colómbia (Sede Bogotá, em 2016), na Universidad Distrital Jose Francisco de Caldas (Bogotá, em 2017), na Universidad de La Salle (Bogotá, em 2018) e na Universidad de Caldas (Manizales, em 2019), bem como no El Colegio de Tlaxcala (2015) e na Universidad Autónoma Chapingo - Texcoco (2015 e 2019) e Chiapas (2019), ambas do México. Atualmente é professor Associado C da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, onde ensina nos cursos de graduação em Geografia (Licenciatura e Bacharelado) e no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural Sustentável (Mestrado e Doutorado). Também é professor credenciado no Programa de Pós-Graduação em Geografia da UNICENTRO (Doutorado). É parecerista de diferentes periódicos nacionais e internacionais ranqueados pela Capes e de distintos PIBICs, além de ser membro do Comitê de Ciências Humanas da Fundação Araucária, avaliador do Programa Universidade Sem Fronteiras (USF/SETI/PR), da FAPESP, CNPq, CAPES e do Programa SCIELO (Scientific Electronic Library Online). É coordenador dos intercâmbios científicos entre a UNIOESTE, El Colegio de Tlaxcala e Universidad Autónoma de Chapingo (México), Università Ca Foscari di Venezia e Università Degli Studi di Torino (Itália), bem como com a Universidad Nacional de La Plata (Argentina) e Universidad Nacional de Colómbia (Sede Bogotá). Deste modo, também é: i) Membro da Rede Internacional de Inteligência Territorial (INTI), da Red Territorio, Actores y Gobernanza América Latina (TAG) e da International Research Network (IRN), coordenadas pelos profs. Jean-Jacques Girardot e Horacio Bozzano; b) Pesquisador internacional da Red en Gestión Territorial para el Desarrollo Rural Sustentable (Red GTD - México) e do Programa de Investigación Latinoamericano en Gestión para la Soberanía Alimentaria (PILAGTSOA), financiados pelo CONACYT - México e coordenados pelo prof. César Ádrian Ramírez Miranda; c) Membro do International Network - Cultural Changes Laboratory, Inequalities and Sustainable Development (CCISUD); d) Membro do Progetto di Cooperazione Internazionale: Territori, Sostenibilità e Università (Geographical Salad), Università di Bologna, UNIOESTE, UFPE e Università di Torino, coordenado pela profa. Dra. Elisa Magnani; e) Membro da Rede Brasileira de Pesquisa e Gestão em Desenvolvimento Territorial (RETE). Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Epistemologia da Geografia e Geografia Agrária atuando, principalmente, com os seguintes conceitos e/ou temas: território e territorialidade; desenvolvimento territorial; agricultura familiar, agroecologia e migração.

Como citar essa homenagem

SAQUET, M, A. ELISEU SAVÉRIO SPOSITO: entre ciência e emoção. **Revista Geografia em Atos** (Geos atos online), v. 13, n. 06, p. 138-133, 2019.

ELISEU SAVÉRIO SPOSITO: A CONSTRUÇÃO DO ARGUMENTO E A DEFESA DA UNIVERSIDADE PÚBLICA

Leandro Bruno Santos

Universidade Federal Fluminense (UFF)
E-mail: leandrobrunodossantos@yahoo.com.br

Introdução

Vivemos um momento marcado pelo ataque às ciências humanas, em nome de uma ciência única que seja capaz de produzir resultados e ganhos imediatos, pela disseminação de “fake news”, propiciadas pelas tecnologias da telemática, desobrigando qualquer exercício de análise e síntese essenciais ao pensamento crítico, e pela descrença em torno do “progresso”, levando à personificação de mitos e à rejeição da ciência como possibilidade de superação de nossos problemas fundamentais. As ciências humanas estão no centro dos ataques porque contribuem para mostrar a incapacidade da ciência de estabelecer suas prioridades, desnudando os interesses políticos e econômicos.

Essa homenagem veio em boa hora, num momento em que a universidade, acossada por políticas de cortes de recursos, é rotulada como o ambiente da balbúrdia. Participar dessa homenagem é uma oportunidade de mostrar a importância da trajetória de intelectuais na nossa capacidade de cultivar o juízo crítico e no crescimento civil e cultural essenciais à nossa existência e reprodução social. Trata-se de mostrar sua contribuição não apenas na nossa formação profissional, mas também nossa formação ética e política necessárias ao exercício da cidadania. É uma oportunidade de mostrar a contribuição não apenas epistemológica, tão necessária para uma leitura crítica da produção do conhecimento, senão ainda ontológica, presente nos sentidos do conhecimento produzido, na visão de ciência e de sociedade.

A convivência com o homenageado por dez anos, da graduação à pós-graduação, foge dos protocolos acadêmicos de impessoalidade da redação acadêmica. Minha homenagem fará uso da primeira pessoa e é bom lembrar que os fatos e argumentos construídos são um esforço de rememorar um passado adormecido e materializá-lo no presente, levando a uma ressignificação dos acontecimentos num outro espaço e tempo. Escrever esse texto me mostrou o quanto o homenageado segue presente na minha visão de mundo e de Universidade, nas relações interpessoais, de modo que, mais do que as contribuições teórica e epistemológica, guardo uma influência ontológica que transcende o modo de produzir o conhecimento.

Escolhi uma narrativa que aborda três momentos ou marcos importantes da forma como Eliseu marcou, indelevelmente, minha formação acadêmica, profissional e pessoal. Transcrevo a narrativa de maneira linear, como forma de encadear melhor as ideias, mas é bom lembrar que esses momentos só podem ser entendidos enquanto partes em movimento, numa totalidade.

O contato e a orientação

Em abril de 2002, após ser contemplado com uma bolsa do Programa de Apoio ao Estudante (PAE), tive que, já no primeiro ano de graduação, pensar num orientador para me apoiar na elaboração de um projeto de pesquisa e me acompanhar durante o período de vigência da bolsa. Àquela época, minha paixão pelos fenômenos econômicos e as aulas de introdução à economia reforçaram o meu desejo de conhecer esse campo disciplinar. Mas antes, como hoje, para nós alunos(as) recém-chegado(a)s ao ambiente universitário, parecia tão difícil ser aceito pelos (as) professores (as).

Devo ao professor Everaldo a indicação do professor Eliseu para me apoiar com a bolsa PAE. Não conhecia os professores do departamento, as disciplinas do primeiro ano eram propedêuticas, ministradas, em sua maior parte, por professores de outros departamentos. Lembro-me que, após as con-

versas com outros alunos (Daniel de Souza Medeiros foi um deles) que trabalhavam com Eliseu, a minha angústia só aumentou, tratava-se de um professor e pesquisador com muitos(as) orientandos(as) e com grande respeito e influência na comunidade acadêmica. Isso só fez aumentar a angústia e o medo de não ser aceito, cabia ao professor assinar o meu termo de aceitação.

O meu primeiro contato com Eliseu ocorreu no corredor do departamento de Geografia, criei coragem e decidi abordá-lo, o prazo expirava e eu não tinha entregue o plano de atividades assinado à Diretoria Técnica Acadêmica (DTA). Enquanto falávamos, eu tremia muito, sequer conseguia esboçar o que poderia estudar no âmbito da Geografia Econômica. Eliseu demonstrou uma compreensão e generosidade muito grande, inquirindo-me sobre minhas origens, atividades econômicas existentes no meu município, entre outras perguntas. E, com essa sensibilidade, logo me conduziu a estudar a produção de cimento no município de Itapeva, atividade econômica muito conhecida pelo Eliseu, que estava finalizando a orientação de Marcia Ajala de Almeida sobre o tema.

Faço essa descrição minuciosa para mostrar não só a humanidade do homenageado, num ambiente às vezes insólito e frio, mas principalmente uma qualidade admirável no meio acadêmico, que é a disposição para apoiar os alunos nas escolhas de temas de pesquisa sob os quais têm domínio e amplo conhecimento, mas também de adentrar temas pouco conhecidos, visando alargar seus conhecimentos. As suas orientações abrangiam do ensino da Geografia, passando pela cartografia e pela produção e apropriação da renda fundiária até as abordagens econômicas da industrialização. Apesar da tendência à fragmentação inter e intra campos dos saberes que acomete a nossas ciências, Eliseu demonstra uma trajetória que combina a visão em profundidade em alguns temas, sem se esquecer da visão panorâmica, para não perder as interrelações e a totalidade.

Numa auto-avaliação de sua trajetória no GAsPERR, na qual procura enfatizar os princípios básicos para a formação do grupo e delinear a sua par-

ticipação, Eliseu menciona a reorientação de seus temas de pesquisa, “passando das questões do ensino de Geografia e da sala de aula para as abordagens econômicas do processo de industrialização e de suas repercussões na cidade e na escala da região”⁵⁸. Mais adiante, reforça que “estava oscilando, nesse momento, entre a estrutura e dinâmica da indústria e a produção e apropriação da renda fundiária” (p. 55). A partir de 1996, “a indústria, a produção do espaço urbano, o emprego e a dinâmica populacional permearam os trabalhos realizados pelos orientandos” (SPOSITO, 2005, p. 59).

Nessa época, o GAsPERR era ainda um grupo acadêmico, a ênfase como grupo de pesquisa só ganhou corpo após um seminário de avaliação, quando o professor Heinz Dieter Heidemann, da Universidade de São Paulo, destacou que o grupo tinha crescido muito, com uma grande quantidade de alunos, temas de pesquisa, entre outros. O grupo de pesquisa cresceu, os eixos de pesquisa estruturantes deram lugar aos projetos de pesquisa baseados em conceitos e temas (produção do espaço, dinâmicas territoriais, centralidade urbana etc.) e, mais recentemente, com o amadurecimento das pesquisas, as atividades têm sido orientadas por conceitos (produção do espaço, centralidade urbana, urbanização difusa, território etc.), processos (dinâmicas territoriais, industrialização em São Paulo, eixos de desenvolvimento etc.) e recortes analíticos (cidades médias por meio da relação espaço-tempo)⁵⁹.

Embora tenha acompanhado essas mudanças pelas quais o GAsPERR passou ao longo dos últimos 25 anos, Eliseu manteve essa característica de estar disposto a novos temas e desafios, estabelecendo uma parceria com seus orientandos e alargando os horizontes de reflexão e conhecimento. Nas palavras do homenageado, “além de orientar em temáticas da Geografia Econômica, também tive e tenho, nesses últimos anos, orientandos que trabalham outros temas” (p. 72) como ensino de Geografia, Epistemologia da Geografia e Outros temas (uso mercantil da paisagem). É por isso que o homenageado não pode ser facilmente acomodado nas “caixinhas” das especializações pelas

⁵⁸ Sposito (2005, p. 54).

⁵⁹ Sposito; Whitacker (2019).

quais passa a nossa ciência, ao contrário, sua contribuição perpassa a Geografia Humana, a Geografia Regional e a Teoria e Método.

Essa versatilidade de orientação e produção do conhecimento se reflete num universo amplo e diverso de orientandos(as) hoje espalhado(a)s pelo país, inserido(a)s em instituições de ensino superior, ensino técnico e ensino fundamental e médio, que, direta e indiretamente, contribuem para a continuidade de seus aportes teórico-metodológicos e suas reflexões destinadas às leituras das mudanças no mundo da produção material e imaterial, ao ensino da Cartografia na Geografia, à importância da teoria e do método na produção do conhecimento em Geografia, entre outros.

A construção do argumento

Lembro-me das diversas orientações e de aulas de metodologia nas quais Eliseu sempre reforçava que a produção de conhecimento consistia na construção de um **argumento**, não apenas sustentado por um método e seus componentes (leis, teorias e conceitos), senão ainda pela sua capacidade de desnudar a realidade objetiva. Sempre nos alertava para os riscos dos dogmatismos e ortodoxias sem a preocupação com a realidade, que poderiam culminar em doutrinas estéreis e ecléticas, ao mesmo tempo em que alertava para os riscos da falta de método que levava a argumentos frágeis ou vazios. A propósito das tendências doutrinárias diferentes quanto ao método, alertava que “precisamos deixar claro, no entanto, que qualquer um de nós que pretende debater a importância do método na Geografia deve explicitar sua posição quanto à importância do método e à escolha feita”⁶⁰.

Sempre dizia, seja nos seus escritos seja durante as orientações, que os encaminhamentos do método, dedução e indução, deveriam ser exercícios permanentes no desenvolvimento da pesquisa, mas nunca confundidos com o método. Era um recado para os perigos do conhecimento carregado de discursos

⁶⁰ Sposito (2004, p. 51).

e desconectados da perspectiva histórica, mas também para os empirismos e dificuldades de elaboração de abstrações capazes de nos apoiar na leitura geográfica dos fenômenos sociais. Era uma forma de nos dizer que, no processo de produção do conhecimento, nossos esforços deveriam ser permanentes no sentido de construção intelectual da realidade do social - por meio de leis, conceitos e teorias -, sempre visando à objetivação da realidade concreta.

Como diz o provérbio, *santo de casa não faz milagre!* Apesar das orientações e da sua contribuição ao método e à metodologia da ciência, recordo de um momento marcante durante o doutorado. Havia reunido um vasto material sobre a internacionalização do capital e sobre os processos de expansão das empresas oriundas da periferia do sistema capitalista, sob a forma de livros, artigos, capítulos de livros, entre outros, por meio de levantamento em diversas bibliotecas e em estágios de pequena duração em alguns países da América Latina. Eliseu sempre me atendia quinzenalmente e, para cada diálogo, eu levava por debaixo dos braços uma pilha de livros e artigos. Ninguém queria marcar uma reunião depois de mim, eu deixava Eliseu esgotado e sempre estendia a orientação para além do horário.

Após várias reuniões, certo dia lá estava eu, à porta do GAsPERR para mais uma orientação. Sob as mãos, como não poderia deixar de ser, carregava diversos livros e textos. Nesse dia, assim que sentei, Eliseu perguntou se os livros e textos eram novos, se eram leituras posteriores à última reunião. Após o meu sim, Eliseu perguntou como estava meu plano provisório de redação? Como iria distribuir as leituras e os dados primários e secundários ao longo dos capítulos? Qual seria o argumento construído? Afinal, restavam poucos meses para a defesa e sequer havia entregue um manuscrito para a sua apreciação. Ao final, a tese foi redigida e defendida, não sem o ensinamento que Eliseu sempre tem deixado a cada um de seus orientandos, de uma prática da ciência como razão de existência.

Embora nem todas as temáticas orientadas fizessem parte do seu *métier* e de suas pesquisas em andamento, sua contribuição era fundamental nos recortes e problemáticas, nos níveis teóricos e epistemológicos, estimulando-

nos a incorporar criticamente os conceitos de outros campos disciplinares e a superar nossas dificuldades (com leitura, redação, língua estrangeira etc.). Após toda viagem que fazia a eventos, sempre trazia livros relacionados a temáticas desenvolvidas por cada orientando(a), mostrando a relevância da temática de cada um e a sua parceria incondicional no nosso processo de formação intelectual, profissional e pessoal.

A Universidade como *locus* de mudança social

Eliseu tinha (e tem) uma maneira muito peculiar de trato com cada orientando(a), dosando a rotina de orientação, o tempo e a periodicidade segundo o amadurecimento intelectual, o domínio da língua vernácula, o estado emocional, entre outros, de cada aluno(a). Essa peculiaridade revela sua sensibilidade às vezes pouco percebida. Confesso que só pude identificar essa característica anos depois, quando a atividade laboral e as experiências acumuladas levaram-me a ressignificar o passado. Esse exercício retrospectivo e introspectivo revela a influência que carregou de sua orientação sobre minhas práticas acadêmicas e, imagino, que também esteja presente em outros(as) alunos(as) que Eliseu orientou ao longo de sua trajetória acadêmica.

A seletividade de nossa memória guarda relação com o grau de importância e de significado dos eventos para nós. Algumas situações significativas mostram a sensibilidade com que Eliseu conduzia cada orientação e cada processo de formação e amadurecimento intelectual de seus(suas) orientandos(as). Certa vez, solicitei uma reunião para tratar da leitura de um livro, Por uma outra globalização, escrito por Milton Santos, era o primeiro livro que havia lido na universidade. Durante a reunião, comentei que havia sido uma leitura muito difícil, sendo complicado compreender as ideias do autor. Eliseu, então, comentou que aquela era uma obra quase paradidática, constituindo-se no livro mais fácil para um aluno de início de graduação. Minhas dificuldades não se restringiam à leitura e análise de textos, a redação tam-

bém era precária. Os meus *papers* que Eliseu corrigia vinham mais com correções, em vermelho, que com os textos originais. Vindo de uma escola pública, minhas dificuldades com leitura, análise e escrita de textos acadêmicos saltavam à vista.

Eliseu, a seu modo, em cada orientação e correção, mostrava os caminhos para a formação acadêmica e cidadã, levava-me pelas mãos para conhecer o mundo dos advérbios, dos pronomes demonstrativos, das crases. Senti-me muitas vezes provocado a fazer da adversidade uma virtude, não sem choros (às escondidas) e pequenos percalços. Com o tempo, Eliseu passou a dizer que estava corrigindo os textos por amostragem e eu, imaturo, não conseguia ver que não era para evitar a leitura de meus textos truncados, mas um elogio para que continuasse a evoluir na redação. Foi em 2008, logo após as arguições da defesa de mestrado, que essa sensibilidade ficou mais evidente, quando Eliseu pediu a palavra, antes de ler o parecer da banca, para dizer que a Universidade deveria acreditar na inclusão dos alunos de escola pública, e que aquela dissertação fora escrita por um aluno que soube superar todas as dificuldades de sua formação.

Mas, essa dissertação por mim mencionada, depois o doutorado e o ingresso na carreira docente de professor de magistério superior não teriam sido possíveis sem outra demonstração de sensibilidade. Em meados de 2006, após a defesa do TCC, as circunstâncias levaram-me a tomar a decisão de retornar a minha cidade de origem; informei Eliseu numa reunião de orientação. Na semana seguinte, não apenas Eliseu, mas também outros colegas, disseram que Carminha, Maria Encarnação Beltrão Sposito, queria conversar comigo. Todos brincavam que eu deveria ter feito algo errado e passei alguns dias tentando entender se tinha feito ou comentado algo. Lembro-me que, quando nos encontramos no laboratório do grupo de pesquisa, Carminha marcou uma reunião comigo. À proporção que os dias se passavam, aumentava a minha aflição, não fazia ideia do que seria tratado. No dia da reunião, Caminha iniciou o diálogo relatando sua leitura sobre minha trajetória no GAsPERR e no curso de Geografia, guardo cada palavra com muito carinho. Penso que não

eram apenas suas palavras, mas também de um orientador que me acompanhava por mais de quatro anos.

Essa reunião foi um divisor de águas tanto na minha vida acadêmica quanto na minha vida pessoal. Todas minhas aflições pessoais e materiais se diluíram graças a uma sensibilidade de pessoas que desempenham um papel fundamental na nossa formação acadêmica, mas também na nossa formação enquanto cidadãos. Escrever esses poucos parágrafos, num momento em que sofremos todo tipo de cortes de recursos e somos impelidos a tomar as ruas para mostrar a importância da universidade, foi um dos exercícios mais gratificantes. Eliseu mostrou a cada um de nós a relevância de um argumento sólido e coerente, a importância do conhecimento como processo em permanente construção, mas também, e principalmente, que a Universidade é o espaço de formação pessoal e cidadã, *locus* de transformação pessoal e social. Não consigo pensar numa outra práxis que não seja a defesa da Universidade Pública que seja inclusiva e transformadora, algo que você, Eliseu, ensinou a cada um de nós!

REFERÊNCIAS

SPOSITO, Eliseu Savério. **Geografia e filosofia**. Contribuição para o ensino do pensamento geográfico. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

SPOSITO, Eliseu Savério; WHITACKER, Arthur. Magon. GAsPERR – Um grupo de pesquisa em diferentes tempos. **Caderno Prudentino de Geografia**, n. 41, v. 1, p. 10-29, Jan./Jun. 2019.

SPOSITO, Eliseu Savério. Dinâmica econômica, fluxos e eixos de desenvolvimento. Avaliação da construção de uma temática. In. _____ (Org.). **Produção do espaço e redefinições regionais: a construção de uma temática**. Presidente Prudente: UNESP/FCT/GAsPERR, 2005, p. 53-83.

SPOSITO, Eliseu Savério. A propósito dos paradigmas de orientações teórico-metodológicas na Geografia contemporânea. **Terra Livre**, São Paulo, v. 1, p. 99-112, 2001.

Sobre o autor**Leandro Bruno Santos**

Possui Licenciatura e Bacharelado em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Campus de Presidente Prudente (2005). É mestre (2008) e doutor (2012) pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia pela Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, com estágio sanduíche na Benemérita Univerdad Autónoma de Puebla (BUAP). Foi professor Assistente Doutor, entre 2013 e 2015, da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus de Ourinhos. Atualmente é Professor Adjunto do Curso de Geografia, Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional (ESR), Universidade Federal Fluminense (UFF). É também credenciado como docente permanente no Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPG) no ESR/UFF. Coordena o Núcleo de Estudos em Economia Política Geográfica (NEEPG). Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Geografia Econômica, Geografia Industrial e Geopolítica, atuando principalmente nos seguintes temas: Estado, Mundialização, Empresas Multinacionais, Investimentos Diretos Estrangeiros, Estruturas de Mercados, Teorias da Localização Industrial. É autor dos livros "O capitalismo industrial e as multinacionais brasileiras", em co-autoria com Eliseu Savério Sposito, e "Estado e internacionalização das empresas multilatinas". Jovem Cientista do Nosso Estado (JCNE) pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro - FAPERJ

Como citar essa homenagem

SANTOS, L, B. Eliseu Savério Sposito: a construção do argumento e a defesa da Universidade Pública. **Revista Geografia em Atos** (Geoatos online), v. 13, n. 06, p. 133-142, 2019.

UMA TRAJETÓRIA DE LIBERDADE:
TRIBUTO A ELISEU SAVÉRIO SPOSITO

Paulo Fernando Jurado da Silva

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)
E-mail: pfjurado@uems.br

Liberdade para pensar e ser na Geografia: elementos analíticos para reflexão de orientação de Eliseu Savério Sposito

Eliseu Savério Sposito foi meu primeiro professor na universidade e uma pessoa que respeito pelo caráter e responsabilidade. Seu exemplo levarei para a vida. Conhecemo-nos em 2005, quando foi docente responsável pela disciplina de Pensamento Geográfico, na Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus de Presidente Prudente.

Eliseu demonstrou, desde o início, ser profissional carismático e comprometido. Na época, na minha turma de graduação, por exemplo, tinha em torno de 10 orientandos, dos quais com o afunilamento das pesquisas restou Cássio Antunes de Oliveira, Eliane Carvalho e eu. Cada um em um tema de pesquisa distinto, mas refletindo basicamente sobre assuntos da Geografia Econômica.

Naquele momento, pude compreender o que era um grupo de pesquisa porque Eliseu estimulava o debate, no coletivo. Sposito, junto a outros professores do Departamento de Geografia e Planejamento, havia fundado o Grupo de Pesquisa Produção do Espaço e Redefinições Regionais (GAsPERR), do qual fui signatário de 2005 a 2015, período este em que Eliseu era líder. Fui de aluno de graduação a pesquisador (doutor), saindo do GAsPERR quando da troca de liderança. Isso, por sua vez, foi seguido pelo meu ingresso como docente efetivo da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, local em que exerço o cargo de gestão da Unidade Universitária de Campo Grande e

pude fundar em 2018, em moldes semelhantes, o GTTER (Grupo de Pesquisa sobre Tecnologias, Território e Redes), em Campo Grande-MS.

Desse modo, é importante frisar que realizei pesquisa com Sposito durante a graduação, mestrado e doutorado. Pude conhecer mais sobre o mundo da Geografia, o cenário brasileiro e internacional. Viajamos juntos para vários locais, envolvendo desde trabalhos de campo, em disciplinas da graduação, estágios na pós-graduação e em um doutorado sanduiche, no exterior.

Em todas orientações, deixava-me bastante livre para poder voar analiticamente, concedendo-me autonomia intelectual e, com isso, pude construir meu referencial teórico de forma criativa. Isso, por outro lado, foi acompanhado de Eliseu propor, contrapor e permitir o diálogo entre diferentes autores para composição da Geografia que processava enquanto estudante.

Em sala de aula, Eliseu nunca trouxe respostas prontas. Sempre formulava questões a partir de um denso repertório de textos básicos e complementares que compunham suas distintas disciplinas, no campo da Geografia Humana. Desse modo, ia prosseguindo e construindo um roteiro analítico de reflexões maiores. Nunca me induziu a respostas fáceis, cabrestos teóricos e a concepções formuladas *a priori*. Ensinou-me que os caminhos mais ligeiros vão embora na mesma rapidez e medida. Para cada pergunta que levava, ele me devolvia com outras, sugeria autores e me ensinava a refletir criativamente/criticamente.

No contexto da orientação, o primeiro interesse que busquei na temática foi o assunto da cidade pequena, por ter vivido parte da minha vida em um pequeno centro. Lembro-me que Eliseu foi um estimulador do processo, visto que havia habitado Pirapozinho e estudado este pequeno centro, a partir da abordagem das migrações e da percepção na região de Presidente Prudente.

Assim, seguindo o caminho analítico de compreensão das cidades pequenas, desenvolvi a ideia de relação urbano-rural para compreender a cidade pequena de Flora Rica. Depois prossegui com o estudo da indústria e do emprego nas cidades pequenas da região de Presidente Prudente, a partir de

uma bolsa de iniciação científica, concedida pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e, posteriormente, no mestrado com bolsa equivalente da mesma Fundação, por meio de investigação, mais detida, sobre o fenômeno industrial regional em pequenos centros.

Na época, conduzido por Sposito, considerei que a região não havia passado por um denso processo de industrialização. Defendi a ideia de uma difusão espacial da indústria, em caráter periférico, se comparada a São Paulo. Enquanto a capital desenvolvia-se do ponto de vista econômico e industrial o interior se tornava mais urbano por meio da criação de diversos centros, estimulados pela economia do café, em um processo de acumulação primitiva do capital que possibilitou, posteriormente, São Paulo tornar-se centro econômico do Brasil no século XX e metrópole nacional. Visitei vários países para apresentar trabalhos sobre a temática, bem como diversas partes do país. Eliseu era um estimulador de debates, sempre me oportunizando uma reflexão plural, que garantisse que as minhas ideias pudessem ser introduzidas na Geografia.

Eliseu durante todo o processo me orientou de forma bastante amigável. Ensinou-me o caminho para construção de um texto acadêmico. Sua primeira lição foi me passar bibliografia para a construção do pensamento geográfico e de uma pesquisa. Fazer perguntas, construir um roteiro de investigação, ensinar a pensar sobre os objetivos da pesquisa e uma metodologia. Tudo isso foi se construindo, fazendo a pesquisa com as próprias mãos a partir do primeiro ano de graduação em Geografia.

Já no doutorado, estudei a Geografia das Telecomunicações no país. Para tanto, fiz uma abordagem na interface da Geografia Econômica e o Pensamento Geográfico. Discuti que havia uma forma espacial de concentração da técnica, economia e da ciência no país que se conjugava a ideia de telecomunicações, na qual denominei de Psi Geográfico que dizia respeito as partes do território nacional mais adensadas do ponto de vista das dimensões citadas.

Depois disso, ainda tive um pós-doutorado aprovado pela FAPESP com o Eliseu para estudar comércio eletrônico em cidades médias de São Paulo. Entretanto, não dei continuidade a empreitada, tendo em vista que havia passado em concurso público na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul e assumiria logo em seguida esta missão.

O par economia-espço: síntese para compreensão horizontal e vertical da produção de Sposito

Na trajetória de pesquisa, Eliseu se mostrou um investigador versátil. Trabalhou com temas do Pensamento Geográfico e da Epistemologia, Geografia Econômica e Urbana. Mas, posso argumentar que há um par dialético que poderia melhor exemplificar a relação do pensamento de Sposito em relação à Geografia. Trata-se do par economia-espço.

Eliseu, no início de sua trajetória, teve como temas de investigação as cidades pequenas. Na sua dissertação, por exemplo, fica nítido tal empenho em compreender Pirapozinho no universo da região de Presidente Prudente. O trabalho pode ser considerado como um dos clássicos sobre pequenos centros para a compreensão do assunto na Geografia.

Armando Corrêa da Silva foi seu orientador e discutiu o tema da percepção junto a Eliseu, em sua dissertação. O próprio Armando possuiu diversas fases do ponto de vista da pesquisa, abordando temas da Geografia Tradicional e da Geografia com interface na Fenomenologia. Eliseu, naquele trabalho inicial, esboçou o tema de forma clássica, ampliando o conhecimento sobre uma realidade ainda pouco explorada do ponto de vista da Geografia Urbana.

Já em sua tese de doutorado houve uma mudança radical do ponto de vista do conteúdo abordado, da forma e do método. Foi influenciado, fortemente, pela Geografia Crítica, cujo fundamento do ponto de vista do método filosófico embasava-se no materialismo histórico dialético.

A orientação no doutorado passou a ser feita por Ariovaldo Umbelino de Oliveira, na Universidade de São Paulo, trabalhando com o tema da renda fundiária na cidade média de Presidente Prudente-SP, elaborando seu pensamento conceitual a partir de categorias de linhagem marxista, na Universidade de São Paulo (USP).

Já nos anos 2000, do ponto de vista de sua produção, observa-se a partir de sua tese de livre docência uma forte mudança em direção ao Pensamento Geográfico. Nesse sentido, a Epistemologia e a Filosofia passam a fazer parte de sua publicação, o que colabora, também, para traçar junto a diferentes orientações caminhos analíticos na Epistemologia, Pensamento Geográfico e na Ontologia.

Fica nítido que Eliseu, dessa maneira, procurou se ater, ao longo da sua carreira intelectual, ao estudo do Espaço (especialmente no estudo das cidades, dos eixos, espaço industrial e outros), acoplando a tal realidade o aspecto da dimensão econômica de todos os segmentos.

Só para se ter ideia desse cenário, em termos quantitativos, até início de maio de 2019 Eliseu possuía 47 artigos publicados em periódicos, dos quais todos transitavam por temas da Geografia Econômica, Urbana e pelo Pensamento Geográfico; 22 livros e 50 capítulos de livros com matérias homólogas, destacando-se textos autorais e em parcerias com orientandos e pesquisadores brasileiros e do exterior.

Ainda nesse interstício foram 37 orientações de mestrado, 27 de doutorado e 6 de pós-doutorado, apresentando amplo leque de temas, ainda que concentrados na tríade espaço-economia-geografia, embora haja de se ressaltar que podemos compreender tal movimento pelo par dialético economia-espaço, mas sem esquecer neste contexto o tempo e a Epistemologia, que fazem de Eliseu um autor complexo para sua compreensão teórica, do ponto de vista da sua produção.

Já no âmbito das relações internacionais, Sposito apresentou um amplo leque de relações, das quais há destaque para Europa (especialmente França) e para a América Latina (principalmente Argentina).

Portanto, constata-se, refletindo sobre a trajetória de Sposito, denso número de trabalhos e cuidado especial com o tema global da Geografia, vislumbrando o cenário interpretativo por meio da preocupação com o método e o cuidado com a descrição e a crítica multifocal da sociedade e da economia.

Um final a ser escrito?

Face ao exposto, fica claro que o presente texto não trata de um rígido escrito metodológico e analítico a respeito da obra, teoria e prática docente, bem como sobre a biografia de Eliseu Savério Sposito. Trata, portanto, de um esforço de síntese da realidade em que Sposito se inseria e a contribuição que trouxe a minha formação e de meus contemporâneos. Desse modo, ao mesmo tempo em que se configura de forma ontologicamente reflexiva, relaciona-se com a dimensão empírica e epistemológica, posto que lida com a ideia de conhecimento para compreender algumas das facetas, existentes na relação dialética da produção de Eliseu.

Eliseu, sem sombra de dúvidas, foi e continua sendo um grande autor para a compreensão do cenário da Geografia Econômica e Urbana e da Epistemologia. "Geografia e Filosofia: contribuição para o Ensino do Pensamento Geográfico", por exemplo, publicado em 2004 pela Editora Unesp, é um dos livros mais vendidos na área de Geografia no Brasil. Para alguns autores, a obra pode ser entendida enquanto *best seller*, mas na minha avaliação isso é só um dado, porque do ponto teórico a obra é um marco para a compreensão do Pensamento Geográfico no Brasil, reunindo temas, conceitos, categorias e a discussão do método, partindo das interfaces entre a Geografia e a Filosofia.

Não resta dúvidas, portanto, que a obra de Eliseu continuará sendo estudada pelas gerações de futuros geógrafos, bem como por áreas afins. Sposito, nesse sentido, demonstra grande importância aos estudiosos da área de Geografia Urbana, Arquitetura e da Economia. Desse modo, este texto finaliza sua reflexão ponderando que Eliseu ainda continuará sendo lembrado e estudado na Geografia de diferentes formas.

Na vida pessoal, foi um artista, autor de textos variados, composições musicais, desenhista e um excelente ouvinte e conselheiro. Eliseu é uma pessoa ímpar, daquelas que nunca se esquece, porque se aprende com ele a todo momento. Ou seja, para um autor que sempre se redefine, a tentativa de caracterizá-lo será um devaneio de capturar apenas um momento, em essência, fugaz. A Eliseu, portanto, a minha homenagem, o meu respeito e admiração!

Sobre o autor

Paulo Fernando Jurado da Silva

Graduado no curso de licenciatura em Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT), Universidade Estadual Paulista (UNESP) de Presidente Prudente (2008), mestre (2011) e doutor (2014) pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da FCT, UNESP de Presidente Prudente com a realização de estadia de investigação científica na Pontificia Universidad Católica de Chile, Santiago, e na Universidad de Buenos Aires, Argentina, bem como doutorado-sanduiche pela Universidad de La Habana (Cuba). Foi professor da Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT), Universidade Estadual Paulista (UNESP) de Presidente Prudente nos cursos de Geografia e Arquitetura e Urbanismo. Atualmente, é professor adjunto efetivo da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), local em que exerce o cargo de gestão da Unidade Universitária de Campo Grande como gerente, bem como é líder do Grupo de Pesquisa em Tecnologia, Território e Redes (GITTER). Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Geografia Econômica e Pensamento Geográfico, atuando principalmente nos seguintes temas: dinâmica urbana e econômica, uso corporativo do território, poder, telecomunicações e tecnologias.

Como citar essa homenagem

SILVA, P, F, J. Uma trajetória de liberdade: tributo a Eliseu Savério Sposito. **Revista Geografia em Atos** (Geoatos online), v. 13, n. 06, p. 143-149, 2019.

Carta-Homenagem ao Eliseu Savério Sposito

Antonio Elísio Garcia Sobreira
Secretaria da Cultura do Estado da Paraíba

Logo que fui convidado para expressar algumas palavras sobre minha vivência de orientação com Eliseu, lembrei-me de nossa primeira conversa após entrar no PPGG da FCT UNESP, quando ele me alertou de que eu devia pensar em fazer um projeto de vida e não o estrito de tese.

Este aconselhamento foi muito adequado, pois eu não via separação entre o pensar, a vida acadêmica e o que havia fora dela. Não sabia, no entanto, que estava selando um destino completamente diferente do que havia imaginado. Obviamente, esse diálogo ficou muito bem assentado dentro de mim.

Distante, percebo, hoje, que Eliseu já percebia como a academia estava modelando os novos estudantes de pós-graduação à *paperização*, enquanto a vida acadêmica no seu sentido mais amplo ia se perdendo ou sendo menos valorizada. O desconforto do produtivismo sendo visto como uma chave para o futuro científico, mas eivado de pessoas que não abriram mão da sociabilidade e das sutis construções subjetivas que provoca a humanização de todos nós.

Com essas palavras indico ao leitor e curioso que não tenho o mínimo desejo de fazer um relato epistemológico sobre a obra de Eliseu, já que tenho certeza que outros o farão com mais propriedade e eu que me afastei sem dor da academia para me tornar palhaço, não irei fazer uma escrita precária sobre a obra intelectual desse amigo.

O pensamento geográfico e a educação levaram-me à UNESP por indicação de Edvânia Torres, outra ex-orientadora e pesquisadora da UFPE,

que me sugeriu fazer esse projeto. Eu ainda estava eivado de educação e pensamento crítico de cunho marxista e tinha muita afeição pela educação social e transformadora. Pensei em juntar o pensamento geográfico e a formação de professores. Segui em 2005 meus estudos quase achando para onde eu queria ir.

Faço uma ressalva para quem trabalha com estudos do pensamento geográfico. Temos pouco dos afetos ao se tratar de um professor de nível superior. Casos, anedotas, passagens que ficam em conversas espalhadas e sem muita atenção ou quase como fofocas. Por exemplo, dizem que Kant era um ótimo professor de Geografia e que apaixonou Ritter. Elisée Reclus era muito querido pelos seus estudantes. Essa parte dos afetos e das relações acabam colocadas de forma secundária e mundana.

Eliseu gosta de jogar futebol, e ainda jogava em 2005. Se há algo que admiro em professores é sair de sua clausura acadêmica e bater um pandeiro, como Thomaz, sentar numa roda de conversa despretensiosamente no Bar do Makoto e viver uma comunidade em Presidente Prudente que eu nunca vivi na UFPB e na UFPE.

Na UNESP que conheci havia uma sociabilidade viável, possível e cultivável para quem quisesse perceber e vivê-la. Fui tomado de profunda paixão por essa acolhida que, para mim, foi, e é até hoje, um dos momentos mais felizes da vida. Isso é importante dizer, sem desprezar os que passam dificuldades e impasses no trabalho de tese e nem sempre possuem lembranças positivas deste período.

O quadro docente da UNESP sempre foi gentil e cooperativo comigo e um dia perguntei a Eliseu como foi essa trajetória e ele me disse que foi o primeiro professor jovem mestre que se apresentou e foi integrado ao curso de Geografia, também oriundo da casa e um cidadão de Presidente Prudente com raízes em Pirapozinho.

Nunca trabalhei num ambiente tão cooperativo e tão favorável ao pensamento e Eliseu contava-me que nem sempre foi assim e ele mesmo viu essa transformação ocorrer e participou dela. Um ambiente acadêmico produtivo e de sucesso depende da dialética, mas também depende de algum nível de construção e que a franqueza não precisa ser hostil e belicosa. Dito isso, considero que Eliseu faz parte desse aprazível ambiente de trabalho que na minha origem acadêmica nem sempre foi feliz.

Um dos momentos mais desafiadores desse processo de orientação foi após uma defesa de doutorado da PPGG, na qual participou da banca o professor Vitte, que convidou a Eliseu para escrever um artigo para um livro sobre as influências de Kant na Geografia e a mim foi estendida a coautoria. A primeira coisa que me ocorreu foi um nó de três laços na garganta, já que havia tentado ler a *Crítica da Razão Pura* duas vezes e desisti após não ver nem um sentido naquilo que estava escrito. Achava repetitivo, achava circular e não via nem uma possibilidade intelectual de minha parte para desbravar aquele pensamento tão rebuscado. O desafio foi lançado, junto com um desespero gigantesco.

Só fui ler de verdade Milton Santos no mestrado e já tinha ficado bem feliz com os 10% que aprendi para passar numa seleção de doutorado. Ora, ler Kant, de cuja obra não havia ultrapassado a leitura de palavras, para agora ler, entender e produzir uma ideia foi avassalador. E respondi: Consigo! E lá dentro eu falava que estava numa enrascada descomunal.

A tarefa de estudar Kant, já para fazer um artigo, fez-me descobrir trabalhos do geógrafo estadunidense Hartshorne que, depois, deu origem a uma tradução nossa sobre sua busca sobre contatos entre Humboldt e Kant e se este último teria influenciado o primeiro. Também descobri os cadernos de ensino de Geografia de Kant e o que, de fato, ensinava nos cursos de verão, por 40 anos, que o coloca como o primeiro professor de geografia como se entende hoje no Brasil.

A aventura e o desafio de estudar Kant e a Geografia animou-me na medida em que percebi que a referência que Kant fez a revolução copernicana na Filosofia, unindo racionalismo e empirismo, foi reveladora para se perceber que quase toda ciência ainda é feita dentro do kantismo e que a geografia é kantiana em todas as suas correntes, embora John May coloque dúvidas sobre isso na contemporaneidade.

Um jovem alemão estudante de Geografia que nos visitou em 2006 ficou surpreso de eu estar estudando Kant como sendo algo sem sentido, enquanto eu estava percebendo o kantismo em tudo e observava como isso era presente e como estava esquecida sua influência nas discussões metodológicas nas defesas de pós-graduação.

Por ser Kant um professor muito elogiado por seus alunos e por tê-lo intrigado o Emílio de Rousseau, fui impulsionado a ler o que era o pensamento pedagógico de Rousseau e, ao fim, era nada mais nada menos que a Geografia viva, do estudo de campo, da observação da sociedade e da natureza. Uma geografia que não se ensinava apenas nos livros.

O tempo e espaço como conhecimentos *a priori* me encantaram por ser obrigado a concordar que são conhecimentos inatos e que não aprendemos pela experiência e que todos os demais saberes são *a posteriori*. Tempo e espaço são intimamente racionais e independem de provas e experimentação, de todos os outros são exigidos a experiência, o empirismo e a sistematização.

Dessa base algumas reflexões de Milton Santos passaram a ter outro sabor e o espaço geográfico como sistema de ações e sistema de objetos era profundamente kantiano antes de estruturalista e histórico-dialético.

Conversamos mais sobre Kant e a Geografia do que sobre meu trabalho de doutorado. Aquele artigo acabou exigiria, ainda, muito mais aprofundamento, ao qual, todos sabem, jamais irei me lançar, nesta curta vida de exílio intelectual, não por satisfação ou insatisfação, mas por puro prazer de não aprofundar mais.

Neste ponto que a minha relação de orientando com Eliseu fica explicitada, pois ele sabia que eu tinha que ter liberdade intelectual, que meu trabalho era profundamente autoral. Colocava-me as questões e eu me debruçava a resolver. Engraçado que a maioria dos livros que ele me presenteou ou me fez ler não eram sobre a minha tese, mas sobre o pensamento, sobre a filosofia. Sempre me tratou como um colega pensador e eu achava muito importante esse tipo de tratamento. Nada mais importante para um doutorando se lançar nos estudos com aceitação de que as suas ideias e respectivas confrontações com o mundo acadêmico dependem de autonomia intelectual. É muito comum orientandos ficarem esperando o aval do orientador e não olhar para a necessidade de construir a autoria das próprias ideias para que, em dialética, se dialogue com alguém que tenha franqueza e perceba os riscos que em algum momento se faz a defesa de um construto intelectual.

Um exemplo desse confronto sadio decorreu de uma afirmação que produzi sobre a desimportância da Geografia Escolar, mas não ela em si, mas qualquer forma de educação que seja imposta e que ensinar uma geografia de forma obrigatória dificilmente cumpriria os objetivos intelectuais, políticas e competências que se espera desse ensino. Compreender que a Geografia é importante para a sociedade e para educação é compreender que se ela for empurrada de forma obrigatória não terá o efeito desejado.

Num desses diálogos Eliseu me perguntou se no ensino superior haveria forma de se realizar a educação anarquista. Comparei o estilo de três métodos que conheci: 1) aula expositiva, debate sobre bibliografia, seminários e artigo científico; 2) Oferta de textos, debates não dirigidos e artigo sobre tema preferencial; 3) aula expositiva, desconstrução de documento científico, exposição e artigo. O primeiro era mais tradicional e graduandos se sentiam mais orientados, o segundo permitia mais autonomia intelectual, mas os graduandos se sentiam perdidos e desconfortáveis, o terceiro provocava autono-

mia, desconforto e só funcionava com rigor. O que não diferenciava esses métodos é que em nem um dos casos o estudante era convidado a realizar seu plano de trabalho, precisavam ser guiados e dependentes do professor.

Assim, quanto mais guiado e mais rigoroso, mais o graduando se sentia estimulado a realizar a disciplina e quanto mais livre menos confortável e estimulado ele se sentia. Finalmente, disse que o melhor exemplo da pedagogia anarquista eram os grupos de pesquisa, onde o orientador tendia a se nivelar com o orientando, e aprender de forma horizontal e personalizada era o que mais próximo poderia haver do anarquismo como opção educativa em nível superior. Todos os estudantes que aderiram a um projeto com orientador, que eles admiravam, davam saltos intelectuais e de aprendizagem e se adaptavam a qualquer método de ensino, pois a aula e as avaliações eram parte insignificante do aprendizado para os que estudam com prazer.

Também eu quis jogar fora uma grande parte da discussão teórica, aquela que parece que não termina numa tese e que ninguém sabe para aonde vai aquela discussão interminável e sem sentido. Eliseu disse que era para manter, que era importante, mas eu jogaria 50% da tese no lixo, pois ela seria inacessível para o público de professores. Então, Eliseu aceitou que eu pedisse ao meu leitor que lesse a introdução e a conclusão e percorresse as charges e *cartoons* que inseri na tese. Não sei se funcionou, mas eu tentei livrar os interessados desse esforço que já não entendia como capaz de influenciar a prática que eles buscavam.

Em decorrência de afirmações desse tipo, muitos colegas e graduandos me perguntavam como era estudar o anarquismo e ser orientado por Eliseu que, ao ver desses colegas, era mais formal no tratamento do pensamento geográfico. Bem, eu respondia que não sei como era a relação com os outros, mas comigo o diálogo era franco, cheio de potencialidades e de muito respeito com o que estava escrevendo.

Eliseu sabia que eu queria realizar um trabalho imprestável, mesmo assim, insistiu para que eu relatasse e descrevesse o que deveria uma escola anarquista se propor a fazer. Eu recusei muitas vezes, não por não ter ideia, mas por que cada educador anarquista que se juntasse com iguais iria fazer propostas únicas e não cabia a mim delinear isso, já que isso seria um tolhimento intelectual. Aceitei fazer essa descrição, pois entendi que, na prática, quem estivesse fazendo a educação democrática ou anarquista com seus pares saberia disso.

Na escolha da banca eu tive desejo de indicar estudiosos do anarquismo. Eliseu achava que seria pertinente chamar marxistas compondo pares dialéticos interessantes, mas eu insisti que só desejava ter estudiosos do anarquismo. Não que eu repudiasse a dialética, mas eu já sabia que estava migrando de um ensino autoritário para o autônomo, estava indo para a desescolarização, para a educação não obrigatória e que eu não teria nenhuma contribuição para a educação em massa. Naquele momento no Brasil eu desconhecia geógrafos anarquistas que trabalhassem com educação e a escolha de professor Vitte para a banca permitiu um diálogo inesperado e gratificante, pois todo estudioso sincero percebe bem cedo que só se aprende quando o pensamento é parte da liberdade que cada um busca.

Dizer que a geografia não deve ser ensinada, não quer dizer que não deva ser aprendida. Sem o respeito de Eliseu e o respeito intelectual que me dirigia eu não poderia ousar tanto. O óbvio é ousado.

De fato, o desafio, o aviso ou o convite para ter um projeto de vida acabou ocorrendo. Comecei participando com correção de Projetos do Circo Teatro Rosa dos Ventos, depois fotógrafo de espetáculos e, no mês de setembro de 2009, escrevi conjuntamente um projeto de Ponto de Cultura Prudente em Cena, comecei a estudar clarinete e defini que não iria participar de concursos públicos. Ingressei na vida cultural que me fez tornar palhaço, gestor e pro-

dutor cultural. Eliseu tentou mais algumas vezes para que eu abraçasse oportunidades de trabalho na academia e com a mesma generosidade da oferta vinha a compreensão de minha declinação aos convites.

Naquele período eu comecei a fazer colagens de adesivos que ganhava de empresas de impressão. Eu fazia combinações abstratas, de cores e contrastes e presenteava a amigos. Um desses eu nomeei “O Professor” e em uma oportunidade eu vi que Eliseu gostou. Então o presenteei e surpreso fiquei quando o enquadrou e me mostrou na parede de sua casa.

Creio que o percurso de quem chegou até aqui no texto pudesse levar a um pressuposto teórico e de análise das contribuições científicas e epistemológicas na relação que tive com Eliseu nos nove anos que vivi em presidente Prudente. Não fiz um percurso teórico e se se fiz foi por descuido. Neste ano se completam 10 anos de conclusão do trabalho e confirmo que foi um dos períodos de maior felicidade de minha vida. Obrigado Eliseu.

Sobre o autor

Antonio Elísio Garcia Sobreira

Graduado em Geografia pela Universidade Federal da Paraíba (2001) e obteve titulação de mestre em Geografia pela Universidade Federal de Pernambuco (2003). Doutor em geografia pela Faculdade de Ciência e Tecnologia. UNESP. Presidente Prudente. Tem experiência na área de Geografia, atuando principalmente nos seguintes temas: produção cultural, arte educação social, pensamento geográfico, anarquismo, formação de professores, ensino e cidadania, agrotóxicos e meio ambiente. Atuou na auto-gestão do Ponto de Cultura Prudente em Cena-Federação Prudentina de Teatro e Artes Integradas- FPTAI, Pres. Prudente-SP e como palhaço, equilibrista, malabarista e músico excêntrico do Grupo de Circo Teatro Rosa dos Ventos, Pres. Prudente - SP e autor do blog: educanarquista.blogspot.com (2011-). Gerente de Identidade Cultural da Secretaria de Cultura do Estado da Paraíba (2015). Atualmente é Gerente de Identidade Cultura da Secretaria da Cultura do Estado da Paraíba.

Como citar essa homenagem

SOBREIRA, A, E, G. Carta-Homenagem ao Eliseu Savério Sposito. **Revista Geografia em Atos** (Geoatos online), v. 13, n. 06, p. 150-157, 2019.

NA POÉTICA HÁ A LIBERDADE

Antônio Henrique Bernardes

Universidade Federal Fluminense (UFF)

antoniobernardes@id.uff.br

Nessa trajetória de 30 anos de carreira do Professor Eliseu tive o prazer de trabalhar e compartilhar quase a metade destes anos. Foram quase 9 anos de orientações e diálogos e outros tantos tem sido como companheiros de pesquisa. Desculpem me, sempre o chamarei de Professor. Não se trata de uma formalidade, pois ela passou com o decorrer dos anos. Trata-se de uma deferência carinhosa para aquele que me acolheu e apoiou em momentos tumultuados e, sobretudo, me ensinou a fazer Ciência, a fazer Geografia. Uma Ciência sem amarras, em liberdade.

Não sei se ele irá concordar com algumas coisas que escrevi, mas são das possíveis discordâncias que emergirão as essências de sua orientação liberta. O que eu quero dizer com isso? Que a liberdade se faz quando se tem algo distinto de si, mas o respeita para se desenvolver a liberdade pela contradição. Eita! Falei em contradição e logo me vem à memória certos princípios marxistas, dos quais o Professor é tão afeito. Foi justamente nesse sentido em que pensei, ou seja, tomei um rumo acadêmico que não dava continuidade à tradição filosófica a qual o Professor se afeiçoa, mas em nenhum momento fui cerceado por isso, pelo contrário. Foram pelas discussões e discordâncias que fui lapidando o meu pensamento, e quanto mais achava que estaria distante das preocupações e propostas do Professor, mais eu internalizava a contradição como respeito ao distinto, e mais do Professor havia em mim. Reconhecendo em mim aquele e aquilo que é distinto como elemento constituinte fundamental. Quando isso ocorre, há o fracasso de ideologias e pressupostos monolíticos, me reconheço como múltiplo e emerge a liberdade como um modo de fazer Ciência.

Foi esse o jeito que o Professor me orientou, ensinando a caminhar e indicando o Norte, mas não dizendo o que é e onde está o Norte. Isso pode causar certo desnorteamento para quem, como eu, estava tão habituado a ser cardinal, no eixo. Eis que caminhei, não sei se cheguei. Espero que não! Mas, no peito e na mente carrego as pegadas do livre caminhar que o Professor me ensinou. Parafraseando Sartre (1997) só se aprende caminhar, caminhando.

Contudo, esse ensinamento fundamental do Professor não está restrito à Academia, muito pelo contrário. Basta prestar um pouco de atenção na forma como o Professor leva a vida. Há nítido apreço pelas Ciências, pela Geografia, pelo conhecimento em suas diferentes formas. Ciências, Filosofia e as Artes orientam suas paixões sem deixar de lado a substância, a poética (BACHELARD, 2003), da vida cotidiana.

Pela poética, vejo o Professor como um poeta, não só no sentido estrito daquele que tece palavras entre as linhas e que as lapida em pensamentos de uma sensibilidade pujante, mas também, no sentido que sua arte está impregnada de vida e surpresa, como bem nos afirmou Lopicque (apud BACHELARD, 2003). Em muitos momentos me parece que é pela poética da vida, o estar e ser organicamente imerso na cotidianidade, que dá sentido à geografia do Professor. Uma geografia entendida como meio pelo qual ele realiza sua existência, enquanto a Terra é uma possibilidade essencial de seu destino (DARDEL, 2011, p.89). Ele é a Terra em seu olhar, em suas palavras, em suas viagens para experimentar os diferentes lugares, no desbravar das estradas, o viver na e pela a cidade. Já a surpresa, porque ele faz piadas sobre a vida prosaica e da sisuda Academia. Ele dá vida colocando o imprevisto em pauta e tornando as reuniões jubilosas e, por vezes, deixando a Carminha ruborizada. Este olhar descontraído do Professor sob a cotidianidade é um alento de uma peculiar imaginação elegante que possibilita nos desprendermos ao mesmo tempo do passado e da realidade, se abrindo para o futuro.

Complementariamente, mesmo com esse espírito distendido do Professor, ele não deixa de marcar posição, principalmente, em debates sobre os

métodos e as metodologias, a história da Geografia. Ele ainda emite pareceres, desenvolve inúmeros projetos e defende com vigor o seu posicionamento político. Questiona, afirma, embate e rebate em benefício de uma Geografia mais efetiva, mais social. Em outras palavras, de uma Academia mais efetiva e social. Trata-se de um comprometimento com as Ciências e com a Academia. Trata-se de um comprometimento situado, com ponto de vista, não deslocado e desnortado. Aqueles com olhares apressados e distantes poderão dizer que se trata da confecção de respostas transcendentais para problemas imanentes. Eu diria que é na imersão de sua vivência imanente que possibilita ao Professor a busca por respostas transcendentais. Não descolando daquilo que nos toca e que tocamos, mas como imersão, surpresa e vida.

A surpresa e a vida colorem a poética do Professor em tons de liberdade. Se num primeiro momento apresentei a liberdade no sentido de a quem a recebeu, agora percebo que ela não pode ser outra coisa senão a essência da relação com o Professor. Até porque a recebi pelo labor da orientação. Mas, será que ela se restringe ao labor? Creio que não, porque, tomando de empréstimo uma frase dita pelo Professor nos idos do ano de 2007, “a Academia não se trata somente de uma escolha profissional e sim uma escolha de vida”. Se me permite, Professor, eu lhe diria: a poética da sua vida deu tons a geografia e mais do que escolhas, são paixões. Assim, a sua liberdade e seus ensinamentos se perfazem como surpresa e vida, de estar e ser no mundo como abertura (HEIDEGGER, 2011).

REFERÊNCIAS

- DARDEL, Eric. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Martins Fontes: São Paulo, 2011.
- SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada**. Ensaio de ontologia fenomenológica. Petrópolis: Vozes, 1997.

Sobre o autor**Antonio Henrique Bernardes**

Docente do Programa de Pós-graduação em Geografia, Campos dos Goytacazes-RJ, e do Departamento de Geografia e Políticas Públicas da Universidade Federal Fluminense (UFF), Angra dos Reis. Graduação, Doutorado e estágio Pós-doutoral em Geografia pela UNESP, campus de Presidente Prudente-SP. Com experiência na área de Geografia Humana, com ênfase em Epistemologia, Metodologia e Ontologia em Geografia. Há interesse nas áreas de Geografia Humanista e Geografia Cultural.

Como citar essa homenagem

BERNARDES, A, E. Na poética há a liberdade. **Revista Geografia em Atos** (Geoatos online), v. 13, n. 06, p. 158-161, 2019.

CARTA-HOMENAGEM AO PROFESSOR ELISEU SAVÉRIO SPOSITO

Adílson Rodrigues Camacho

Universidade Paulista

Convidado a falar de minha experiência como orientando do querido Eliseu. Ocorreram-me de pronto várias imagens, lembranças, cenas, diálogos, não apenas com o grande professor, mas com pessoas que marcaram minha vida, e pelas quais sou muito grato! Grato, também, tanto ao pessoal da Revista GeoAtos, pelo convite e pela iniciativa, quanto ao mestre pela companhia, por todo apoio e trabalho.

De algumas coisas em nossos contatos não esquecerei: a principal delas, a abertura para o diálogo e o respeito pelas ideias diferentes das suas...Nunca tinha visto isso, que viria a conhecer somente anos depois no doutoramento (com a querida Amália Inês), que ele acompanhou não tão de perto, infelizmente...

Não esquecerei do bom humor, da acolhida na UNESP e até mesmo em sua casa; pois nos acolhia a todos, ele, Carminha e, os então pequenos, Caio e Ítalo! Nós, os jovens alunos do também jovem e movimentado curso de Pós-Graduação em Geografia da UNESP de Presidente Prudente!

Aliás, Unesp e Prudente, tornam-se personagens, âmbitos fundamentais dessa história, de 1992 a 1994... Alguns eram prudentinos, como a Zezé (querida amiga Maria José Martinelli), e as colegas Mara, Meire, Simone, Jane, e outros como eu, os queridos e saudosos William Rosa e Elizeu Lira (com quem dividi moradias), éramos de vários lugares... Orientandos do Eliseu ou da Carminha, todos conversávamos com todos os professores (incluindo aqueles da graduação) sobre nossos trabalhos; o que eu não sabia que era possível, até esse momento, num departamento universitário...

Quando entrei no programa, todos me perguntavam o que eu fazia lá, sendo de São Paulo! Era estranho! Eu respondia que queria mudar de ares, essas coisas, e era verdade! Descobri que trocava a sisudez da USP pela descontraída produtividade da Unesp de Presidente Prudente; com o diferencial de um orientador sempre presente e acessível!

Consegui me ligar mais a São Paulo quanto mais eu curtia Prudente... Foi um período de muitos amigos e vivências novas; e de muitas cartas para todo lugar...

Confidencio que sinto muitas saudades da biblioteca, com janelas amplas e jardins... Muito agradável! Nunca passei tantas horas numa biblioteca por tanto tempo seguido... A bibliotecária era a Mazé, que nos deu curso de

normas da ABNT e de organização de documentos! Tão prestativa quanto a Ana, da secretaria!

As lembranças vêm em cenas, como aquelas em que me vejo repetidas vezes passando, de propósito quase sempre, em frente à sala do mestre Eliseu, de um jeito que dava pra ser visto e, invariavelmente, ser cumprimentado e cobrado nos prazos de modo sutil, fosse do corredor mesmo, ou com direito a conversas e bate-papos no meio do expediente. Quase nunca marcava e adentrava a sala perturbando a concentração do professor... tinha vinte e poucos anos, cheio de questões na cabeça!!! Mas, sempre vinha um esperado “como vai o trabalho”? “O que anda fazendo nesta semana”? “Resolveu quando vai a campo”?

O campo... Este, um capítulo a parte: fazer trabalho de campo era minha maior dificuldade! Não sabia o que olhar, o que esperar, o que sentir, o que procurar, num campo sozinho... Não entendia nada de campo; achava que era só um pouco de teoria etnográfica e pronto... Acho que ao perceber minha tamanha insegurança, paúra mesmo, toca ele ir a campo, a Praça da Sé, comigo, marco zero de Sampa! Foi muito bom, posto que me fez sentir o que queria dizer com mergulhar no campo!

Ao me jogar no campo como condição para a pesquisa, ajudou-me a dissolver minhas fantasias e “bichos papões” do real diante de mim, negando-se a ser visto, tocado, cheirado, enxergado... Foi muito bom! Algo como degustação da praça... Não sei bem se essa tarde se passou desse modo, mas é assim que me lembro, pois é assim que vou contar: ele dizia que eu tinha que mergulhar no campo, que estava falando, escrevendo coisas que podiam estar se afastando (e me afastando) do “objeto de interesse”, dos objetivos e da questão toda, pra dizer a verdade! Me fazia perceber a imensa falta do banho de “realidade” de que meu discurso prescindia... Mostrava nas leituras sempre muito meticulosas que fazia das versões que eu enviava, que faltava esse negócio de realidade experienciada..., punha-me louco e desesperado com isso... Me fez ver que eu podia juntar as vozes de quantos autores quisesse que continuaria faltando muita coisa... Eu não entendia nada desse negócio de cotejar o que eu falava, pensava e dissertava com a Praça de verdade... Tanto ele enfatizou que “eu resolvi” ver do que se tratava esse tal de campo individual... Só tinha feito campo coletivo na graduação!!! Escondido atrás das pranchetas e perguntas, fugindo dos equipamentos e das experiências diretas...

Acho que foi assim, pelo menos é do modo como me lembro: sentei-me [e aqui é fundamental essa coisa de sentar, pois eu fiquei sentado mesmo observando por horas] uma tarde inteira num ponto privilegiado da Praça (estrategicamente, próximo aos caminhos invisíveis de passagens das centenas de pessoas por minuto e ao posto policial, é claro! Aliás, tive que falar pra eles

o que eu estava fazendo, pois estavam muito curiosos)! E fez-se a transformação! Depois disso, desse parto do campo a fórceps, passei a fazer entrevistas, a passear por lá com a intenção de pesquisa, fazendo perguntas, nos vários dias da semana! Foi uma grande vitória, para quem não entendia e não queria entender! “Aluno cabeça dura”! Não sei se disse isso pra ele na época, mas guardo esse momento mágico com muito carinho! Ele foi ótimo na forma como conduziu o processo! Tomei-te por exemplo em orientação, caríssimo Eliseu, e busco sempre nessa memória por inspiração, tanto quanto possível! Saiba disso.

Depois desse banho de experiências passei a achar a parte mais gostosa, mais rica do trabalho, ir a campo! Ia pra campo com todos os sentidos e comecei a descobrir que o lugar só me ia entrando desse jeito, o mais inteiro possível, sem descartes... Acho que foi aí que passei a intuir o caminho da fenomenologia, que me resolveria os problemas epistemológicos do doutorado, e na vida em geral. Aliás, estive na minha banca de doutoramento e foi muito bom, sempre colaborando, no melhor sentido da palavra, de fazer junto!

Sei que, com o tempo, passou a fazer música, que sempre curtiu, mas não nos mostrava naquela época.

Não é à toa que a síntese da relação de orientação, que repito agora das páginas pré-textuais da dissertação, quando agradecia pela “orientação maiúscula”, ímpar, sem igual!

Terminei rápido a pesquisa, pois tinha bolsa, tinha que fazer nova cirurgia e vocês estavam com viagem para a França por um ano! Foi uma correria, fui seu primeiro orientando a defender o trabalho de pesquisa no mestrado (lembra disso?!), mas deu tudo certo.

Caro Eliseu, digo-lhe que fui muito feliz e que aprendi tanto quanto alguém pode aprender, e não apenas sobre ciência, nesse período tão importante pra mim, no mestrado da FCT-UNESP, o que sempre afirmei em todos os lugares!

Abraços, mestre!

Sobre o autor**Adilson Rodrigues Camacho**

Doutor em Ciências pelo Programa de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo - FFLCH-USP (2008), com mestrado em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - FCT-UNESP (1994) e graduação em Geografia pela Universidade de São Paulo (1990). Professor titular na Universidade Paulista e na Fundação Armando Alvares Penteado, em cursos de graduação e pós-graduação, com experiência em estudos socioambientais municipais e regionais. Atuo principalmente nas linhas de pesquisa ligadas à epistemologia da geografia e às metodologias de planejamento e qualificação dos usos do ambiente (por meio de diagnósticos, prognósticos e projetos) associada à adequação das políticas públicas às demandas locais.

Como citar essa homenagem

CAMACHO, A, R. Carta-homenagem ao Professor Eliseu Savério Sposito. **Revista Geografia em Atos** (Geotatos online), v. 13, n. 06, p. 162-165, 2019.

PARA UM PROFESSOR: MOMENTOS, VIVÊNCIAS E CAMINHOS

Jose Maria do Rosário Chilaúle Langa
Universidade Técnica de Moçambique, (UDM)
E-mail: langajosemaria@hotmail.com

É com júbilo e bastante satisfação que vou partilhar com os leitores da Revista Geografia em Atos parte de minha relação com o Professor Eliseu. Foi desde meu mestrado, no ano de 2010, que nos conhecemos e com ele estudei, buscando apreender sobre Metodologia Científica em Geografia: Método, Teoria e o Pensamento Geográfico nas aulas das quartas-feiras: naqueles momentos vi um professor e aprendi a sê-lo. Foi no percurso dessas aulas que construí dentro de mim a possibilidade de um trabalho mais próximo com ele e, a partir daqueles momentos decidi que entregaria para o Professor Eliseu a responsabilidade de orientar-me no meu doutoramento.

Estando no curso de mestrado e feito mais de 75% da dissertação chegava o momento de começar a articular a materialização de meu desejo, e no dia 25 de março de 2010 esbocei um e-mail apresentando a ele meu pedido de orientação. Passo a citar minha mensagem: [...] *Desde o início de meu curso de mestrado, percebi algumas diferenças entre geógrafos do Brasil e de Moçambique. Hoje com o mestrado quase no fim gostaria de estudar um pouco mais sobre Metodologia e Epistemologia da Geografia. E para tal venho com respeito apresentar minha carta de pretensão, de modo que logo que termine o Mestrado o Professor já me oriente nessa pesquisa.*

A espera pela resposta deste meu pedido foi uma das coisas que mais me consumiu naqueles dias e eu nem sou muito ansioso ou não deveria saber que sou (risos).

Passados três dias chegou a resposta: *Caro José Maria, demorei uns dias para responder porque precisava refletir sobre tua mensagem. [...] Segundo: o tema proposto é bastante amplo e, para fazer um projeto, é preciso muita conversa. Eu me proponho a orientá-lo, sem problema. Mas será preciso*

definir melhor tuas dúvidas e pensar em uma metodologia de pesquisa que dê conta do objeto. Fiquei feliz pelo sim, mas o sentimento que levo até os dias de hoje é de ter feito uma boa escolha sobre o orientador, pois desde aquele e-mail a atenção para comigo e no processo de construção de nosso trabalho só aumentou.

Falar do Professor Eliseu não é fácil, mesmo quando é para o homenageá-lo, pois em vários momentos vi o professor preocupado em querer aprender sobre a Geografia de Moçambique. Mas não só. Vi no Professor Eliseu a materialização da frase de Paulo Freire: “quem ensina aprende ao ensinar”.

De todos os encontros presenciais que tivemos ou quando falávamos por e-mail, antes de seguir atacando nosso plano de trabalho ele considerava importante saber se eu estava bem. Quando respondia que sim, seguia perguntando sobre a se minha família também gozava de mesma sorte. A preocupação com os orientandos sempre foi demonstrada com pequenos gestos, desde sair para tomar aquela Coca-Cola e dividir um pão de queijo, o que na verdade é já cultura do Professor Eliseu.

Foram naqueles momentos do pão de queijo que passei a conhecer outros Eliseus. Percebam que é a primeira vez que escrevo Eliseu, sem que seja antecedido de Professor. Foram naqueles vários encontros, que conheci o Eliseu Amigo, Pai, Compositor, Esposo, Geógrafo, Viajante e muitos mais. O bom desses todos sujeitos que vivem dentro do Eliseu é que todos vivem para reduzir as possíveis distâncias entre nós. Foram várias vezes que eu, maltratado pela prática de fazer pesquisa ou aprender a pesquisar, tive o Professor sabendo cuidar de minhas feridas. Aprendi com o Professor Eliseu que não vivemos para fazer pesquisa, mas sim o contrário. É por estarmos vivos que fazemos pesquisa, logo é preciso estar muito bem, física e espiritualmente.

Eu, enquanto estudante no terceiro nível do ensino superior, fui aprendendo várias coisas que passariam a ser da minha prática docente, a partir do momento que consegui trabalho como professor universitário. Hoje, orien-

tando, busco ser um pouco do Professor Eliseu, passando tranquilidade e segurança aos orientandos e fazendo deles os responsáveis pelas pesquisas que vão desenvolvendo.

O tempo foi passando e mais próximos fomos ficando. A cada dia me sentia parte da família Sposito, mesmo sem estudar indústria ou cidades médias, afinal são outros elementos que juntam as pessoas dessa grande família acadêmica.

É interessante indicar que quanto mais próximo, mais sério foi ficando o processo de orientação. Fui ganhando liberdade e autonomia na minha pesquisa e com isso o gosto de trabalhar com o Professor Eliseu, sempre pontual nos encontros, delicado nas colocações e honesto para apreender novas coisas, culturas, saberes, conhecimentos e novas geografias. Mesmo com idade avançada o Professor Eliseu se fez forte, não se deixando abalar pelas visitas dos amigos da idade, lendo sempre mesmo com problemas sérios na visão, dizendo sem falar que, se desejas ser professor, deverás sempre ler.

Para mim, esses aprendizados foram possíveis por estar ali, perto e junto. Falando em estar juntos, lembro-me de uma frase que diz o seguinte: *os verdadeiros amigos não precisam estar juntos todos dias, porque de algum jeito, eles vivem na mente e no coração de cada um*. Dito isto, quero dizer que foi bom ter-lhe não só como orientador, mas principalmente como amigo, Professor Eliseu! Ou melhor, *Zeus* (risos), pois é assim que muitas vezes o chamávamos, quando queríamos falar dele.

No dia 20 de dezembro de 2017 me fiz doutor em Geografia. Acreditei que nossa relação fosse acabar, porém continuou ainda mais elétrica! Aquele fim do doutoramento deu início a várias coisas que têm feito hoje nossa amizade e nossa relação ainda mais intensa. Por mim está sendo bom continuar ou refazer nossa relação, pois continua sendo o Professor Eliseu, verdadeiro e humilde.

No início deste texto, indiquei como começou minha relação com o Professor Eliseu. Acredito que depois de mais de um ano, passei a ser o ponto

focal do Professor, pelo continente africano, principalmente agora que crescem em vários centros de pesquisa a vontade de pesquisar, apreender e saber mais sobre África. Foi o próprio Professor Eliseu que pediu minha atenção para esse movimento.

Até aqui acredito ter deixado claros os elementos que escolhi chamar de momentos e vivências. Em relação aos caminhos, primeiramente preciso dizer que farei muito gosto em caminhar por vários trajetos com *Zeus*, pois acredito que será esse caminhar mais um momento para aprender. Já temos vários projetos para deixar nossas pegadas em vários caminhos que vamos juntos fazer. E como disse antes nem precisaremos estar juntos todos os dias. Quase sempre busquei sobre o caminho, a respectiva reflexão: *só vamos conhecer o caminho caminhando e somente caminhando podemos descobrir vários caminhos, devemos usar o pé ou a mente*. Foi assim, que o nosso caminhar juntos (eu e Professor Eliseu) nos fez conhecer a Geografia de Moçambique.

Uma certeza: o Professor tinha em nos idos de 2010 tempo e personalidade de caminhar junto. Assim quero ser também. Ter certezas de coisas hoje para conseguir ensinar e orientar amanhã os netos acadêmicos do Professor Avô Zeus, com atenção, zelo, responsabilidade, humanidade, rigor científico e amizade. Quero ser aos meus orientandos tudo e um pouco mais do que foi o Professor Eliseu para mim (risos e lágrimas), para dizer muito obrigado Professor. Por mais Eliseus!

Sobre o autor

Jose Maria do Rosário Chilaúle Langa

Possui graduação em Geografia pela Universidade Eduardo Mondlane (2009), mestrado em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2012) e doutorado em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2017). Atualmente é investigador e docente da Universidade Técnica de Moçambique, na Faculdade de Ciências Tecnológicas no Curso de Licenciatura em Engenharia Ambiental e Gestão de Desastres e na Faculdade de Ciências Econômicas e Sociais nos cursos de Licenciatura em Contabilidade e Auditoria, Gestão de Empresas. É colaborador de Centro de Análise Política - CAP, da Universidade Eduardo Mondlane. Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Geografia Agrária, atuando principalmente nos seguintes temas: geografia, Moçambique, história da geografia, currículo e impactos ambientais. Advoga em favor do Meio Ambiente e faz parte do Observatório Ambiental para Mudanças Climáticas - Observa (em criação).

Como citar essa homenagem

LANGA, J, M, C. Para um professor: momentos, vivências e caminhos. **Revista Geografia em Atos** (Geotos online), v. 13, n. 06, p. 166-169, 2019.

Revista Geografia em Atos, Departamento de Geografia, Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP, Presidente Prudente, n. 13, v. 06, mês Nov. Ano 2019.

ISSN: 1984-1647

SOBRE ENSINAR E ORIENTAR DE FORMA AUTÔNOMA

Dayana Aparecida Marques de Oliveira Cruz

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

E-mail: d.dayana@hotmail.com

Anfiteatro IV, Presidente Prudente, 04 de dezembro de 2017. Foi o local e a data que o Programa de Pós-Graduação em Geografia marcou para que eu apresentasse publicamente, diante da família, da banca, e dos amigos o resultado de um trabalho que me deu o título de doutora. Vinte minutos foi o tempo que eu usei para apresentar “Geopolítica e integração regional: uma análise dos projetos de infraestrutura de transportes entre Brasil e Paraguai”. A banca - Nivaldo Hespanhol, Cláudio Egler, Lisandra Lamoso e Cássio Antunes – estava ali para avaliar, os amigos e a família na expectativa e na torcida para que tudo saísse como eu planejei.

Esse foi um dos dias mais emocionantes e significativos da minha formação! Entre os rostos conhecidos e os pesquisadores que avaliavam o resultado do meu trabalho, estava ali o meu orientador, Eliseu Savério Sposito, a pessoa que acompanhou todas as etapas do meu doutoramento, bem como os desafios que tanto me fizeram crescer como pesquisadora.

Os desafios foram muitos! O primeiro, foi adequar o projeto de pesquisa para pleitear a bolsa FAPESP. A primeira versão do projeto tinha como objetivo discutir os desdobramentos econômicos dos projetos internacionais de infraestruturas de transportes, através do estudo comparativo de três cidades: Dourados e Cascavel (no Brasil) e Ciudad del Este (no Paraguai). Lembro-me da orientação do professor Eliseu para incluir como basilar o conceito de rede urbana. A discussão sobre redes já havia sido incluída, no entanto, ela era limitada. Refletir sobre redes foi muito mais do que adequar o projeto, significou compreender melhor o processo de globalização e como os projetos

de infraestruturas elaborados no âmbito do MERCOSUL e do COSIPLAN/IIRSA estavam ligados às exigências globais para a troca de mercadorias, ao mesmo tempo em que os rebatimentos locais eram significativos.

No final do primeiro semestre de 2014, o projeto “Interações espaciais rede urbana: uma discussão sobre os desdobramentos do processo de integração sul-americana através das infraestruturas de transporte” foi aprovado pela Fapesp. A partir daquele momento, minha vida mudou completamente! Eu deixei meu emprego em uma escola pública na cidade de Tatuí/SP e voltei para Presidente Prudente para me dedicar à pesquisa. Conciliar a saudade de casa, as mudanças na rotina e as demandas da pesquisa, foi sem dúvida, um grande desafio.

A cada etapa cumprida do cronograma, eu me dava conta da dimensão do projeto. Em alguns momentos, a proposta ambiciosa parecia ser maior do que a minha percepção como pesquisadora em formação. Aos poucos, eu compreendia que analisar fenômenos contemporâneos em processo requer a capacidade de refletir, pesquisar e atualizar constantemente uma série de dados, normativas e acompanhar os acontecimentos. O impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff no Brasil, e a eleição de Mauricio Macri na Argentina, trouxeram novos elementos que demandaram repensar o contexto político e econômico regional.

A cada etapa, lembro-me de entrar na sala para as reuniões com o professor Eliseu preocupada e surpresa com os acontecimentos. Em todas as vezes, as primeiras coisas que eu ouvia eram: Como você está? Como está a sua família? Nós falávamos sobre o meu trabalho, sobre música, sobre o tempo... As conversas eram breves, no entanto, elas eram certeiras quanto à orientação. Pequenos detalhes que eu não enxergava eram ressaltados, eu passava a ver o potencial das ideias que foram pouco exploradas e tinha mais confiança no caminho em que eu estava trilhando.

A reunião de orientação após o meu retorno do trabalho de campo em Assunção, no Paraguai, em novembro de 2015, foi decisiva para o resultado da minha pesquisa. Eu havia entrevistado dois economistas (Fernando Masi

e Luis Pereira) sobre o processo de integração no MERCOSUL e as propostas de infraestruturas, percebi ali que as questões sobre economia não davam conta de explicar a relação entre Brasil e Paraguai, bem como sobre a liderança brasileira na América do Sul. Comparei as entrevistas feitas no Paraguai, com as transcrições das entrevistas feitas na sede do Banco Inter-americano de Desenvolvimento (com Patrício Mansilla), no Chile, e com o então Alto representante-geral do MERCOSUL (Florisvaldo Fier), em São Paulo, e cheguei a mesma conclusão.

Na reunião com o professor Eliseu, lembro-me de estar perdida! Eu não sabia qual era o rumo que o trabalho deveria tomar. Lembro-me que calmamente ele me disse que estava tudo bem e que mudar ao longo do processo era parte da pesquisa acadêmica. Após isso, completou: - Dayana, agora seu foco está na geopolítica!

Eu vi ali um novo caminho, um novo fôlego para a pesquisa, porém confesso que fiquei assustada. Eu iria mudar o foco da minha pesquisa na metade do trabalho para um recorte analítico, que confesso não ter naquele momento muita familiaridade. Hoje só consigo pensar no quanto a experiência faz toda a diferença! No quanto o papel do orientador é decisivo para que o resultado de um trabalho seja bem-sucedido. Não consigo pensar na minha tese sem essa mudança de rumo!

Hoje reflito sobre a intersecção entre geopolítica e geoeconomia para a análise do contexto regional sul-americano, mas isso não seria possível se eu estivesse sozinha, se me fosse imposto uma mudança sem sentido ou ainda se a ideia original fosse mantida por ser a mais conveniente. Eu não sei qual seria o resultado, mas, certamente, não me traria tantas lembranças boas e nem me proporcionaria o crescimento intelectual que tive. A mudança fez com que eu me encontrasse em um caminho que tanto procurei, mas que desde a graduação eu não sabia ao certo se ele realmente existia.

Durante todo o meu doutoramento, eu estive diante de inúmeras possibilidades interpretativa e de trabalho com o referencial teórico, com os dados, com as ideias. Eu cresci muito nos quase quatros anos em que trabalhei

na minha tese (2014 a 2017). Nada era impositivo, era de fato, uma orientação. Sob essa orientação eu me senti confiante e capaz para enfrentar os desafios impostos pela pesquisa, me senti leve e feliz para comemorar cada etapa concluída.

Por isso, no dia da apresentação pública da tese eu me senti tão à vontade! Aquele espaço era meu e eu sabia o quanto eu havia evoluído para estar ali. Não fazia sentido ficar nervosa ou ter medo da avaliação, eu me sentia pronta. Enquanto eu falava sobre a tese e observava as pessoas me ouvindo, a sensação de missão cumprida veio com o sentimento de gratidão ao professor Eliseu Sposito. Eu estava feliz! Não foi um peso ou um alívio estar ali, aquele momento representou uma conquista para a menina pobre da periferia para quem o título de doutora tinha muitos outros significados além do trabalho.

O dia da minha defesa foi muito especial porque eu vivi o que eu sempre imaginei que viveria. Isso seria impossível sem o apoio, a orientação, a disponibilidade, a postura ética e humana de alguém que acompanhou um período tão importante da minha vida. Mais do que um intelectual-artista, para mim a principal figura que Eliseu Sposito representa é a do professor que ensina e orienta de maneira autônoma, exemplo que levo comigo na prática como professora e pesquisadora.

Sobre o autor

Dayana Aparecida Marques de Oliveira Cruz

Licenciada, mestre e doutora em Geografia pela FCT/UNESP. Professora do curso de Geografia da UFS-CAR/Sorocaba. Atua nas seguintes áreas: planejamento urbano e regional, integração sul-americana, geopolítica, geografia dos transportes, cartografia e ensino

Como citar essa homenagem

CRUZ, D, A, M, O. Sobre ensinar e orientar de forma autônoma. **Revista Geografia em Atos** (Geoatos online), v. 13, n. 06, p. 170-173, 2019.

ELISEU SPOSITO: ENTRE A INTERDISCIPLINARIDADE, A LIBERDADE E A CONTRIBUIÇÃO ÀS GEOGRAFIAS

Maria Terezinha Serafim Gomes

Departamento de Geografia - Faculdade de Ciências e Tecnologia/UNESP

Email: terezinha.serafim@unesp.br

Introdução

Este texto trata da homenagem ao Professor Eliseu Sáverio Sposito, no **Colóquio Caminhos e Descaminhos de um Intelectual Artista: Eliseu Sáverio Sposito**, realizado no dia 15 de outubro de 2019, cujo objetivo foi refletir sobre a trajetória do Geógrafo, Professor, Pesquisador e Artista Eliseu Sposito e, concomitantemente, sua contribuição à Geografia brasileira, notadamente na Geografia Econômica, Urbana e no Pensamento Geográfico. Foram 50 anos dedicados ao ensino e à ciência.

Em março 2019, Eliseu completou 50 anos de atuação como Professor, atuou do ensino básico ao ensino superior, onde se aposentou como professor titular da Faculdade de Ciências de Tecnologia/UNESP em abril deste ano. Nos anos 1970, foi aluno desta Universidade, quando ainda se chamava FAFI - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Presidente Prudente, também foi servidor técnico-administrativo (como desenhista) antes de tornar-se professor na década 1980. Assim, sua trajetória se confunde com 60 anos do Curso de Geografia e da FCT. Ele é um dos poucos a lograr uma trajetória como esta, uma trajetória marcada por conquistas, pela luta da Universidade Pública, Gratuita e de Qualidade, pelo compromisso a pesquisa.

Deste modo, a escolha desta data, “**Dia do Professor**” para homenageá-lo, não poderia ser diferente, outra data, dada a sua trajetória como professor, inicialmente no ensino fundamental (antigo primário) até ensino superior.

É sempre difícil começar uma homenagem, pois é difícil decidir qual o caminho trilhar. A escolha para esta homenagem foi apresentação da contribuição do Professor, do Pesquisador e do Orientador à minha formação e às

diferentes trajetórias com suas orientações, que vão desde à iniciação científica ao pós-doutoramento, contribuindo, assim, à Geografia brasileira.

Em 1997, conheci o Eliseu, porém dada as nossas origens ser da mesma cidade, a pequena cidade de Pirapozinho (ou “Parispozinho”, como era conhecida na UNESP), já o conhecia antes de entrar na Faculdade de Ciência e Tecnologia/UNESP através do meu pai, que era amigo do pai do Eliseu, o Seu Palope (*José Savério Sposito*), que falava com muito orgulho de seu filho Professor da UNESP.

Tive a honra, em minha trajetória acadêmica, de ter sido orientada pelo Professor Eliseu, porém apesar de ter estudado na Faculdade de Ciências e Tecnologia, da UNESP (Presidente Prudente), não fui aluna sua na graduação e nem na pós-graduação. Na época da graduação, estava afastado para seu pós-doutoramento na Université Pantheon-Sorbonne, Paris 1 (França), no período de 1994 a 1996. Assim, este texto trata do professor Eliseu enquanto orientador, suas contribuições à minha trajetória e à Geografia brasileira a partir das temáticas desenvolvidas nos trabalhos por ele orientado.

Deste modo, este texto é uma homenagem ao Professor Eliseu Sposito, um grande Geógrafo brasileiro!

A orientação...

Pelos idos de 1997 já tinha vários amigos no GAsPERR (Grupo de Pesquisa Produção do Espaço e Redefinições Regionais), naquela época era “sonho” de vários alunos torna-se membro, pois era o primeiro grupo de pesquisa do Departamento de Geografia da UNESP.

Assim, após terminar a licenciatura em Geografia, quis dar continuidade aos estudos. Nessa ocasião procurei o Professor Eliseu, no GAsPERR e ele passou a orientar-me nas pesquisas.

Ao ler seu trabalho de mestrado sobre Pirapozinho, intitulado “**Migração e permanência das pessoas em cidades pequenas: os casos de Pirapozinho e Álvares Machado na Alta Sorocabana/SP**”, me interessei pela temática da cidade,

não no aspecto da migração, mas sobre a produção do espaço urbano a partir das atividades econômicas. O primeiro livro que o Eliseu me passou para ler foi **“O Espaço dividido: os Dois Circuitos da Economia Urbana”**, de Milton Santos (1979)⁶¹. Naquela ocasião tive o contato com esta importante obra que marcou minha vida, de buscar compreender a produção do espaço urbano e a economia urbana a partir dos circuitos da economia urbana, o circuito superior e inferior, na pequena cidade. Já no Bacharelado, me debrucei numa pesquisa de campo para fazer o mapeamento das atividades econômicas da cidade e classificar nos dois circuitos da economia urbana. Além disso, li a obra **“Pioneiros e Fazendeiros em São Paulo”**, do Geógrafo Francês Pierre Monbeig⁶², que para mim foi fundamental para conhecer a formação da rede urbana no estado de São Paulo. Assim, suas orientações resultaram em duas pesquisas, um trabalho de conclusão de curso e uma dissertação de mestrado, que destaco a seguir.

A pesquisa intitulada **“A produção do espaço urbano em cidade pequena: localização das atividades econômicas em Pirapozinho/SP”** resultou no trabalho de conclusão de curso defendido em 1998. Finalizei o bacharelado e prestei o processo seletivo para o mestrado, iniciando em 1999 também sob a orientação do Eliseu. Neste momento o objeto de pesquisa não era Pirapozinho, mas Presidente Prudente. Na ocasião, o Eliseu orientava trabalhos com a temática da globalização e trabalho e inserimos a pesquisa de mestrado **“A dinâmica do mercado de trabalho formal: uma análise do setor industrial em Presidente Prudente/SP”**, defendida em 2001 nestas temáticas.

⁶¹ SANTOS, Milton. O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana. 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008. *“O circuito inferior compreende as atividades de fabricação tradicionais, como o artesanato, comércio não moderno, assim com os transportes tradicionais e a prestação de serviços. Utiliza-se de trabalho intensivo”* (p. 40 - 43). [...] Circuito superior é constituído pelas atividades comerciais, industriais e pelos serviços modernos, pelos bancos, pelo comércio atacadista, indústria de exportação e pelas atividades ligadas ao transporte. Utiliza-se de uma tecnologia de capital intensivo” (p. 40 - 43).

⁶² “Pionniers et planteurs de São Paulo”, na versão original, em francês. Fonte: Monbeig (1952).

Na sala do GASPERR (atual sala do grupo GAIA - Grupo de Pesquisa Interações na Superfície Terrestre, Água e Atmosfera), em frente ao Departamento de Geografia, ali no pequeno espaço encontrava-se para reuniões, colóquios e desenvolvimento de nossas pesquisas. Lembro-me que havia apenas dois computadores *Pentium* e no corredor ficava o café dos professores, muitas vezes os alunos “roubavam” um cafezinho, mas a Dona Neide, a senhora que fazia o café ficava muito brava. Naquela época, os corredores do departamento eram movimentados por alunos e professores, pois ainda não havia a Central de Pesquisas e nem o prédio do GASPERR (Grupo de Pesquisa Produção do Espaço e Redefinições Regionais) e da RECIME (Rede de Pesquisadores de Cidades Médias). Todo dia, por volta das 15 horas, o Professor Eliseu chegava e fazia a pergunta clássica: Como anda a pesquisa? Alguma novidade? Ali no grupo de pesquisa GASPERR, participei de colóquios e fiz amizades, que carrego até hoje.

Durante a orientação estimulava o envolvimento dos alunos da graduação com a pós-graduação, o que permitia uma troca entre ambos. Recordo-me que nas reuniões de orientações entre as discussões sobre a pesquisa, dadas as origens na mesma cidade, a pequena Pirapozinho, também tratava das transformações do espaço urbano, das mudanças e permanências (poucas daquele período), não sobraram nem o coreto da Praça da Manoel Marques, nem o semáforo da antiga rodoviária, nem o famoso bazar da dona Izaltina. Assim, ao falar do Eliseu, gostaria de destacar três características que foram fundamentais e contribuíram imensamente com a minha formação acadêmica e também profissional.

A primeira característica refere-se ao **compromisso com a pesquisa** e o trabalho coletivo. Este elemento, que marca a **trajetória de um grande mestre** sempre nos é inspiradora, pois enquanto participávamos do grupo de pesquisa GASPERR aprendíamos com ele.

O envolvimento dos alunos do grupo para ajudar na pesquisa de campo dos outros membros marcava uma socialização que era fundamental. A convivência no grupo de pesquisa foi de grande importância para todos os

alunos que passaram pelo grupo. Uma convivência amigável, saudável e de solidariedade, pois um ajuda o outro nas suas pesquisas. Uma troca de bibliografia, a ajuda na elaboração de mapas, na pesquisa de campo, enfim, uma amizade além das pesquisas. Desde modo, para mim foi de grande valia a participação no GAsPERR.

A segunda característica refere-se à **valorização pela pesquisa empírica**, marcada pelo trabalho de campo. Neste aspecto, é importante recordar do geógrafo francês Yves Lacoste, que valorizava o trabalho de campo como instrumento de conhecimento geográfico, pois capacita o pesquisador a investigar, compreender e interpretar a realidade a ser desvendada.

O trabalho de campo, para não ser somente um empirismo, deve articular-se à formação teórica que é, ela também, indispensável. Saber pensar o espaço não é colocar somente os problemas no quadro local; é também articulá-los eficazmente aos fenômenos que se desenvolvem sobre extensões muito mais amplas. Não é menos verdade que a pesquisa, na medida em que ela corresponde à extração de um abstrato a partir de um concreto, pela pesquisa e pela observação de campo, dá uma grande importância ao nível de conceitualização em grande escala (evidentemente, a pesquisa pode também partir, sobretudo, das abstrações já elaboradas; a formação dos pesquisadores é então diferente e muito menos titubeante). (LACOSTE, [1977] 2006, p. 91).

Outros autores da Geografia também destacaram a relevância do trabalho de campo, entre eles Ruellan (1944) e Kayser (1985).

No trabalho de campo é importante não somente a observação, mas a relação e interpretação dos objetos e fenômenos. Nessa direção, o filósofo belga Gérard Fourez (1995) assevera que:

[...] para observar, é preciso sempre relacionar aquilo que se vê com noções que já se possuía anteriormente. Uma observação é uma interpretação: é integrar uma certa visão na representação teórica que fazemos da realidade (p. 40).

A terceira característica refere-se à **liberdade na/da pesquisa**. A pesquisa geográfica para além dos “muros” traduzia-se na liberdade do investigar. Assim, a liberdade na construção do caminho da pesquisa tem um papel

importante no exercício do trabalho científico. Sua Geografia, também, fazia-nos produzir a “nossa” Geografia, e também trilhar nossos caminhos.

Deste modo, o seu percurso enquanto orientador garante a liberdade de pesquisa, assegurando o orientando desenvolver o trabalho. Soma-se a essa outra característica *sui generis* a sua **tranquilidade e paciência**, pois em todo o tempo de convivência nunca o presenciei estressado. Também destaco sua postura ética.

Durante a orientação do Eliseu pude conhecer vários autores da Geografia e de outras áreas do conhecimento, que contribuíram para minha formação acadêmica e profissional. Entre eles, destaco: Manuel Seabra, Milton Santos, André Fischer, Georges Benko, François Chesnais, Alain Lipietz, Daniëlle Leborgne, Claude Courlet, Bernard Pecqueur, Robert Boyer, Jacques Malézieux, Pierre Veltz, Michael Piore, Charles Sabel, Allen Scott, Michael Storper, Michael Porter, Giacomo Becattini, Paul Claval, Roberto Lobato Corrêa, David Harvey, Sandra Lencioni, Neil Smith, Ricardo Antunes, Otávio Ianni, Manuel Castells, John Keynes, Krishan Kumar, Marcio Pochamann, Paul Singer, José Ferrari Leite e Dióres Santos Abreu, entre outros.

No GASPERR fazíamos colóquios com as obras de diferentes intelectuais, o que foi fundamental para o conhecimento em Geografia Econômica. Outro aspecto a ser destacado é o incentivo e envolvimento de seus orientados na organização de eventos, entre eles destaco o Simpósio de Geografia Urbana, realizado em 1999, pelo qual recebeu geógrafos de todo Brasil.

“As geografias que te fizeram” e a contribuição à minha trajetória.

As marcas para trilhar novos caminhos: a liberdade, o compromisso com pesquisa, a ética, trabalho coletivo, a interdisciplinaridade e a valorização do trabalho de campo, são características do Professor Eliseu Sposito, que me fizeram e contribuíram para minha trajetória trilhando novos caminhos e retornando à minha origem acadêmica: a FCT/UNESP após 13 anos.

A minha trajetória enquanto aluna na FCT/UNESP se encerrou em 2001, por ocasião do término do mestrado, entretanto os ensinamentos do Eliseu foram de grande valia e me fizeram buscar novos caminhos e horizontes. Em 2002 fui trabalhar como substituta na UFG (Universidade Federal de Goiás), campus de Jataí, e no ano seguinte, 2003, entro no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade de São Paulo (USP) e defendi a tese, em 2007; no mesmo ano trabalhei como professor substituto no Instituto Federal de São Paulo (Campus capital) e ainda ingresso como professor substituto na Universidade Estadual de Maringá (UEM), em Maringá, permanecendo até 2009; em 2010 fui efetivada num concurso na Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), três meses após minha efetivação criei um grupo de pesquisa, o NIEPHES (Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas em História, Espaço e Sociedade), do qual foi inspirado na contribuição do Prof. Eliseu.

Em 2014, retorno à UNESP não mais como aluna, mas como professora, e o Eliseu me recebeu bem-humorado. O Eliseu sempre com seu jeito descontraído de ser, ao retornar para UNESP, sendo eu também de Pirapozinho, pronunciou: “Você entrou na cota de Pirapozinho”, pois havia na UNESP vários professores e funcionários que tem sua origem naquela cidade.

Contribuição do mestre Eliseu Sposito as diferentes trajetórias e sua produção acadêmica.

Ao trilhar os caminhos e descaminhos Eliseu Sposito foi produzindo a sua Geografia, ou melhor, as Geografias. Essas Geografias foi tema da aula magistral. “AS GEOGRAFIAS QUE ME FIZERAM”, ministrada no dia 15 de outubro de 2019, uma data memorável ao Departamento de Geografia da FCT/UNESP.

Ao debruçar-me pelas 53 páginas do seu currículo Lattes, observa-se a produção científica que marca sua contribuição à Geografia brasileira, em

especial a Geografia Econômica, transitando pelos seguintes temas: indústria, reestruturação produtiva, dinâmica econômica, internacionalização do capital, eixo de desenvolvimento, mercado de trabalho e desenvolvimento regional. Destaca-se, ainda, temas da geografia urbana como cidades médias e redes e, também, e no ensino de geografia. Conformando um conjunto de publicações em revistas, capítulos e livros. Desse conjunto, uma obra se destaca. Refiro-me à obra **“Geografia e Filosofia. Contribuição para o Ensino do Pensamento Geográfico”**, um dos livros mais debatidos na acadêmica brasileira em relação à epistemologia do saber geográfico.

As contribuições à formação com orientações nas diferentes subáreas de Geografia fizeram parte Geografia Econômica, Geografia Urbana, Pensamento Geográfico, Ensino de Geografia e Cartografia. As orientações de diferentes lugares do território brasileiro, de Norte a Sul do país e algumas vezes ultrapassando as escalas do Brasil e América Latina, assim, essa Geografia foi sendo produzida e extrapola as fronteiras e limites nacionais. As suas Geografias permitiram diferentes trajetórias desde professores do ensino básico a docentes universitários em diferentes partes do Brasil.

As contribuições das pesquisas orientadas por Eliseu Sposito trazem vários temas ligados à diferentes dimensões da Geografia conforme é demonstrado no quadro 1. Nota-se o número de orientações que mais se destaca é na área da Geografia Econômica, fazendo interfaces na Geografia da População, Geografia Política, Geografia Regional e Geopolítica. São 30 orientações de teses de doutorado, 37 dissertações de mestrado, 6 supervisões de pós-doutoramento, 75 trabalhos de iniciação científica e 26 trabalhos de conclusão de curso.

O quadro 1 resume as áreas e temas de suas orientações em diferentes níveis, da iniciação científica ao pós-doutoramento.

Quadro 1 – Eliseu Sposito: número de orientações por temas

Área da Geografia	TEMAS	Nº orientações	
Pós-doutoramento			
Pensamento Geográfico	Pensamento Geográfico	2	
Geografia Econômica	Comércio e Serviços	2	
Geografia Urbana	Reestruturação Urbana	2	
Doutorado			
Pensamento Geográfico	História da Geografia e Epistemologia	6	
Geografia Econômica	Indústria, Industrialização e Produção Flexível	4	
	Desenvolvimento Regional e Política de Desenvolvimento	2	
	Território, Circulação e Telecomunicações.	3	
	Território e Bancos; Território e Mobilidade Social; Territórios, Redes Sociais e Migrações; Território e Colonização; Território e Poder	5	
	Região e Política	1	
	Geopolítica e Integração Regional	1	
Geografia Urbana	Cidade, Urbanização, Produção do Espaço Urbano, Reestruturação Urbana, Centralidade Urbana	6	
Ensino de Geografia	Ensino de Geografia e Cartografia	2	
Mestrado			
Pensamento Geográfico	História da Geografia	3	
Geografia Econômica	Indústria, Industrialização, Polos Tecnológicos, Reestruturação Produtiva, Dinâmica Econômica, Internacionalização do Capital, Eixos de Desenvolvimento e Dinâmica Industrial	13	
	Desenvolvimento Regional	1	
	Transporte, Logística e Redes	2	
	Trabalho Informal	1	
	Território e Identidade	1	
	Ecoturismo	1	
	Integração Elétrica Regional	1	
	Movimento Migratório e Mudanças Socioeconômicas no Espaço Urbano	1	
	Geografia Urbana	Rede Urbana, Cidades Médias, Produção do Espaço Urbano, Segregação Socioespacial, Expansão Territorial Urbana, Espaço Público.	7
	Ensino de Geografia	Ensino de Geografia e Cartografia	6
Iniciação Científica			
Pensamento Geográfico	Pensamento Geográfico	9	
Geografia Econômica	Indústria, Industrialização, Fluxos e Localização Industrial, Mundialização do Capital, Dinâmica Econômica e Eixo de Desenvolvimento	37	
	Sistema Bancário, Setor Hoteleiro	2	
	Regionalização	1	

	Globalização e Emprego	7
	Meio Técnico-Científico-Informacional e Telefonia Móvel	1
Geografia Urbana	Cidades Médias, Estruturação Urbana e Estruturação Das Cidades, Segregação Socioespacial, Produção do Espaço, Renda Fundiária, Rede Urbana, Cidades Pequenas	14
Ensino de Geografia	Ensino de Geografia e Cartografia	5
Trabalho de Conclusão de curso		
Geografia Econômica	Indústria, Industrialização e Organização da Produção, Eixo de Desenvolvimento	9
	Sistema de Transporte, Infraestrutura, Geografia da Internet	4
	Geografia e Serviços	1
	Dinâmica do Emprego e Trabalho Formal	1
Geografia Urbana	Cidades, Produção do Espaço Urbano, Expansão Urbana, Mercado Imobiliário, Rede Urbana, Cidades Pequenas.	7
Ensino de geografia	Ensino de Geografia	4

Org. Maria Terezinha Serafim Gomes

Fonte: Plataforma Lattes, 2019.

Entre as orientações de monografias, estágios, dissertações e teses os temas foram sempre muitos diversificados, podendo-se dividi-los em quatro grupos: um de **Ensino de Geografia**: livro didático, a formação do professor de geografia, metodologia de ensino da geografia, mapas,; o segundo de **Geografia Econômica**, tratando da indústria, distrito industrial, setor hoteleiro, globalização, trabalho informal, tecnologia, desenvolvimento regional, eixo de desenvolvimento, dinâmica econômica, reestruturação produtiva, mobilidade do capital, internacionalização do capital, transporte, redes e logística, telecomunicações, território, migração, colonização, território e poder, região e política, geopolítica e integração regional, sistema bancário, telefonia, infraestrutura, geografia da internet, geografia e serviços; o terceiro grupo versa sobre a **Geografia Urbana**, investigando a cidade, urbanização, rede urbana, reestruturação urbana, centralidade urbana, produção do espaço urbano, cidades médias, cidades pequenas, segregação socioespacial, expansão territorial urbana, espaço público, mercado imobiliário e expansão urbana; o quarto grupo aborda o **Pensamento Geográfico**, destacando-se a epistemologia, história da geografia e teoria/método.

No trilhar de seus caminhos e descaminhos, Eliseu Sposito foi construindo as suas Geografias, conforme é identificável na figura 1, representando artisticamente o tom dos temas por ele explorados e, posteriormente, materializados nas pesquisas de cada unidade de seus orientados.

Esta árvore representa quatro troncos de áreas de suas orientações: Ensino de Geografia, Pensamento Geográfico, Geografia Econômica e Geografia Urbana. A partir da ideia de construir a árvore com temas e orientados, elaboramos uma sistematização das informações a partir do currículo Lattes das orientações - iniciação científica, mestrado, doutorado e pós-doutoramento - para em seguida elegermos as temáticas dos títulos dos trabalhos. Sendo assim, a figura 1 representa uma arte em aquarela da genealogia das orientações do Professor Eliseu Sposito.

Assim, a árvore trata de uma representação das trajetórias e contribuição do Professor Eliseu Sposito à Geografia Brasileira a partir de suas orientações, desde a iniciação científica ao pós-doutoramento. A base ou raiz da árvore, representa os orientadores de mestrado e de doutorado, ambos da Universidade de São Paulo (USP), demonstrando na sua formação uma certa influência francesa.

No mestrado foi orientado pelo Professor Armando Corrêa da Silva⁶³ com a dissertação “**Migração e permanência das pessoas em cidades pequenas: os casos de Pirapozinho e Álvares Machado na Alta Sorocabana/SP**”, defendida em 1983; no doutorado o Professor Ariovaldo Umbelino de Oliveira, com a tese “**Produção e apropriação da renda fundiária urbana em Presidente Prudente**”, defendida em 1990.

⁶³ Falecido em 2001.

Figura 1: Eliseu Sposito: a genealogia de suas trajetórias



Fonte: Org. GOMES, M. T. Arte: Maria Frisarin

No trilhar dos caminhos e descaminhos de Eliseu Sposito cada trajetória aqui construída a partir das Geografias que o fizeram, mostra a autonomia, a liberdade e a transversalidade de temas. Isso resultou em trajetórias díspares de seus orientandos, muitos aqui representados. Hoje, em sua maioria, são Professores Universitários que vem construindo também suas Geografias, sob inspiração de Eliseu Sposito.

A sua trajetória é marcada pela resistência, pela luta e autonomia da UNESP, pela participação em representações (ADUNESP - Associação dos Docentes da UNESP; AGB – Associação dos Geógrafos Brasileiros; ANPEGE - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia), em agências de fomento (FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo), em grupos e redes de pesquisas (GAsPERR - Grupo de Pesquisa Produção do Espaço e Redefinições Regionais, ReCiMe - Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias), pelo cruzar de várias escalas geográficas como pesquisador, como professor visitante, pelo compromisso com a pesquisa, pela valorização do trabalho de campo, pela valorização da arte, da música, pois além da contribuição à formação e produção acadêmica é um artista.

Assim, como demonstra a própria árvore, sua trajetória e, consequentemente, a sua Geografia não terminam. Eliseu Sposito segue fazendo Geografia e trilhando novos caminhos após 50 anos de UNESP. Assim, gostaria de dizer que ser orientada pelo Eliseu foi uma grande contribuição para minha formação acadêmica e profissional, e desejo que a sua trajetória seja exemplo para os jovens pesquisadores! Parabéns, Mestre! Parabéns, Eliseu Sposito por nos apresentar essa trajetória inspiradora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FOUREZ, G. **A Construção das Ciências** (Introdução à Filosofia e a Ética da Ciência), São Paulo: Ed. UNESP, 1995.

GOMES, M. T. S. **A dinâmica do mercado de trabalho formal**: uma análise do setor industrial em Presidente Prudente/SP 220 f. 2001. UNESP, Dissertação de mestrado (Geografia).

_____. **A produção do espaço urbano em Pirapozinho- SP**: localização das atividades econômicas. 1998. UNESP, Trabalho de Conclusão de Curso. 1998. (Graduação em Geografia).

KAIZER, B. O geógrafo e a pesquisa de campo. In: **Boletim Paulista de Geografia**, v. 84, p.93-104. Disponível em: <http://www.agb.org.br/publicacoes/index.php/boletim-paulista/article/view/730> .Acesso em 10 ago. 2019.

LACOSTE, Y. A pesquisa e o trabalho de campo: um problema político para os pesquisadores, estudantes e cidadãos. In: **Boletim Paulista de Geografia**, v. 84, p. 77-92, 2006 (original Revista Heródote nº 8, out./dez. p. 3- 20, 1977).Disponível em: <http://www.agb.org.br/publicacoes/index.php/boletim-paulista/issue/view/57> Acesso em: 10 ago. 2019.

LAKATOS, E. M. MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

RUELLAN, F. O trabalho de campo nas pesquisas originais de Geografia Regional. **Revista Brasileira de Geografia**. Rio de Janeiro: ano VI, nº 1, p. 35 – 50, jan./mar. 1944.

SANTOS, M. **O espaço dividido**: os dois circuitos da economia urbana. 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SPOSITO, E. S. **Geografia e Filosofia**. Contribuição para o ensino do pensamento geográfico. 01. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2004. v. 01. 218p

_____. **Dinâmica econômica, poder e novas territorialidades**. 1. ed. Presidente Prudente: GAsPERR, 1999. v. 1.

_____. **Cidade, urbanização, metropolização**. Presidente Prudente: UNESP, 1997. 68p

_____. **A vida nas cidades**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 1994. v. 1. 88p

Sobre o autor**Maria Terezinha Serafim Gomes**

Possui graduação em Bacharelado Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1998), graduação em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1996), mestrado em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2001) e doutorado em Geografia (Geografia Humana) pela Universidade de São Paulo (2007). Atualmente é professora da Universidade Estadual Paulista - UNESP. Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Geografia Urbana, Geografia Econômica e Geografia Regional, atuando principalmente nos seguintes temas: espaço urbano, centralidade urbana, cidades médias, reestruturação produtiva, dinâmica econômica e Desenvolvimento regional.

Como citar essa homenagem

GOMES, M, T, S. Eliseu Sposito: entre a interdisciplinaridade, a liberdade e a contribuição às geografias. **Revista Geografia em Atos** (Geoatos online), v. 13, n. 06, p. 174-188, 2019.

DO MENINO QUE FAZIA MAPAS A UM PROJETO
COLETIVO DE PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO

Arthur Magon Whitacker

Eda Maria Góes

Everaldo Santos Melazzo

Márcio José Veríssimo Catelan

María Encarnação Beltrão Sposito

Nécio Turra Neto

Universidade Estadual Paulista (FCT-UNESP)

Grupo de Pesquisa "Produção do Espaço e Redefinições Regionais (GAsPERR)

Não é muito fácil escrever sobre um amigo com quem convivemos na vida e no trabalho porque a amizade entrelaça-se à vida profissional. Por outro lado, e justamente por isso, a tarefa é mais prazerosa: não separamos essas duas instâncias em nosso cotidiano. Imaginem escrever sobre nosso Professor Eliseu! São décadas de aprendizado e conhecimento conosco compartilhados. Assim, nós, do GAsPERR, que vivemos cotidianamente com Eliseu, talvez tenhamos algo a acrescentar sobre sua trajetória e o que nela, particularmente, toca-nos quando o vemos desse modo singular, em que se combinam o amigo, o professor e o pesquisador que se construiu, poderíamos dizer, junto com a consolidação de um dos câmpus da Universidade Estadual Paulista - Unesp.

Este ano, a Faculdade de Ciências e Tecnologia da Unesp completou 60 anos! Coincide com esse aniversário, o do Curso de Geografia se considerarmos que a primeira aula deste curso foi em 1959, quando Presidente Prudente ainda contava com 72.782 habitantes (IBGE, 1960). De uma cidade vizinha, Pirapozinho, naquela época com 33.274 habitantes (IBGE, 1960), ingressou na XIII turma do Curso de Geografia, em 1971, um aluno que viria a construir uma carreira que não somente contribuiria com a Unesp de Presidente Prudente, mas com a Geografia brasileira e internacional, Eliseu Savério Sposito.

Como ele mesmo nos conta, tinha paixão por duas dimensões do fazer geográfico que marcaria sua carreira – a construção do conhecimento dessa

Ciência e a cartografia, não por acaso dois temas tão próximos. De fato, no convívio, essas dimensões e seu entrelaçamento sempre ficam muito evidentes, seja em conversas, seminários, debates, bancas ou qualquer outra atividade em que Eliseu expressa sua sempre enfática opinião sobre as coisas e sobre a Geografia. Esses dois elementos, marcantes em sua carreira geográfica, levam-nos ao presente, mas, como ele também nos ensina, nunca de forma linear. Para este pequeno texto, baseamo-nos tanto no convívio, como num sobrevoo sobre sua produção intelectual e científica, não apenas para descrever o que Eliseu fez até o momento, mas para por luz a uma trajetória que nos afeta nas dimensões pessoal, profissional, acadêmica e científica, tornando-nos, de algum modo, privilegiados. Assim, destacaremos aqui seis qualidades que estão presentes na maneira como Eliseu se expressa e é por nós percebido em nosso convívio.

Um primeiro traço a ser observado é, sem dúvida, a **perspicácia**. Não há como desconsiderar que Eliseu sai de uma pequena cidade, de um núcleo familiar que não tinha inserção no mundo do conhecimento científico, que entra na universidade em 1971, um dos momentos mais sombrios deste país, no terceiro governo da Ditadura Militar, tendo como Presidente da República Emílio Garrastazu Médici. Foi o momento do chamado “milagre brasileiro”, com crescimento da economia próximo de 55%, com a criação da hidroelétrica de Itaipu, da Transamazônica, mas, também, do endividamento externo e, destacadamente, dos “anos de chumbo” da ditadura. Foi esse o contexto com o qual Eliseu se deparou quando ingressou na universidade, numa escola que passava pela transição de uma Geografia quantitativa para uma Geografia Crítica, passagem que teve como momento marcante o Encontro Nacional de Geógrafos ocorrido em 1978, Fortaleza, por meio do qual se anunciou o pensamento crítico, e lá estava o jovem Eliseu. A despeito disso, o sobrevoo em seu Lattes e seus depoimentos, em todos esses anos de convivência, em almoços, jantares, cafés, prazerosos bate-papos, permitem afirmar que seu caminho seria de fato, sua perspicácia já apontava, o pensamento crítico, livre, leve e aberto. Sua dissertação de mestrado mostra-nos isso. Fez um retorno às suas

experiências e vivências pessoais para, então, olhar com as lentes do conhecimento o movimento que ele mesmo realizou e, por contraste, daqueles que ficaram, traduzido no trabalho “Migração e permanência das pessoas em cidades pequenas: os casos de Pirapozinho e Álvares Machado na Alta Sorocabana”, defendido em 1983, na Universidade de São Paulo. Poucos anos depois, em 1990, também naquela mesma instituição, sua experiência como professor na Unesp de Presidente Prudente o fez, mais uma vez, apreender, desde a dimensão empírica, uma teoria. A tese, uma referência aos estudos urbanos, “Produção e apropriação da renda fundiária urbana em Presidente Prudente”, trouxe a público um debate que consolidava sua assumida predileção pelo materialismo histórico e dialético, que o acompanhou por todos estes anos, quase como um “lugar de fala”, de onde demarca sua posição.

Eliseu tem outra qualidade, **a comunicação**, e essa veio em dose perfeita para que seu processo de criação se tornasse um sucesso: do menino que fazia mapas para o professor que ensina a fazer e a ler o mapa. Mas a sua capacidade de comunicação o fez ir além. De professor a pesquisador somou conhecimento e trouxe a público temas que, talvez, já carregava desde o contexto em que viveu em Pirapozinho e do momento político e econômico pelo qual o Brasil passava durante aquele trajeto. Ele agregou pessoas e formou um grupo, com a parceria de muitos que ainda seguem aqui conosco, outros que por aqui passaram e, ainda, com aqueles que recentemente chegaram. O pesquisador Eliseu observou que numa cidade como Presidente Prudente poderíamos, e deveríamos construir uma maneira própria de pensamento crítico que pudesse olhar o mundo a partir de um empírico derivado de nossa experiência e por ela transformado. Assim, nasceu um grupo de pesquisa que se consolidaria coletivamente, num momento em que esse tipo de prática científica era tão novo em nosso país. E vejam o nome do grupo: “Grupo de Pesquisa Produção do Espaço e Redefinições Regionais – GAsPERR”. Sua capacidade de comunicação é, sem dúvida, escalar. Olhou para dentro e para fora, para o perto e o distante, buscando, na sua síntese geográfica, criar aquilo que ainda não tínhamos.

Mas foi, ao nosso ver, sua terceira qualidade que permitiu ampliar o leque de produção do conhecimento: a **capacidade de criação**. Ao analisarmos sua trajetória, observamos um número elevado de orientações em temas que poderiam ser agrupados em ao menos três grandes campos: a geografia econômica e urbana, representada pelas pesquisas sobre o processo de industrialização; a epistemologia, representada pelas pesquisas que se debruçaram sobre a questão do método; e o Ensino de Geografia, representada pelas pesquisas que articulavam geografia e ensino. Se, por um lado, a diversidade de temas indicam sua enorme capacidade de criação, ilustram, ao conhecermos tais trabalhos, um processo de criação do pesquisador que é também artista mantendo e combinando rigor científico e criação. Isso também comparece em sua tese de livre-docência, defendida em 2000, com o título “Contribuição à metodologia de ensino do pensamento geográfico”. Uma contribuição que o colocou dentre os grandes pensadores da Geografia brasileira, oferecendo uma oportunidade de pensarmos a construção e o método de nossa ciência geográfica combinados com rigor e criação.

Se tudo isso já é história, é, também, História e está marcado no tempo-espaço que ele mesmo construiu desde e num projeto coletivo de convite ao conhecimento.

Rigor e criação combinam-se, ainda, em outra dimensão, ou sem ela não se faz: o **bom humor**, sendo esta uma quarta qualidade que queremos reforçar. Todos nós aqui já vimos Eliseu bravo ou muito irritado, mas mantendo a capacidade do humor que, certamente, às vezes é irônico, por outras debochado, mas sempre divertido. Recentemente aposentado de algumas de suas atribuições, dialoga como se fosse novamente o menino que fazia mapas, renovado e revigorado, levando-nos, pelos muitos casos e histórias, a aprender sempre sobre a Geografia e as geografias.

Isso, talvez, tenha relação com a quinta qualidade que o tempo lhe trouxe – **a de síntese**. Eliseu é uma pessoa que sempre fará um arremate e estabelecerá um desfecho: conclui-se (o arremate) e funda-se o novo (o desfe-

cho). Isso decorre de suas capacidades de criação e de comunicação e da velocidade de seu pensamento, presente, inclusive nas aulas e trabalhos de campo, lendo o mundo num ritmo e com uma perspicácia incomuns. Essas energia e capacidade materializam-se em tudo o que fez e faz pela Geografia brasileira. Dos mapas que criava durante sua graduação e como desenhista da Faculdade ao grupo de pesquisa do qual hoje fazemos parte, conseguiu não somente sintetizar Conhecimento, mas, sobretudo, construir trilhas para que continuemos a produzir uma Geografia de excelência.

Mas foi sua sexta qualidade, **a de empreender**, que possibilitou escrevermos estas linhas que, enfim, são também sobre nós. Falamos aqui de um grupo, de um coletivo, que preza cotidianamente pela produção da Ciência, mas aquele que não prescinde somente da reflexão teórica, mas se propõe a fazer o caminho difícil da transitoriedade epistemológica – um conhecimento produzido pelo campo relacional entre o teórico, o empírico e sua inter-relação estabelecida pela conjunção dialética da ação e da reflexão; da dimensão empírica e da dimensão teórica. O menino que fazia mapas contribuiu, num projeto coletivo produzido desde uma trajetória pessoal, para colocar a Geografia de Presidente Prudente no mapa da produção acadêmica brasileira. Projetos e financiamentos que auxiliaram na formação de muitos de nós estão dentre as iniciativas deste realizador do conhecimento.

Eliseu iniciou sua trajetória no Brasil da Ditadura Militar, viu, desse meio, florescer um pensamento crítico e combativo, e talvez até tenha perdido colegas e amigos neste processo. Desde esse pensamento, estendeu a Escala e o escopo de seu conhecimento e do conhecimento que compartilhou. Olhando para sua trajetória, sentimo-nos inspirados a seguir sejam quais forem os contextos.

Este pequeno texto quis dar conta do quase intangível, que é expressar tudo aquilo que uma pessoa como Eliseu trouxe e traz para nós todos. Quis dar conta de retratar sua capacidade de reinventar-se dentro dos contextos e, ao mesmo tempo, de manter-se firme aos seus propósitos e valores. Talvez essa seja a epistemologia de sua Geografia. Criação e síntese. Permanência e

mudança. Pensamento singular, generosamente compartilhado com um projeto coletivo de conhecimento.

Por fim, não poderíamos deixar de tocar no momento atual, em que vimos Eliseu preocupado com a conjuntura política e social do país. Um colega que compartilha conosco suas preocupações diante do desmonte da ciência brasileira e do crescimento do discurso e das práticas de ódio. Eliseu, que chegou a expressar que sua geração não verá mais o projeto de Brasil que um dia ousou sonhar e que parecia, nos primeiros anos do século XXI, finalmente estar próximo de se realizar. Um sonho de Brasil grande, mas com maior justiça social, e no qual se valoriza as pessoas, a Ciência e a Educação.

Estamos, de fato, vivendo novamente um período sombrio... e é nesta conjuntura que Eliseu faz a diferença, juntando e animando, vislumbrando o “inédito viável”, apontando caminhos com tudo que fez, com tudo o que é, um professor. Sigamos com ele!

Sobre o autores

Arthur Magon Whitacker

Possui Licenciatura e Bacharelado em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Unesp, Campus de Presidente Prudente. Nessa mesma Instituição realizou o Mestrado e o Doutorado. Pós-doutorado na Universidade do Porto, Portugal, desenvolvendo pesquisas e realizando atividades acadêmicas e científicas nas áreas de Geografia Urbana, Geografia do Comércio e Urbanismo. Atualmente, desenvolve pesquisas e atua em grupos de investigação com especial dedicação a temas da Geografia Urbana, como: produção do espaço urbano, cidades médias, centralidade intraurbana, forma urbana, consumo e ordenamento territorial. Membro do Grupo de Pesquisas sobre Produção do Espaço e Redefinições Regionais, GAsPERR, da Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias, ReCiMe, e do Centro de Estudos sobre Geografia e Ordenamento Territorial, CEGOT. Na graduação, leciona disciplinas para alunos de Arquitetura e Urbanismo, Engenharias e Geografia e na Pós-Graduação Stricto Sensu atuando junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, onde também é orientador de mestrados e doutorados.

Eda Maria Góes

Graduada (1986), mestre (1991) e doutora (1998) em História pela Universidade Estadual Paulista, campus de Assis. Atualmente é professora assistente doutora da Universidade Estadual Paulista, campus de Presidente Prudente, atuando nos cursos de graduação em Geografia e Arquitetura e Urbanismo e no Programa de Pós-Graduação em Geografia da FCT - UNESP. Tem experiência nas áreas de História, particularmente em História da Cidade, mas também em Geografia Urbana, atuando principalmente nos seguintes temas: insegurança urbana; consumo; espaço público; segregação socioespacial, fragmentação socioespacial, práticas espaciais, habitação de interesse social; cidades médias e produção do espaço urbano. É membro do GAsPERR - Grupo de Pesquisa Produção do Espaço e Redefinições Regionais e pesquisadora do Projeto Temático "Fragmentação

socioespacial e urbanização brasileira: escalas, vetores, ritmos, formas e conteúdos - FragUrb" (Fapesp: 2018 - 2023).

Everaldo Santos Melazzo

Economista pela Universidade Federal de Uberlândia - MG, mestre em Planejamento Urbano e Regional pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, doutor em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho e livre docente pela mesma instituição. É professor da Universidade Estadual Paulista - Unesp em Presidente Prudente, SP, junto ao Departamento de Planejamento, Urbanismo e Ambiente e docente do Programa de Pós-Graduação em Geografia.

Márcio José Veríssimo Catelan

Docente do Departamento de Planejamento, Urbanismo e Ambiente e Programa de Pós-Graduação em Geografia nos cursos de Graduação, Mestrado e Doutorado em Geografia da Universidade Estadual Paulista - UNESP - Câmpus de Presidente Prudente/SP. Possui Pós-Doutorado (2013-2014) pela mesma universidade. Doutorado em Geografia (2012) pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia na Universidade Estadual Paulista-UNESP, Câmpus de Presidente Prudente/SP (CAPES 7), na condição de bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - FAPESP, com estágio de doutorado-sanduíche (2011) na Universitat de Lleida/Catalunha/Espanha com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, Mestrado (2008), Licenciatura e Bacharelado em Geografia (2005/2006) também pela UNESP/Câmpus de Presidente Prudente. Pesquisa na área de Geografia Humana com destaque para Geografia Urbana/Regional. É membro do Grupo de Pesquisa "Produção do Espaço e Redefinições Regionais"- GAS-PERR, do Centro de Estudos e de Mapeamento da Exclusão Social para Políticas Públicas - CEMESP, Observatório das Cidades e da Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias – ReCiMe.

Maria Encarnação Beltrão Sposito

Possui graduação em Geografia - Pres. Prudente pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1977), mestrado em Geografia Rio Claro pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1984) e doutorado em Geografia (Geografia Humana) pela Universidade de São Paulo (1991). Realizou pós-doutoramento na Université de Paris I - Sorbonne. Desenvolveu atividades acadêmico-científicas junto a diversas universidades brasileiras e estrangeiras. Atualmente é professora titular da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. É membro do Grupo de Pesquisa Produção do Espaço e Redefinições Regionais (GAS-PERR) e da Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias (ReCiMe). Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Geografia Urbana, atuando principalmente nos seguintes temas: produção do espaço urbano, segregação e autosegregação socioespacial, fragmentação socioespacial, cidades médias. Atualmente, é presidente da Comissão Permanente de Avaliação (CPA) da Unesp e membro do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo (Condephaat)

Nécio Turra Neto

Possui graduação em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina (1997), Mestrado em Geografia, pela Universidade Estadual Paulista - Júlio de Mesquita Filho (2001) e Doutorado em Geografia por esta mesma instituição. Foi professor do Departamento de Geografia da Universidade do Centro-Oeste (UNICENTRO), na cidade de Guarapuava/PR, entre 2003 e 2009. Atualmente é Professor Assistente da Universidade Estadual Paulista (UNESP) - Campus de Presidente Prudente, onde ministra disciplinas para os cursos de Geografia e Arquitetura e Urbanismo. Também está vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da FCT/UNESP, onde ministra disciplina e orienta nos níveis de mestrado e doutorado. Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Geografia Cultural, atuando principalmente nos seguintes temas: juventudes, ensino de geografia, cidade e urbano, território, lugar.

Como citar essa homenagem

WHITACKER, A, M; GÓES, E, M; MELAZZO, E, S; CATELAN, M, J, V; SPOSITO, M, E, B; NETO, N, T. Do menino que fazia mapas a um projeto coletivo de produção do conhecimento. **Revista Geografia em Atos** (Geoatos online), v. 13, n. 06, p. 189-195, 2019.

Revista Geografia em Atos, Departamento de Geografia, Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP, Presidente Prudente, n. 13, v. 06, mês Nov. Ano 2019.

ISSN: 1984-1647

"Quero, aí por esse tempo, olhar, serenamente, para filhos e netos, fechar os olhos e sentir os átomos do meu corpo, em estado plasmático, tomando direções diferentes, na velocidade impensável do big crunch, em outra dimensão, sugados pelo buraco negro da eternidade, com a certeza de ter viajado pelo sistema solar em alguns infinitesimais anos dos séculos XX e XXI."

Eliseu Savério Sposito, Memorial, 2000.